Vencedor do prêmio Costa Book Awards

PATRICK NESS



O MOTIVO

PandorgA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

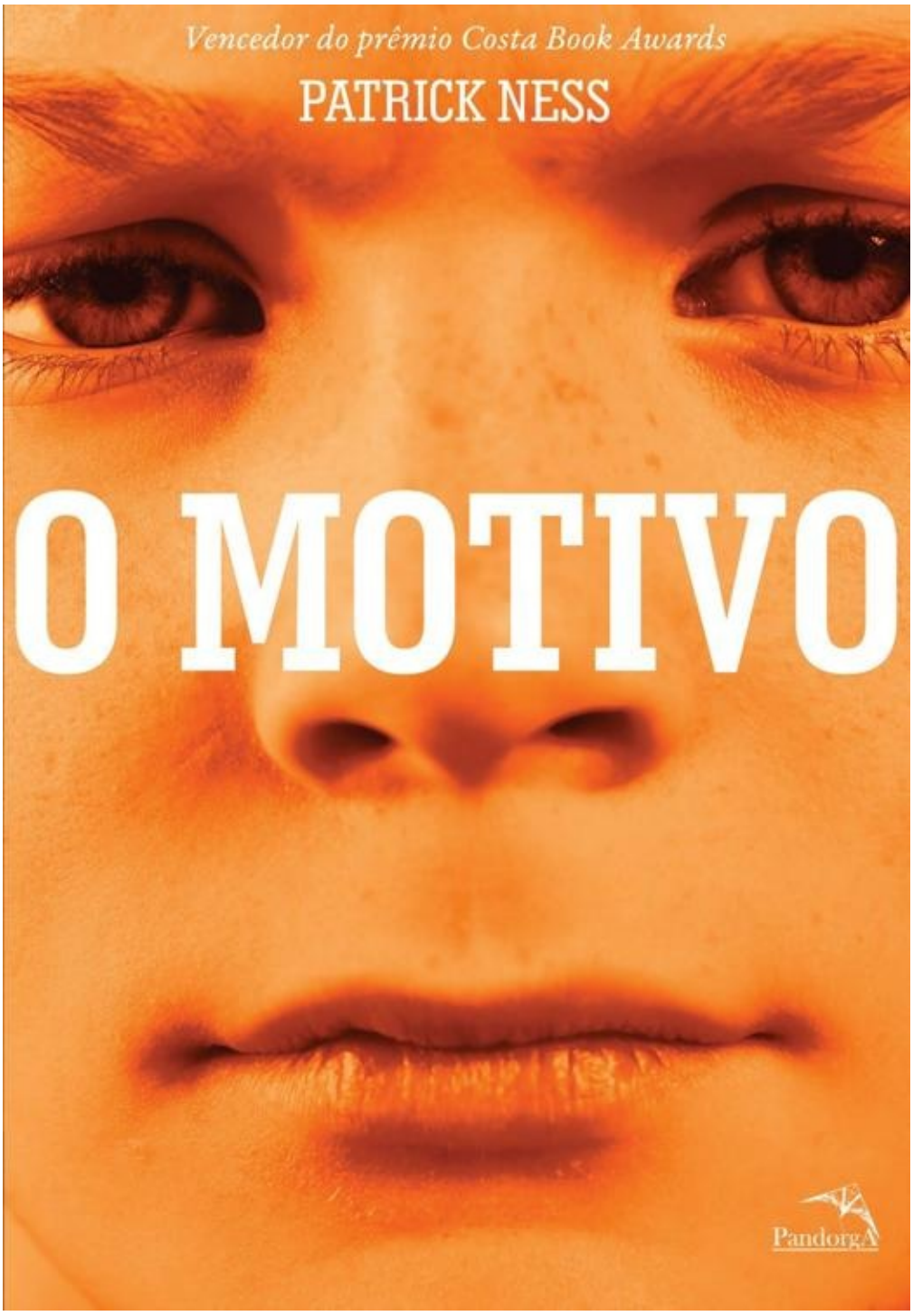
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


Vencedor do prêmio Costa Book Awards
PATRICK NESS
O MOTIVO
PandorgA

O MOTIVO

MUNDO EM CAOS

TODD HEWITT É UM GAROTO DE DOZE ANOS, O ÚLTIMO MENINO de Prentisstown, uma cidade de homens, Ele vive em um mundo cheio de “ruído” em que os pensamentos privados de todo homem e animal são audíveis. Em um mês ele estará com treze anos e será um homem. Mas a cidade está mantendo segredos para ele, segredos que vão forçá-lo a fugir do prefeito e dos homens de Prentisstown junto com seu cachorro e a primeira garota que ele já conheceu. A cada pagina o leitor ficará cada vez mais ligado á Todd e Viola com sua historia de amizade e sentirá afeição genuína por Manchee cão e ajudante de Todd, cujo comportamento é hilário e comovente. Na sua essência, é uma historia sobre um garoto forçado a crescer rapidamente em um mundo de ruínas em loucura e armado apenas com sua convicção de fazer a coisa certa para ajudá-lo a sobreviver. Todd vive em um mundo onde um germe matou todas as mulheres, um germe que deixou os homens loucos, o germe que significou o fim dos spackles quando a loucura dos homens colocou as mãos numa arma. O livro é dirigido a jovens adolescentes, recomendado aos leitores a partir de 13 anos, mas também com apelo muito forte para adultos.

PARTE 1

I

O BURACO NO RUÍDO

PRIMEIRA COISA QUE você descobre quando seu cachorro A aprende a falar é que os cachorros não têm muita coisa pra dizer.

Sobre nada.

— Preciso fazer cocô, Todd.

— Cala a boca, Manchee.

— Cocô. Cocô, Todd.

— Já disse pra calar a boca.

A gente está caminhando pelos campos selvagens a sudeste da cidade, aqueles que descem a colina até o rio e seguem em direção ao pântano. Ben me mandou buscar algumas maçãs do pântano e me obrigou a trazer Manchee, mesmo todo mundo sabendo que Cillian só comprou esse cachorro pra ficar do lado do prefeito Prentiss. Do nada aparece esse cachorro novinho em folha como um presente pelo meu aniversário no ano passado, mesmo eu nunca tendo dito que queria um cachorro. O que eu disse que queria era que Cillian consertasse a bicicleta de uma vez por todas pra que eu não tivesse que caminhar por todos os lugares desertos nesta cidade idiota, mas não, feliz aniversário, Todd, aqui está um filhotinho novinho em folha, Todd, e ainda que você não queira ele, mesmo você nunca tendo pedido um cachorro, adivinha quem terá que alimentar e treinar ele e dar banho nele e levar ele pra passear e ouvir ele falar besteiras agora que ele já esta crescido o suficiente pra que o germe da fala coloque sua boca em movimento? Adivinha só?

— Cocô — Manchee late calmamente. — Cocô, cocô, cocô.

— Faz logo seu cocô idiota e para de tagarelar sobre ele.

Pego um graveto no chão e começo a golpear Manchee. Na verdade não chego a bater nele, não quero bater nele, mas ele fica rindo aquela risada de cachorro e continua caminhando. Vou atrás dele, batendo o graveto no capim e desviando

meu olhar do sol, tentando não pensar em nada.

A verdade é que a gente não precisa de maçãs do pântano. Se Ben realmente quiser maçãs, ele pode muito bem comprar na loja do Sr. Phelps.

Outra verdade: ir até o pântano pra colher maçãs não é um trabalho pra um homem, porque os homens nunca têm permissão pra estarem tão desocupados. Eu só me tornarei oficialmente um homem daqui a trinta dias.

Vivi doze anos de treze longos meses cada um e mais doze meses, o que significa que falta um mês pro grande dia. Os planos estão sendo planejados e as preparações estão sendo preparadas, vai ser uma festa, imagino, apesar d'eu estar começando a ter umas visões estranhas, tudo escuro e claro demais ao mesmo tempo, mas de todo jeito vou me tornar um homem e colher maçãs no pântano não é um trabalho pra um homem ou mesmo pra um meio-homem.

Mas Ben sabe que pode me pedir pra ir ao pântano e sabe que eu vou aceitar porque o pântano é o único lugar mais próximo de Prentissburgo onde você pode ter um pouco de sossego de todo o Ruído que os homens cospem, de toda sua gritaria e algazarra que nunca acaba, mesmo quando eles estão dormindo. Os homens e os pensamentos que eles não sabem que pensam mesmo quando todo mundo pode escutar. Os homens e seu Ruído. Não sei como eles conseguem, não sei como se aguentam.

Os homens são criaturas Ruidosas.

— Esquilo! — Manchee grita e começa a correr, saindo da trilha, sem se importar com meus gritos, e eu tenho que correr atrás dele, atravessando os (olho em volta pra ter certeza que estou sozinho) malditos campos porque Cillian vai ter um chilique se Manchee cair em algum maldito buraco de cobra e claro que será minha maldita culpa, mesmo eu nunca tendo desejado o maldito cachorro pra começo dessa maldita conversa.

— Manchee! Volte aqui!

— Esquilo!

Tenho que me enfiar no meio do capim. Uma coisa gosmenta gruda nos meus sapatos e é esmagada quando eu dou um chute, deixando uma mancha verde no meu tênis que eu sei, por experiência própria, que não vai sair.

—Manchee! — eu grito, com raiva.

— Esquilo! Esquilo! Esquilo!

Ele tá latindo em volta da árvore e o esquilo fica saltando pra frente e pra trás no tronco da árvore, zombando dele. Vai-nos, cachorro giratório, diz seu Ruído. Vamos, vem me pegar, vamos, vem me pegar. Giratório, giratório, giratório.

— Esquilo, Todd! Esquilo!

Puxa vida, como os animais são estúpidos.

Agarro Manchee pela coleira e dou um tapa na sua pata traseira.

— Ai, Todd! Ai! — dou outro tapa. E outro. — Ai! Todd!

— Vamos — eu digo, com meu próprio Ruído tão alto que mal posso escutar meu pensamento, o que eu tô prestes a me arrepender, espere e você verá por quê.

Garoto giratório, garoto giratório, o esquilo pensa sobre mim. Vem me pegar, garoto giratório.

—Vai se danar — eu digo, só que na verdade não digo ‘danar’, digo a outra palavra mais feia.

E eu realmente, realmente deveria ter olhado em volta outra vez.

Porque aqui está Aaron, bem aqui, surgindo de repente do meio do capim e me dando um tapa no rosto, arranhando meu lábio com seu anel enorme, depois fechando a mão e acertando minha bochecha, mas pelo menos não acertou meu nariz. E eu caio sobre o capim, tentando me esquivar do seu soco, e solto a coleira de Manchee, que sai correndo atrás do esquilo, latindo como um louco, aquele traidor, e eu caio de joelhos, me sujando todo com aquela coisa gosmenta.

E eu fico lá no chão, tentando respirar.

Aaron está parado na minha frente, seu Ruído chega em fragmentos de escritura e do seu próximo sermão e Linguagem, jovem Todd e encontrar um sacrifício e o santo escolhe seu caminho e Deus escuta e a mistura de imagens que estão no

Ruído de todas as pessoas, de coisas familiares e faíscas cintilantes de…

O quê? O quê…?

Mas então surge uma parte alta do seu sermão pra bloquear esse pensamento e eu olho pra cima, encarando seus olhos, e de repente não quero saber. Já posso sentir o gosto do sangue no lugar onde seu anel cortou meu lábio e não quero saber. Ele nunca vem aqui, os homens nunca vêm aqui, eles têm seus motivos, então sempre somos só eu e meu cachorro, mas aqui está ele e eu não quero, não quero, não quero saber.

Estou caído no chão e ele sorri pra mim, barbudo.

É um sorriso debochado.

— A linguagem, jovem Todd — ele diz—, nos cega como prisioneiros numa corrente. Você não aprendeu nada na sua igreja, menino? — e diz seu sermão mais famoso: — Se um de nós cair, todos nós cairemos.

Sim, Aaron, eu penso.

— Com a boca, Todd.

— Sim, Aaron eu digo.

— E todas essas palavras feias que você está dizendo? — ele pergunta — Saiba que eu ouvi tudo. Seu Ruído te revela. O Ruído revela todos nós.

Nem todos, penso, mas ao mesmo tempo digo: — Desculpe, Aaron.

Ele se inclina na minha direção, aproximando os lábios do meu rosto.

Sinto o cheiro e o peso da sua respiração como se fossem dedos me agarrando.

— Deus escuta — ele sussurra. — Deus escuta.

E levanta a mão novamente e eu me encolho de medo e ele ri e depois vai embora, caminhando de volta pra cidade, levando seu Ruído com ele.

Estou tremendo por causa do golpe, tremendo por estar tão exaltado e tão surpreso e com tanta raiva, e odiando tanto esta cidade e os homens que vivem

nela que levo um tempo pra conseguir me levantar e ir atrás do meu cachorro novamente. Afinal, que meleca ele tava fazendo aqui?, eu penso, e estou tão irritado, ainda tão cheio de raiva e ódio (e medo, sim, medo, cala a boca) que nem olho em volta pra ver se Aaron escutou meu Ruído. Não olho em volta. Não olho em volta.

E depois olho em volta e vou atrás do cachorro.

— Aaron, Todd? Aaron?

— Não diga esse nome de novo, Manchee.

— Sangrando, Todd. Todd? Todd? Sangrando?

— Eu sei. Cala a boca.

— Giratório — ele diz, como se não quisesse dizer nada, sua cabeça tão vazia quanto o céu.

Dou uma palmada no seu traseiro.

— Não diga isso também.

—Ai! Todd!

A gente continua caminhando, mantendo uma distância do rio à nossa esquerda. O rio passa por vários desfiladeiros no leste da cidade, começando lá no norte depois da nossa fazenda e descendo pela lateral da cidade até se nivelar numa parte alagadiça que finalmente se transforma no pântano.

A gente tem que evitar o rio e principalmente aquela parte alagadiça antes de chegar nas árvores do pântano, porque é ali que vivem os crocodilos, grandes o suficiente pra matar um meio-homem e seu cachorro sem dificuldade. As escamas nas suas costas parecem uma fileira de juncos e, se a gente chega muito perto, NHAC!, eles saem de debaixo da água, voando com suas garras, querendo agarrar a gente e com a boca se fechando e a gente praticamente não tem nenhuma chance contra eles.

A gente passa pela parte alagadiça e eu tento entrar no pântano silenciosamente. Na verdade não tem nada pra ver aqui embaixo, por isso os homens não vêm

mais aqui. E o cheiro também, eu não finjo que não fede, mas não fede tanto quanto os homens dizem. Eles estão cheirando suas lembranças, isso sim, não estão cheirando o que realmente está aqui, estão cheirando o pântano de antes. Todas as coisas mortas. A verdade é que os spackles e os homens tinham opiniões diferentes sobre como realizar um enterro. Os spackles só usavam o pântano, jogavam seus mortos direto na água e os deixavam afundar, o que era bom porque eles eram apropriados pra serem enterrados no pântano, imagino. É o que Ben diz. Água, lodo e pele de spackle combinavam bem, não contaminavam nada, só enriqueciam o pântano, como os homens fazem com o solo.

De repente, claro, havia muito mais spackles pra enterrar do que o normal, tantos que nem um pântano grande como este conseguia engolir, e é um pântano grande mesmo. E depois já não havia nenhum spackle vivo, não é mesmo? Apenas corpos de spackles aos montes, empilhados no pântano e apodrecendo e fedendo e levou muito tempo pro pântano ser um pântano de novo e não apenas um monte de moscas e cheiros e quem sabe quais germes elas juntaram.

Eu nasci no meio de tudo isso, de toda essa bagunça, o pântano e o cemitério lotados e a cidade não lotada o suficiente, por isso não me lembro de nada, não me lembro de um mundo sem Ruído. Meu pai morreu de doença antes d’eu nascer e depois minha mãe morreu, até aí sem surpresas.

Ben e Cillian me abrigaram e me criaram. Ben diz que minha mãe foi a mulher, mas todo mundo diz isso sobre a própria mãe. Pode até ser que Ben não esteja mentindo, ele acredita que é verdade, mas quem sabe?

De qualquer forma, sou o mais jovem de toda a cidade. Eu costumava sair e jogar pedras nos corvos dos campos com Reg Oliver (sete meses e oito dias mais velho do que eu) e Liam Smith (quatro meses e vinte e nove dias mais velho) e Seb Mundy, que era quase da minha idade, três meses e um dia mais velho, mas nem ele conversa mais comigo agora que é um homem.

Nenhum garoto conversa com outro garoto quando completa treze anos.

É assim que funciona em Prentissburgo. Os garotos se transformam em homens e vão para suas reuniões só de homens pra conversar sei lá o quê. Os garotos definitivamente não podem participar e, se você é o último garoto na cidade, tem que esperar sozinho.

Bem, você e um cachorro que você não quer.

Mas não tem problema…

A gente entra no pântano, permanecendo na trilha que protege da pior parte da água, nos esquivando das enormes e frondosas árvores que nascem daquele lamaçal e se esticam até o teto pontiagudo. O ar é denso, escuro e pesado, mas não é um tipo assustador de denso e escuro e pesado. Tem muitas vidas aqui, vidas aos montes, simplesmente orando a cidade: pássaros e cobras verdes e sapos e musarites e dois tipos de esquilo e (juro) um casuar ou dois e, claro, a gente tem que ter cuidado com as cobras vermelhas, mas, mesmo sendo escuro, alguns feixes de luz descem dos furos no teto. Se você quer saber a minha opinião, pra mim o pântano é como uma sala grande, confortável e não muito Ruidosa. Escura, mas revigorante; revigorante e amigável; amigável, mas não sufocante.

Manchee levanta a pata em praticamente tudo o que encontra pra fazer xixi e depois se dirige a um arbusto, gargarejando pra si mesmo, encontrando um lugar para fazer seu outro negócio, imagino.

Mas o pântano não se importa. Como poderia se importar? É

simplesmente a vida em seu processo, se revisando, voltando, completando o ciclo e se comendo para crescer. Quero dizer, não é que não seja Ruidoso aqui, claro que é, não tem como escapar do Ruído em nenhum lugar, mas é mais quieto do que a cidade. O barulho é um tipo diferente de barulho, porque um pântano barulhento é apenas curiosidade, criaturas querendo descobrir quem é você e se você é uma ameaça. A cidade já sabe tudo sobre você e quer saber mais e quer te bater com o que ela sabe até não sobrar nada de você.

O Ruído do pântano são apenas pássaros pensando seus pequenos pensamentos inquietantes de pássaros. Onde está a comida? Onde está minha Casa? Onde está minha segurança? E os esquilos irados, que são uns diabinhos que te provocam quando te veem, que se provocam quando não te veem, e os esquilos pálidos, que são como crianças bobas, e às vezes tem raposas do pântano no meio das folhas que você pode ouvir fingindo seu Ruído pra parecer com os esquilos que elas comem, e ainda, com menos frequência, tem as mavosas cantando suas estranhas músicas de mavosa e uma vez juro que vi um casuar correndo sobre duas longas patas, mas Ben diz que não pode ser, que os casuares foram embora

do pântano há muito tempo.

Não sei. Eu acredito no que vi.

Manchee sai dos arbustos e senta perto de mim quando eu paro bem no meio da trilha. Ele olha em volta pra ver o que eu estou observando e depois diz: — Cocô bom, Todd.

— Imagino, Manchee.

É melhor eu não ganhar outro maldito cachorro quando chegar meu aniversário, O que eu quero este ano é uma faca de caça, como a que Ben carrega na parte de trás do seu cinto. Isto é que é presente pra um homem.

— Cocô — Manchee diz, calmamente.

A gente continua caminhando. As principais macieiras ficam dentro do pântano, depois de algumas trilhas e sobre uns troncos caídos nos quais Manchee sempre precisa de ajuda pra passar. Quando a gente chega lá, eu seguro ele pela barriga e levanto ele o máximo possível. Mesmo sabendo o que estou fazendo, ele ainda bate as pernas pra todos os lados como uma aranha que está caindo, fazendo uma bagunça sem motivo.

— Fica quieto, seu estúpido.

— Descer, descer, descer — ele grita, arranhando o ar.

— Cachorro idiota.

Eu deixo ele no topo dos troncos e subo. Nós dois saltamos pro outro lado, Manchee latindo ‘Pular!’ quando aterrissa e quando sai correndo.

O salto sobre os troncos é onde a escuridão do pântano realmente começa e a primeira coisa que você vê são os antigos prédios dos spackles, se inclinando na sua direção, vindos das sombras, parecendo bolas derretidas de sorvete cor de canela, só que do tamanho de uma cabana. Ninguém sabe, ou não se lembra o que eram esses prédios, mas o melhor palpite de Ben, que é a pessoa que tem os melhores palpites, é que eles tinham alguma coisa a ver com o enterro dos seus mortos. Talvez fossem até algum tipo de igreja, apesar dos spackles não terem nenhuma religião que qualquer pessoa de Prentissburgo reconheça.

Mantenho uma longa distância dos prédios e entro no pequeno bosque de macieiras. As maçãs estão maduras, quase pretas, quase comestíveis, como Cillian diria. Pego uma no tronco e dou uma mordida, o suco escorrendo pelo meu queixo.

—Todd?

— O quê, Manchee? — retiro o saco plástico dobrado do meu bolso e começo a encher.

— Todd? — ele late novamente, e dessa vez eu percebo algo diferente na forma como ele está latindo e me viro e ele está apontando pros prédios dos spackles e seu pelo está todo eriçado nas costas e suas orelhas estão balançando freneticamente.

Me levanto.

—O que foi?

Agora ele está rosnando com a boca bem aberta, mostrando os dentes.

Sinto meu corpo tremer.

— É um crocodilo? — pergunto.

— Quieto, Todd — Manchee rosna.

—Mas o que é?

— É quieto, Todd — ele solta um latido e é um latido real, um latido de cachorro real que significa apenas ‘latido!’ e a energia do meu corpo sobe um pouco, como descargas que vão começar a saltar pra fora do meu corpo. — Escute— ele rosna.

E eu escuto.

E escuto.

E viro minha cabeça um pouco e escuto um pouco mais.

Tem um buraco no Ruído.

O que não pode ser.

É estranho, é mesmo, lá fora, escondido em algum lugar, nas árvores ou num lugar oculto, um ponto onde seus ouvidos e sua mente estão te dizendo que não existe Ruído. É como uma forma que você não pode ver, só que tudo em volta está tocando nela. Como água na forma de um copo, mas sem copo.

É um buraco e tudo o que cai nele deixa de ser Ruído, deixa de ser qualquer coisa, simplesmente para de uma vez. Não é como a calma do pântano, que nunca é calmo, obviamente, só é menos Ruidoso. Mas isto, isto é uma forma, uma forma de nada, um buraco onde todo o Ruído para.

O que é impossível.

Não existe nada além de Ruído neste mundo, nada além dos constantes pensamentos dos homens e coisas que vêm até você, até você, até você, desde que os spackles liberaram o germe do Ruído durante a guerra, o germe que matou metade dos homens e todas as mulheres, inclusive minha mãe, o germe que deixou os homens loucos, o germe que significou o fim para todos os spackles quando a loucura dos homens colocou as mãos numa arma.

— Todd? — Manchee está assustado, posso sentir. — O que é isso, Todd?

—Você consegue farejar alguma coisa?

— Só farejo quieto, Todd — ele late, depois começa a latir mais alto. — Quieto! Quieto!

E então, em algum lugar perto dos prédios dos spackles, o quieto se move.

A energia no meu sangue sobe tanto que quase me derruba. Manchee uiva em um círculo ao meu redor, latindo e latindo, me deixando duplamente assustado, e então dou uma palmada no traseiro dele de novo (‘Ai, Todd!’) pra me acalmar.

—Não existem buracos — digo. — Não existe o nada. Então deve ser alguma coisa, não é?

— Alguma coisa, Todd — Manchee late.

— Pode ouvir pra onde ele foi?

— É quieto, Todd.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Manchee fareja o ar e dá um passo, depois outro, em direção aos prédios dos spackles. Imagino que a gente está procurando o tal quieto. Começo a caminhar bem devagarzinho até a maior das bolas de sorvete derretidas. Fico fora do caminho de qualquer coisa que possa olhar pela pequena abertura triangular inclinada. Manche e está farejando na entrada, mas não está latindo, então eu respiro fundo e olho lá dentro.

Está totalmente vazio, O teto sobe até um ponto que seria o dobro da minha altura. O chão está sujo, plantas do pântano crescem nele agora, videiras e coisas do tipo, mas nada além disso. O que quer dizer que não há nada real, nenhum buraco, e nenhuma forma de dizer o que poderia ter estado lá antes.

É ridículo, mas eu tenho que dizer.

Estou imaginando que os spackles voltaram.

Mas isso é impossível.

Mas um buraco no Ruído é impossível.

Portanto, alguma coisa impossível deve ser possível.

Posso ouvir Manchee farejando de novo do lado de fora, fico aterrorizado e vou pra segunda bola de sorvete. Tem alguma coisa escrita do lado de fora, as únicas palavras escritas que alguém já viu no idioma spackle. As únicas palavras que podem ser escritas, imagino. As letras são letras spackle, mas Ben diz que elas soam como es'Paqili ou algo assim, es'Paqili, os spackles, 'spacks', se você quiser abreviar, o que, desde que aconteceu o que aconteceu, é o que todo mundo faz. Significa 'As Pessoas'

Também não tem nada na segunda bola. Volto pro pântano e escuto novamente. Abaixo a cabeça e presto atenção, alcançando com as partes audíveis do meu cérebro e finalmente escuto. Está lá, estou escutando.

Estou escutando.

— Quieto! Quieto! — Manchee late duas vezes bem rápido e sai correndo de novo, em direção à última bola de sorvete. Vou atrás dele, correndo também, meu sangue fervendo, porque é lá que ele está, é lá que o buraco no Ruído está.

Eu consigo ouvi-lo.

Bem, não consigo ouvi-lo, essa é a questão, mas quando eu corro em direção a ele seu vazio toca o meu peito e seu silêncio me puxa e tem tanta quietude nele, não, não é quietude, é silêncio, um silêncio tão inacreditável que começo a me sentir realmente despedaçado, como se estivesse prestes a perder a coisa mais valiosa do mundo, como se lá estivesse ela, a morte, estou correndo, meus olhos estão lacrimejando e meu peito está sendo esmagado e não tem ninguém pra ver, mas eu me importo e meus olhos começam a chorar, eles começam a chorar, droga, eles começam a chorar, e eu paro por um minuto e me abaixo e puxa vida, você pode simplesmente calar a boca agora, porque eu perco um minuto inteiro, simplesmente um minuto ridículo abaixado lá, durante o qual, obviamente, o buraco está se movendo, ele se moveu, ele foi embora.

Manchee está dividido entre correr atrás dele e voltar pra mim, mas finalmente ele volta.

— Chorando, Todd?

— Cala a boca— eu digo e finjo dar um chute nele, mas não acerto, de propósito.

2

PRENTISSBURGO

A GENTE SAI DO PÂNTANO e volta pra cidade e o mundo parece todo preto e cinza, sem se importar com o que diz o sol. Até Manchee A praticamente não diz nada enquanto a gente passa pelos campos. Meu Ruído tagarela e borbulha como uma sopa fervendo até que, finalmente, tenho que parar por um minuto pra me acalmar um pouco.

Não existe o silêncio. Nem aqui, nem em nenhum outro lugar. Nem quando você está dormindo, nem quando está sozinho, nunca.

Sou Todd Hewitt, penso com os olhos fechados. Tenho doze anos e doze meses de idade. Moro em Prentissburgo, no Novo Mundo. Vou me tornar um homem em exatamente um mês.

É um truque que Ben me ensinou pra ajudar a acalmar meu Ruído.

Você fecha os olhos e, da forma mais calma e clara possível, diz a si mesmo quem você é, porque isso é o que se perde em todo aquele Ruído.

Eu sou Todd Hewitt.

— Todd Hewitt — Manchee murmura ao meu lado.

Respiro fundo e abro os olhos.

Este sou eu. Eu sou Todd Hewitt.

A gente caminha pra longe do pântano e do rio, subindo o morro de campos selvagens até a pequena cadeia de montanhas no sul da cidade onde ficava a escola, durante o curto e inútil período de tempo em que ela existiu.

Antes d’eu nascer, as mães davam aulas pros filhos em casa e depois, quando sobraram apenas homens e garotos, a gente simplesmente se sentava pra assistir gravações e aprender alguns módulos até que o prefeito Prentiss tornou essas coisas ilegais porque ‘prejudicavam nossa disciplina mental’

O prefeito Prentiss tem um ponto de vista bastante particular.

E durante quase metade de um ano ridículo o Sr. Royal, ,cara triste’, reunia todos os garotos e os levava a um lugar ao ar livre, longe do grande Ruído da cidade. Não que ajudasse muito. É quase impossível ensinar qualquer coisa em uma sala de aula cheia de Ruído de garotos e completamente impossível dar qualquer tipo de prova. Você trapaceia mesmo se não quiser trapacear, e todos querem.

Então um dia o prefeito Prentiss decidiu queimar todos os livros, cada um deles, até os que estavam nas casas dos homens, porque aparentemente os livros também eram prejudiciais e o Sr. Royal, um homem frágil que se fortaleceu bebendo whisky na sala de aula, desistiu e pegou uma arma e acabou com sua vida, e assim terminaram meus estudos na sala de aula.

Ben me ensinou o resto em casa: mecânica e preparação de alimentos e conserto de roupas e conceitos básicos de agricultura e coisas assim.

Também um monte, de coisas sobre sobrevivência, como caçar e quais frutas você pode comer e como seguir as luas pra se orientar e como usar uma faca e uma arma e remédios pra mordida de cobra, como acalmar seu Ruído o máximo possível.

Ele tentou me ensinar a ler e escrever também, mas uma manhã o prefeito Prentiss descobriu isso no meu Ruído e prendeu Ben por uma semana, e esse foi o fim das minhas aulas de leitura e de todo o resto que eu tinha que aprender, e com todo o trabalho na fazenda que ainda tem que ser feito todo dia e toda a simples sobrevivência, no fim das contas eu nunca consegui ler muito bem.

Não importa, afinal, ninguém em Prentissburgo vai escrever um livro.

Manchee e eu passamos pelo prédio da escola, subimos a pequena cadeia de montanhas e olhamos pro norte e lá está a cidade. Não que tenha sobrado muito dela. Uma loja, antes eram duas. Um bar, antes eram dois.

Uma clínica, uma prisão, um posto de gasolina que não funciona, uma casa grande pro prefeito, uma delegacia de polícia, a igreja. Um pequeno pedaço de estrada que passa pelo centro da cidade e foi pavimentado há muito tempo e nunca recebeu manutenção está voltando ao cascalho bem rápido.

Todas as casas e coisas do tipo estão descuidadas, tem fazendas nos arredores, ou o que deveriam ser fazendas. Algumas ainda são fazendas, algumas estão vazias, algumas estão piores do que vazias.

E isso é tudo o que existe em Prentissburgo. População: 147 e diminuindo, diminuindo, diminuindo. 146 homens e um meio-homem.

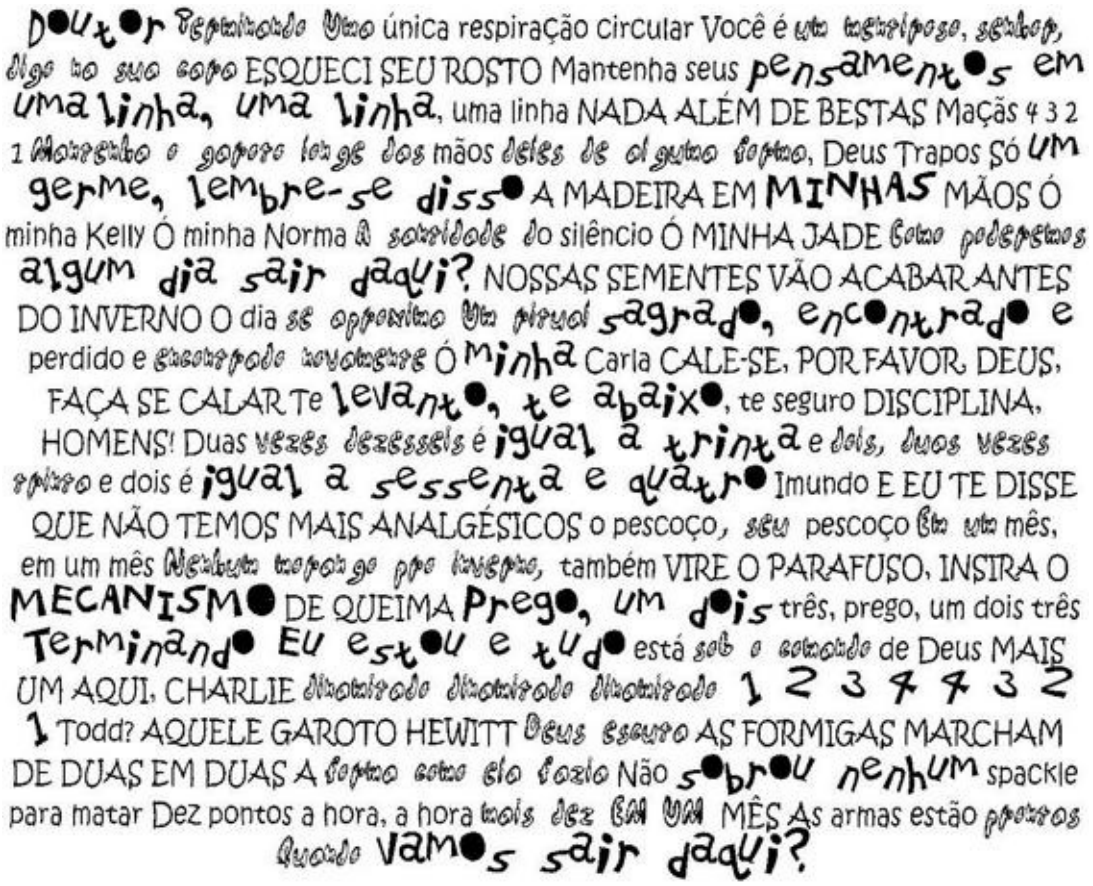
Ben diz que antes existiam outras colônias espalhadas pelo Novo Mundo, que todas as naves aterrissaram quase na mesma época, dez anos antes d'eu nascer, mas quando começou a guerra com os spackles, quando os spackles liberaram os germes e todas as outras colônias foram exterminadas, Prentissburgo também quase foi exterminada, só sobreviveu por causa das habilidades do exército do prefeito Prentiss e, apesar do prefeito Prentiss ser um pesadelo ambulante, pelo menos isso a gente deve a ele. Por causa dele somos os únicos sobreviventes em um mundo inteiro sem mulheres, um mundo que não tem nada bom pra dizer, em uma cidade de 146 homens que morrem um pouco mais a cada dia que passa.

Porque alguns homens não conseguem aguentar, não é mesmo? Eles se matam, como o Sr. Royal, ou alguns deles simplesmente desaparecem, como o Sr. Gault, ou nosso antigo vizinho que cuidava da outra fazenda de ovelhas, ou o Sr. Michael, nosso segundo melhor carpinteiro, ou o Sr. Van Wijk, que desapareceu no mesmo dia em que seu filho se tornou um homem. Isso não é tão estranho, afinal, se todo o seu mundo é uma cidade Ruidosa sem futuro, às vezes você simplesmente tem que sair, mesmo se não tiver nenhum outro lugar pra ir.

Porque quando eu, meio-homem, olho pra aquela cidade, posso ouvir os 146 homens que restam. Posso ouvir cada um deles. O Ruído se arrasta pela colina como uma inundação bem na minha direção, como um fogo, como um monstro do tamanho do céu que vem te pegar e você não tem pra onde correr.

Vou te mostrar como é. Vou te mostrar como é cada minuto de cada dia da minha vida idiota e fedorenta nesta cidade idiota e fedorenta. Nem tente tapar os ouvidos porque não ajuda em nada:

Terminando Ben Cillian lindo pescocinho DÓI QUANDO EU RESPIRO No comando de Deus TRAPOS Quando vamos sair Todd GERMES, UM GERME, UM GERME Maçãs Minha linda Juli Não é justo, simplesmente não é just o gerador pisca 1 2 3 4 ENTÃO EU DIGO PARA ELE EU DIGO Você tinha que ter visto o par Eu conhecia um homem Terminando um germe dos spackles Por favor, ajude Tomos, Deus EM UM MÊS Você, garoto, você aí Quieto, Todd? Maçãs maçãs UM PONTO EM UM CÍRCULO EM UM PONTO EM UM CÍRCULO Pegar você pelo nuco Uma doença VOCÊ ESTÁ LÁ EM CIMA? Ó tinha Julie Ó minha Karen Ó tinha Lily Ó minha pérola preciosa Terminando Malditos spackles e seus malditos germes TODD? Aquele pequeno, pequeno, aquele precioso e delicioso CORTES E HEMATOMAS E CORTES E HEMATOMAS Trapos Duas vezes dois é igual a quatro duas vezes quatro é igual a oito duas vezes oito é igual a dezesseis Só tem o suficiente para tinha família, nenhuma migalha mais Garotos pensando que serão homens MAÇÃS Lubrifique o barril mas mantenha o óleo longe do depósito O que eu não daria por um sanduíche de copos de verdade E se ele perguntar sobre as ovelhas? AMARRE SUAS MÃOS COM UMA CORDA Por favor, não deixe a febre levar meu Justin Ó tinha Esther, tinha Esther, ó minha linda garota Eu estou e tudo está sob o comando de Deus Promiss será o primeiro UM MÊS Como poderemos algum dia sair daqui? Maçãs Todd, Como poderemos algum dia sair daqui? O QUE A GENTE FEZ, Ó MEU DEUS Uma doença, um germe dos spackles EU VOU matá-lo, eu vou fazer isso Eu sou um ponto e o ponto sou eu Ó MEU DEUS SÓ vou pegar mais um e ir embora Cillian Dez filos Cinco e dezenove dias sem chuva OLHE AS MÃOS PEQUENINAS Cinco que não,



E essas são as palavras, as vozes conversando e murmurando e cantando e chorando. Tem imagens também, imagens que vêm até a minha mente bem rápido, não importa o quanto eu não quero vê-las; imagens de lembranças e fantasias e segredos e planos e mentiras, mentiras e mentiras.

Porque você não pode mentir no Ruído. Mesmo quando todo mundo sabe o que você está pensando, você pode enterrar abertamente coisas debaixo de outras coisa, pode enterrar coisas abertamente, é só não pensar claramente ou se convencer de que o oposto ao que você está escondendo é verdade e então quem vai poder ver no meio da inundação o que é água de verdade e o que não vai te molhar?

Os homens mentem, e o pior de tudo é que mentem para si mesmos.

Por exemplo, eu nunca vi uma mulher nem um spackle em carne e osso, obviamente. Só em gravações, antes d’eles serem exterminados, e eu os vejo o

tempo todo no Ruído dos homens, afinal, sobre que outra coisa os homens pensariam além de sexo e inimigos? Mas os spackles são maiores e mais malvados no Ruído do que nas gravações, não é mesmo? E as mulheres do Ruído têm cabelos mais claros e seios maiores, vestem menos roupas e são muito mais liberais com seus sentimentos do que nas gravações também. Por isso, o que a gente deve lembrar, a coisa mais importante que devo dizer nesta conversa é que o Ruído não é verdadeiro, o Ruído é o que os homens querem que seja verdade, e existe uma diferença entre essas duas coisas, uma diferença tão grande que poderia muito bem te matar se você não tivesse cuidado, é só pagar pra ver.

—Casa, Todd? — Manchee late um pouco mais alto perto da minha perna porque é assim que se conversa no Ruído.

— Sim, a gente está indo — eu digo. A gente mora do outro lado, no nordeste, e vai ter que passar pela cidade pra chegar lá, então a gente pode aproveitar pra fazer um pequeno passeio, um passeio que dure o tempo da nossa caminhada.

Primeiro está a loja do Sr. Phelps. Está morrendo, a loja, assim como o resto da cidade, e o Sr. Phelps passa todo o seu tempo se desesperando.

Mesmo quando a gente está comprando coisas dele e ele é o mais educado possível, seu desespero penetra na gente como o pus de um corte.

Terminando, diz seu Ruído, terminando, está tudo terminando e trapos e trapos e trapos e minha JuIie, minha querida, querida Julie, que foi sua mulher e que não veste nenhuma roupa no Ruído do Sr. Phelps.

— Olá, Todd — ele diz, quando Manchee e eu passamos.

— Olá, Sr. Phelps.

— Lindo dia, não?

— Com certeza, Sr. Phelps.

— Lindo — Manchee late e o Sr. Phelps ri, mas seu Ruído continua dizendo Terminando e Julie e trapos, mostrando imagens do que ele sente falta em sua mulher e do que ela costumava fazer, como se fosse uma coisa única ou sei lá.

Eu não penso nada em particular no meu Ruído pro Sr. Phelps, só as corriqueiras que não consigo evitar, mas devo admitir que estou pensando tudo um pouco mais alto pra cobrir os pensamentos sobre o buraco que encontrei no pântano, pra bloquear esse pensamento atrás de um Ruído mais alto.

Não sei por que eu deveria fazer isto, não sei por que deveria esconder esse pensamento.

Mas estou escondendo.

Manchee e eu continuamos caminhando bem rápido porque depois está o posto de gasolina e o Sr. Hammar. O posto não funciona mais porque o gerador que produzia a gasolina se escangalhou no ano passado, e ele só fica lá do lado do posto como se fosse um horrível e posseiro dedão do pé machucado e ninguém quer morar ao lado dele, só o Sr. Hammar, e o Sr.

Hammar é muito pior do que o Sr. Phelps porque ele mira seu Ruído bem na direção da gente.

E é um Ruído feio, um Ruído raivoso, imagens suas em formas que você não quer ver, imagens violentas e imagens sangrentas e tudo o que você pode fazer é deixar seu próprio Ruído o mais alto possível e tentar arrastar o Ruído do Sr. Phelps pra dentro dele também e mandar tudo de volta pro Sr.

Hammar. Maças e Terminando e soco e Ben e Julie e Bonito, Todd? e o gerador está piscando e trapos e cale a boca, apenas cale a boca e Olhe para mim, garoto.

Eu viro a minha cabeça de qualquer forma, mesmo não querendo, mas às vezes a gente é pego de surpresa e então eu viro a minha cabeça e lá está o Sr. Hammar em sua janela, olhando pra mim e pensando Um mês, e tem uma imagem minha no seu Ruído e nela eu estou em pé, sozinho, mas de alguma forma ainda mais sozinho do que eu vejo e eu não sei o que essa imagem significa ou se é real ou se é uma mentira proposital, e então eu penso em um martelo indo até a cabeça do Sr. Hammar uma e outra vez e ele apenas ri da sua janela.

A estrada faz uma curva no posto de gasolina depois da clínica, onde fica o Dr. Baldwin e todo o choro e lamento que os homens fazem pros médicos quando na verdade não tem nada errado com eles. Hoje é o Sr. Fox reclamando que não consegue respirar, o que seria lamentável se ele não fumasse tanto. Depois, quando a gente passa pela clínica, minha nossa, a gente chega no maldito bar,

que mesmo a esta hora do dia é só um uivo de Ruído, porque o que eles fazem é colocar a música alta demais pra abafar o Ruído, mas isso só funciona em parte e o resultado é música alta e Ruído alto e, pior, Ruído bêbado, que atinge você como um martelo. Gritos e uivos e choro de homens com rostos que nunca mudam e lembranças horripilantes do passado e de todas as mulheres que existiam. Muito sobre as mulheres que existiam, mas nada que faça muito sentido, porque o Ruído bêbado é como um homem bêbado: confuso e chato e perigoso.

Fica difícil caminhar pelo centro da cidade, é difícil pensar sobre o próximo passo por causa de todo o Ruído que está pesando sobre os nossos ombros. Eu honestamente não sei como os homens conseguem, não sei como eu vou conseguir suportar isso quando me tornar um homem, a não ser que alguma coisa mude no dia, alguma coisa que eu não saiba.

A estrada vai até depois do bar e vira à direita, passando pela delegacia e pela prisão, tudo um lugar só e que é usado mais do que se imaginaria em uma cidade tão pequena. O delegado é o Sr. Prentiss Jr., que não é nem dois anos mais velho do que eu e se tornou um homem faz pouco tempo, mas que aceitou seu trabalho sem reclamar. Na sua cela fica qualquer pessoa que o prefeito Prentiss indica ao Sr. Prentiss Jr. para ser o exemplo da semana.

Agora mesmo é o Sr. Turner, que não entregou uma quantidade suficiente da sua colheita de milho para ‚o bom uso de toda a cidade’, o que significa simplesmente que ele não deu milho de graça pro Sr. Prentiss e seus homens.

Então a gente já passou por toda a cidade com o cachorro e tem todo esse Ruído atrás da gente, o Sr. Phelps e o Sr. Hammar e o doutor Baldwin e o Sr. Fox e o Ruído extra do bar e o Ruído do Sr. Prentiss Jr. e o Ruído do lamento do Sr. Turner e ainda não acabou o Ruído da cidade porque aqui vem a igreja.

Claro que a igreja é o motivo pelo qual estamos todos aqui no Novo Mundo, pra começo de conversa, e quase todo domingo dá pra ouvir Aaron pregando sobre por que deixamos pra trás a corrupção e o pecado do Velho Mundo e como buscamos começar uma nova vida de pureza e irmandade em um Éden totalmente novo.

Parece que isso não funcionou muito bem, né?

De qualquer forma, as pessoas ainda vão pra igreja porque são obrigadas, apesar

de o próprio prefeito quase nunca se importar, deixando os outros pra escutar o sermão de Aaron sobre como nós somos a única coisa que temos aqui, nós homens juntos, e como todos nós temos que nos unir em uma única comunidade.

Dizendo que, se um de nós cair, todos nós cairemos.

Ele diz isso bastante.

Manchee e eu passamos, o mais silenciosamente possível, pela porta da igreja. O Ruído da oração vem de dentro, tem um sentimento especial nele, um sentimento lilás, doentio especial, como se os homens estivessem sangrando ele pra fora, mesmo sendo sempre a mesma coisa, mas o sangue lilás continua saindo. Ajude-nos, salve-nos, perdoe-nos, ajude-nos, salve-nos, perdoe-nos, tire-nos daqui, por favor, Deus, por favor, Deus, por favor, Deus, apesar que, até onde eu sei, ninguém nunca escutou nenhum Ruído desse tal Deus como resposta.

Aaron está lá também, já voltou da sua caminhada e está fazendo seu sermão para aqueles que oram. Posso escutar sua voz, não só seu Ruído, e é tudo sacrifício isto e escritura aquilo e bênçãos aqui e santidade ali e ele continua tagarelando tanto que seu Ruído é como um fogo cinza atrás dele e não dá pra entender nada e ele pode estar aprontando alguma, não é mesmo?

O sermão pode estar encobrindo alguma coisa e estou começando a imaginar se eu sei o que é essa coisa.

E então escuto Jovem Todd? em seu Ruído e digo: — Rápido, Manchee — e saímos correndo.

A última coisa que a gente vê quando sobe a colina de Prentissburgo é a casa do prefeito, que é o Ruído mais estranho e mais forte de todos porque o prefeito Prentiss…

Bem, o prefeito Prentiss é diferente.

O Ruído dele é terrivelmente claro e eu quero dizer terrível, terrível mesmo. Ele acredita que a gente pode colocar ordem no Ruído. Acredita que o Ruído pode ser classificado, que se a gente pudesse controlar o Ruído de alguma forma, poderia fazer uso dele. E quando a gente passa pela casa do prefeito, dá pra ouvir ele e seus capangas, seus representantes e outros, e eles estão sempre fazendo esses exercícios de pensamento, essas coisas de contagem, e imaginando formas

perfeitas e dizendo cantos metódicos como EU ECO O CIRCULO E O CIRCULO ECO EU, sei lá o que isso quer dizer, e é como se ele estivesse moldando um pequeno exército, como se estivesse se preparando pra alguma coisa, como se estivesse forjando algum tipo de arma de Ruído.

Parece uma ameaça. Parece o mundo mudando e deixando a gente pra trás.

1,2,3,4, 4, 3,2, 1. EU ECO O CÍRCULO E O CÍRCULO SOU EU; 1,2,3, 4,4, 3,2,2. SE UM DE NÓS CAIR TODOS NÓS CAIREMOS.

Eu vou ser um homem em breve e os homens não correm de medo, mas eu dou um empurrãozinho em Manchee e a gente caminha um pouco mais rápido do que antes, fazendo uma curva o mais ampla possível na frente da casa do prefeito até passar por ela no caminho de cascalho que segue em direção à nossa casa.

Depois de alguns minutos, a cidade desaparece atrás da gente e o Ruído começa a ficar um pouco mais quieto (apesar de nunca, nunca parar) e a gente pode respirar com um pouco mais de tranquilidade.

— Ruído, Todd — Manchee late.

— É verdade — eu digo.

— Quieto no pântano, Todd — Manchee diz. — Quieto, quieto, quieto.

— Sim — eu digo e depois penso e corro e digo: — Cala a boca, Manchee, e dou uma palmada no seu traseiro e ele diz: — Ai, Todd!

Olho pra trás em direção à cidade, mas o Ruído não para quando sai de dentro de você, não é? E se fosse alguma coisa que a gente pudesse ver, se movendo pelo ar, imagino se a gente poderia ver o buraco no Ruído flutuando pra fora de mim, pra fora dos meus pensamentos, de onde eu estava protegendo ele, e é um pedacinho tão pequeno de Ruído que seria fácil perdê-lo no grande rugido de todo o resto, mas lá vai ele, lá vai ele, lá vai ele, indo bem em direção ao mundo dos homens.



3

BEN E CILLI

—ONDE É QUE O senhor estava? — Cillian pergunta, assim que nos avista no caminho. Ele está deitado no chão, embaixo do nosso pequeno gerador que fica na frente da casa, consertando sei lá o quê que deu defeito este mês. Seus braços estão cobertos de graxa e sua expressão está carregada e seu Ruído está zumbindo como abelhas loucas e eu já começo a sentir raiva e olha que eu mal cheguei.

— Eu tava no pântano colhendo maçãs pro Ben — eu digo.

— Com tanto trabalho pra ser feito os garotos saem pra brincar — ele olha de novo pro gerador. Alguma coisa faz um barulho lá dentro e ele diz: — Droga!

— Eu disse que eu não tava brincando, se você pelo menos escutasse!

— eu grito. Ben queria maçãs, então eu fui colher algumas benditas maçãs pra ele!

— Sei — Cillian diz, olhando pra mim de novo. — E onde será que estão essas maçãs?

É claro que eu não estou segurando nenhuma maçã, não é mesmo?

Nem me lembro de ter deixado cair a sacola que eu tinha começado a encher, mas é claro que eu devo ter deixado cair quando…

— Quando o quê? — Cillian pergunta.

— Pare de escutar tão de perto — eu digo.

Ele dá aquele seu suspiro típico e aqui vamos nós.

— Não é nem que te pedimos pra fazer muita coisa aqui, Todd — o que é uma mentira —, mas a gente não tem condições de tocar esta fazenda sozinho — o que é verdade — e mesmo se você algum dia cumprir todas as suas obrigações, coisa que não faz — outra mentira, pois eles me fazem trabalhar como um escravo —, ainda assim não seria suficiente, tô errado? — e isso também é verdade. A cidade não pode mais crescer, só pode encolher, e o socorro não está vindo.

— Preste atenção quando falo com você — Cillian diz.

— Atenção! — Manchee late.

— Calado — eu digo.

— Não fale com seu cachorro desse jeito — diz Cillian.

Eu não estava falando com meu cachorro, penso, alto e claro o bastante pra ele escutar.

Cillian olha pra mim e eu devolvo o olhar, e é sempre assim, nosso Ruído pulsando raiva e hostilidade e irritação. As coisas nunca foram muito bem com Cillian, nunca mesmo, Ben sempre foi o mais legal, Cillian sempre foi o outro, mas está piorando a cada minuto que se aproxima o dia em que eu finalmente serei um homem e não serei mais obrigado a ouvir essa palhaçada.

Cillian fecha os olhos e respira fundo.

— Todd — ele começa, com a voz um pouco mais baixa.

— Onde está Ben? — eu pergunto.

Seu rosto fica mais tenso.

— O parto das ovelhas começa dentro de uma semana, Todd.

Eu nem dou bola e pergunto mais uma vez: — Onde está Ben?

— Alimente as ovelhas e coloque-as no cercado e depois eu quero que você conserte o portão no campo leste de uma vez por todas, Todd Hewitt. Já te pedi isso pelo menos duas vezes.

E eu me inclino sobre os meus calcanhares.

— Como foi sua viagem até o pântano, Todd? — eu digo, fazendo uma voz sarcástica. — Foi boa e estava magnífico lá, Cillian, obrigado por perguntar. — Você viu alguma coisa interessante lá no pântano, Todd?

— Engraçado você perguntar, Cillian, porque eu realmente vi uma coisa interessante que pode explicar este corte aqui no meu lábio que você não notou, mas acho que isso vai ter que esperar que as ovelhas sejam alimentadas e que eu conserte a maldita cerca!

— Cuidado com seu linguajar. Não tenho tempo pra brincadeiras. Vá cuidar das ovelhas.

Aperto meus punhos e faço um som que tipo awwghgh, mostrando a Cillian que eu simplesmente não aguento sua irracionalidade nem por mais um segundo.

—Vamos, Manchee — eu digo.

— As ovelhas, Todd — ele grita quando eu começo a ir embora.

— Primeiro as ovelhas.

—Sim, vou cuidar daquelas ovelhas idiotas — resmungo pra mim mesmo. Estou andando mais rápido agora, meu sangue está fervendo e Manchee está sendo provocado pelo zunir do meu Ruído. — Ovelhas — ele late. — Ovelhas, ovelhas, Todd! Ovelhas, ovelhas, quieto, Todd! Quieto, quieto no pântano, Todd!

— Cala a boca, Manchee! — eu digo.

— O que foi isso? — Cillian pergunta, e tem alguma coisa na sua voz que faz a gente se virar. Ele está sentado perto do gerador agora, com toda a sua atenção na gente, e seu Ruído está vindo como um laser.

—Quieto, Cillian — Manchee late.

— O que ele quer dizer com ,quieto’? — os olhos e o Ruído de Cillian estão me procurando por todas as partes.

— O que te importa?, — e eu me viro de novo. — Eu tenho ovelhas idiotas pra

alimentar.

— Todd, espere — ele diz, mas alguma coisa começa a apitar no gerador e ele diz ‘Droga’ de novo e tem que voltar, mas posso sentir todo tipo de interrogação no seu Ruído me seguindo, ficando mais fraco enquanto eu me afasto em direção aos campos.

Que se exploda, ele e tudo mais, eu penso, mais ou menos com essas palavras e ainda pior enquanto atravesso a fazenda. A gente mora a aproximadamente um quilômetro a nordeste da cidade e em uma metade da fazenda planta trigo e na outra metade cria ovelhas. O trigo é mais difícil, por isso é responsabilidade de Ben e Cillian. Como eu já era maior do que as ovelhas, passei a me encarregar delas. Eu, só eu, não eu e Manchee, apesar que essa foi outra mentira que serviu quando deram o cachorro, dizendo que eu poderia ensiná-lo a ser um cão pastor, o que, por motivos óbvios — e estou falando de sua completa estupidez — não foi um plano muito bom.

Alimentar e dar água e tosquiar e fazer parto e até castrar e até abater, eu faço tudo isso. Somos um dos três fornecedores de carne e lá pra cidade, éramos cinco, e em breve seremos dois, porque o Sr. Marjoribanks deve morrer a qualquer momento por causa do seu problema com a bebida.

Vamos incorporar sua lã à nossa. Na verdade eu vou incorporar sua lã à nossa, como fiz quando o Sr. Gault desapareceu há dois invernos, e serão mais ovelhas pra abater, mais ovelhas pra castrar, mais ovelhas pra tosquiar, mais ovelhas pra cruzar nos períodos certos, e você acha que eu vou receber um muito obrigado? Não, não vou mesmo.

Eu sou Todd Hewitt, penso, e o dia passa e meu Ruído não está se acalmando. Eu sou quase um homem.

— Ovelhas — dizem as ovelhas quando eu passo pelo campo sem parar.

— Ovelhas! — elas dizem, me observando ir embora. — Ovelhas! Ovelhas!

— Ovelhas! — Manchee late.

— Ovelhas! — as ovelhas respondem.

As ovelhas têm ainda menos a dizer do que os cachorros.

Escutei o Ruído de Ben na fazenda e o segui até um dos campos de trigo. A plantação estava feita, mas a colheita só seria daqui a alguns meses, então não tinha muita coisa pra fazer com o trigo nesta época, só ter certeza de que todos os geradores e o trator e os trilhadores elétricos estivessem prontos pra começar a trabalhar. Você poderia pensar que isso faria com que eu tivesse mais ajuda com as ovelhas, mas estaria errado.

O Ruído de Ben está zunindo uma canção perto de um dos canais de irrigação. Eu faço uma curva e vou até os campos em direção a ele. Seu Ruído não é como o de Cillian. É mais calmo e mais claro e, apesar da gente não poder ver o Ruído, se o de Cillian sempre parece avermelhado, o de Ben parece azulado ou às vezes esverdeado. Eles são muito diferentes um do outro, como a água e o fogo, Ben e Cillian, meus mais ou menos pais.

A história é a seguinte: minha mãe era amiga de Ben antes d'eles irem embora pro Novo Mundo. Os dois eram membros da igreja quando a oferta de ir embora e começar uma colônia foi feita. Minha mãe convenceu meu pai e Ben convenceu Cillian e quando as naves aterrissaram e a colônia começou, meu pai e minha mãe criavam ovelhas na fazenda ao lado da fazenda de Ben e Cillian, que plantavam trigo e era tudo amigável e agradável e o sol nunca ia embora e as mulheres cantavam juntas e viviam e amavam e nunca ficavam doentes e nunca, nunca morriam.

De qualquer forma, essa é a história que passa no Ruído, então quem sabe como realmente era antes? Porque depois, claro, eu nasci e tudo mudou. Os spackles liberaram seu germe matador de mulheres e foi o fim pra minha mãe e a guerra começou e foi vencida e esse foi praticamente o fim pro resto do Novo Mundo. E lá estava eu, apenas um bebê, sem saber nada de nada, e claro que eu não era o único bebê naquela época, tinha montes de bebês, e de repente só metade de uma cidade formada por homens pra cuidar de todos os bebês e garotos. Por isso muitos morreram e eu estava entre os sortudos porque era natural que Ben e Cillian me abrigassem e me alimentassem e me criassem e me educassem e me possibilitassem continuar vivo.

Assim, eu sou tipo um filho pra eles. Na verdade mais do que ‚tipo', porém menos do que realmente um filho. Ben disse que Cillian só briga comigo o tempo todo porque se importa muito comigo, mas se isso é verdade eu digo que é um jeito estranho de demonstrar, um jeito que não parece com gostar, se você quer saber.

Mas Ben é um homem diferente de Cillian, um tipo de homem legal que o torna anormal em Prentissburgo. 145 dos homens nesta cidade, mesmo os mais novos que acabaram de festejar seu aniversário de treze anos, até Cillian num grau menor, todos me veem no melhor dos casos como algo para ignorar e no pior dos casos como algo para espancar, por isso eu passo a maior parte dos meus dias pensando em formas de ser ignorado pra não apanhar.

A única exceção é Ben, que eu não consigo descrever muito sem parecer sensível e estúpido e como um garoto, portanto não vou fazer isso. Eu nunca conheci meu pai, mas se você acordasse um dia e tivesse a chance de escolher um pai, se alguém dissesse: Ei, garoto, escolha quem você quiser, então Ben não seria a pior escolha que você poderia fazer naquela manhã.

Ele está assobiando quando a gente se aproxima e, apesar de eu não conseguir vê-lo ainda e de ele não conseguir me ver, quando sente que estou me aproximando, ele muda o tom pra uma música que eu reconheço, Uma ma-a-nhã bem cedo quando o sol acabava de na-as-cer, que ele diz que era a música preferida da minha mãe, mas eu acho que é mesmo a preferida dele, pois ele assobia e canta essa música pra mim há muito tempo, até onde minha memória pode alcançar. Meu sangue ainda está fervendo por causa de Cillian, mas na mesma hora eu começo a me sentir um pouco mais calmo.

Mesmo sendo uma música pra bebês, eu sei, cala a boca.

— Ben — Manchee late e sai correndo pelos canais de irrigação.

— Oi, Manchee — escuto e vejo Ben coçando Manchee entre as orelhas. Os olhos de Manchee estão fechados e sua pata está batendo no chão de alegria, e mesmo Ben certamente podendo ver pelo meu Ruído que eu estava brigando com Cillian de novo, ele não diz nada, só: — Oi, Todd.

— Oi, Ben — olho pro chão, chutando uma pedra.

E o Ruído de Ben está dizendo: Maçãs e Cillian e Você está ficando tão grande e Cillian de novo e coceira na dobra do meu braço e maçãs e jantar e Nossa, está muito quente e é tão suave e não sufocante que é como deitar num riacho em um dia quente.

— Você estava se acalmando lá, Todd? — ele finalmente diz. — Recordando quem você é?

— Sim — eu digo —, mas por que ele tem que me atacar desse jeito?

Por que não pode simplesmente dizer oi? Nem um cumprimento, é só ‘Eu sei que você fez alguma coisa errada e vou ficar no seu pé até descobrir o que foi’.

— É o jeito dele, Todd. Você sabe disso.

— É o que você sempre diz — pego um talo de trigo e coloco na boca, quase sem olhar pra ele.

— Deixou as maçãs em casa, foi?

Olho pra ele. Mastigo o trigo. Ele sabe que eu não trouxe nada.

Ele percebe.

— E há um motivo — ele diz, ainda coçando Manchee. — Há um motivo que ainda não ficou claro — está tentando ler meu Ruído, vendo se consegue tirar alguma verdade daí, o que a maioria dos homens pensa que é uma desculpa boa o suficiente pra começar uma briga, mas eu não me importo quando é Ben. Ele levanta a cabeça e para de coçar Manchee. — Aaron?

— Sim, eu vi Aaron.

— Ele fez isto com seu lábio?

— Sim.

—Aquele filho da mãe — franze as sobrancelhas e dá um passo pra frente. — Acho que vou ter que conversar com ele.

— Não — eu digo. Não faça isso. Só vai criar mais problemas e nem doeu tanto assim.

Ele toca meu queixo com os dedos e levanta minha cabeça pra poder ver o corte.

— Aquele filho da mãe — ele diz outra vez. Ele encosta o dedo no corte e eu recuo.

— Não é nada — digo.

— Fique longe daquele homem, Todd Hewitt.

— Tá, como se eu tivesse corrido até o pântano na esperança de esbarrar nele?

— Tem alguma coisa errada com ele.

— Puxa vida, obrigado por essa informação, Ben — eu digo e então percebo um pedaço do seu Ruído que diz Um mês e é uma coisa nova, uma parte totalmente nova de alguma coisa que ele rapidamente cobre com outro Ruído.

— O que tá acontecendo, Ben? — eu pergunto, olhando pra ele.

— O que vai acontecer no meu aniversário?

Ele sorri e por um segundo não é um sorriso totalmente verdadeiro, por um segundo é um sorriso preocupado, mas depois disso se transforma em um sorriso verdadeiro o bastante.

— É uma surpresa — ele diz —, portanto não fique tentando descobrir.

Mesmo eu sendo quase um homem e mesmo tendo quase a mesma altura dele, ele ainda se inclina um pouco pra que seu rosto fique na mesma altura do meu, mas não tão perto a ponto de ser desconfortável, porém eu desvio um pouco o olhar. E mesmo sendo Ben, mesmo eu confiando nele mais do que em qualquer outra pessoa nessa cidadezinha horrorosa, mesmo sendo o Ben que salvou minha vida e eu sei que faria isso de novo, percebo que ainda estou relutante em abrir meu Ruído sobre o que aconteceu no pântano, principalmente porque sinto uma pressão no meu peito sempre que o pensamento se aproxima.

— Todd? — Ben pergunta, olhando pra mim bem de perto.

— Quieto — Manchee late, suavemente. — Quieto no pântano.

Ben olha pra Manchee, depois olha pra mim com seus olhos mansos e inquisitivos e cheios de preocupação.

— Do que ele tá falando, Todd?

Eu suspiro.

— A gente viu uma coisa, eu digo. Lá no pântano. Bem, na verdade não viu, porque a coisa se escondeu, mas era como uma fenda no Ruído, como um rasgo…

Parei de falar porque ele tinha parado de me escutar. Eu abri meu Ruído pra ele e estou tentando recordar o que aconteceu com a maior veracidade possível e ele fica me olhando de um jeito feroz e atrás de mim eu posso ouvir Cillian se aproximando e chamando ‘Ben?’ e ‘Todd?’ e a voz dele está preocupada e seu Ruído também, e o Ruído de Ben começa a zunir um pouco e eu continuo pensando, com a máxima precisão possível, no buraco que encontrei no Ruído, mas bem baixinho também, pra evitar que a cidade escute e lá vem Cillian, e Ben só fica me olhando e me olhando e finalmente eu tenho que perguntar: — São spackles? São os Spackles? Eles voltaram?

— Ben? — agora Cillian está gritando e atravessando os campos.

— A gente está em perigo? — pergunto para Ben. — Vai acontecer outra guerra?

Mas tudo o que Ben diz é: — Ai, meu Deus — bem baixinho e depois repete: — Ai, meu Deus — e depois, sem se mover ou desviar o olhar, ele diz: — Temos que tirar você daqui. Temos que tirar você daqui agora mesmo.

4

NÃO PENSE NISSO

CILLIAN VEM CORRENDO, mas antes de dizer qualquer coisa Ben o interrompe e grita.

— Não pense nisso!

Ben olha pra mim.

— Você também, não pense nisso. Cubra esse pensamento com seu Ruído. Dê um jeito de esconder. Esconda o melhor que puder — e agarra meus ombros apertando tão forte que sinto meu sangue ferver ainda mais.

— O que tá acontecendo? — eu pergunto.

— Você veio pra casa passando pela cidade? — Cillian pergunta.

— Claro que sim — respondo no ato. — Que outra bendita forma existe pra vir pra casa?

O rosto de Cillian fica tenso, mas não é por raiva da minha resposta, ele está tenso de medo, medo que eu posso escutar tão alto como uni grito no seu Ruído. Eles também não gritam comigo pela minha maneira de falar, o que deixa tudo ainda pior. Manchee está latindo desesperadamente: — Cillian! Quieto! Droga! Todd! — mas ninguém se incomoda em aquietá-lo.

Cillian olha pra Ben.

— Vamos ter que fazer isso agora.

— Eu sei — Ben diz.

— O que tá acontecendo? — pergunto outra vez, bem alto. — Fazer o quê agora? — desvio meu olhar de Ben e encaro os dois ao mesmo tempo.

Ben e Cillian se olham de novo e depois me encaram.

— Você tem que ir embora de Prentissburgo — Ben diz.

Meus olhos se movem de um lado para outro, mas eles não estão deixando sair nada no Ruído, a não ser uma preocupação geral.

— O que você quer dizer com isso? Por que eu tenho que ir embora de Prentissburgo? Não existe nenhum outro lugar no Novo Mundo, só Prentissburgo.

Eles olham um para o outro de novo.

— Parem de fazer isso! — eu grito.

— Vamos — Cillian diz. — A gente já arrumou sua mochila.

— Como vocês já podem ter arrumado minha mochila?

Cillian diz para Ben: — Provavelmente não temos muito tempo.

E Ben diz para Cillian: — Ele pode ir pelo rio.

E Cillian diz para Ben: — Você sabe o que isso significa.

E Ben diz para Cillian: — Isso não altera o plano.

— O QUE DIABOS ESTÁ ACONTECENDO? — eu urro, falando um palavrão, porque parece que a situação pede uma coisa um pouco mais forte.

QUE DIABO DE PLANO?

Mas eles ainda não estão com raiva.

Ben diminui o tom de voz e eu percebo que ele está tentando ordenar seu Ruído.

— É muito, muito importante que você mantenha o que aconteceu no pântano fora do seu Ruído.

— Por quê? Os spackles estão voltando pra matar a gente?

— Não pense nisso! — Cillian grita. — Cubra esse pensamento, mantenha-o lá no fundo e quieto, até você estar tão longe da cidade que ninguém possa te ouvir.

Agora vamos!

E sai para os fundos da casa, correndo, correndo mesmo.

— Vamos, Todd — Ben diz.

— Não até alguém me explicar alguma coisa.

— Você vai receber uma explicação — Ben diz, me puxando pelo braço —, vai receber mais do que já desejou em toda a sua vida — e tem tanta tristeza nele quando diz isso que eu não quero falar mais nada, só segui-lo de volta pra casa, com Manchee latindo desesperadamente atrás da gente.

Quando a gente chega, fico esperando…

Não sei o que estou esperando. Um exército de spackles saindo da floresta. Uma fila de homens do prefeito Prentiss com armas carregadas. A casa inteira pegando fogo. Não sei. O Ruído de Ben e Cillian não está fazendo muito sentido, meus próprios pensamentos estão fervendo como um vulcão e Manchee não para de latir. Quem pode entender alguma coisa no meio de toda essa confusão?

Mas não tem ninguém lá. A casa, nossa casa, está do mesmo jeito de sempre, quieta e com seu estilo fazenda. Cillian abre a porta dos fundos, entra na sala de oração que a gente nunca usa e começa a retirar tábuas do chão. Ben vai até a despensa e começa a jogar alimentos e frutas secas numa sacola de pano, depois vai até o banheiro, retira um pequeno kit de primeiros socorros e joga lá dentro também.

Eu fico lá parado como um bobo, imaginando o que diabos está acontecendo.

Eu sei o que você está pensando: como eu posso não saber se o dia todo, todos os dias, eu escuto cada pensamento dos dois homens que cuidam da minha casa? Mas aí é que está. Ruído é ruído. É rápido e confuso e normalmente soma uma grande rede de sons e pensamentos e imagens e na maior parte do tempo é impossível encontrar um sentido. As mentes dos homens são lugares bagunçados e o Ruído é como a face ativa e viva dessa bagunça. É o que é verdade e o que se acredita e o que se imagina e o que se fantasia, e diz uma coisa e outra coisa completamente contrária ao mesmo tempo e, mesmo a verdade estando definitivamente lá dentro, como você pode diferenciar o que é verdade e o que

não é quando você recebe tudo junto?

O Ruído é como um homem sem filtro e, sem um filtro, um homem é apenas caos em movimento.

— Não vou embora — eu digo, enquanto eles continuam fazendo suas coisas. Nem me dão bola. — Não vou embora — digo de novo, quando Ben passa por mim e entra na sala de oração pra ajudar Cillian a levantar as tábuas. Eles encontram o que estavam procurando e Cillian retira uma mochila, uma mochila velha que eu pensei que tivesse perdido. Ben abre a parte de cima e dá uma olhada rápida e eu consigo ver algumas roupas minhas e uma coisa que parece…

— Isto é um livro? — pergunto. — Vocês deveriam ter queimado todos os livros há muito tempo.

Mas eles me ignoram e o ar para bem naquele momento, quando Ben retira o livro da mochila e ele e Cillian olham pro livro e eu vejo que não é bem um livro, é mais um tipo de jornal com uma bonita capa de couro e, quando Ben folheia suas páginas, vejo que elas têm uma cor creme e estão cheias de palavras escritas à mão.

Ben fecha o livro como se fosse uma coisa importante e o enrola numa sacola de plástico para protegê-lo e o coloca de volta na mochila.

Os dois olham pra mim.

— Eu não vou a lugar nenhum — digo.

E a gente ouve uma batida na porta da frente.

Por um segundo, ninguém diz nada, todo mundo simplesmente congela.

Manchee tem tanta coisa que quer latir, que não sai nada da sua boca por um minuto, até que ele finalmente late ‘Porta!’, mas Cillian o agarra pela coleira com uma das mãos e pelo focinho com a outra, fazendo ele calar a boca. A gente olha um pro outro, imaginando o que fazer.

Outra batida e uma voz atravessa as paredes: — Sei que vocês estão aí.

— Que droga — Ben diz.

— O maldito do Davy Prentiss — Cillian diz.

É o Sr. Prentiss Jr.. O homem da lei.

— Vocês acham que eu não consigo ouvir o seu Ruído? — o Sr. Prentiss Jr. diz do outro lado da porta. — Benison Moore. Cillian Boyd — a voz faz uma pequena pausa. — Todd Hewitt.

— Não adiantou nada a gente se esconder — eu digo, cruzando os braços, ainda um pouco chateado com toda esta história.

Cillian e Ben se olham de novo, Cillian solta Manchee, diz ‘Fiquem aqui’ pra gente e caminha em direção à porta. Ben enfia a sacola de comida na mochila e a fecha. Depois me entrega a mochila.

— Coloque nas costas — sussurra.

No começo eu não aceito, mas ele faz um gesto com um olhar sério, então eu a coloco nas costas. Pesa uma tonelada.

A gente escuta Cillian na porta da frente.

— O que você quer, Davy?

— Pra você é xerife Prentiss, Cillian — o Sr. Prentiss Jr. diz.

— Estamos no meio do almoço, Davy. Volte mais tarde.

— Acho que não. Acho que preciso ter uma conversinha com o jovem Todd.

Ben olha pra mim. Seu Ruído demonstra preocupação.

— Todd tem trabalho na fazenda pra fazer — Cillian diz. — Ele está saindo pelos fundos, posso ouvi-lo.

E essas instruções são pra mim e pra Ben, não são? Mas eu quero dimais escutar o que tá acontecendo e ignoro a mão de Ben no meu ombro tentando me puxar em direção à porta dos fundos.

— Você acha que eu sou idiota, Cillian? — o Sr. Prentiss Jr. diz.

— Você realmente quer ouvir a resposta, Davy?

— Posso ouvir o Ruído dele a menos de três metros atrás de você. O de Ben também — percebemos uma mudança de humor. — Só quero falar com ele. Ele não está encrencado.

— Então por que você tem um rifle, Davy? — Cillian pergunta e Ben aperta meu ombro, provavelmente sem pensar.

A voz e o Ruído do Sr. Prentiss Jr. mudam de novo.

— Traga o garoto, Cillian. Você sabe por que eu estou aqui. Parece que uma curiosa palavrinha escapou do seu garoto na cidade de forma bastante inocente e a gente só quer ver do que se trata, é só isso.

— A gente? — Cillian pergunta.

— Sua Senhoria o prefeito gostaria de conversar com o jovem Todd — o Sr. Prentiss Jr. levanta a voz. — Vocês dois, venham aqui agora mesmo, estão me ouvindo? Não se preocupem, é só uma conversa amigável.

Ben balança a cabeça mostrando a porta dos fundos de um jeito firme e não tem discussão com ele desta vez. A gente começa a caminhar lentamente, mas Manchee não aguenta mais ficar quieto e late: — Todd?

— Vocês não estão pensando em sair de fininho pela porta dos fundos, estão? — o Sr. Prentiss Jr. grita. — Saia da minha frente, Cillian.

— Saia da minha propriedade, Davy — Cillian diz.

—Não vou falar duas vezes.

— Acho que você já disse umas três vezes, Davy, portanto, se é uma ameaça, não está funcionando.

Há uma pausa, mas o Ruído dos dois aumenta e Ben e eu sabemos o que está por vir e, de repente, tudo acontece muito rápido e a gente ouve uma pancada forte, seguida rapidamente de mais duas, e eu e Ben e Manchee estamos correndo pra cozinha, mas quando a gente chega lá já terminou, O Sr. Prentiss Jr. está no chão, com a mão na boca, o sangue escorrendo. Cillian está segurando o rifle e o

apontando para ele.

— Eu disse pra você sair da minha propriedade, Davy.

O Sr. Prentiss olha pra ele, depois olha pra gente, ainda com a mão na boca ensanguentada. Como eu disse, ele não era nem dois anos mais velho do que eu, praticamente nem conseguia dizer uma frase sem afinar a voz, mas fez aniversário e se tornou um homem, então lá está ele, nosso xerife.

O sangue que sai da sua boca está entrando nos pequenos pelos castanhos que ele chama de bigode e todo mundo chama de nada.

— Você sabe que isto responde a pergunta, não sabe? — cospe um pouco de sangue e um dente no nosso chão. — Sabe que este não é o fim — olha bem nos meus olhos. — Você encontrou alguma coisa, não foi, garoto?

Cillian mira o rifle na cabeça do Sr. Prentiss Jr..

— Fora — ele diz.

— Temos planos pra você, garoto — o Sr. Prentiss Jr. sorri um sorriso ensanguentando e se levanta. — O último garoto da cidade. Mais um mês, não é?

Eu olho pra Cillian, mas ele só levanta o cano da espingarda bem alto, mantendo a atenção.

O Sr. Prentiss Jr. olha pra gente, cospe de novo e diz: — A gente se vê por aí tentando parecer forte, mas sua voz falha e ele vai embora o mais rápido possível em direção à cidade.

Cillian bate a porta quando ele sai. — Todd tem que ir agora mesmo.

De volta ao pântano.

— Eu sei — diz Ben. — Eu esperava…

— Eu também — Cillian diz.

— Ei, ei eu digo —, eu não vou voltar pro pântano. Tem spackle lá!

— Mantenha seus pensamentos quietos — Cillian diz. Isto é mais importante do que você imagina.

— Bom, como eu não sei nada, isto não é muito difícil eu digo. — Não vou pra lugar nenhum até alguém me dizer o que está acontecendo!

— Todd… — Ben começa.

—Eles vão voltar, Todd — Cillian diz. — Davy Prentiss vai voltar e não vai estar sozinho e não poderemos proteger você de todos eles ao mesmo tempo.

—Mas…

— Sem discussão! — Cillian diz.

— Vamos, Todd — Ben diz. — Manchee vai ter que ir com você.

— Nossa, isto está ficando cada vez melhor — eu digo.

— Todd — Cillian diz e eu olho pra ele e sua expressão está diferente.

Tem algo novo no Ruído dele, uma tristeza, uma tristeza como se fosse um pesar. — Todd — ele diz novamente, depois de repente me agarra e me abraça o mais forte que pode. É tão forte que eu encosto meu lábio no seu colarinho e grito Ai!', afastando ele de mim.

— Você pode odiar a gente por isso, Todd — ele diz —, mas tente acreditar que a gente só está fazendo isso porque a gente te ama, tá bom?

— Não — eu digo —, não tá bom. Não tá nada bom.

Mas Cillian não está ouvindo, com9 sempre. Ele se levanta e diz pra Ben: — Vão, corram, vou tentar contê-los o máximo possível.

— Vou voltar por um caminho diferente — Ben diz. — Vou ver se consigo despistá-los.

Eles apertam as mãos por um longo minuto, depois Ben olha pra mim, diz: — Vamos —, e começa a me arrastar pra fora da sala até a porta dos fundos. Vejo Cillian pegar o rifle de novo, ele me olha de relance e encontra meu olhar e tem

alguma uma coisa nele, um olhar gravado nele e no seu Ruído como se este fosse um adeus maior do que parece, como se fosse a última vez que ele espera me ver. Eu abro minha boca pra dizer alguma coisa, mas a porta se fecha atrás de mim e ele desaparece.



5

AS COISAS QUE VOCÊ SABE

— VOU TE LEVAR ATÉ O RIO — Ben diz, enquanto a gente corre nos campos pela segunda vez esta manhã. — Você pode seguir o rio até o pântano.

— Não existe nenhuma trilha daquele lado, Ben, e tem crocodilo por todos os lados. Você tá querendo que eu morra?

Ele olha pra mim, mas continua correndo.

— Não tem outra solução, Todd.

— Crocodilos! Pântano! Quieto! Cocô! — Manchee late.

Até parei de perguntar o que está acontecendo, já que ninguém se incomoda em me dizer nada. A gente continua correndo, passa pelas ovelhas, que ainda não estão no cercado e agora nem sei se vão estar.

— Ovelhas! — elas dizem, enquanto nos observam passar. E a gente continua, passa pelo estábulo principal, depois por uma das grandes trilhas de irrigação, virando à direita numa trilha pequena, indo em direção ao ponto onde começa a parte selvagem, o que, resumindo, significa o começo do restante de todo este planeta vazio.

Ben fica em silêncio até chegarmos perto das árvores.

— Tem comida na sua mochila que pode durar um pouco, mas você tem que economizar o máximo possível e comer qualquer fruta que encontrar e qualquer coisa que puder caçar.

— Por quanto tempo tenho que fazer a comida durar? — pergunto.

— Quando posso voltar?

Ben para. A gente está no meio das árvores, O rio está a trinta metros de distância, mas dá pra ouvi-lo porque é aqui que ele começa a descer a colina pra

chegar até o pântano.

De repente parece o lugar mais solitário do mundo inteiro.

— Você não vai voltar, Todd — Ben diz, calmamente. — Você não pode voltar.

— Por que não? — pergunto, e minha voz sai toda gemida como um miado, mas não consigo evitar. — O que eu fiz, Ben?

Ele se aproxima de mim.

— Você não fez nada, Todd. Não fez nada mesmo — ele me abraça bem forte e posso sentir meu peito apertando de novo e estou tão confuso e assustado e irritado. Meu mundo estava como sempre esteve quando me levantei da cama esta manhã, e agora aqui estou eu, sendo mandado embora, e Ben e Cillian agindo como se eu estivesse morrendo e não é justo e não sei por que não é justo, mas simplesmente não é justo.

— Eu sei que não é justo — Ben diz, se afastando e me encarando —, mas existe uma explicação — ele abre a mochila e vejo que está tirando alguma coisa de dentro dela.

O livro.

Olho pra ele e desvio o olhar.

— Você sabe que eu não sei ler direito, Ben — eu digo, me sentindo envergonhado e estúpido.

Ele se abaixa um pouco pra ficar cara a cara comigo. Seu Ruído não está me deixando nada confortável.

— Eu sei — ele diz, gentilmente. — Sempre. tentei passar mais tempo… — ele para, mostrando o livro de novo. — É da sua mãe. É o diário dela, começando no dia em que você nasceu, Todd — ele olha pro livro —, até o dia em que ela morreu.

Meu Ruído se abre.

Minha mãe. O diário da minha mãe.

Ben passa a mão pela capa do livro.

— A gente prometeu para ela que ia te proteger. — A gente fez a promessa e depois teve que manter isso fora da nossa mente pra não aparecer nada no Ruído, nada que deixasse as pessoas saberem o que a gente ia fazer.

— Inclusive eu.

— Tinha que ser assim. Se apenas uma partezinha entrou no seu Ruído e depois na cidade…

Ele não terminou.

— Como o silêncio que eu encontrei no pântano hoje. Como ele entrou na cidade e provocou todo esse caos.

— Não, isso foi uma surpresa — ele olha pro céu, mostrando como tudo isso era uma completa novidade. — Ninguém imaginava que isso aconteceria.

— É perigoso, Ben. Eu senti o perigo.

Mas ele só mostra o livro de novo.

Começo a balançar a cabeça.

— Ben…

— Eu sei, Todd — ele diz —, mas tente fazer o melhor que puder.

— Não, Ben…

Ele me encara.

— Você confia em mim, Todd Hewitt?

Coço a cabeça. Não sei o que dizer.

— Claro que sim — respondo —, ou pelo menos confiava, antes você começar a arrumar minhas malas sem me contar nada.

Ele me olha com mais firmeza, seu Ruído focado com um raio de sol.

— Você confia em mim? — ele pergunta novamente.

Eu olho pra ele e, sim, eu confio, mesmo agora.

— Confio em você, Ben.

— Então confie em mim quando eu digo que as coisas que você sabe agora, Todd, essas coisas não são verdadeiras.

— Que coisas? — pergunto, levantando um pouco a voz. — Por que você não pode simplesmente me dizer?

— Porque o conhecimento é perigoso — ele diz, tão sério como nunca o vi antes, e quando procuro no seu Ruído pra ver o que ele está escondendo, ele urra e me dá um chega pra lá. — Se eu te contasse agora, ele zumbiria em você mais alto do que uma colméia em época de coleta de mel e o prefeito Prentiss te encontraria num piscar de olhos. E você tem que sair daqui. Tem que ir embora, o mais longe possível.

— Mas pra onde? — eu digo. — Não existe outro lugar!

Ben respira fundo. — Existe. Existe outro lugar.

Fico calado.

— Tem um mapa dobrado na capa do livro — Ben diz. — Eu mesmo o desenhei, mas não olhe pra ele, não até estar bem longe da cidade, tá me entendendo? Vá para o pântano. Você saberá o que fazer depois.

Mas posso ver pelo Ruído dele que ele não tem tanta certeza de que eu vou saber o que fazer depois.

— Ou o que vou encontrar lá, não é?

Ele não diz nada.

E eu fico pensando.

— Como é que você já tinha uma mochila preparada? — eu pergunto, dando um passo pra trás. — Se essa coisa no pântano é tão inesperada, por que você está

tão pronto para me jogar na selva hoje mesmo?

— Esse sempre foi o plano, desde que você era pequeno — vejo que ele engole em seco, e escuto sua tristeza em todos os lugares. — Assim que você fosse grande o suficiente pra se virar…

— Você ia me jogar fora pra que os crocodilos me comessem — dou mais um passo pra trás.

— Não, Todd — ele avança, ainda com o livro na mão. Recuo novamente. Ele faz um gesto dizendo que está tudo bem.

E fecha os olhos e abre seu Ruído pra mim.

Em um mês é a primeira coisa que diz…

E aqui vem meu aniversário…

O dia em que me tornarei um homem…

E…

E…

E lá está tudo…

O que acontece…

O que os garotos que se tornaram homens fizeram…

Sozinhos…

Como cada último pedacinho da infância é exterminado…

E…

E…

E o que realmente aconteceu com as pessoas que…

Minha nossa…

E não quero dizer mais nada sobre isso…

E não consigo nem descrever como isso me faz sentir.

Olho pra Ben e ele é um homem diferente do que sempre foi, é um homem diferente do homem que eu sempre conheci.

O conhecimento é perigoso.

— É por isso que ninguém conta nada — ele diz. — Pra evitar que você fuja.

— Você não me protegeria? — pergunto, miando de novo (cala a boca).

— É assim que estamos te protegendo, Todd — ele diz. — Mandando você embora. Tínhamos que ter certeza de que você poderia se virar sozinho, por isso te ensinamos todas aquelas coisas. Agora, Todd, você tem que ir…

— Se é isso que ia acontecer em um mês, por que esperar tanto tempo?

Por que não me mandaram embora antes?

— A gente não pode ir com você. Esse é o problema. E a gente não poderia suportar te mandar embora sozinho. Ver você ir embora. Não tão jovem — ele passa o dedo na capa do livro de novo. — E a gente está esperando que aconteça um milagre. Um milagre pra a gente não ter que…

Perder você, diz seu Ruído.

— Mas não está acontecendo nenhum milagre — eu digo, depois de um segundo.

Ele balança a cabeça e estende o livro.

— Sinto muito. Sinto muito que tenha que ser assim.

E tem tanto pesar no seu Ruído, tanta preocupação e ansiedade que eu sei que ele está falando a verdade, sei que ele não pode impedir o que está acontecendo e eu odeio isso, mas tomo o livro da mão dele e coloco ele de volta na sacola e na mochila. Não falamos mais nada. O que mais há pra dizer? Tudo e nada. Você não pode dizer tudo, então não diz nada.

Ele me puxa de novo, encostando meu lábio no seu colarinho igual a Cillian, mas desta vez eu não recuo.

— Sempre se lembre disso — ele diz —, quando sua mãe morreu, você se tornou nosso filho, e eu e Cillian te amamos, sempre te amamos e sempre te amaremos.

Começo a dizer ‘Não quero ir’, mas não completo a frase.

Porque BANG!! faz a coisa mais barulhenta que já escutei em Prentissburgo, como alguma coisa explodindo bem na direção do céu.

E só pode ter vindo da nossa fazenda.

Ben me deixa ir bem rápido. Não diz nada, mas seu Ruído está gritando Cillian por todos os lados.

— Vou voltar com você — eu digo. — Vou te ajudar a lutar.

— Não! Você tem que ir embora. Prometa. Vá pelo pântano e fuja.

Não digo nada por um segundo.

— Prometa — Ben diz de novo, exigindo desta vez.

— Prometa! — Manchee late e até ele está com medo.

— Eu prometo — digo.

Ben tenta pegar algo nas costas. Balança o objeto por alguns segundos antes de conseguir soltá-lo completamente, então me entrega sua faca de caça, aquela grande com cabo de osso e borda serrilhada que corta praticamente qualquer coisa, a faca que eu esperava ganhar de aniversário quando me tornasse um homem. Ela vem com o cinto, pra que eu possa usá-

lo.

— Pegue — ele diz. — Leve-a com você pro pântano. Você pode precisar dela.

— Nunca lutei contra um spackle antes, Ben.

Ele estende a faca.

A gente ouve outro BANG vindo da fazenda. Ben olha pra trás, depois pra mim.

— Vá. Siga o rio até o pântano e depois vá embora. Corra o mais rápido possível e nem pense em voltar, Todd Hewitt — agarra meu braço e aperta bem forte. — Se eu puder te encontrar, vou te encontrar, eu juro — ele diz —, mas continue correndo, Todd. Cumpra sua promessa.

E é isso. É um adeus. Um adeus que eu nem estava esperando.

— Ben…

— Vá! — ele grita e sai correndo, olhando pra trás uma vez enquanto corre e depois voltando pra fazenda, pra o que quer que esteja acontecendo no fim do mundo.



6

A FACA NA MINHA FRENTE

— VAMOS, MANCHEE — eu digo, me preparando pra correr, apesar de cada pedacinho do meu corpo querer seguir Ben enquanto ele corre pelos campos em uma direção diferente, pra confundir qualquer um que esteja em busca de Ruído.

Eu paro por um segundo quando escuto alguns BANGS vindos da casa, o que deve ser tiros de rifle, e penso no rifle que Cillian pegou do Sr.

Prentiss Jr. e em todos os rifles que o prefeito Prentiss e seus homens têm guardados na cidade; e como todas essas armas contra o rifle roubado de Cillian e as poucas outras armas que a gente tem em casa não vão fazer um luta justa por muito tempo e fico imaginando o que eram os barulhos mais fortes, e percebo que provavelmente era Cillian explodindo os geradores pra confundi-los e deixar o Ruído de todo mundo tão alto que eles não conseguiam escutar nem um sussurro meu aqui.

Tudo isso pra eu poder fugir.

— Vamos, Manchee — eu digo outra vez, e a gente corre os últimos metros até o rio. Depois a gente vira à direita e começa a seguir o rio descendo a colina, mantendo uma distância dos juncos na margem.

Os juncos onde vivem os crocodilos.

Eu retiro a faca da bainha e seguro ela enquanto a gente se move rápido.

— O que é isso, Todd? — Manchee continua latindo, querendo dizer ‘O

que está acontecendo?’

— Não sei, Manchee. Cala a boca pra eu poder pensar.

A mochila balança nas minhas costas enquanto a gente corre, mas a gente continua correndo da melhor forma possível, passando pelos arbustos do rio e saltando sobre galhos caídos.

Eu vou voltar. É isso que vou fazer. Vou voltar. Eles disseram que eu saberia o que fazer e agora eu sei. Vou pro pântano e vou matar os spackles se eu puder e depois vou voltar e ajudar Cillian e Ben, e depois poderemos ir todos juntos pra esse outro lugar do qual Ben estava falando.

Sim, é isso que vou fazer.

— Prometido, Todd — Manchee diz, parecendo preocupado porque o caminho pelo qual a gente está passando está ficando cada vez mais perto dos juncos.

— Calado — eu digo. — Eu prometi que ia seguir em frente, mas pode ser que seguir em frente signifique voltar primeiro.

— Todd? — Manchee pergunta e eu também não acredito nisso.

A gente já tinha saído da distância em que alguém poderia nos escutar da fazenda e o rio faz um pequeno desvio para o leste antes de entrar no topo do pântano, tirando a gente da cidade, e depois de um minuto não tem nada nos seguindo enquanto a gente corre, fora meu Ruído e o Ruído de Manchee e o som do rio correndo, que é alto o bastante pra cobrir até o Ruído de um crocodilo caçador. Ben diz que isso é ‘evolução’, mas ele diz que não é bom pensar muito nisso perto de Aaron.

Minha respiração está pesada e Manchee está ofegante, como se fosse tombar, mas a gente não para. O sol está começando a se pôr, mas o céu ainda está claro, claro como se não parecesse que vai se esconder. O chão está ficando mais plano e a gente está se aproximando do nível do rio quando tudo começa a ficar pantanoso e lamacento e isso faz a gente ir mais devagar.

Tem mais juncos também, que a gente não pode evitar.

— Fique atento pra ver se aparece algum crocodilo — eu digo pra Manchee. — Mantenha as orelhas levantadas.

A corrente do rio está desacelerando e, se você conseguir manter seu Ruído quieto o suficiente, pode começar a ouvi-los. O chão fica ainda mais molhado. A gente mal consegue caminhar agora, escorregando pela lama. Eu agarro a faca com mais força e a mantenho na minha frente.

— Todd? — Manchee diz.

— Você está escutando? — sussurro, tentando ver onde piso e observando os juncos e cuidando de Manchee, tudo ao mesmo tempo.

— Crocodilos, Todd — Manchee diz, o mais baixo possível.

Eu paro e escuto com atenção.

E bem lá nos juncos, em mais de um lugar, posso ouvi-los. Carne, estão dizendo.

Carne e banquete e dentes.

— Droga — eu digo.

— Crocodilos — Manchee diz outra vez.

— Vamos — eu digo e a gente começa a deslizar pela lama, porque agora a gente está num lamaçal. Meus sapatos começam a afundar a cada passo e a água já os cobre e não tem outro jeito de continuar, a não ser pelos juncos. Começo a balançar a faca enquanto a gente caminha, tentando cortar qualquer junco que aparece no caminho.

Olho pra frente e posso ver pra onde a gente está indo, pra cima e pra direita. A gente já passou da cidade e esta é a parte onde os campos selvagens aparecem e se encontram com o pântano e, se a gente conseguir passar por essa parte alagadiça, chega a um terreno seguro e poderá seguir pelos caminhos que levam à escuridão do pântano.

Foi realmente esta manhã mesmo que eu estive aqui pela última vez?

— Rápido, Manchee. A gente está quase lá.

Carne e banquete e dentes e eu juro que está se aproximando.

— Vamos!

Carne.

—Todd?

Estou abrindo caminho pelos juncos e tirando meus pés da lama e carne e banquete e DENTES.

E então eu ouço Cachorro giratório…

E sei que a gente está perdido.

— Corra! — eu grito.

E a gente corre, e Manchee solta um grito assustado e passa correndo por mim, mas eu vejo um crocodilo sair do meio dos juncos na minha frente e saltar sobre Manchee, mas Manchee está tão assustado que salta ainda mais alto, tão alto que nem ele mesmo sabe como fez isso, e os dentes do crocodilo mordem o ar vazio e ele aterrissa com um escorregão perto de mim, parecendo bastante irritado. Eu escuto seu Ruído assobiar Garoto giratório e começo a correr, e ele salta sobre mim e eu nem penso e me viro e coloco a mão pra cima e o crocodilo vem caindo em cima de mim e sua boca está aberta e suas garras estão pra fora, e eu penso que estou prestes a morrer e tento sair da lama pra um pedaço de terra mais seco, suas patas traseiras vêm na minha direção saindo dos juncos e por um minuto eu grito e Manchee late desesperadamente até eu perceber que ele não está mais vindo pra cima de mim, que o crocodilo está morto, que minha faca nova está cravada na cabeça dele, ainda está presa no crocodilo, e ele só está se movendo porque eu ainda estou me movendo e eu balanço a faca pra soltá-la, e o crocodilo cai no chão e eu meio que caio também, comemorando por não estar morto.

E é quando eu tento recuperar o fôlego, por causa do meu sangue fervendo, e Manchee só late e late e a gente riu aliviados, então percebo que a gente tava fazendo tanto barulho que não escutou uma coisa importante.

— Está indo pra algum lugar, jovem Todd?

Aaron, parado bem na minha frente.

Antes d’eu poder fazer qualquer coisa, ele me dá um soco no rosto.

Caio pra trás no chão, a mochila cravando nas minhas costas e me fazendo parecer uma tartaruga com a barriga pra cima. Minha bochecha e meu olho estão latejando de dor e eu nem consigo me ajeitar direito quando Aaron me agarra pela frente da camisa e pela pele sob a camisa e me levanta.

Eu grito de dor.

Manchee late ‘Aaron!’ com raiva e tenta morder as pernas dele, mas Aaron lhe dá um chute forte sem nem olhar pra ele, retirando ele do caminho.

Aaron me segura suspenso pra olhar bem dentro dos meus olhos.

Eu só consigo manter o olho não machucado aberto.

—O que em nome do bom Deus e do sagrado Éden você está fazendo aqui no pântano, Todd Hewitt? — ele diz, com a respiração cheirando a carne e seu Ruído do tipo mais louco que você nunca quer escutar. — Você deveria estar na sua fazenda agora mesmo, garoto.



Com a mão livre, ele me dá um soco no estômago. Eu tento me encolher por causa da dor, mas ele ainda está me segurando pela camisa e pela pele sob a camisa.

— Você tem que voltar — ele diz. — Tem coisas que você precisa ver.

Estou lutando pra respirar, mas a forma como ele diz isso chega até meus ouvidos e algumas das faíscas que eu estou pegando no Ruído dele me deixam ver um pouco da verdade.

— Você mandou eles — eu digo. — Não fui eu que eles ouviram. Foi você.

— Garotos espertos se tornam homens inúteis — ele diz, torcendo a mão na minha camisa.

Eu grito, mas também continuo falando. — Eles não escutaram o silêncio no meu Ruído. Escutaram no seu Ruído e você mandou eles pra mim pra evitar que

eles fossem atrás de você.

— Não, Todd — ele diz. — Eles ouviram isso no seu Ruído. Eu só garanti que eles ouvissem. Eu garanti que eles soubessem quem era responsável por trazer o perigo pra nossa cidade — ele trava os dentes em um largo sorriso atrás da barba. — E quem deveria ser recompensado por seus esforços.

— Você é maluco — eu digo e, gente, como isso é verdade e como eu queria que não fosse.

Seu sorriso desaparece e seus dentes travam. — É meu, Todd — ele diz.—Meu.

Não sei o que isso quer dizer, mas não paro pra pensar porque percebo que tanto Aaron quanto eu esquecemos uma coisa importante.

Eu nunca soltei a faca.

Um monte de coisas acontece ao mesmo tempo.

Aaron escuta faca no meu Ruído e percebe seu erro. Prepara o punho livre pra dar outro soco.

Eu puxo a faca e imagino se realmente consigo dar uma facada nele.

A gente ouve um som vindo dos juncos e Manchee late ‘Crocodilo!’.

E ao mesmo tempo a gente escuta: Garoto giratório.

Antes que Aaron possa se virar, o crocodilo já está em cima dele, prendendo seus dentes em seu ombro, e agarrando ele com suas garras e puxando ele de volta em direção aos juncos. Aaron me solta e eu caio no chão de novo, esfregando todos os hematomas que ele deixou no meu peito.

Olho pra cima e vejo Aaron se movendo no junco, lutando contra o crocodilo e outros crocodilos indo em direção a ele também.

— Sair daqui! — Manchee está latindo, quase gritando.

— Com certeza — eu digo e me levanto, a mochila me desequilibrando um pouco e meu olho machucado tentando abrir, mas a gente não para e a gente

corre e corre e corre.

A gente sai da parte alagadiça e corre pela parte de baixo dos campos até o começo do caminho do pântano e a gente entra no pântano, e quando a gente chega até o monte de lenha que Manchee sempre precisa de ajuda pra saltar, ele simplesmente salta sem parar e eu estou bem atrás dele, e a gente está correndo em direção aos prédios dos spackles igual esta manhã.

E a faca ainda está na minha mão e meu Ruído está soando tão alto e eu estou tão assustado, e machucado e irritado que eu sei, sem sombra de dúvida, que vou encontrar o spackle escondido no seu buraco no Ruído e vou matá-lo, morto, morto, morto por tudo o que aconteceu hoje.

— Onde está ele? — pergunto pra Manchee. — Onde está o quieto?

Manchee está farejando por todos os lados como um louco, correndo de prédio em prédio, e eu faço o possível pra acalmar meu Ruído, mas parece que não tenho nenhuma chance de conseguir isso.

— Rápido! — eu digo. — Antes que ele corra…

E as palavras mal saem da minha boca quando eu escuto. A fenda no Ruído, tão grande e horrível quanto a própria vida, eu posso ouvi-lo um pouquinho distante, detrás dos prédios dos spackles, detrás de alguns arbustos.

Mas ela não vai fugir desta vez.

— Quieto! — Manchee late, todo tenso, e corre, passando pelos prédios até os arbustos.

E o quieto se move também e, apesar d’eu poder sentir a pressão no meu peito de novo e as terríveis coisas tristes que surgem diante dos meus olhos, desta vez eu não paro, desta vez corro atrás do meu cachorro e não paro, e respiro fundo e engulo a pressão e limpo as lágrimas dos meus olhos e agarro a faca e posso ouvir Manchee latindo e posso ouvir o silêncio que está depois desta árvore, depois desta árvore, depois desta árvore e estou gritando e estou correndo em volta da árvore e estou correndo em volta do silêncio e meus dentes estão rangendo e estou gritando e Manchee está latindo e…

Eu paro.

Eu paro lá mesmo sobre minhas pegadas.

Eu absolutamente não solto a faca.

Lá está ele, olhando pra gente, respirando pesado, agachado na base de uma árvore, encolhido com medo de Manchee, seus olhos praticamente morrendo de medo, mas ainda assim tentando oferecer uma ameaça lamentável com seus braços.

E eu simplesmente paro.

Seguro a faca.

— Spackle! — Manchee late, apesar de estar assustado dimais pra atacar agora que eu recuei. — Spackle! Spackle! Spackle!

— Cala a boca, Manchee — eu digo.

— Spackle!

— Eu disse pra calar a boca! — grito, e ele para.

— Spackle? — Manchee diz, agora sem tanta certeza.

Eu engulo em seco, tentando me livrar da pressão na minha garganta, a inacreditável tristeza que vem e vem quando eu olho pra ele e ele devolve o olhar. O conhecimento é perigoso e os homens mentem e o mundo continua mudando, eu querendo ou não.

Porque não é um spackle.

— É urna garota — eu digo.

É uma garota.


uma única respiração circular você e
ESQUECI SEU ROSTO Mantenha seus
uma linha, uma linha NADA ALÉM DE
mãos
A MADEIRA EM MI
nha Norma A saudade do silêncio Ó MINHA J
sair daqui? NOSSAS SEMENTES VÃ
O dia se aproxima Um ritual sagrado, e
Carla CALE-SE, P
levanto, te abaixo, te segu
igual a trinta e
igual a sessenta e quatro Imu
MOS MAIS ANALGÉSICOS o pescoço, seu p
também VIRE O PAR
M DE QUEIMA Prego, um dois trê
Eu estou e tudo está sob o co
ARLIE dinamitado dinamitado dinamitado 1 2
ELE GAROTO HEWITT Deus escuta AS FORM
DUAS A forma como ela fazia Não sobrou
pontos a hora, a hora mais dez EM UM MÊS As
Quando vamos sair daqui?

PARTE 2

7

—É SE HOUVESSE UMA GAROTA UMA GAROTA — eu digo novamente. Ainda estou tentando recuperar o fôlego, ainda sentindo a pressão no

meu peito, definitivamente ainda segurando a faca na minha frente.

Uma garota.

Esta coisa está olhando pra gente como se a gente fosse matá-la.

Está encolhida como uma bolinha, tentando parecer o menor possível, tirando os olhos de Manchee só pra me olhar de soslaio.

Olha pra mim e pra minha faca.

Manchee está arfando e exalando, com o pelo das costas todo eriçado, pulando em círculos como se o chão estivesse quente, parecendo tão elétrico e confuso quanto eu, mas sem nenhuma chance de se acalmar.

— Que é garota? — ele late. — Que é garota?

Ele quer dizer ‘O que é uma garota?’.

— Que é garota? — late novamente e, quando a garota parece que vai saltar pra trás da grande raiz onde está agachada, o latido de Manchee se transforma num feroz rosnado ‘Fique, fique, fique, fique, fique…’.

— Bom cachorro — eu digo, apesar de não saber por que o que ele está fazendo é bom, mas o que mais se pode dizer? Isto não faz nenhum sentido, nenhum sentido mesmo, e tudo parece começar a desmoronar, como se o mundo fosse uma mesa deitada de lado e tudo sobre ela começasse a cair.

Eu sou Todd Hewitt, penso pra mim mesmo, mas quem sabe se isso é mesmo verdade?

— Quem é você? — finalmente digo, se é que esta coisa consegue me escutar com todo o meu enorme Ruído e o desespero de Manchee.

— Quem é você? — pergunto, mais alto e mais claro. — O que tá fazendo aqui? De onde você veio?

A coisa olha pra mim, finalmente, por mais de um segundo, desviando os olhos de Manchee. Olha pra minha faca, depois pro meu rosto.

Ela olha pra mim.

Ela olha.

Ela.

Eu sei o que é uma garota. Claro que sei. Já vi garotas no Ruído dos seus pais na cidade, de luto como com suas esposas, mas nem de longe com tanta frequência. Já vi garotas em gravações também. As rotas são pequenas e educadas e sorridentes. Usam vestidos e seus cabelos são longos e amarrados atrás da cabeça ou dos dois lados. Elas fazem todas as tarefas domésticas, enquanto os garotos fazem todas as tarefas fora da casa. Elas viram mulheres quando completam treze anos, igual aos garotos quando viram homens, e então elas são mulheres e tornam esposas.

É assim que funciona no Novo Mundo, ou pelo menos é como funciona em Prentissburgo. Funcionava. Deveria funcionar, pelo menos, mas não existe nenhuma garota. Elas estão todas mortas. Morreram com suas mães e suas avós e suas irmãs e suas tias. Morreram nos meses depois que eu nasci.

Todas elas, cada uma delas.

Mas aqui está uma garota.

E seu cabelo não é longo. O cabelo dela. O cabelo dela não é longo. E

ela não está vestindo nenhum vestido, está vestindo roupas que parecem versões bem mais novas das minhas roupas, tão novas que são quase como uniformes, mesmo estando rasgadas e enlameadas, e ela não é tão pequena, é do meu tamanho e, pela sua aparência, com certeza não é sorridente.

Não, não é sorridente mesmo.

— Spackle? — Manchee late, calmamente.

— Será que você pode fazer o favor de calar a boca? — eu digo.

Então como eu sei? Como eu sei que é uma garota?

Bem, pra começar, ela não é um spackle. Os spackles parecem com os homens, só que com tudo um pouco mais inchado, tudo um pouco mais longo e mais estranho do que em um homem, a boca um pouco mais alta do que deveria ser e as orelhas e olhos bem, bem diferentes. E os spackles faziam as roupas crescerem bem nos seus corpos, como liquens que você pode aparar no formato que quiser. Esse é o resultado de morar no pântano, de acordo com outra suposição de Ben, e a garota não se parece com isso, e suas roupas são normais, portanto, não tem nenhuma chance dela ser um spackle.

E em segundo lugar, eu simplesmente sei. Simplesmente sei. Não posso explicar, mas olho e observo e simplesmente sei. Ela não se parece com as garotas que eu vi nas gravações ou no Ruído e eu nunca vi nenhuma garota de carne e osso, mas lá está ela, é uma garota e fim de papo. Não me pergunte. Alguma coisa na sua forma, alguma coisa no seu cheiro, alguma coisa que eu não sei, mas está lá e ela é uma garota.

Se existisse uma garota, isso é como ela seria.

E ela não é outro garoto. Simplesmente não é. Não é como eu. Não é como eu mesmo. É uma coisa completamente diferente, embora eu não saiba como sei isso, mas eu sei quem eu sou, sou Todd Hewitt, e eu sei o que eu não sou, eu não sou ela.

Ela está olhando pra mim. Está olhando pro meu rosto, pros meus olhos.

Olhando e olhando.

E eu não estou ouvindo nada.

Minha nossa. Meu peito. Parece que vai explodir.

— Quem é você? — pergunto de novo, mas minha voz na verdade tremula, como se falhasse, porque estou tão triste (cala a boca). Travo meus dentes e fico um pouco mais irritado e digo uma vez mais: —Quem é você? — e seguro a faca um pouco mais longe. Com outro braço, limpo as lágrimas nos meus olhos bem rápido.

Alguma coisa tem que acontecer. Alguém tem que se mover. Alguém tem que fazer alguma coisa.

E não tem ninguém mais além de mim, ainda, sei lá o que o resto do mundo está fazendo.

— Você fala? — pergunto.

Ela só olha pra mim.

— Quieto — Manchee late.

— Calado, Manchee, preciso pensar.

E ela continua só olhando pra mim. Sem nenhum Ruído.

O que eu faço? Não é justo. Ben disse que eu ia chegar no pântano e saberia o que fazer, mas eu não sei o que fazer. Eles não disseram sobre uma garota, não disseram nada sobre por que o silêncio me causa tanta dor que eu mal consigo me conter pra não chorar, como se eu estivesse sentindo tanta falta de alguma coisa que nem pudesse pensar direito, como se o vazio não estivesse nela, mas em mim, e nada nunca vai poder consertar isso.

O que eu faço?

O que eu faço?

Parece que ela está se acalmando. Já não está tremendo tanto como antes, seus braços já não estão tão levantados e não está parecendo que ela vai sair correndo na primeira oportunidade, mas como você pode ter certeza quando a pessoa não tem nenhum Ruído? Como ela pode ser uma pessoa se não tem nenhum Ruído?

E será que ela pode me ouvir? Será que pode? Será que uma pessoa sem Ruído pode ouvir alguma coisa?

Eu olho pra ela e penso, o mais alto e claro que posso, Você me ouve?

Me ouve?

Mas sua expressão não muda, nada muda.

— Tudo bem — eu digo, e dou um passo pra trás. — Tudo bem. Fique aí, tá bom? Fique bem aí.

Dou mais alguns passos pra trás, mas continuo com os olhos fixos nela e ela continua com os olhos fixos em mim. Abaixo o braço que está com a faca e passo ele por uma das alças da mochila, depois me inclino e coloco a mochila no chão. Mantenho a faca em uma das mãos e com a outra abro a mochila e tento pegar o livro.

É mais pesado do que você imagina que uma coisa feita de palavras deveria ser. E tem cheiro de couro. E tem páginas e páginas com as palavras da minha mãe…

Mas isso vai ter que esperar.

— Fique de olho nela, Manchee — eu digo.

— De olho! — ele late.

Dou uma olhada dentro da capa e vejo um papel dobrado, como Ben falou. Desdobro o papel. Tem um mapa desenhado à mão de um lado e um monte de palavras atrás, mas é só um grande bloco de letras que eu não tenho a calma suficiente no meu Ruído nem pra tentar agora, então só olho o mapa.

Nossa casa está bem no topo e a cidade logo abaixo com o rio que Manchee e eu seguimos levando até o pântano e é onde a gente está agora.

Mas tem mais, não tem? O pântano continua até começar a ser um rio de novo e tem setas desenhadas ao longo da margem do rio então é praí que Ben quer que eu e Manchee vamos e eu sigo as setas com meus dedos e elas levam direto pra fora do pântano, levam direto pra…

BAM!! O mundo fica brilhante por um segundo quando alguma coisa me atinge na cabeça, bem no lugar machucado onde Aaron me deu um soco, e eu caio, mas enquanto estou caindo balanço a faca e escuto um grito de dor e me seguro pra não cair e me viro, caindo sentado no chão com força, pressionando minha cabeça com as costas da mão que segura a faca, mas olhando pro lugar de onde veio o ataque e é aqui que eu aprendo minha primeira lição: coisas sem Ruído podem te atacar de surpresa, podem chegar bem perto de você de mansinho como se nem estivessem lá.

A garota também caiu sentada no chão, longe de mim, segurando o braço com a mão, o sangue saindo por entre seus dedos. Ela deixou cair a vara com a qual me atacou e seu rosto está todo contorcido pela dor que ela deve estar sentindo por causa do corte.

— PRA QUE DIABOS VOCÊ FEZ ISSO? — eu grito, tentando não tocar meu rosto com muita força. Puxa vida, eu já tô cansado de apanhar hoje.

A garota só olha pra mim, com a testa ainda enrugada e com a mão o corte, que tá sangrando bastante.

— Vara, Todd! — Manchee late.

— E onde diabos você estava?

— Cocô, Todd.

Eu faço um som de ‘Grrr!’ e chuto um pouco de terra nele. Com sua pata ele joga terra em mim também, depois começa a farejar em alguns arbustos como se não estivesse acontecendo nada estranho no mundo. Os cachorros têm momentos de atenção tão longos quanto um fósforo. Bichos bobos.

Está começando a ficar escuro agora, o sol está começando a ser pôr, o pântano escuro está ficando ainda mais escuro e eu ainda não tenho nenhuma resposta. O tempo continua passando, e eu não deveria esperar aqui e eu não deveria voltar e não deveria haver uma garota.

Puxa, aquele corte tá mesmo sangrando.

— Ei — eu digo, com a voz falhando por causa da energia que passa pelo meu corpo. Eu sou Todd Hewitt, penso. Sou quase um homem. — Ei — eu repito, tentando ficar um pouco mais calmo.

A garota olha pra mim.

— Eu não vou te machucar — eu digo, com a respiração pesada, igual a ela. — Tá me escutando? Não vou te machucar. Contanto que você não tente me bater com mais nenhuma vara, tá bom? Ela olha nos meus olhos.

Depois olha pra faca.

Será que ela tá entendendo?

Eu abaixo a faca pra longe do meu rosto e a coloco perto do chão, mas sem soltá-la. Com minha mão livre, começo a buscar dentro da mochila de novo até encontrar o kit de primeiros socorros que Ben colocou lá. Mostro o kit.

— Primeiros socorros — eu digo. Ela não muda de expressão. — Primeiros so-cor-ros — digo, lentamente. Aponto pro meu próprio braço no lugar onde está o corte nela. — Você está sangrando.

Nada.

Suspiro e começo a me levantar. Ela se encolhe e recua um pouco.

Suspiro novamente um pouco irritado.

— Eu não vou te machucar — mostro o kit. — É remédio. Vai parar o sangramento.

Ainda nada. Talvez ela seja vazia.

— Olha — eu digo e abro o kit. Tateio com uma das mãos e retiro uma gaze, rasgando o envelope com meus dentes. Eu provavelmente estou sangrando por causa da primeira vez que Aaron me bateu e depois a garota, então pego a gaze e passo sobre meu olho e sobrancelha. Retiro a gaze e, sim, tem sangue. Seguro a gaze pra que ela veja.

— Tá vendo? Faz as coisas pararem de sangrar.

Dou um passo pra frente, só um passo. Ela recua, mas não muito. Dou outro passo, depois outro e já estou perto dela. Ela continua olhando pra faca.

— Não vou soltar a faca, portanto relaxe — digo. Empurro a gaze na direção do braço dela. — Mesmo se o corte for profundo, isso vai ajudar, tá bom? Tô tentando te ajudar.

— Todd? — Manchee late, cheio que interrogações.

— Um minuto — digo. — Olha só, você tá sangrando pra todos os lados, tá vendo? E eu posso dar um jeito nisso, é só você não ter mais nenhuma ideia

maluca com essas malditas varas.

Ela está observando. E está observando. E está observando. Eu tô tentando parecer o mais calmo possível, apesar de não me sentir calmo. Não sei por que estou ajudando ela, não depois de ela ter me atacado, mas não sei mais o que fazer. Ben disse que eu encontraria respostas no pântano e não vejo nenhuma resposta, só esta garota que tá sangrando porque eu a cortei, apesar de ela ter merecido, e se eu puder parar o sangramento talvez isso seja fazer alguma coisa.

Não sei. Não sei o que fazer, então vou fazer isso.

A garota ainda está me olhando, ainda está respirando pesado. Mas o está correndo e não está se encolhendo e então, bem discretamente, da coloca o braço na minha direção pra eu poder alcançar o corte.

— Todd? — Manchee late de novo.

— Calado — eu digo, não querendo assustar mais a garota. Estar tão perto do silêncio dela é como partir meu coração pra todos os lidos. Sinto como se estivesse me jogando num poço sem fundo, como estivesse caindo e caindo e caindo.

Mas eu me contenho, eu me contenho. Continuo e pressiono a gaze no braço dela, passando sobre o corte, que é bem profundo, até de fechar um pouco e parar de sangrar.

— Você tem que ter cuidado — eu digo. — Não está totalmente curado.

Tem que ter cuidado com o corte até seu corpo curar o resto, tá bom?

E ela só olha pra mim.

— Tudo bem — eu digo pra mim mesmo, porque agora que a gente a passou por essa parte, o que a gente faz?

— Todd? — Manchee late. — Todd?

— E nada de varas, tá entendendo? — eu digo pra garota. — Nada de me bater.

— Todd? — Manchee outra vez.

— E obviamente meu nome é Todd.

E lá, lá mesmo, sob a luz pálida, será que é o começo de um sorriso?

Será?

—Você…? eu digo, olhando bem no fundo dos olhos dela até onde a pressão no meu peito permite. — Você me ouve?

— Todd — o latido de Manchee percebe alguma coisa.

Eu olho pra ele: — O que foi?

—Todd! TODD!!!

E a gente escuta. Um barulho entre os arbustos e galhos quebrando, e passos correndo e Ruído e Ruído e, droga, Ruído.

— Levante-se — eu digo pra garota. — Levante-se! Agora!

Pego minha mochila e coloco nas costas e a garota parece aterrorizada, não consegue sair do lugar e eu grito ‘Vamos!’ pra ela de novo e agarro seu braço, sem pensar sobre o corte agora, e tento levantá-la mas, de repente, é tarde dimais e a gente ouve um grito e um urro e um som como árvores inteiras caindo e eu e a garota nos viramos pra ver o que é e lá está Aaron, e ele está uma fera, e está destroçado e está vindo bem pra cima da gente.



8

AS ESCOLHAS DE UMA FACA

EM UM PISCAR DE olhos ele já está em cima da gente. Antes que eu possa pelo menos tentar correr, ele vem pra cima de mim com as mãos estendidas, agarrando meu pescoço e me esmagando contra uma árvore.

— Seu IMUNDO! — ele grita e aperta minha garganta. Eu arranho os braços dele, tentando acertá-lo com a faca, mas minha mochila caiu e a alça prendeu meu braço na árvore, de forma que ele pode continuar me estrangulando pelo tempo que quiser.

Seu rosto é um pesadelo, uma coisa horrorosa que eu não vou tirar da minha mente mesmo se eu conseguir sair desta enrascada. Os crocodilos arrancaram a orelha dele e uma longa faixa de pele da bochecha esquerda foi junto. Dá pra ver os dentes pelo rasgo e está fazendo o olho saltar pra fora como se a cabeça dele tivesse sido comprimida. Ele tem outros cortes no queixo e no pescoço, e as roupas dele estão rasgadas e tem sangue em praticamente em todo o corpo, dá pra ver até um dente de crocodilo saindo de um pedaço de pele rasgada no ombro dele.

Estou tentando respirar, mas não consigo, e você não pode imaginar a dor que eu estou sentindo, e o mundo está girando e meu cérebro está esquisito, e eu tenho esse pensamento idiota que Aaron não sobreviveu ao ataque dos crocodilos, que ele morreu, mas está com tanta raiva de mim que a morte não o impediu de vir até aqui pra me matar.

— DO QUE VOCÊ TÁ RINDO? — ele grita, e pequenas gotas de sangue e cuspe e pedaços de pele respingam no meu rosto. Ele aperta meu pescoço com mais força e eu sinto que vou vomitar, mas não tem pra onde o vômito ir e eu não consigo respirar e todas as luzes e cores estão se mesclando e eu estou morrendo e eu vou morrer.

— AAH! — Aaron me solta de repente. Eu caio no chão e vomito pra todos os lados e respiro fundo, o que me faz tossir de um jeito que parece que nunca vai parar. Olho pra cima e vejo o focinho de Manchee agarrado na perna de Aaron,

mordendo com toda sua força.

Bom cachorro.

Aaron dá um tapa em Manchee, fazendo ele voar para os arbustos.

Eu escuto um barulho e um grito e um ‘Todd?’.

Aaron olha pra mim de novo e eu não consigo parar de olhar pro rosto dele, para aqueles cortes, ninguém poderia ter sobrevivido a isso, ninguém, não é possível.

Talvez ele realmente esteja morto.

— Onde está o sinal? — ele diz, com a expressão deformada mudando rapidamente e olhando em volta em um repentino pânico.

O sinal?

A…

A garota.

Eu olho também. Ela sumiu.

Aaron gira outra vez, e eu percebo que ele está escutando o mesmo que eu, escutando os farfalhos e estalos enquanto ela corre, escutando o silêncio enquanto ela se distancia da gente e, sem olhar de novo pra mim, ele sai correndo atrás dela e desaparece.

Como um passe de mágica, eu fico sozinho.

Como um passe de mágica, como se eu não tivesse nada a ver com nada aqui.

Que dia ridículo foi este.

— Todd? — Manchee sai mancando dos arbustos.

— Eu tô bem, amigão — tento dizer, apesar da tosse, mesmo não sendo verdade. — Eu tô bem.

Tento continuar respirando entre os ataques de tosse, com a testa no chão, jorrando cuspe e vômito pra todo lado.

É quando esses pensamentos começam a surgir. Eles vêm sem ser convidados, não é mesmo?

Porque talvez seja isso, não é? Talvez tudo tenha terminado, simples assim. A garota é obviamente o que Aaron quer, sei lá o que ele quis dizer com ‘sinal’… A garota é obviamente o que a cidade quer, mesmo com todo o tumulto que o silêncio causa no meu Ruído. Então se Aaron puder ficar com ela e a cidade também, seria o fim de tudo, certo? Eles poderiam conseguir o que querem e me deixariam em paz, eu poderia voltar e tudo seria como antes e, claro, provavelmente não seria bom pra garota, mas poderia salvar Ben e Cillian.

Poderia me salvar.

Só estou pensando, tá bom? Os pensamentos vêm como um relâmpago, é só isso.

Pensamentos que isso poderia acabar tão rápido quanto começou.

— Acabar — Manchee murmura.

E então eu escuto um grito terrível, terrível, que obviamente é a garota sendo pega e esta é a escolha feita, não é?

O próximo grito vem um segundo depois, mas eu já estou de pé mesmo sem pensar, tirando minha mochila, me inclinando um pouco, ainda tossindo, tentando recuperar o fôlego, mas com a faca na mão e correndo.

É fácil segui-los. Aaron está se arrastando pelos arbustos como um touro e seu Ruído está vomitando um urro e sempre, sempre, sempre está o silêncio da garota, mesmo por trás dos gritos dela, que de alguma forma tornam ainda mais difícil escutar seu silêncio. Eu corro o mais rápido que posso atrás deles, Manchee me seguindo, e não passa nem meio minuto até alcançá-los e lá estou eu, um gênio que não tem ideia do que fazer. Aaron a seguiu até um lugar com água que chega aos calcanhares e a encurralou contra uma árvore. Agarrou seus pulsos, mas ela está lutando, lutando e chutando com todas as suas forças, mas seu rosto está tão assustado que eu mal consigo falar.

— Deixa ela em paz — minha voz sai, mas ninguém dá bola. O Ruído de Aaron

está gritando tão alto que eu não sei se ele me escutaria mesmo se eu gritasse, O RITUAL SAGRADO e o SINAL DE DEUS e O CAMINHO

DO SANTO e imagens da garota em uma igreja, imagens da garota bebendo o vinho e comendo a hóstia, imagens da garota como um anjo.

A garota como um sacrifício.

Aaron agarra os pulsos dela com uma de suas mãos, retira a corda de sua túnica e começa a amarrar suas mãos. Ela dá um chute forte nele no mesmo lugar que Manchee mordeu e ele dá um tapa no rosto dela.

— Deixa ela em paz — eu digo outra vez, tentando aumentar minha voz.

— Em paz! — Manchee late, ainda mancando, mas feroz. Que cachorro danado de bom.

Eu dou um passo pra frente. Aaron está de costas pra mim, como se não se importasse com a minha presença, como se nem me considerasse uma ameaça.

— Solta ela — eu tento gritar, mas isso me faz tossir mais. Nada ainda.

Nada de Aaron nem de ninguém.

Vou ter que fazer isso. Vou ter que fazer isso. Minha nossa, minha nossa, minha nossa, vou ter que fazer isso.

Vou ter que matá-lo.

Levanto a faca.

Já levantei a faca.

Aaron se vira, nem tão rápido, só como se alguém tivesse chamado seu nome. Ele me vê lá, parado, com a faca no ar, sem me mover, como o maldito covarde que eu sou, e ele sorri, e minha nossa, eu nem consigo explicar como um sorriso fica horroroso naquele rosto rasgado.

— Seu Ruído te revela, jovem Todd — ele diz, soltando a garota, que está tão amarrada e espancada que nem tenta correr. Aaron dá um passo na minha

direção.

Eu dou um passo pra trás (cala a boca, por favor, cala a boca).

— O prefeito vai ficar decepcionado ao saber que você fugiu, garoto — Aaron diz, dando outro passo. Eu dou outro passo também, a faca no ar como se fosse inútil.

— Mas Deus não quer um covarde — Aaron diz —, não é, garoto?

Rápido como uma cobra, seu braço esquerdo atinge meu braço direito, fazendo a faca voar da minha mão. Ele me bate no rosto com a mão direita, me fazendo cair sobre a água e eu sinto os joelhos dele pressionando o meu peito e suas mãos apertando a minha garganta pra terminar o trabalho, mas desta vez o meu rosto está debaixo d'água, então vai ser bem mais rápido.

Eu luto, mas perdi. Perdi. Tive minha oportunidade e perdi, e eu mereço isso e estou lutando, mas não sou tão forte quanto era antes e posso sentir o fim chegando. Posso sentir que estou desistindo.

Estou perdido.

Perdido.

E então, na água, minha mão encontra uma pedra.

BUM! Pego a pedra e bato na cabeça dele antes de nem sequer pensar.

BUM! Outra vez.

BUM! E outra vez.

Sinto que ele sai de cima de mim e levanto a cabeça, engasgando com a água e o ar. Me sento e levanto a pedra de novo pra bater nele, mas ele está deitado sobre a água, metade do rosto arrancada, os dentes sorrindo pra mim pelo rasgo na bochecha. Eu me afasto dele, me arrastando, tossindo e cuspindo, e ele fica lá, afundando um pouco, sem se mover.

Sinto como se a minha garganta estivesse fechada, mas vomito um pouco de água e consigo respirar um pouco melhor.

— Todd? Todd? Todd? — Manchee diz, vindo pra cima de mim, me lambendo e latindo como um cachorrinho. Eu coço suas orelhas e não consigo dizer nada ainda.

A gente sente o silêncio e procura e lá está a garota, parada perto da gente, com as mãos ainda amarradas.

Segurando a faca entre os dedos.

Eu me sento, congelado, por um segundo, e Manchee começa a rosnar, mas depois eu percebo. Respiro mais um pouco e retiro a faca das mãos dela e corto a corda com a qual Aaron amarrou seus pulsos. A corda cai e ela passa a mão no lugar onde estava amarrada, ainda me encarando, ainda não dizendo nada.

Ela sabe. Ela sabe que eu não consegui.

Maldito, eu penso comigo mesmo. Que maldito eu sou.

Ela olha pra faca. Olha pra Aaron, deitado na água.

Ele ainda está respirando. Engole água a cada respiração, mas ainda está respirando.

Eu pego a faca. A garota olha pra mim, pra faca, pra Aaron, pra mim de novo.

Será que ela está me dizendo? Será que ela está me dizendo pra fazer isso?

Ele está caído lá, indefeso, provavelmente até se afogando.

E eu tenho uma faca.

Eu me levanto, caio de tontura e me levanto de novo. Dou um passo em direção a ele. Levanto a faca. De novo.

A garota respira fundo e posso sentir que está prendendo a respiração.

— Todd? — Manchee diz.

E eu levanto a faca pra Aaron. Mais uma vez, tenho minha oportunidade. Mais uma vez, a faca está levantada.

Eu poderia fazer isso. Ninguém no Novo Mundo me culparia. Eu estaria no meu direito.

Eu poderia simplesmente fazer isso.

Mas uma faca não é um objeto qualquer, não é mesmo? É uma escolha, é uma coisa que você faz. Uma faca diz sim ou não, corte ou não, morra ou não. Uma faca tira uma decisão da sua mão e coloca essa decisão no mundo e nunca mais volta atrás.

Aaron vai morrer. Seu rosto está dilacerado, sua cabeça está esmagada, ele está afundando na água rasa sem nem sequer acordar. Ele tentou me matar, queria matar a garota, é responsável pelo tumulto na cidade, deve ter sido ele quem enviou o prefeito pra fazenda e por musa disso ele é responsável por Ben e Cillian. Ele merece morrer. Ele merece.

E eu não consigo abaixar a faca pra terminar o serviço.

Quem sou eu?

Eu sou Todd Hewitt.

Sou o maior e mais estúpido desperdício.

Não consigo.

Que maldito eu sou, penso comigo mesmo de novo.

— Vamos — eu digo pra garota. — A gente tem que sair daqui.



9

QUANDO A SORTE NÃO

ESTÁ COM VOCÊ

PRIMEIRO EU PENSO que ela não virá. Não tem motivo pra ela vir, não tem motivo nem pra eu chamá-la pra vir, mas quando eu digo ‘Vamos’ uma segunda vez com um tom mais imperativo e gesticulo, ela me segue e segue Manchee, e é assim que as coisas são, não sei se é o melhor, mas é assim que nós somos.

A noite cai. O pântano parece ainda mais denso aqui, com essa escuridão toda. A gente volta correndo pra pegar a minha mochila e caminha um pouco na escuridão pra ficar longe do corpo de Aaron (tomara que seja um corpo). A gente passa por árvores e raízes, entrando cada vez mais no pântano. Quando a gente chega a uma clareira com um pouco de terra plana, a gente para.

Ainda estou segurando a faca. Ela está lá na minha mão, brilhando pra mim como uma vergonha, como a palavra covarde piscando sem parar.

Reflete a luz das duas luas e, meu Deus, é uma coisa poderosa. Uma coisa poderosa, e eu deveria ser parte dela, em vez de ela ser uma parte minha.

Coloco a bainha com a faca entre a mochila e as minhas costas, onde pelo menos não tenho que ficar olhando pra ela.

Tiro a mochila e busco uma lanterna.

— Você sabe usar uma desta? — pergunto pra garota, acendendo e apagando a lanterna algumas vezes.

Ela só olha pra mim, como sempre.

— Deixa pra lá — eu digo.

Minha garganta ainda dói, meu rosto ainda dói, meu peito ainda dói, meu Ruído continua me martelando com visões de notícias ruins, da briga que Cillian e Ben tiveram que enfrentar na fazenda, do tempo que vai levar pro Sr. Prentiss Jr.

descobrir pra onde eu fui, do tempo que vai levar pra ele vir atrás de mim, atrás da gente (não será muito tempo, se é que ele já não está a caminho), então quem se importa se ela sabe usar uma lanterna? Claro que ela não se importa.

Retiro o livro da mochila, usando a lanterna pra iluminar. Abro o mapa de novo e sigo as setas de Ben saindo da nossa fazenda pelo rio, passando pelo pântano e depois saindo do pântano quando ele se transforma em rio de novo.

Não é difícil encontrar a saída do pântano. Lá no horizonte sempre dá pra ver três montanhas, uma próxima e duas mais distantes, só que perto uma da outra. O rio no mapa de Ben está entre a montanha mais próxima e as duas mais distantes, portanto, tudo o que a gente tem que fazer é continuar caminhando em direção a esse espaço no meio até encontrar o rio outra vez e segui-lo. Segui-lo até onde as setas apontam.

Elas apontam pra outra colônia.

Lá está ela, bem na parte de baixo da página, onde o mapa termina.

Um lugar totalmente diferente.

Como se eu já não tivesse coisas diferentes suficientes pra pensar.

Olho pra garota, que ainda está me encarando, quase sem piscar. Coloco a luz da lanterna no rosto dela. Ela desvia o olhar.

— De onde você veio? — pergunto. — Daqui?

Aponto a lanterna pro mapa e coloco o dedo na outra cidade. A garota não se move. Eu gesticulo pra ela. Mesmo assim ela não se move, então eu suspiro e pego o livro e levo até ela e ilumino a página com a lanterna.

— Eu — aponto pra mim mesmo — sou daqui — aponto pra nossa fazenda no norte de Prentissburgo no mapa. — Isto — balanço os braços pra mostrar o pântano — está aqui — aponto pro pântano no mapa. — A gente precisa ir pra lá — aponto para a outra cidade. Ben escreveu o nome da outra cidade ao lado, mas… Deixa pra lá. —f daqui que você veio? — aponto pra ela, aponto para a outra cidade, aponto pra ela de novo. — Você é daqui?

Ela olha pro mapa, mas, fora isso, nada.

Eu suspiro, frustrado, e me afasto dela. É desconfortável ficar tão perto.

— Bem, eu realmente espero que sim — eu digo, olhando de novo pro mapa. — Porque é pra lá que a gente vai.

— Todd — Manchee late. Eu olho pra cima. A garota começou a caminhar em círculos na clareira, observando em volta como se aquilo tudo tivesse algum significado pra ela.

— O que você tá fazendo? — eu pergunto.

Ela olha pra mim, pra lanterna na minha mão e aponta pra algumas árvores.

— O quê? — eu digo. — A gente não tem tempo…

Ela aponta para as árvores de novo e começa a caminhar.

—Ei! —eu digo. —Ei!

Acho que devo segui-la.

— Temos que seguir o mapa! — abaixo a cabeça ao passar por alguns galhos, enroscando a mochila algumas vezes. — Ei! Espere!

Eu tropeço, Manchee está atrás de mim, a lanterna não funciona muito bem por causa de todos os galhos e raízes e lamaçais em um pântano tão grande. Tenho que ficar abaixando a cabeça e protegendo a mochila pra poder mal ver um palmo na frente do nariz enquanto a sigo. Eu a vejo parada perto de uma árvore caída e aparentemente queimada, me esperando e me observando enquanto eu me aproximo.

— O que você tá fazendo? — eu digo, finalmente alcançando a garota.

— Onde você…

E então eu vejo.

A árvore está queimada, foi queimada e derrubada recentemente, as lascas não queimadas estão limpas e brancas como madeira nova. E tem um montão de árvores iguais a ela, uma fileira de árvores, na verdade, dos dois lados de uma

grande vala escavada no pântano, agora cheia de água, mas entulhada de sujeira e plantas queimadas por todos os lados. Parece que é algo novo, como se alguém tivesse vindo aqui e cavado tudo em um ardente ataque.

— O que aconteceu? — aponto a lanterna em volta do lugar. — O que provocou isso?

Ela só olha pra esquerda, onde a vala desaparece na escuridão.

Aponto a lanterna naquela direção, mas a luz não é forte o suficiente pra ver o que está lá. Mas parece que alguma coisa está lá.

A garota sai correndo na escuridão em direção a essa coisa misteriosa.

— Pra onde você tá indo? — eu pergunto, não esperando uma resposta e não recebendo nenhuma. Manchee fica entre a garota e eu, como se estivesse seguindo ela agora, em vez de mim, e eles saem caminhando pela escuridão. Eu mantenho uma distância, mas vou atrás. O silêncio que sai de dentro dela ainda me incomoda, como se ele estivesse pronto pra engolir o mundo inteiro, comigo junto.

Ilumino cada centímetro quadrado de água com a lanterna. Os crocodilos normalmente não ficam nesta profundidade do pântano, mas é só normalmente, além do mais estão as cobras vermelhas, que são venenosas, e as doninhas agressivas e parece que a sorte não está com nenhum de nós hoje, portanto, se alguma coisa tiver que dar errado, provavelmente dará.

A gente se aproxima, e eu aponto a lanterna pra baixo pra enxergar o caminho e alguma coisa começa a refletir o brilho, alguma coisa que não é uma árvore nem um arbusto nem um animal nem a água.

Alguma coisa metálica. Alguma coisa grande e metálica.

— O que é aquilo? — eu pergunto.

A gente se aproxima e primeiro eu penso que é só uma grande fissicleta e imagino que tipo de idiota tentaria passear de fissicleta em um pântano, porque a gente mal consegue fazer essas fissicletas funcionarem em estradas de terra planas, imagine sobre água e raízes.

Mas não é uma fissicleta.

— Espere um pouco.

A garota para.

Quem imaginaria? Ela parou.

— Então você me entende, né?

Mas nenhuma resposta, como sempre, nada.

— Espere um segundo — eu digo, porque um pensamento está vindo. A gente ainda está um pouco longe, mas continuo iluminando o metal com a lanterna. E depois a linha reta que a vala desenha. E o metal de novo. E

todas as coisas queimadas dos dois lados da vala. E um pensamento fica piscando.

A garota para de esperar e segue em direção ao metal e eu vou atrás dela. Temos que passar por uma grande pilha de madeira queimada, que ainda solta um pouco de fumaça em um ou dois lugares, pra chegar até a coisa e, quando a gente chega, vejo que é muito maior do que a maior fissicleta e mesmo assim parece ser apenas uma parte de uma coisa ainda maior. Está quase toda amassada e queimada e, mesmo sem saber como era antes de ser amassada e queimada, obviamente se transformou em escombros.

E obviamente são os escombros de uma nave.

Uma nave aérea. Talvez até uma nave espacial.

— Isto é seu? — eu pergunto, apontando a lanterna pra garota. Ela não diz nada, como sempre, mas não diz nada de uma forma que poderia estar concordando.
— Você caiu aqui?

Ilumino seu corpo de cima até embaixo, suas roupas, que são um pouco diferentes das que eu estou acostumado, claro, mas não são tão diferentes que não poderiam ter sido minhas há muito tempo.

— De onde você veio? — pergunto.

Mas claro que ela não diz nada e só olha pra um lugar na escuridão, cruza os braços e começa a caminhar até lá. Desta vez eu não a sigo.

Continuo olhando pra nave. Pelo menos acho que é uma nave. Quero dizer, olhe bem pra isso. A maior parte está esmagada e não dá pra reconhecer, mas ainda dá pra ver uma coisa que pode ser um casco, outra coisa que pode ser um motor e até uma coisa que pode ter sido uma janela.

As primeiras casas em Prentissburgo eram feitas com as naves nas quais os colonizadores originais chegaram. Claro, casas de madeira e lenha foram construídas depois, mas Ben diz que a primeira coisa que você faz quando aterrissa é construir abrigo imediatamente, e esse abrigo é feito com os primeiros materiais que você tem à mão. A igreja e o posto de gasulina na minha cidade ainda têm uma parte do casco de metal e dos suportes e cabines e coisas do tipo. E, apesar desse monte de escombros estar bastante destruído, se você olhar bem, ele pode ser uma antiga casa de Prentissburgo que caiu lá do céu, em chamas.

— Todd! — Manchee late de algum lugar na escuridão. — Todd!

Eu vou correndo na direção em que a garota foi, em volta dos escombros até uma parte que parece menos destruída. Quando passo correndo, até vejo uma porta que foi aberta do lado da parede de metal um pouco pra cima e tem um pouco de luz lá dentro.

— Todd! — Manchee late e eu aponto a lanterna pra ele, que está perto da garota. Ela está lá parada, olhando pra alguma coisa e então eu aponto a lanterna e vejo que ela está ao lado de duas longas pilhas de roupas.

Que na verdade são dois corpos, não são?

Eu caminho até lá, apontando a lanterna pra baixo. Tem um homem com as roupas e o corpo quase todos queimados do peito pra baixo. Seu rosto tem queimaduras também, mas dá pra reconhecer que era um homem. Tem uma ferida na testa que o teria matado mesmo se as queimaduras não tivessem dado conta do recado, mas não importa, porque de qualquer jeito ele está morto. Morto e abandonado aqui num pântano.

Movo um pouco a lanterna e vejo que ele está deitado ao lado de uma mulher, não é?

Prendo a respiração.

É a primeira mulher que eu vejo em carne e osso, e é parecida com a garota. Nunca vi uma mulher de verdade antes, mas se existisse uma mulher de verdade, ela seria assim.

E morta também, claro, mas não tem nenhuma queimadura e nenhum corte nela, nem sangue em suas roupas, portanto ela deve ter tido um ferimento interno.

Mas é uma mulher. Uma mulher de verdade.

Aponto a lanterna pra garota. Ela não recua.

— É a sua mãe e o seu pai, não é? — pergunto, com a voz baixa.

Ela não diz nada, mas deve ser verdade.

Ilumino os escombros com a lanterna e penso na vala queimada atrás dela e só pode significar uma coisa. Ela caiu aqui com a mãe e o pai. Eles morreram. Ela sobreviveu. E, se ela veio de algum outro lugar no Novo Mundo ou se veio de qualquer outro lugar, não importa. Eles morreram, ela sobreviveu, e ela está aqui, sozinha.

E foi encontrada por Aaron.

Quando a sorte não está com você, está contra você.

No chão eu vejo marcas onde a garota deve ter puxado os corpos pra fora do acidente e trazido eles até aqui. Mas o pântano não serve pra enterrar nada a não ser spackle porque depois de cinco centímetros de sujeira você só encontra água e deve ser por isso que eles estão aqui. Eu odeio dizer isso, mas eles realmente cheiram mal, apesar de não ser um cheiro tão ruim quanto você pensa, comparado com o fedor do pântano, então quem sabe há quanto tempo esta garota já está aqui.

Ela olha pra mim de novo, sem chorar, sem sorrir, mais vazia do que nunca. Depois passa por mim, caminha de volta pelas marcas, vai até a porta que eu vi aberta na lateral dos escombros, sobe e desaparece lá dentro.



10

COMIDA E FOGO

— EI! — EU DIGO, seguindo ela até os escombros. — A gente não pode perder tempo…

Chego até a porta na mesma hora em que ela está saindo e dou um pulo pra trás. Ela espera eu sair do caminho, depois pula a porta e passa por mim, carregando uma bolsa em uma das mãos e alguns pequenos pacotes na outra. Eu olho de novo pra porta e tento ficar na ponta dos pés pra espiar. Tudo parece destruído lá dentro, como era de se esperar, coisas jogadas pra todo lado e um montão de coisas quebradas.

— Como você sobreviveu a isso? — pergunto.

Mas ela está ocupada. Coloca a sacola e os pacotes no chão e retira uma coisa que parece uma caixa pequena e verde. Coloca a caixa sobre uma área mais seca do chão e empilha alguns adesivos sobre ela. Eu olho sem acreditar.

— A gente não tem tempo pra fazer um…

Ela aperta um botão na lateral da caixa e vum! surge uma enorme e instantânea fogueira.

Eu fico lá parado como um tonto com a boca aberta.

Eu também quero uma caixa-fogueira.

Ela olha pra mim e esfrega os braços um pouco e só então eu percebo que estou ensopado e com frio e com dor no corpo todo e que uma fogueira é o mais parecido com uma benção que eu consigo imaginar.

Olho pra trás, pra escuridão do pântano, como se pudesse ver alguém se aproximando. Não é nada, claro, mas também não há nenhum som.

Ninguém por perto. Ainda não.

Olho de novo pro fogo.

— Só por um segundo — digo.

Caminho até ele e começo a aquecer minhas mãos, sem tirar a mochila.

Ela abre um pacote e joga outro pra mim e eu fico olhando pra ele até ela enfiar os dedos no seu pacote, retirar algo que parece um pedaço de fruta seca e comer.

Ela está me dando comida. E fogo.

Ela se senta perto do fogo e come. Seu rosto ainda não tem nenhuma expressão, está vazio como uma pedra. Eu também começo a comer. As frutas, ou sei lá o que é aquilo, são como bolinhas enrugadas, mas são doces ë mastigáveis e eu já terminei o pacote inteiro em meio minuto antes de perceber que Manchee está pedindo.

— Todd? — ele diz, lambendo os beiços.

— Oh — eu digo —, desculpa.

A garota olha pra mim, olha pra Manchee, depois tira um punhado do seu próprio pacote e entrega pra ele. Quando ele se aproxima, ela recua um pouco, como se não pudesse evitar, e deixa cair as frutas no chão. Manchee não se importa. Dá uma abocanhada na mesma hora.

Eu aceno com a cabeça. Ela não retribui o gesto.

A noite está tão escura quanto qualquer coisa fora do nosso pequeno círculo de luz. Só dá pra ver as estrelas pelos buracos na copa das árvores desenhados pela nave que caiu. Eu tento lembrar se na semana passada eu escutei algum barulho distante vindo do pântano, mas qualquer coisa a essa distância poderia ter sido abafada pelo Ruído em Prentissburgo, imagino, e ninguém perceberia.

Penso em alguns pastores.

Quase todo mundo.

— A gente não pode ficar — eu digo. — Sinto muito pelos seus pais e tudo, mas tem outras pessoas que virão atrás da gente. Mesmo Aaron estando morto.

Ela encolhe um pouco ao ouvir o nome de Aaron. Ele deve ter dito seu nome pra ela. Ou alguma coisa parecida. Talvez.

— Sinto muito — eu digo, sem saber exatamente por quê. Ajeito a mochila nas costas. Parece mais pesada do que nunca. — Brigado pela gororoba, mas temos que ir — eu olho pra ela. — Você vem com a gente?

Ela olha pra mim por um segundo e depois usa a ponta da bota pra apagar os galhos ardentes da caixinha verde. Depois se abaixa, aperta o botão de novo e pega a caixa sem nem se queimar.

Puxa, eu realmente quero uma desta.

Ela coloca nas costas a sacola que pegou nos escombros e passa a alça pela cabeça, como se fosse uma mochila. Como se já estivesse planejando vir comigo mesmo antes de agora.

— Bem — eu digo, e ela só me encara. — Acho que a gente está pronto.

Ninguém sai do lugar.

Eu olho de novo pra mãe e pro pai dela. Ela olha também, mas só por um segundo. Quero dizer alguma coisa pra ela, alguma coisa significativa, mas o que dizer? Mesmo assim abro a boca, mas ela começa a procurar alguma coisa na sacola. Eu penso que vai ser alguma coisa pra, sei lá, lembrar seus pais ou fazer algum tipo de homenagem ou uma coisa assim, mas ela encontra o que está buscando e é só uma lanterna. Liga a lanterna — então ela sabe como elas funcionam — e começa a caminhar, primeiro na minha direção, depois passando por como se a gente já estivesse de saída.

E é isso, como se a mãe e o pai dela não estivessem lá no chão, mortos.

Eu a observo caminhar por alguns segundos antes de dizer ‘Ei!’.

Ela olha pra mim.

— Não é por aí — aponto pra nossa esquerda. — É pra este lado.

Eu vou pro lado certo, Manchee me segue e eu olho pra trás e a. garota está vindo atrás da gente. Olho uma última vez atrás dela e, apesar de querer muito ficar e procurar mais coisas úteis nos escombros, e como eu quero, a gente tem que ir, mesmo sendo noite e mesma ninguém tendo dormido, a gente tem que ir.

E assim a gente vai embora, observando o horizonte por entre árvores quando é possível e caminhando em direção ao espaço entre a montanha mais próxima e as duas montanhas mais distantes. As duas luas estão mais da metade cheias e o céu está claro, iluminando um pouco o caminho, mesmo naquele pântano coberto, mesmo na escuridão.

— Fique atento — eu digo pra Manchee.

— Pra quê? — ele late.

— Caso apareçam coisas que queiram nos pegar, seu idiota.

A verdade é que não dá pra correr num pântano escuro à noite, por isso a gente anda o mais rápido que pode. Eu ilumino o caminho, abrindo uma trilha, passando pelas raízes das árvores e tentando não pisar em muita lama.

Manchee vai na frente e volta, farejando por todos os lados e às vezes latindo, mas nada sério. A garota nos segue, nunca ficando pra trás, mas nunca se aproximando muito. O que é bom, porque apesar do meu Ruído estar bem quieto, o silêncio dela ainda me pressiona sempre que ela se aproxima.

É estranho ela não ter feito nada mais pro pai e pra mãe quando fomos embora, não é? Nem chorou nem fez uma última visita nem nada? Tô errado? Eu daria qualquer coisa pra ver Ben e até Cillian de novo, mesmo se eles estivessem… Bem, ainda que estejam…

— Ben — Manchee diz, aos meus pés.

— Eu sei — coço entre suas orelhas.

A gente continua.

Eu iria querer enterrar eles, se fosse preciso. Iria querer fazer alguma coisa, não

sei o quê. Eu paro e olho pra trás pra garota, mas o rosto dela está do mesmo jeito, do mesmo jeito de sempre, e será que é porque ela caiu e seus pais morreram? Será que é porque Aaron a encontrou? Será que é porque ela veio de outro lugar?

Será que ela não sente nada? Será que não tem nada por dentro?

Ela está me olhando, esperando eu seguir em frente.

E então, depois de um segundo, eu prossigo.

Horas. São horas nesta noite silenciosa e assustadora. Horas. Quem sabe a que distância a gente está ou se a gente está indo na direção certa ou sei lá, mas horas. Uma vez ou outra, escuto o Ruído de uma criatura da noite, corujas do pântano piando por sua janta, descendo pra pegar provavelmente ratos pequenos, com um Ruído tão quieto que nem parece uma língua, mas na maior parte do tempo eu escuto o Ruído ocasional, e que desaparece logo, de uma criatura da noite fugindo de todo o tumulto que a gente deve estar causando ao passar por um pântano à noite.

Mas o estranho é que a gente ainda não ouve nenhum som de nada atrás da gente, nada nos perseguindo, nenhum Ruído, nenhum galho quebrando, nada. Talvez Ben e Cillian tenham despistado eles. Talvez o motivo d'eu correr, no fim das contas, nem seja tão importante. Talvez…

A garota para pra tirar o pé de uma parte enlameada.

A garota.

Não. Eles estão vindo. Só que talvez estejam esperando o sol raiar pra poder andar mais rápido.

Assim, a gente continua, e fica cada vez mais cansado, parando só pra cada um poder fazer um xixi privado nos arbustos. Eu pego um pouco da comida de Ben na mochila e dou pedacinhos pra todos, já que agora é a minha vez.

E depois mais caminhada e mais caminhada.

E depois falta uma hora pro sol nascer e a gente já não consegue mais.

— Temos que parar — eu digo, soltando a mochila no tronco de uma árvore. — A gente precisa descansar.

A garota coloca a sacola no chão perto de outra árvore sem precisar que eu me esforce pra convencer ela e nós dois meio que desmoronamos, deitando sobre as mochilas como se fossem travisseiros.

— Cinco minutos — eu digo. Manchee se enrola nas minhas pernas e fecha os olhos quase na mesma hora. — Só cinco minutos — eu aviso a garota, que tirou uma pequena manta de dentro da sacola pra se cobrir. — Não fique confortável dimais.

A gente tem que continuar caminhando, sem dúvida. Só vou fechar meus olhos por um minuto ou dois, só pra descansar um pouco, e depois a gente continua nosso caminho mais rápido do que antes.

Só um cochilo, só isso.

Quando abro os olhos, o sol já nasceu. Só um pouco, mas já nasceu.

Droga. A gente perdeu pelo menos uma hora, talvez duas.

E então percebo que foi um som que me acordou.

É um Ruído.

Eu entro em pânico, pensando que os homens nos encontraram, e me levanto…

E vejo que não é um homem.

É um casuar, mais alto do que a gente.

Comida?, diz o seu Ruído.

Eu sabia que eles não tinham ido embora do pântano.

Ouço uma respiração profunda vinda do lugar onde a garota está dormindo. Não está mais dormindo. O casuar se vira pra olhar pra ela. E

depois Manchee acorda e começa a latir ‘Pega! Pega! Pega!’ e o pescoço do casuar gira pro nosso lado.

Imagine o maior pássaro que você já viu, imagine que ele ficou tão grande que não consegue mais nem voar, estamos falando de dois metros e meio ou até três metros de altura, um pescoço inclinado bem longo esticado sobre sua cabeça. Eles ainda têm penas, mas elas parecem mais com pelos e as asas não servem muito, só pra impressionar coisas que eles estão prestes a comer. Mas é com os pés que você tem que tomar cuidado. Patas longas, chegando até meu peito, com garras no final que podem matar você com um chute se você não tiver cuidado..

— Não se preocupe — eu falo pra garota. — Eles são amigáveis.

Porque são mesmo. Ou deveriam ser. Deveriam comer roedores e só chutar se você atacá-los, mas, se você não atacá-los, Ben diz que eles são amigáveis e bobos e deixam você dar comida pra eles. E também bons pra comer, uma combinação que fez os novos colonizadores de Prentissburgo tão desesperados pra caçá-los pra se alimentar que quando eu nasci não se via um casuar em quilômetros. Mais uma coisa que eu só vi em gravações ou Ruído.

O mundo continua ficando maior.

— Pega! Pega! — Manchee late, correndo em círculos em volta do casuar.

— Não morda ele! — eu grito pra Manchee.

O pescoço do casuar está balançando como uma videira, seguindo Manchee como um gato atrás de um besouro. Comida? — seu Ruído continua perguntando.

— Não é comida — eu digo, e o longo pescoço balança pro meu lado.

Comida?

— Não é comida — eu digo de novo —, é só um cachorro.

Cachorro?, ele pensa e começa a seguir Manchee de novo, tendo mordê-

lo com seu bico. O bico não dá medo nenhum, é como bicado por um ganso, mas Manche e não é acertado nenhuma vez, ando pra fora do caminho e latindo, latindo, latindo.

Eu rio dele. É engraçado.

E então escuto uma pequena risada que não é minha.

Olho pro lado. A garota está parada perto da árvore, observando o pássaro gigante perseguir meu cachorro bobo e ela está sorrindo.

Ela está sorrindo.

Ela me vê observando e para.

Comida?, eu escuto e me viro e vejo o casuar começando a enfiar o bico na minha mochila.

— Ei! — eu grito e começo a enxotá-lo.

Comida?

— Aqui — pesco um pequeno pedaço de queijo embrulhado em pano que Ben empacotou.

O casuar cheira, morde e devora o queijo, com o pescoço ondulando enquanto engole. Estala o bico algumas vezes, como uma pessoa quando estala os lábios depois de comer alguma coisa. Mas depois si pescoço começa a ondular pro outro lado e com uma tosse alta lá vem o bloco de queijo voando de volta bem na minha direção, cheio dc cuspe, mas nem um pouco esmagado, batendo na minha bochecha e deixando um rastro de saliva no meu rosto.

Comida?, diz o casuar, e começa a caminhar lentamente pra dentro do pântano, como se a gente não fosse mais interessante do que uma folha.

—Pega! Pega! — Manchee late atrás dele, mas não o segue. Limpo a saliva do meu rosto com minha manga e posso ver a garota rindo.

— Pensa que é engraçado, é? — eu digo e ela continua fingindo que não está rindo, mas ela está. Ela se vira pro outro lado e pega a sacola.

— Sim eu digo, tomando o controle novamente. — A gente dormiu dimais. Temos que ir.

A gente começa a caminhar outra vez, sem mais palavras ou sorrisos.

Bem rápido o chão começa a ficar menos plano e um pouco mais seco.. As árvores começam a ficar mais finas, deixando o sol chegar diretamente até a gente de vez em quando. Depois de alguns minutos, a gente chega numa pequena clareira, quase como um pequeno campo que se eleva até um pequeno penhasco, bem acima das copas das árvores. A gente sobe o penhasco e para no topo. A garota segura outro pacote daquelas frutas. Café da manhã. A gente come em pé mesmo.

Olhando por sobre as árvores, o caminho a nossa frente é limpo.A montanha maior está no horizonte e dá pra ver as duas montanhas menores a distância, atrás de um pouco de neblina.

— É pra lá que a gente vai — eu digo, apontando. — Ou pra onde eu acho que a gente deveria ir.

Ela solta o pacote de frutas e olha na sacola de novo. Retira o mais lindo par de binóculos que eu já vi na vida. Meu binóculo velho em casa quebrou há muitos anos e parece uma cesta de pães em comparação.. Ela coloca o binóculo na altura dos olhos e observa um pouco, depois passa ele pra mim.

Eu pego o binóculo e olho pra onde a gente está indo. Tudo é tão claro.

O chão se esticando na nossa frente numa floresta verde, se curvando em uma colina pra baixo em vales quando começa a se tornar terra de verdade e não só um monte de lodo de pântano, até dá pra ver onde a lama realmente passa a ser um rio de verdade, cortando desfiladeiros cada vez mais profundos na medida em que se aproxima das montanhas. Se você prestar atenção, pode até ouvir as corredeiras. Eu olho e olho e não vejo nenhuma colônia, mas quem sabe o que está depois daquelas curvas? Quem sabe o que está adiante?

Olho atrás da gente, pro lugar de onde a gente veio, mas ainda está muito cedo e a névoa cobre a maior parte do pântano, escondendo tudo, não revelando nada.

— Eles são da hora — eu digo, devolvendo o binóculo. Ela o coloca de novo na sacola e a gente para lá um minuto pra comer.

A gente não fica muito próximo porque o silêncio dela me incomoda. Eu mastigo um pedaço de fruta seca e imagino como deve ser não ter nenhum Ruído, vir de um lugar onde não existe Ruído. O que o quer dizer? Que tipo de lugar é esse? Será que é maravilhoso? Será que é horrível?

Imaginemos que você esteja no topo de um monte com alguém que são tem Ruído. Seria como se você estivesse sozinho lá? Como vocês compartilhariam? Será que você iria querer compartilhar? Quero dizer, aqui estamos nós, a garota e eu, saindo do perigo e entrando no desconhecido e não tem nenhum Ruído em cima da gente, nada nos dizendo o que o outro está pensando. Será que é assim que deveria ser?

Termino de comer a fruta e amasso o pacote. Ela estica o braço e joga o lixo de volta na sacola. Sem palavras, sem trocas, só o meu Ruído e um grande nada da garota.

Será que foi assim com a minha mãe e o meu pai quando eles aterrissaram aqui pela primeira vez? Será que o Novo Mundo era um lugar silencioso antes…

De repente eu olho pra garota.

Antes.

Ai, não.

Como eu sou burro.

Sou um maldito idiota.

Ela não tem Ruído. E veio de uma nave, O que significa que ela veio de um lugar que não tem Ruído, óbvio, seu idiota.

O que significa que ela aterrissou aqui e ainda não pegou o do Ruído.

O que significa que, quando ela pegar, vai acontecer o que aconteceu com todas as outras mulheres.

O germe vai matá-la.

Vai matá-la.

E eu estou olhando pra ela e o sol está brilhando sobre a gente os olhos dela estão ficando mais e mais arregalados, enquanto eu estou pensando isso e é quando eu percebo outra coisa idiota, outra coisa óbvia: só porque eu não consigo ouvir o Ruído dela não quer dizer que ela não consegue escutar cada

palavra do meu Ruído.



11

O LIVRO SEM RESPOSTAS

— NÃO! — EU DIGO, rapidamente. — Não me dê ouvidos! Eu estou errado! Eu estou errado! É um erro! Eu estou errado!

Mas ela se afasta de mim, deixando cair seu pacote de frutas vazio, seus olhos ficando mais arregalados.

—Não, não…

Dou um passo em sua direção, mas ela dá um passo ainda maior pra longe de mim, deixando a sacola cair no chão.

— Escuta… — eu digo, mas o que me diz? — Eu estou errado. Eu estou errado. Eu tava pensando em outra pessoa.

O que é a coisa mais ridícula a dizer, porque ela pode ouvir meu Ruído, não pode? Ela pode me ver lutando pra pensar em alguma coisa pra dizer e mesmo saindo esse desastre ela pode se ver no meu Ruído e além do mais, agora eu já sei que não tem como retirar algo que já havia enviado pro mundo.

Droga. Que inferno.

— Droga! — Manchee late.

— Por que você não DISSE que podia me ouvir? — gritei, ignor2ndo que ela ainda não tinha dito nem uma palavra sequer desde que a gente se conheceu.

Ela se distancia mais, colocando uma das mãos no rosto pra cobrir a boca, seus olhos enviando interrogações pra mim.

Eu tento pensar em alguma coisa, qualquer coisa pra consertar, mas não consigo pensar em nada. Só Ruído com morte e desespero pra todos os lados.

Ela se vira e começa a correr, descendo o monte e se distanciando o mais rápido que pode.

Droga.

— Espere! — eu grito, já correndo atrás dela.

Ela está voltando pro lugar de onde a gente veio, passando pelo campo e desaparecendo no meio das árvores, mas eu estou bem atrás dela, e Manchee está atrás de mim.

— Pare! — eu grito. — Espere!

Mas por que ela esperaria? Que motivo ela teria pra esperar?

Puxa, ela é incrivelmente rápida quando quer.

— Manchee! — eu grito e ele me entende e dispara atrás dela. Não que eu pudesse perdê-la de vista mais do que ela poderia se perder de mim. Meu Ruído está bem alto perseguindo ela e o silêncio dela está na mesma altura mais adiante, mesmo agora, mesmo sabendo que ela’ vai morrer, tão silenciosa quanto um túmulo.

— Espere! — eu grito, tropeçando numa raiz e caindo sobre meus cotovelos, reavivando todas as dores do meu corpo e do meu rosto, mas tenho que me levantar. Tenho que me levantar e ir atrás dela. — Droga!

— Todd! — ouço Manchee latir mais adiante, fora da minha visão. Saio cambaleando um pouco e chego a uma grande formação de arbustos e lá está ela, sentada em uma grande pedra plana que sobressai do chão, com os joelhos grudados no peito, balançando pra frente e pra trás, com os olhos arregalados, só que mais vazios do que nunca.

— Todd! — Manchee late de novo quando ela me vê, depois salta sobre a pedra e começa a cheirá-la.

— Deixa ela em paz, Manchee — eu digo, mas ele nem dá bola.

Começa a farejar perto do rosto dela, lambendo umas duas vezes, depois senta ao seu lado, se encostando nela enquanto ela se balança.

— Escuta — eu digo, tentando recuperar o fôlego e sabendo que não sei o que dizer. — Escuta — repito, mas não consigo pensar em nada.

Só fico lá parado, ofegante, sem dizer nada, e ela lá sentada, se balançando. Parece que não posso fazer mais nada além de me sentar na pedra também, mantendo uma distância por respeito e segurança, acho, e então é o que eu faço. Ela se balança e eu me sento e imagino o que fazer.

A gente passa uns bons minutos assim, uns bons minutos em que a gente deveria estar se mexendo, enquanto o dia no pântano passa a nossa volta.

Até que eu finalmente tenho outro pensamento.

— Eu posso estar errado. Eu posso estar errado, sabia? — olho pra ela e começo a falar mais rápido. — As pessoas mentiram pra mim sobre tudo e você pode procurar no meu Ruído se quiser ter certeza de que isso é verdade — me levanto, falando mais rápido. — Não deveria existir nenhuma outra colônia. Prentissburgo deveria ser a única coisa em todo esse planeta idiota.

Mas tem esse outro lugar no mapa! Então talvez…

E estou pensando e estou pensando e estou pensando.

Talvez o germe estivesse só em Prentissburgo. E se você não esteve na cidade, então talvez esteja protegida. Talvez esteja bem. Porque eu com certeza não consigo escutar nada vindo de você que se pareça com Ruído e você não parece estar doente. Então talvez você esteja bem.

Ela está olhando pra mim e ainda se balançando e eu não sei o que ela está pensando. Talvez não deva ser uma palavra muito reconfortante quando você diz talvez você não esteja morrendo.

Continuo pensando, deixando ela ver meu Ruído da forma mais livre e clara possível.

— Talvez a gente tenha pegado o germe e, e, e, sim! — tenho outro pensamento, um dos bons. — Talvez a gente tenha se isolado pra que s outras colônias não

pegassem o germe! Tem que ser isso! Então, se você ficou no pântano, está protegida!

Ela para de se balançar tanto, ainda me olhando, quem sabe acreditando em mim?

Mas então, como aqueles idiotas que não sabem quando par eu deixo sair esse pensamento, não deixo? Porque se é verdade que Prentissburgo foi isolada, então provavelmente aquela outra colônia não vai ficar muito feliz de me ver passeando por lá, não é mesmo? Talvez tenha sido a outra colônia que isolou a gente, porque talvez Prentissburgo fosse realmente contagiosa.

E se você consegue pegar o Ruído de outras pessoas, então a garota pode pegá-lo de mim, não pode?

— Puxa vida — eu digo, me abaixando e colocando as mãos nos joelhos.

Parece que meu corpo todo está caindo, mesmo eu ainda estando em pé.

Puxa vida.

A garota se abraça de novo sobre a pedra e agora a gente está pior do que quando começou.

Isso não é justo. Estou te dizendo que não é nem um pouco justo. Você saberá o que fazer quando chegar ao pântano, Todd. Você saberá o que fazer.

Sim, muito obrigado por isso, Ben, obrigado por toda a1 sua ajuda e preocupação porque aqui estou eu e não tenho ideia d que fazer. Não é justo.

Eu sou expulso da minha casa, sou espancado, as pessoas que dizem que se preocupam comigo mentiram pra mim durante todos esses anos, tenho que seguir um mapa idiota até uma colônia que eu nem sabia que existia e ainda tenho que encontrar uma forma de ler um livro idiota…

O livro.

Tiro a mochila das costas e busco o livro. Ben disse que todas as respostas estão aqui, então talvez estejam mesmo. Só que…

Suspiro e abro o livro. Está todo escrito, cheio de palavras, com a letra da minha mãe, páginas e páginas e páginas e eu…

Bom, de qualquer forma, volto pro mapa, para o que Ben escreveu do outro lado. É a primeira vez que tenho a oportunidade de ver o mapa sem precisar da lanterna, que não é muito apropriada pra leitura. As palavras de Ben estão alinhadas na parte de cima. Vá para são as primeiras, aquelas são definitivamente as primeiras palavras, e depois tem algumas palavras mais longas que eu não tenho tempo de pronunciar agora e depois alguns parágrafos mais longos, mas eu realmente não tenho tempo, porém na parte de baixo da página Ben sublinhou um grupo de palavras.

Eu olho pra garota, que ainda está se balançando, e fico de costas pra ela. Coloco o dedo abaixo da primeira palavra sublinhada.

Vejamos. Ocê? Você, tem que ser você. Você. Tudo bem, eu o quê? D.

Dee? Deese? Deese? Você deese. Você deese? Que meleca isto quer dizer?

AI. Ali. Alie. Aliet? Le. Le?’Les. Você deese allet les? Não, espera, eles. É

eles. Claro que é eles, seu idiota.

Mas Você deese allet eles?

Hein?

Lembra quando eu disse que Ben tentou me ensinar a ler? Lembra quando eu disse que eu não era muito bom nisso? Bem…

Deixa pra lá.

Você deese allet eles.

Que idiota.

Eu olho pro livro de novo, passando as páginas. Dezenas de páginas, dezenas e mais dezenas, todas com mais palavras em cada canto, todas dizendo nada pra mim, nenhuma resposta de nenhum tipo.

Meleca de livro idiota.

Enfio o mapa dentro do livro, fecho a capa e jogo o livro no chão.

Livro idiota.

— Meleca de livro idiota! — eu digo, bem alto desta vez, chutando o livro no meio de umas samambaias. Olho pra garota. Ela ainda está se balançando, pra frente e pra trás, pra frente e pra trás, e eu sei, eu sei, tá bom, eu sei, mas isso está começando a me irritar. Porque se a gente estiver num beco sem saída, eu não tenho mais nada pra oferecer e ela também não ti cooperando.

Meu Ruído começa a estalar.

— Eu não pedi isso, sabia? — eu digo. Ela nem olha. — Ei! Tô falando com você!

Mas nada. Nada, nada, nada.

— EU NÃO SEI O QUE FAZER! — eu grito e começo a sapatear, berrando até ficar rouco. — EU NÃO SEI O QUE FAZER! EU NÃO SEI O

QUE FAZER! — olho pra garota. — Eu SINTO MUITO! Sinto muito que isso tenha acontecido com você, mas não sei o que fazer. E PARE COM

ESSA DROGA DE SE BALANÇAR!

— Gritando, Todd — Manchee late.

— Argh! — eu grito, colocando as mãos no rosto. Retiro as mãos e nada mudou. É isso que estou aprendendo por ter sido deixado sozinho, por minha conta. Ninguém faz nada por você. Se você não mudar coisas, elas não mudam.

— Temos que continuar caminhando — eu digo, pegando mochila, furioso. — Você ainda não foi pega, então é só ficar longe dc mim e não terá problema. Eu não sei, mas é o que a gente pode fazer então é o que a gente vai fazer.

Balança, balança, balança.

— A gente não pode voltar, portanto a gente tem que seguir em frente e fim de

papo.

E ela continua se balançando.

— Eu SEI que você pode me OUVIR!

Ela nem pisca.

E de repente eu fico cansado de novo. — Quer saber? — suspiro. — Pode ficar aí se balançando. Quem se importa? Quem se importa com qualquer coisa?

Olho pro livro no chão. Livro idiota. Mas é o que eu tenho, então me abaixo, pego o livro, coloco ele na bolsa de plástico, depois dentro da mochila e coloco a mochila nas costas.

— Vamos, Manchee.

— Todd?! — ele late, olhando pra mim e pra garota. — Não podemos ir embora, Todd!

— Ela pode vir, se quiser — eu digo —, mas…

Na verdade eu nem sei o que o mas significa. Mas se ela quiser ficar aqui e morrer sozinha? Mas se ela quiser voltar e for pega pelo Sr. Prentiss Jr.? Mas se ela quiser se arriscar pegar o Ruído de mim e morrer de qualquer forma?

Que mundo idiota.

— Ei! — eu digo, tentando deixar minha voz mais suave, mas meu ruído está tão enfurecido que não adianta. — Você sabe pra onde a gente tá indo, não sabe? Para o rio entre as montanhas. É só seguir o rio até chegar a uma colônia, tá bom?

Talvez ela esteja me ouvindo, talvez não.

— Eu vou cuidar de você — eu digo. — Entendo se você não quiser chegar muito perto, mas eu vou cuidar de você.

Fico lá parado por mais um minuto pra ver se ela entende.

— Bem — finalmente digo. — Foi um prazer te conhecer.

Começo a caminhar. Quando chego à grande pilha de arbustos, olho pra trás, dando mais uma chance pra ela. Mas ela não mudou, continua se balançando e se balançando.

Então é isso. Vou embora, com Manchee relutante nos meus calcanhares, olhando pra trás o máximo que pode, latindo meu nome o tempo todo.

— Todd! Todd! Indo embora, Todd? Todd? Não pode ir embora, Todd!

— eu finalmente dou uma palmada no traseiro dele. — Ai, Todd!

— Eu não sei, Manchee, então pare de perguntar.

A gente passa pelas árvores até onde o chão começa a secar, chegando à clareira e subindo o pequeno penhasco onde a gente toma café da manhã e admira o lindo dia e eu tive aquela brilhante dedução sobre a morte da garota.

O pequeno penhasco onde a sacola dela ainda está no chão.

— Que droga!

Olho pra ela por um segundo e é uma coisa depois da outra, não é? Será que eu levo a sacola de volta pra ela? Ou simplesmente espero você e ela a encontre? Vou colocar ela em perigo se fizer isso? Vou colocar ela em perigo se não fizer?

O sol está forte e o céu está tão azul quanto a carne fresca de Prentissburgo. Coloco as mãos na cintura e olho em volta, como os homens fazem quando estão pensando. Olho pro horizonte, olho de volta pro lugar de onde a gente veio, a névoa quase desaparecendo agora e toda a floresta do pântano coberta pela luz do sol. Do topo do penhasco a gente pode ver tudo, inclusive o lugar por onde a gente caminha. Se estivesse claro o suficiente e a gente tivesse binóculos potentes, provavelmente conseguiria ver todo o caminho até a cidade..

Binóculos potentes.

Olho pra sacola no chão.

Estou tentando pegar ela quando penso ter escutado alguma coisa.

Como um sussurro. Meu Ruído salta e eu olho pra cima pra ver se a garota está

me seguindo, o que me deixaria mais aliviado do que eu quero admitir.

Mas não é a garota. Eu escuto de novo. Um sussurro. Mais de um sussurro. Como se o vento estivesse transportando sussurros.

— Todd? — Manchee diz, farejando o ar.

Eu olho através da luz do sol pra ver o pântano lá atrás.

Será que tem alguma coisa lá?

Pego a sacola da garota e procuro o binóculo. Tem todo tipo de coisa lá dentro, mas pego o binóculo e olho através dele.

O pântano é tudo o que eu vejo, os topos das árvores, pequenas clareiras com algumas partes de água alagadiça, o rio começando a se formar de novo.

Distancio o binóculo do rosto e olho de novo. Tem pequenos botões em todos os lados e eu aperto alguns e percebo que posso fazer tudo parecer ainda mais perto. Faço isso algumas vezes e tenho certeza de que escuto um sussurro. Tenho certeza.

Encontro a vala no pântano, o buraco, os escombros da nave da garota, mas não tem mais nada além do que a gente deixou lá. Olho acima do binóculo, imaginando ter visto algum movimento. Olho através do binóculo de novo, um pouco mais perto da gente onde algumas folhas de árvores estão se movendo.

Mas é só o vento, não é?

Busco em todas as direções, aperto botões pra aproximar e afastar, mas continuo voltando para aquelas folhas se movendo. Mantenho o binóculo em um lugar meio aberto, tipo uma vala, entre as folhas e eu..

Mantenho o binóculo lá.

Mantenho o binóculo observando, sentindo um frio na barriga que talvez eu esteja escutando sussurros, talvez não.

Continuo observando.

Até que o balançar das folhas chega à clareira e eu vejo o próprio efeito sair do meio das árvores montado em um cavalo, guiando os homens, também em cavalos.

E eles estão vindo bem nesta direção.

12

A PONTE

O PREFEITO. NÃO SÓ o filho dele, mas o próprio prefeito em carne e osso. Com seu chapéu e seu rosto limpos, e suas roupas limpas, e suas botas lustrosas e sua pose ereta. Na verdade a gente quase nunca vê o prefeito em Prentissburgo, não mais, a não ser que você faça parte do círculo fechado dele, mas quando você faz, ele sempre se apresenta assim, mesmo através de um par de binóculos. Como se ele soubesse se cuidar e você não.

Aperto mais alguns botões até aproximar o máximo possível. Eles são cinco, não, seis, os homens que têm o Ruído que você escuta fazendo aqueles exercícios estranhos na casa do prefeito. EU OU O CIRCULO E OCIRCULO SOU EU, esse tipo de coisa. Lá está o Sr. Collins, o Sr.Maclnerny, o Sr. O'Hare e o Sr. Morgan, todos montados em cavalos também, o que já é uma coisa rara, porque é difícil manter os cavalos vivos no Novo Mundo e o prefeito protege seu rebanho pessoal com um bando de homens armados.

E lá está o maldito Sr. Prentiss Jr., cavalgando ao lado do pai, com um olho roxo por causa do soco de Cillian. Bem feito.

Mas depois eu percebo que o quer que tenha acontecido na fazenda definitivamente acabou. O quer que tenha acontecido com Ben e Cillian acabou. Deixo o binóculo de lado por um segundo e engulo em seco.

Coloco o binóculo de novo. Eles pararam por um minuto e estão conversando, olhando pra um grande pedaço de papel que deve ser um mapa muito melhor do que o meu e…

Minha nossa.

Minha nossa, você deve estar brincando comigo.

Aaron.

Aaron vem saindo do meio das árvores atrás deles.

Aquele fedorento, idiota, maldito Aaron.

A maior parte da cabeça dele está envolvida em ataduras, mas ele estava caminhando um pouco atrás do prefeito, balançando a mão no ar, como se estivesse pregando, apesar de aparentemente ninguém estar ouvindo.

COMO? Como ele pode ter sobrevivido? Será que ele não MORRE

É culpa minha. Tudo culpa minha. Porque eu sou um covarde. Sou um covarde fraco e idiota e por causa disso Aaron está vivo e por causa disso ele está guiando o prefeito pelo maldito pântano atrás da gente, porque eu não matei ele, ele está vindo me matar.

Me sinto enjoado. Me inclino e coloco a mão na barriga, gemendo m pouco. Meu sangue está fervendo tanto que eu ouço Manchee se arrastar um pouco pra longe de mim.

— É minha culpa, Manchee — eu digo. — Eu causei isso.

— Sua culpa — ele diz, confuso e só repetindo o que eu disse, mas tá certo, não é?

Olho pelo binóculo de novo e vejo o prefeito chamar Aaron. Desde que os homens começaram a ouvir os pensamentos uns dos outros, Aaron pensa que os animais são sujos e não chega perto deles, por isso o prefeito insiste algumas vezes, até que finalmente Aaron se aproxima para ver o mapa. Ele presta atenção quando o prefeito lhe pergunta algo.

E depois olha pra cima.

Olha através das árvores no pântano em direção ao horizonte.

Olha bem pro topo desta colina.

Olha bem na minha direção.

Ele não pode me ver. Não é possível. Será que ele consegue? N sem binóculo como o da garota e eu não vejo nenhum binóculo c eles, nunca vi nada assim em Prentissburgo. Acho que ele não conseguiria me ver.

Mas, como uma grande fatalidade, ele levanta o braço e aponta, aponta diretamente pra mim, como se eu estivesse sentado do outro lado de uma mesa, de frente pra ele.

Começo a correr sem pensar, passando de volta pelo penhasco ali onde a garota está, o mais rápido possível, pegando a faca nas mi costas, Manchee latindo como um louco nos meus calcanhares. Passo entre as árvores e em volta do monte de arbustos e ela ainda está sentada na pedra, mas pelo menos olha pra mim quando eu chego correndo.

— Vamos! —eu digo, agarrando ela pelo braço. — Temos que ir!

Ela recua, mas eu não a solto.

— Não! — eu grito. — Temos que ir! AGORA!

Ela começa a balançar os braços, me atingindo algumas vezes no rosto.

Mas eu não a solto.

— ESCUTE! — eu digo e abro meu Ruído pra ela. Ela me bate mais uma vez, mas depois olha, olha meu Ruído do jeito que ele vem, vendo as imagens do que está esperando a gente no pântano. Ela vê isso, o que não está esperando a gente, o que já está fazendo todos esforços pra vir nos pegar.

Aaron, que não morre, focando todos os seus pensamentos em encontrar a gente e desta vez vindo com homens cavalo. Que são muito mais rápidos do que a gente.

O rosto da garota se contorce, como se ela estivesse sentindo a pior dor da sua vida, e ela abre a boca como se fosse gritar, mas não sai nada. Nada ainda. Ainda nenhum Ruído, nenhum som, nada de nada saindo de dentro dela.

Eu simplesmente não entendo.

— Não sei o que nos espera mais adiante — eu digo. — Não sei nada de nada, mas o que quer que seja, só pode ser melhor do que o que está atrás da gente. Tem que ser.

E, enquanto ela me ouve, seu rosto muda, fica quase inexpressivo como antes e ela aperta os lábios.

— Ir! Ir! Ir! — Manchee late.

Ela estende o braço, pedindo a sua sacola. Eu lhe entrego a sacola. Ela fica de pé, enfia o binóculo lá dentro, joga a sacola no ombro e me olha diretamente nos olhos.

— Ótimo — eu digo.

E assim eu começo a correr em direção ao rio pela segunda vez em dois dias, Manchee comigo de novo e desta vez uma garota atrás de mim.

Na verdade, na minha frente a maior parte do tempo, como ela é rápida!

A gente sobe o monte de novo e desce para o outro lado, o pântano já desaparecendo a nossa volta e se transformando em floresta normal. O chão vai ficando mais firme e mais fácil de correr e se inclina mais baixo do que pra cima, o que pode ser a primeira demonstração sorte que a gente teve. A gente começa a ver o rio de verdade a nossa esquerda enquanto corre. Minha mochila golpeia minhas costas enquanto eu corro e eu mal consigo respirar.

Mas estou segurando minha faca.

Eu juro. Eu juro agora mesmo, juro por Deus ou o que quer que a. Se Aaron aparecer de novo na minha frente, eu vou matar ele. i, vou nem pensar duas vezes. De jeito nenhum. Sem chance. Não vou. - Juro pra você.

Eu vou matar ele.

Vou matar ele direitinho.

Espere e você verá.

O chão está ficando mais inclinado nas laterais, levando a árvores mais

frondosas e primeiro mais perto do rio e depois cada vez mais longe dele enquanto a gente corre. A língua de Manchee está pra fora, ofegante. Meu coração está acelerado e minhas pernas estão quase se ando do meu corpo, mas a gente continua correndo.

A gente desvia pra mais perto da água de novo e eu grito ‘Espere!’. A garota, que está bem na frente, para. Eu corro até a margem do rio, uma olhada pra ver se tem algum crocodilo, depois me abaixo e bebo a água. Tem um gosto mais doce do que deveria. Quem sabe o que tem nela, vindo do pântano, mas preciso beber água. Sinto o silêncio da garota se abaixar perto de mim e ela bebe a água também. Me afasto um pouco. Manchee se aproxima e dá pra escutar nossa respiração entre os goles de água.

Seco minha boca e olho pra cima, pra onde a gente está indo. Perto do rio começam a aparecer pedras e fica difícil caminhar e consigo ver uma trilha na margem do rio que segue o topo do desfiladeiro.

Então a ficha cai.

Posso ver uma trilha. Alguém fez uma trilha.

A garota se vira e olha. A trilha continua ao longo do rio, que está mais abaixo, ficando mais profundo e mais rápido e se transformando em corredeiras. Alguém fez aquela trilha.

— Tem que ser o caminho para a outra colônia — eu digo. — Tem que ser.

E então, ao longe, a gente ouve o barulho dos cavalos. Fraco, mas eles estão vindo.

Eu não digo mais nenhuma palavra, porque a gente já está de pé e correndo pela trilha. O rio vai se distanciando cada vez mais abaixo da gente e a montanha maior aparece do outro lado do rio. Do nosso lado tem uma floresta fechada que começa a surgir no topo do penhasco. A trilha claramente foi feita pra que os homens tivessem um lugar para atravessar o rio.

É larga o bastante para cavalos. Na verdade é larga o bastante para cinco ou seis cavalos.

Não é nem uma trilha, eu me dou conta. É uma estrada.

A gente passa correndo pelas curvas dela, a garota na frente, depois eu, depois Manchee.

Até que eu quase dou um esbarrão nela e a jogo pra fora da trilha — O que você tá fazendo? — eu grito, agarrando seus braços pra que a gente não saia rolando penhasco abaixo, tentando evitar que a faca a atinja acidentalmente.

E então eu vejo o que ela está vendo.

Uma ponte, bem na nossa frente. Vai de uma borda do penhasco até a outra, cruzando o rio a trinta ou quarenta metros acima dele. A trada ou trilha ou sei lá o que é aquilo para do nosso lado na ponte se transforma numa floresta densa e pedregosa. A gente não tem pra onde ir a não ser para a ponte.

As primeiras linhas de uma ideia começam a se formar.

O barulho dos cavalos está mais alto agora. Olho pra trás e vejo nuvens de poeira levantando no lugar o prefeito deve estar passando.

—Vamos! —eu digo, correndo e passando por ela, indo em direção a ponte o mais rápido possível. A gente corre pela trilha do penhasco, levantando nossa própria poeira, as orelhas de Manchee amassadas pra irás, correndo rápido. A gente chega lá e é muito mais do que uma ponte a passar a pé. Tem dois metros de largura. Parece feita com cordas narradas a estacas de madeira enfiadas nas pedras nas duas extremidades, com tábuas de madeira em todo o caminho até o outro lado.

Eu testo a ponte com o pé, mas ela é tão forte que nem balança. Ê mais do que o suficiente pra mim, pra garota e pro cachorro. Na verdade, é mais do que o suficiente pra aguentar homens a cavalo que querem cruzá-la.

Quem a construiu queria que ela durasse.

Olho pra trás de novo pro rio por onde a gente passa. Mais poeira, barulho mais alto e os sussurros do Ruído de homens a caminho. Acho que escutei o jovem Todd, mas é só minha imaginação, porque Aaron á bem atrás, a pé.

Mas eu vejo o que quero ver: esta ponte é a única possibilidade atravessar o rio do lugar de onde a gente veio até quilômetros mais adiante.

Talvez um pouco mais de sorte esteja cruzando nosso caminho.

— Vamos — eu digo. A gente passa correndo pela ponte e ela está bem feita que a gente nem consegue ver entre as tábuas de madeira. É como se a gente ainda estivesse na trilha. A gente chega do outro lado e a garota para e olha pra mim, sem dúvida vendo minha ideia no Ruído, já me esperando agir.

A faca ainda está na minha mão. O poder na sequência do meu braço.

Talvez finalmente eu possa fazer alguma coisa útil com ela.

Olho pro lugar onde esta extremidade da ponte está amarrada estacas na pedra. A faca tem um corte serrilhado que dá até medo numa parte da lâmina. Eu escolho o nó mais adequado e começo a serrá-lo..

E eu serro e serro.

O barulho dos cavalos fica mais alto, ecoando pelo desfiladeiro.

Mas se de repente não existir nenhuma ponte…

Serro mais um pouco.

E mais um pouco.

E mais um pouco.

E não está adiantando nada.

— Que droga! — eu digo, olhando pra corda. Não tem nem um arranhão. Toco a serra da faca com meu dedo e o corte começa a sangrar quase na mesma hora. Olho pra corda atentamente. Parece que está revestida com algum tipo de resina.

Algum tipo de resina forte, que nem aço, que não dá pra cortar.

— Não acredito nisso — eu digo, olhando pra garota.

Ela está com o binóculo, olhando pro lugar de onde a gente veio,lá no rio.

— Consegue vê-los?

Eu olho pro rio, mas nem preciso de binóculo. Consigo ver com meus próprios olhos que eles estão vindo. Estão pequenos, mas vão crescendo, os cavalos estrondando em suas ferraduras como se o mundo estivesse acabando.

A gente tem, três minutos. Talvez quatro.

Droga.

Começo a serrar de novo, o mais rápido e forte que consigo, forçando meu braço pra frente e pra trás com toda a minha força, o suor escorrendo por todos os lados e novas dores aparecendo pra faz companhia pras antigas.

Eu serro e serro e serro. Começa a pingar água do meu nariz em cima da faca.

— Vamos, vamos — eu digo entre os dentes.

Levanto a faca. Consegui cortar uma pequena parte da resina em um nozinho minúsculo numa ponte imensa.

— Mas que droga! — eu cuspo.

E serro mais e mais e mais. E mais e mais ainda, o suor escorrendo pelos meus olhos e começando a arder.

— Todd! — Manchee late, alarmado.

Eu serro mais. E mais. Mas a única coisa que acontece é que a faca esmaga meus dedos na estaca, jorrando sangue.

— DROGA! — eu grito, jogando a faca no chão. Ela dá uns saltos, parando bem aos pés da garota. — TUDO ISSO É UMA DROGA!

Porque agora já era.

É o fim de tudo.

Nossa única chance que nunca foi uma chance real.

A gente não pode correr mais rápido do que os cavalos e a gente não e cortar uma superponte idiota e a gente vai ser pego e Ben e Cillian estão mortos e a gente mesmo vai morrer e o mundo vai acabar e é isso.

Uma vermelhidão aparece no meu Ruído, uma coisa que eu nunca senti antes, repentina e crua, como uma marca vermelha quente apertando dentro de mim, uma vermelhidão brilhante e ardente de tudo o que me machucou e continua me machucando, uma raiva vibrante da falsidade e da injustiça e das mentiras.

De tudo se resumindo em uma coisa.

Olho pra garota e ela recua com medo do meu olhar.

— Você — eu digo e nada vai me deter. — Isso é tudo culpa sua! Se você não tivesse aparecido naquele maldito pântano, nada disso teria acontecido! Eu estaria em casa AGORA! Estaria cuidando das minhas malditas ovelhas e morando na minha bendita casa e dormindo na minha BENDITA CAMA!

Só que na verdade eu queria dizer outra coisa em vez de ‘bendita’.

— Mas NÃO — eu grito, ainda mais alto. —Aqui está VOCÊ! Aqui tá VOCÊ e seu SILÊNCIO! E o mundo inteiro se FERRA!

Não percebo que estou caminhando em direção a ela até ver que ela começa a recuar. Mas ela só olha pra mim.

E eu não escuto droga nenhuma.

— Você não é NADA! — eu grito, avançando mais um pouco. — NADA! Você é só um VAZIO! Não tem nada dentro de você! Você é feita de VAZIO e de NADA e a gente vai morrer POR NADA!

Minhas mãos estão fechadas com tanta força que minhas unhas começam a cortar minhas palmas. Estou com tanta raiva, meu Ruído está enfurecido tão alto, tão vermelho, que eu tenho que levantar meus punhos pra ela, e tenho que dar um soco nela, tenho que bater nela, tenho que fazer seu silêncio maldito PARAR antes que ele ME ENGULA E ENGULA O

MUNDO INTEIRO!

Dou um soco forte no meu rosto.

Depois outro, bem onde meu olho ainda está inchado por causa de Aaron.

E uma terceira vez, abrindo o corte no meu lábio onde Aaron me bateu ontem de manhã.

Seu tonto, seu inútil, tonto maldito.

Faço de novo, com tanta força que me desequilibro. Caio e me apoio em minhas mãos, cuspindo um pouco de sangue na trilha.

Olho pra garota, com a respiração pesada.

Nada. Ela só me olha e nada.

A gente se vira pra ver o outro lado do rio. Eles já chegaram naquela parte em que conseguem ver a ponte claramente. Ver a gente claramente do outro lado. A gente pode ver os rostos dos homens enquanto eles cavalgam.

Ouvir a vibração do seu Ruído quando ele voa pelo rio até a gente. O Sr.

Maclnerny, o melhor cavaleiro do prefeito, está na frente, o prefeito logo atrás, parecendo tão calmo como se essa fosse apenas uma cavalgada de domingo.

A gente tem talvez um minuto, provavelmente menos.

Olho pra garota, tentando me levantar, mas estou tão cansado.

Tão, tão cansado.

— Vamos pelo menos correr — eu digo, cuspindo mais sangue. — A gente pode pelo menos tentar.

E vejo o seu rosto mudar.

Ela abre a boca, arregala os olhos e de repente enfia a mão na sacola.

— O que você tá fazendo? — eu pergunto.

Ela retira a caixa-fogueira, olhando em volta até ver uma pedra grande.

Coloca a caixa no chão e levanta a pedra.

— Não, espere, a gente poderia usar…

Ela joga a pedra sobre a caixa, abrindo uma fenda. Depois pega a caixa e a balança bem forte, fazendo ela abrir um pouco mais. A caixa começa a vazar algum tipo de líquido. A garota vai até a ponte e começa a jogar o líquido sobre os nós na estaca mais próxima, jogando últimas gotas na base da estaca.

Os cavaleiros estão se aproximando da ponte, se aproximando, se aproximando, se aproximando…

— Rápido! — eu digo.

A garota olha pra mim, me dizendo com as mãos pra voltar. Dou uns passos pra trás, agarrando Manchee pela coleira e levando ele comigo. Ele recua o máximo possível, segurando os restos da caixa um pouco longe do corpo e apertando um botão. Escuto um som de dique. Ela joga a caixa no ar e pula pra trás na minha direção.

Os cavalos chegam à ponte…

A garota cai quase em cima de mim e a gente observa a caixa da fogueira cair…

Cair…

Cair…

Em direção à pequena poça de líquido, fazendo o som de dique…

O cavalo do Sr. Maclnerny coloca uma pata sobre a ponte para atravessá-la…

A caixa da fogueira aterrissa na poça…

Faz mais um dique…

E então…

SHOOOOMP!!!!

O ar é sugado pra fora dos meus pulmões quando uma bola de fogo MUITO maior do que você imagina para aquela quantidade de líquido faz o mundo silenciar por um segundo e então…

BUM!!!!

As cordas e a estaca explodem, jorrando faíscas de fogo pra cima da gente e destruindo todos os pensamentos, Ruídos e sons.

Quando a gente consegue olhar pra cima de novo, a ponte já tão incendiada que começa e pender pra um lado e o cavalo do Maclnerny se desequilibra e cai, tentando se apoiar nos quatro ou cm cavalos que estão vindo.

As chamas produzem um brilho verde estranho e o calor repentino é incrível, como a pior queimadura de sol da história, e eu penso que a gente vai se incendiar também quando essa extremidade da ponte nesse mesmo momento, levando o Sr. Maclnerny e o seu cavalo com ele.

A gente senta e vê eles caírem e caírem e caírem até o rio, tão longe que é impossível sobreviver. A ponte ainda está conectada na extremidade deles e bate no penhasco, mas está queimando tão rápido que num piscar de olhos tudo vai virar cinzas, O prefeito e o Sr. Prentiss Jr. e os outros têm que recuar seus cavalos pra longe da ponte.

A garota sai engatinhando pra longe de mim e a gente fica deitado por um segundo, só respirando e tossindo, tentando acalmar nosso choque.

Minha nossa.

— Cê tá bem? — pergunto pra Manchee, ainda segurando a s coleira.

— Fogo, Todd! — ele late.

— Sim — eu tusso. — Grande fogo. Você tá bem? — eu pergunto pra garota, que ainda está encolhida, ainda tossindo. — Minha nossa, o que tinha dentro daquela coisa?

Mas claro que ela não diz nada.

— TODD HEWITT! — eu escuto do outro lado do penhasco.

Olho pra cima. É o prefeito, gritando suas primeiras palavras para mim pessoalmente, através de cortinas de fumaça e calor que o fazem parecer todo ondulado.

— Ainda não acabou, jovem Todd — ele grita, por sobre o barulho da ponte em

chamas e da correnteza do rio. — Não acabou mesmo.

E ele está calmo e ainda bastante limpo e parecendo que de jeito nenhum vai desistir do que ele quer.

Eu me levanto, seguro meu braço e mostro dois dedos pra ele, mas ele já desapareceu atrás das nuvens de fumaça.

Eu tusso e cuspo sangue de novo. — A gente tem que continuar caminhando — eu digo, tossindo um pouco mais. — Talvez eles voltem, talvez não exista outra forma de atravessar, mas a gente não pode esperar pra descobrir.

Vejo a faca no chão. A vergonha aparece rápido, como uma nova dor. As coisas que eu disse. Pego a faca e coloco ela de volta na bainha.

A garota ainda está com a cabeça abaixada, tossindo sem parar. Eu pego a sacola e a estendo pra ela.

— Vamos — eu digo. — Pelo menos a gente pode sair de perto da fumaça.

Ela olha pra mim.

Eu devolvo o olhar.

Meu rosto queima e não é por causa do calor.

— Me desculpe — desvio o olhar, evitando os seus olhos e o seu rosto, mais vazio e quieto do que nunca.

Olho pra trilha.

— Viola — escuto.

Dou uma volta e olho pra ela.

— O quê? — pergunto.

Ela está olhando pra mim.

Ela está abrindo a boca.

Ela está falando.

— Meu nome — ela diz. — É Viola.


Uma única respiração circular você e
ESQUECI SEU ROSTO Mantenha seus
uma linha, uma linha NADA ALÉM DE
mãos
A MADEIRA EM MI
nha Norma
sair daqui? NOSSAS SEMENTES VÃ
O dia
Carla CALE-SE, P
levanto, te abaixo, te segu
igual a trinta e
igual a sessenta e quatro Imu
MOS MAIS ANALGÉSICOS o pescoço, seu
também VIRE O PAR
M DE QUEIMA Prego, um dois trê
Eu estou e tudo está
ARLIE dinamitado dinamitado dinamitado 1 2
ELE GAROTO HEWITT Deus escuro AS FORM
DUAS
Não sobrou
pontos a hora, a hora mais dez EM UM MÊS As
Quando vamos sair daqui?

PARTE 3

13

VIOLA

FICO MUDO POR quase um minuto. Ela também. O fogo queima, a fumaça sobe, Manchee coloca a língua pra fora, ofegante, até que eu F finalmente digo:
— Viola.

Ela balança a cabeça com um gesto afirmativo.

— Viola — eu repito.

Desta vez ela não se mexe.

— Eu sou Todd.

— Eu sei.

Ela não está me olhando nos olhos.

— Então você pode falar — eu digo, mas ela só olha pra mim rapidamente e desvia o olhar. Eu olho pra ponte em chamas, pra fumaça se transforma em uma nuvem espessa entre a gente e o outro lado do rio, o que eu não sei se nos deixa mais seguros ou não. Não sei se o fato de não poder ver o prefeito e seus homens é melhor do que vê-los. — Isso foi… — começo a dizer, mas ela se levanta e estende a mão, pedindo a sacola.

Percebo que ainda estou segurando a sacola e devolvo.

— É melhor a gente ir — ela diz. — Para longe daqui.

O sotaque dela é engraçado, diferente do meu, diferente do de quer pessoa em

Prentissburgo. Os lábios dela fazem todo tipo de desenho pra pronunciar as letras, como se estivessem descendo sobre elas, moldando e dizendo às palavras o que elas devem Em Prentissburgo, todo mundo fala como se estivesse espreitando palavras, pronto pra atacar elas por trás.

Manchee está com medo dela.

— Longe — ele diz, bem baixinho, encarando ela como se ela fosse um tipo de comida.

Neste momento eu sinto que poderia começar a perguntar alguma coisas, agora que ela está falando. Eu poderia simplesmente sufocá-la com todo tipo de pergunta que posso imaginar sobre quem ela de onde veio, o que aconteceu, e as perguntas estão por todo o meu Ruído, voando até ela como se fossem flechas, mas tem tanta coisa querendo sair da minha boca que no fim das contas não sai nada e meus lábios não se movem e a garota está segurando a sacola sobre ombro e olhando pro chão e depois sai andando, passando por mim, passando por Manchee e seguindo a trilha.

—Ei — eu digo.

Ela para e olha pra mim.

— Espere por mim — eu digo.

Coloco minha mochila sobre os ombros, confiro se a faca está na bainha na parte inferior das minhas costas, ajeito os ombros pra deixar a mochila mais confortável e chamo Manchee e a gente segue a trilha atrás da garota.

Deste lado do rio o caminho faz uma pequena curva se distanciando do penhasco, em direção ao que parece uma paisagem de arbustos e galhos, um pouco afastada da montanha maior, que está a nossa esquerda.

A gente para no lugar onde a trilha faz uma curva e olha pra trás ao mesmo tempo. A ponte ainda está queimando tanto que você não ia acreditar, pendurada do lado oposto do penhasco como uma cachoeira incendiando, as chamas consumindo toda a sua extensão num amarelo raivoso e esverdeado. A fumaça é tão espessa que ainda é impossível saber o que o prefeito e seus homens estão fazendo ou o que fizeram, se foram embora ou se estão esperando ou sei lá. Poderia haver um sussurro de Ruído surgindo, mas também poderia não haver

sussurro nenhum, com o barulho da explosão e a madeira crepitando e a água lá embaixo. Enquanto a gente observa, o fogo termina seu trabalho nas estacas do outro lado do rio e com um grande barulho a ponte em chamas cai, cai, cai, batendo no penhasco, batendo na água, enviando mais nuvens de fumaça e vapor, deixando tudo ainda mais nebuloso.

— O que tinha dentro daquela caixa? — eu pergunto pra garota.

Ela olha pra mim, abre a boca, mas depois fecha a boca de novo, se virando pro outro lado.

— Está tudo bem — eu digo. — Não vou te machucar.

Ela olha pra mim de novo e meu Ruído está pensando em alguns minutos atrás, quando eu quase machuquei ela, quando eu quase…

Deixa pra lá.

A gente não fala mais nada. Ela começa a caminhar pela trilha e Manchee e eu seguimos ela pra dentro dos arbustos.

Saber que ela pode falar não me ajuda com o silêncio nem um pouco.

Saber que ela tem palavras na cabeça não significa nada se você só pode ouvi-las quando ela fala. Olhando sua nuca enquanto ela caminha, ainda sinto meu coração ser puxado por seu silêncio, ainda unto que perdi alguma coisa terrível, alguma coisa tão triste que tenho vontade de chorar.

— Chorar — Manchee late.

A garota simplesmente continua caminhando.

A trilha ainda é bastante larga, larga o bastante pra cavalos, mas o terreno a nossa volta está ficando mais pedregoso e o caminho está ficando mais tortuoso. A gente pode ouvir o rio lá embaixo, agora a mossa direita, mas parece que a gente está se distanciando dele um pouco, entrando cada vez mais em uma área que parece quase emparedada. Às vezes as rochas surgem dos dois lados, como se a gente tivesse caminhando no fundo de uma caixa. Pequenas plantas espinhosas crescem em cada fenda e videiras amarelas com espinhos se enroscam em volta dos caules das plantas e dá pra ver e ouvir lagartos amarelos

assobiando pra gente. Morder — eles dizem, ameaçando. Morder! Morder!

Qualquer coisa que você queira tocar aqui te cortaria.

Depois de talvez vinte, trinta minutos, o caminho chega a uma parte onde se alarga, onde algumas árvores de verdade começam a crescer de novo, onde a floresta parece que vai recomeçar, onde há relva e pedras baixas o bastante pra gente se sentar. E é o que a gente faz.

Retiro um pouco de carne seca da minha mochila e uso a faca para cortar algumas tiras pra mim, pra Manchee e pra garota. Ela pega pedaços sem dizer nada e a gente se senta separado em silêncio.

Eu sou Todd Hewitt, penso, fechando os olhos e mastigando, com vergonha do meu Ruído agora, agora que eu sei que ela pode ouvir ele, agora que eu sei que ela pode pensar sobre ele.

Pensar sobre ele em segredo.

Eu sou Todd Hewitt.

Vou me tornar um homem em vinte e nove dias.

O que é verdade, eu percebo, abrindo os olhos, O tempo passa mesmo quando a gente não está prestando atenção.

Dou outra mordida.

— Nunca ouvi esse nome Viola antes — digo depois de um tempo olhando pra minha tira de carne. Ela não diz nada, então eu levanto o olhar, meio sem querer.

E descubro que ela está olhando pra mim.

— O quê? — pergunto.

— Seu rosto — ela diz.

Franzo as sobrancelhas.

— O que tem meu rosto?

Ela fecha as mãos e finge que está dando um soco no rosto.

Me sinto corar.

—Sim, bem…

— E de antes — ela diz. — De… — e para.

— Aaron — eu digo.

— Aaron — Manchee late e a garota se encolhe um pouco.

— Esse é o nome dele — ela diz —, não é?

Eu balanço a cabeça, mastigando meu pedaço de carne.

— Sim — digo. — É o nome dele.

— Ele nunca disse seu nome em voz alta, mas eu sabia que era esse.

— Seja bem-vinda ao Novo Mundo — dou outra mordida, tendo que puxar um pedaço difícil de mastigar, atingindo um ponto dolorido entre muitos na minha boca. — Ai — cuspo o pedaço de carne e um monte de sangue.

A garota me vê cuspir e deixa sua comida de lado. Pega a sacola, abre encontra uma caixinha azul, um pouco maior do que a caixa verde da fogueira. Aperta um botão na frente pra abrir a caixa e retira uma coisa que parece um pedaço de plástico branco e um pequeno bisturi de metal. Ela se levanta da pedra e vem na minha direção.

Ainda estou sentado, mas me inclino pra trás quando ela aproxima as mãos do meu rosto.

— Curativos — ela diz.

— Eu tenho curativos.

— Estes são melhores.

Eu me inclino ainda mais pra trás.

— Seu… — eu digo, suspirando. — Seu silêncio meio que… — balanço a cabeça um pouco.

— Te incomoda?

—Sim.

— Eu sei — ela diz. — Aguenta firme.

Ela olha mais de perto pra área em volta do meu olho inchado e depois corta um pedaço do curativo com o pequeno bisturi. Está quase colocando o curativo sobre meu olho, mas não consigo evitar e recuo um pouco, tentando evitar seu toque. Ela não diz nada, continua com as mãos suspensas, como se estivesse esperando. Eu respiro fundo, fecho os olhos e ofereço meu rosto pra ela.

Sinto o curativo tocar a área inchada, que imediatamente fica mais fria.

Imediatamente a dor começa a diminuir, como se tudo tivesse sido varrido por plumas. Ela coloca outro curativo em um corte que tenho na cabeça e os dedos dela passam pelo meu rosto quando ela co outro bem abaixo do meu lábio inferior. É uma sensação tão boa ainda estou com os olhos fechados.

— Não tenho nada para seus dentes — ela diz.

— Não tem problema — eu digo, quase sussurrando. — Nossa, esses curativos realmente são melhores do que os meus.

— Eles estão parcialmente vivos — ela diz. — São feitos de tecido humano sintético. Quando você estiver curado, eles morrerão.

— Sei, claro — eu digo, como se soubesse o que isso quer dizer.

Há um longo silêncio, longo o suficiente pra me fazer abrir os olhos de novo. Ela deu uns passos pra trás e está sentada sobre uma pedra me observando, observando meu rosto.

A gente espera. Porque parece ser a melhor coisa a fazer.

E foi mesmo, porque depois de esperar um pouquinho ela começa a falar.

— A gente caiu — ela começa, calmamente, desviando o olhar. Depois limpa a garganta e repete: — A gente caiu. Houve um incêndio e a gente estava voando baixo e pensou que ficaria bem, mas ai coisa deu errado com a tubulação de segurança e… — ela abre as mãos pra explicar o que vem depois do e — caímos.

Ela para.

— Aqueles eram sua mãe e seu pai? — eu pergunto, depois de tempo.

Mas ela só olha pro céu, azul e límpido, com nuvens que parecem ossos.

— E quando o sol nasceu — ela continua — aquele homem apareceu.

— Aaron.

— E foi tão estranho. Ele gritou e berrou e depois foi embora, eu tentei fugir — ela cruza os braços. — Continuei tentando, para ele não pudesse me encontrar, mas eu estava andando em círculos em todo lugar que eu me escondia lá estava ele, não sei como, até que encontrei aquelas coisas tipo cabanas.

— Os prédios dos spackles — eu digo, mas ela nem está me ouvindo.

Ela olha pra mim.

— E então você veio — ela olha pra Manchee. — Você e o seu cachorro falante.

— Manchee! — Manchee late.

Seu rosto está pálido e quando ela encontra o meu olhar de novo vejo que seus olhos estão lacrimejando.

— O que é este lugar? — ela pergunta, com a voz meio embargada. — Por que os animais falam? Por que eu ouço sua voz quando boca não está se mexendo? Por que eu ouço sua voz junto com muitas outras, empilhada no topo de outras vozes, como se existisse nove milhões de você falando ao mesmo tempo? Por que eu vejo imagens de outras coisas quando olho para você? Por que eu pude ver o que aquele homem…

Ela empalidece. Encosta os joelhos no peito e os abraça. Sinto que é melhor eu

começar a falar rápido antes que ela comece a se balançar de novo.

— Somos colonizadores — eu digo. Ela olha pra cima, ainda abraçando os joelhos, mas pelo menos sem se balançar. — Éramos colonizadores — continuo. — Aterrissamos aqui pra fundar o Novo Mundo,, há aproximadamente vinte anos. Mas havia alienígenas aqui. Os spackles. E

eles… não queriam a gente — estou contando o que todo garoto em Prentissburgo sabe, a história que até o garoto fazendeiro tonto, como eu, sabe de cor e salteado. — Os homens tentaram viver em paz durante anos, mas os spackles não queriam. E então começou a guerra.

Ela olha pra baixo de novo quando escuta a palavra guerra. Eu continuo contando.

— E a forma como os spackles lutaram foi com germes, com doenças.

Estas eram suas armas. Eles liberaram germes que fizeram coisas. Um deles a gente achou que servia pra matar todos os animais, mas só fez com que eles falassem — olho pra Manchee. — O que não é tão divertido quanto parece — olho de novo pra garota. — E foi o Ruído.

Espero um pouco. Ela não diz nada. Mas a gente meio que sabe o que virá porque já passou por isso antes, não é?

Respiro fundo.

— E este matou metade dos homens e todas as mulheres, inclusive a minha mãe, e fez os pensamentos dos homens que sobreviveram não serem mais um segredo pro resto do mundo.

Ela esconde o queixo entre os joelhos.

— Às vezes eu consigo ouvir claramente — ela diz. — Às vezes sei exatamente o que você está pensando. Mas só às vezes. Na maior parte do tempo é só…

— Ruído — eu digo.

Ela concorda.

— E os alienígenas?

— Não existem mais alienígenas.

Ela balança a cabeça. A gente fica lá sentado por um minuto, ignorando o óbvio até não poder mais ignorá-lo.

— Eu vou morrer? — ela pergunta, calmamente. — O germe vai me matar?

As palavras soam diferentes no sotaque dela, mas querem dizer a mesma coisa e meu Ruído só pode dizer provavelmente, mas eu faço a minha boca dizer: — Não sei.

Ela fica me olhando, esperando mais.

— Eu realmente não sei — digo, sendo sincero. — Se você tive me perguntando isso na semana passada, eu teria certeza, mas hoje. — olho pra minha mochila, pro livro que está lá dentro. — Não sei— olho pra ela. — Espero que não.

Mas meu Ruído diz provavelmente. Provavelmente você vai morrer e, apesar d'eu tentar encobrir esse pensamento com outro Ruído, é uma coisa tão injusta que é difícil que não esteja bem na minha cara.

— Sinto muito — digo.

Ela não diz nada.

— Mas quem sabe se a gente encontrar a próxima colônia — eu digo, mas não termino a frase porque não sei a resposta. — Você ainda não tá doente. Isso já é alguma coisa.

— Você deve avisar eles — ela diz, abraçando os joelhos.

Eu olho pra cima, bruscamente. — O quê?

— Mais cedo, quando você estava tentando ler aquele livro…

— Eu não estava tentando — eu digo, com a voz um pouco mais de repente.

— Eu vi as palavras no seu sei lá o quê — ela diz — e diziam 'Você deve avisar eles'.

— Eu sei disso! Eu sei o que diziam.

Claro que é Você deve avisar eles. Claro que é. Seu idiota.

A garota diz: — Parecia que você estava…

— Eu sei ler.

Ela levanta as mãos.

—Tá bom.

—Eu sei!

— Só estou dizendo…

— Então pare de dizer — eu olho carrancudo, meu Ruído tão irritado que Manchee se levanta. Eu também me levanto. Pego a mochila e coloco nas costas de novo. — Temos que ir.

— Avisar quem? — ela pergunta, ainda sentada. — Sobre o quê?

Eu não tenho a chance de responder (mesmo não sabendo a resposta) porque a gente ouve um dique acima da gente, um dique alto e estridente que em Prentissburgo significaria uma coisa: um rifle sendo carregado.

Parada sobre uma pedra acima da gente está uma pessoa com um e engatilhado, olhando pra baixo, apontando a arma bem na nossa direção.

— A primeira coisa que passa pela minha mente nesta conjuntura particular — diz uma voz que surge detrás da arma — é o que dois pequenos intrometidos pensam que estão fazeno destruíno a minha ponte?



14

SOB A MIRA DE UM RIFLE

—ARMA! Arma! Arma! — Manchee começa a latir, pulando pra frente e pra trás.

— Se eu fosse você, acalmaria seu animal diz o rifle, com o oculto pela mira que aponta na nossa direção. — Você não ia querer que alguma coisa acontecesse com ele, não é mesmo?

— Quieto, Manchee! — eu digo.

Manchee. — Arma, Todd? — ele late. — Bang, bang!

— Eu sei. Fica quieto.

Ele para de latir e se acalma.

A não ser pelo meu Ruído, tudo está quieto.

— Acho que fiz uma pergunta pra dupla de pirralhos — diz a voz — e estou esperano uma resposta.

Eu olho pra garota. Ela encolhe os ombros, mas percebo que a gente está com as mãos pra cima.

— O quê? — eu respondo pro rifle.

O rifle solta um resmungo raivoso.

— Tô perguntano — a voz diz — o que exatamente autoriza vocês dois a sair queimano e destruíno a ponte dos outros.

Eu não digo nada. Nem a garota.

— Cês acham que isso que eu tô apontano pra vocês é uma vareta? — diz a voz, carregando o rifle.

— A gente tava sendo perseguido — eu digo, por falta de outra coisa pra dizer.

— Perseguidos, não é? — diz o rifle. — Quem tava perseguino vocês?

E não sei o que responder. Será que a verdade seria mais perigosa do que uma mentira? Será que o rifle está do lado do prefeito? Será que a gente era uma recompensa? Ou será que o homem do rifle alguma vez já tinha ouvido falar de Prentissburgo?

O mundo é um lugar perigoso quando você não tem o conhecimento suficiente.

Como, por exemplo, por que está tudo tão quieto?

— Eu já ouvi falar de Prentissburgo, sim — diz o rifle, lendo meu Ruído com uma clareza irritante e erguendo a espingarda, se preparando pra atirar.

— E se você é mesmo de lá…

E então a garota fala aquilo que de repente me faz pensar nela como Viola e não mais como a garota.

— Ele salvou minha vida.

Eu salvei a vida dela.

Ela própria disse.

Engraçado como as coisas aconteceram.

— É mesmo? — diz o rifle. — E como você sabe que ele não queria nas se salvar?

A garota, Viola, olha pra mim com a testa enrugada. É a minha vez encolher os ombros.

— Não — a voz do rifle muda. — Eu não estou vendo isso em não é, garoto? Porque você ainda é só um pirralho, não é mesmo?

Eu engulo em seco.

— Vou me tornar um homem em vinte e nove dias.

— Isso não é motivo de orgulho, pirralho. Não no lugar de onde você veio.

A voz abaixa a arma, revelando seu rosto.

E por isso estava tudo tão quieto.

A voz é uma mulher.

Uma mulher adulta.

Uma mulher velha.

— Eu agradeceria muito se você me chamasse de ela — a mulher diz, ainda apontando o rifle pra gente. — E não sou tão velha a ponto de não conseguir atirar em vocês.

Ela está olhando pra gente mais atentamente agora, me analisas de cima até embaixo, vendo direto no meu Ruído com uma habilidade que eu só tinha visto em Ben. Seu rosto está fazendo todo tipo de cara como se ela estivesse me examinando, como o rosto de Cillian quando ele tentava descobrir se eu estava mentindo. Mas essa mulher não nenhum Ruído, então ela poderia até estar cantando uma música seu pensamento e eu não saberia.

Ela olha pra Viola e faz uma pausa pra dar mais uma longa examinada.

— Pra um pirralho — ela diz, olhando pra mim de novo — você é tão fácil de ler quanto um recém-nascido, meu filho — depois, olhando pra Viola: — Quanto a você, pequenina, sua história não é uma história muito comum, não é mesmo?

— Eu adoraria te contar toda a minha história se você parasse apontar esta arma pra gente — Viola diz.

Isto é tão surpreendente que até Manchee olha pra cima. Com a boca aberta, eu olho pra Viola.

A gente ouve uma risada que vem de cima da pedra. A velha senhora está rindo sozinha. Suas roupas parecem um couro bem empoeirado, desgastado e enrugado pelos anos com um chapéu com aba grande e botas pra se proteger da lama. Como se na verdade ela não fosse do que uma fazendeira.

Mas ela ainda está apontando a arma pra gente.

— Vocês tavam fugino de Prentissburgo, é isso? — ela pergunta, olhando meu Ruído de novo. Como a gente não tem motivo esconder nada, eu mostro por que a gente estava fugindo, o que a teceu na ponte, quem estava perseguindo a gente. Ela vê tudo, eu sei vê, mas eu só vejo que ela aperta os lábios e pisca os olhos um pouco.

— Muito bem — ela diz, ajeitando o rifle no braço e começando a descer das pedras até onde a gente está. — Não posso dizer que mão estou irritada por vocês terem explodido a minha ponte. Escutei o barulho lá na fazenda, e como escutei — ela pisa na última pedra e para um pouco distante da gente, e a força do seu silêncio de adulto é tão grande que eu dou um passo pra trás sem perceber. — Mas o único lugar para o qual aquela ponte levava já não valia a pena ir há mais de uma década. Só saí de lá porque tinha esperança — ela olha pra gente de novo. — E quem sabe se eu não tinha razão?

A gente ainda está com as mãos no ar porque o que ela diz não faz muito sentido.

— Vou perguntar só uma vez — a mulher diz, erguendo o rifle de novo.

— Vou precisar disso?

Eu e Viola nos olhamos.

— Não — eu digo.

— Não, senhora — Viola diz.

Senhora? Eu penso.

— É como senhor, querido — a mulher pendura o rifle no ombro pela alça. — Pra quando você estiver falano com uma dama — ela se agacha perto de Manchee. — E quem é você, pirralhinho?

— Manchee! — ele late.

— Claro que é — diz a mulher, fazendo carinho em Manchee. — E

vocês dois? — ela pergunta, sem olhar pra cima. — Que nome sua mãe deu pra

vocês?

Eu e Viola nos olhamos de novo. Parece arriscado dar nossos nomes, mas talvez seja uma troca justa, já que ela abaixou a arma.

— Eu sou Todd. Ela é Viola.

— Tão certo como o nascer do sol — diz a mulher, que conseguiu fazer Manchee se deitar com a barriga pra cima pra receber carinho.

— Existe algum outro caminho pra atravessar aquele rio? — eu pergunto. — Outra ponte? Porque aqueles homens…

— Eu me chamo Mathilde — a velha senhora interrompe —, mas as pessoas que me chamam assim não me conhecem, então vocês podem me chamar de Hildy e talvez um dia até conquistem o de apertar minha mão.

Olho pra Viola de novo. Como a gente pode saber se uma pessoa que não tem Ruído é maluca?

A velha senhora dá uma gargalhada. — Você é bem engraçadinho, pirralho — ela se levanta, deixando Manchee, que rola e olha pra ela, como um admirador. — E, pra responder sua pergunta, existem algumas travessias rasas com alguns dias de viagem rio acima, mas não nenhuma ponte por uma boa distância dos dois lados.

Ela desvia o olhar pra mim, direto e claro, com um pequeno sorriso nos lábios. Deve estar lendo o meu Ruído de novo, mas não é? Porque sentir nenhuma agulhada como quando os homens tentam fazer isso.

E a forma como ela continua olhando me faz perceber algumas coisas, me faz juntar algumas peças do quebra-cabeça. Deve ser verdade que Prentissburgo foi isolada por causa do germe do Ruído, é? Porque aqui está uma mulher adulta que não morreu por causa do germe, que está me olhando de forma amigável, mas mantendo uma distância, uma mulher que está pronta pra receber estranhos do lugar de onde eu venho com um rifle.

E, se eu sou contagioso, isso quer dizer que Viola provavelmente já pegou o germe e poderia estar morrendo neste exato momento, e provavelmente eu não serei bem recebido na colônia, provavelmente vão me dizer pra ficar bem longe

de lá e isso provavelmente será o fim da história, não é? Minha jornada termina antes mesmo d'eu encontrar um lugar pra ir.

— Você não será bem-vindo na colônia — a mulher diz. — Nenhuma dúvida disso. Mas — ela pisca pra mim, pisca mesmo — ás vezes a ignorância protege a gente.

— Eu não apostaria nisso — eu digo.

Ela vai pisando nas pedras até chegar ao topo.

— Vocês não vêm? — ela pergunta, como se tivesse convidado gente pra ir junto e a gente estivesse fazendo ela esperar.

Eu olho pra Viola, que fala pra mulher: — A gente deveria ir para colônia — ela olha pra mim de novo. — Sendo bem-vindos ou não.

— Ah, claro, vocês vão chegar lá — diz a mulher —, mas o que precisam agora é de um bom sono e uma boa comida. Qualquer um pode ver isso.

A ideia de dormir e comer é tão tentadora que eu esqueço por segundo que ela apontou uma arma pra gente. Mas só por um do, porque tem outras coisas pra levar em consideração. Eu tomo a decisão por nós dois. — É

melhor a gente seguir o nosso caminho — eu digo pra Viola, calmamente.

— Eu nem sei para onde a gente está indo — ela diz, também calmamente. — Você sabe? Honestamente?

— Ben disse…

— Vamos fazer o seguinte: vocês dois vêm pra minha fazenda, colocam umas boas guloseimas dentro dessas barriguinhas, dormem numa cama que não é macia, já vou avisano, e pela manhã todos iremos à colônia — e é assim que ela pronuncia essa última palavra, arregalando os olhos e zombando da gente por chamar o lugar com esse nome.

A gente não se move.

— Vejam por esse lado — a velha-senhora diz. — Eu tenho uma arma — ela

balança o rifle —, mas estou pedindo pra vocês virem.

— Por que a gente não vai com ela? — Viola sussurra. — Só para o que acontece.

Meu Ruído se intensifica um pouco, surpreso.

— Ver o quê?

— Bem que eu gostaria de tomar um banho — ela diz. — E bem eu gostaria de dormir um pouco.

— Eu também — eu digo —, mas tem homens que estão atrás da gente e que provavelmente não vão deixar uma ponte caída impedir eles, além do mais, a gente não sabe nada sobre ela. Até onde eu sei, poderia ser uma assassina.

— Ela parece legal — Viola olha de soslaio pra mulher. — Um pouco doidinha, mas não parece uma doidinha perigosa.

— Ela não parece nada — me sinto um pouco irritado, p sincero. — As pessoas que não têm Ruído não parecem nada.

Viola olha pra mim. Suas sobrancelhas de repente enrugam e a mandíbula endurece um pouco.

— Bem, fora você, claro — eu digo.

— Toda vez… — ela começa a dizer, mas depois só balança a cabeça.

— Toda vez o quê? — eu sussurro, mas Viola pisca e olha mulher.

— Espere — ela diz, com a voz parecendo irritada. — Vou as minhas coisas.

— Ei! — eu digo. Será que ela esqueceu que eu salvei a vida dela? — Espere um minuto. Temos que seguir a estrada. Temos que chegar até a colônia.

— Estradas nunca são o caminho mais rápido pra chegar em lugar nenhum — a mulher diz. — Você não sabe disso?

Viola não diz nada, pega a sacola, com uma cara feia, e já pronta pra ir embora, pronta pra seguir a primeira pessoa quieta ela encontra, pronta pra me deixar pra

trás e aceitar o primeiro convite amigável.

E ela está se esquecendo de uma coisa que eu não quero dizer.

— Eu não posso ir, Viola — eu digo, baixinho, entre os dentes me odiando um pouco por dizer isso, meu rosto ficando quente, o estranhamente faz um dos curativos cair. — Eu carrego o germe. Sou perigoso.

Ela olha pra mim e diz, como uma ferroada: — Então talvez seja melhor você não vir.

Fico de queixo caído.

— Você faria isso? Simplesmente iria embora?

Viola desvia o olhar, mas, antes de responder, a velha senhora diz: — Pirralho, se você está preocupado por estar infectado, e sua amiga pode vir caminhano na frente com a velha Hildy enquanto você nos segue mais atrás, com seu cachorro pra te proteger.

— Manchee! — Manchee late.

— Para mim tanto faz — Viola diz, começando a subir nas pedras até onde está a velha senhora.

— E eu já te disse — a mulher diz —, é Hildy, não velha senhora. Viola chega ao topo da pedra e elas começam a caminhar sem dizer uma palavra.

Simples assim.

— Hildy — Manchee diz.

— Cala a boca.

E eu não tenho outra opção a não ser subir nas pedras e ir atrás delas, certo?

Assim a gente continua nosso caminho, ao longo de uma trilha bem mais estreita, passando por rochas e arbustos. Viola e Hildy andam juntas e eu e Manchee mais atrás, indo em direção a quem sabe que outros perigos e todo o tempo eu olho pra trás, esperando ver o prefeito e o Sr. Prentiss Jr. e Aaron vindo

atrás da gente.

Eu não sei. Como eu poderia saber? Como Ben e Cillian podiam esperar que eu estivesse preparado pra isso? Claro, a ideia de uma cama e comida quentinha parece uma coisa pela qual vale a pena correr o risco de levar um tiro, mas pode ser urna armadilha e a gente está sendo estúpido que até merece ser pego.

E tem pessoas atrás da gente, e a gente deveria fugir.

Mas talvez realmente não exista nenhuma outra forma de atravessar aquele rio.

E Hildy poderia ter forçado a gente, mas não fez isso. Viola diz que ela parece legal e talvez uma pessoa sem Ruído seja capaz de ler outra pessoa sem Ruído.

Tá vendo só? Como eu poderia saber?

E quem se importa com o que Viola diz?

— Olhe pra elas lá em cima — eu digo pra Manchee. — Elas se deram bem muito rápido, como se fossem parentes ou algo do tipo.

— Hildy — Manchee diz de novo. Eu dou um tapa no traseiro dele, mas ele sai correndo.

Viola e Hildy estão conversando, mas eu só consigo ouvir os murmúrios de palavras uma vez ou outra. Não tenho ideia do que elas estão dizendo. Se elas fossem pessoas Ruidosas normais, não importaria a distância que separa a gente, todos poderíamos conversar juntos e ninguém teria nenhum segredo.

Todo mundo estaria tagarelando, querendo ou não, e ninguém seria deixado o e ora. Ninguém seria deixado sozinho na primeira oportunidade que aparecesse.

A gente continua caminhando.

E eu começo a pensar mais.

E começo a me distanciar um pouco mais delas.

E estou pensando mais.

Porque, à medida que o tempo passa, tudo começa a fazer sentido.

Porque talvez agora que a gente encontrou Hildy, talvez ela possa tomar conta de Viola. É óbvio que elas são farinha do mesmo saco, não é?

Diferentes de mim, com certeza. Então talvez Hildy possa ajudar Viola a voltar pro lugar de onde ela veio porque obviamente eu não posso.

Obviamente eu não tenho nenhum lugar pra ir, a não ser Prentissburgo, certo? Porque eu estou carregando um germe que pode matar Vi que pode matar todas as pessoas que eu conhecer, um germe que manterá pra sempre fora daquela colônia, e provavelmente até me f dormir no celeiro de Hildy com as ovelhas e as maçãs.

— E é isso, não é, Manchee? — eu paro de caminhar, pois m peito começa a apertar. — Não tem nenhum Ruído aqui, a não ser m que eu estou trazendo — limpo o suor da minha testa. — A gente não tem pra onde ir. A gente não pode seguir em frente. A gente não pode voltar.

Eu me sento numa pedra, percebendo a verdade.

— A gente não tem nenhum lugar — eu digo. — A gente não tem nada.

— A gente tem o Todd — Manchee diz, balançando o rabo.

Não é justo.

Simplesmente não é justo.

O único lugar ao qual eu pertenço é o único lugar pra onde nunca poderei voltar.

Estarei sempre sozinho, pra sempre.

Por que você fez isso, Ben? O que eu fiz de tão ruim?

Limpo as lágrimas com meu braço.

Eu queria que Aaron e o prefeito viessem me pegar.

Queria que tudo isso acabasse logo.

— Todd? — Manchee late, se aproximando e tentando cheirar meu rosto.

— Me deixa em paz — eu digo, empurrando ele.

Hildy e Viola estão se afastando cada vez mais e, se eu não me levantar, vou perder a trilha.

Não me levanto.

Ainda posso ouvir as duas conversando, apesar de tudo estar bem mais quieto, e ninguém está olhando pra trás pra ver se eu ainda estou seguindo.

Hildy, eu ouço, e garota e explosão do cano com vazamento e HildY de novo e ponte em chamas.

E eu levanto a cabeça.

Porque é uma voz nova.

E eu não estou escutando essa voz. Não com meus ouvidos.

Hildy e Viola estão se distanciando, mas tem alguém que está vindo em direção delas, alguém que levanta a mão e cumprimenta as duas.

Alguém com o Ruído que está dizendo Olá.

15

IRMÃOS NA DOR

É UM HOMEM velho, que também carrega um rifle apontado pro chão. Seu Ruído vai ficando mais alto à medida que ele se aproxima de Hildy, continua alto quando ele coloca um braço em volta dela e lhe dá um beijo e faz um zumbido quando ele é apresentado a Viola, que recua um pouco ao ser cumprimentada de forma tão amigável.

Hildy é casada com um homem que tem Ruído.

Um homem adulto, que anda por aí tranquilo com seu Ruído.

Mas como…?

— Ei, pirralho! — Hildy grita. — Cê vai ficar aí sentado o dia todo com o dedo no nariz ou vai vir jantar com a gente?

— Jantar, Todd! — Manchee late e sai correndo em direção a eIes.

Eu não penso em nada. Não sei o que pensar.

— Outro companheiro Ruidoso! — grita o velho, passando por Viola e Hildy e vindo na minha direção. O Ruído dele salta como um desfile de rua, cheio de boas-vindas não muito bem-vindas e sentimentos bons. Pirralho e pontes caíno e cano com vazamento e irmãos na dor e Hildy, minha Hildy.

Ele ainda está carregando o rifle, mas, quando che mais perto, estende a mão pra mim.

Estou tão chocado que até aperto a mão dele.

— Meu nome é Tam! o velho diz, quase gritando. — E quem é você, pirralho?

—Todd.

— Muito prazer, Todd! — ele coloca um braço em volta dos meus ombros e praticamente sai me arrastando pelo caminho. Eu vou tropeçando, mal conseguindo me equilibrar enquanto ele me leva até Hildy e Viola, falando sem parar. — Faz muito tempo que a gente não recebe visita pra jantar, então vocês vão ter que desculpar nossa humilde cabana. Não vem nenhum viajante por estes lados faz pelo menos dez anos, mas vocês são bem-vindos! Todos são bem-vindos!

A gente chega até onde elas estão e ainda não sei o que dizer e olho pra Hildy e pra Viola e pra Tam…

Eu só quero que o mundo faça sentido de vez em quando, será que é pedir muito?

— Não é pedir muito, pequeno Todd — Hildy diz, gentilmente. Como é que você não foi pega pelo germe do Ruído? — eu pergunto, quando as palavras finalmente saem da minha mente pela minha boca. Então meu coração acelera, acelera tanto que posso sentir meus olhos se abrindo e minha garganta começando a fechar. Meu próprio Ruído fica todo branco de esperança.

— Vocês têm uma cura? — minha voz quase falha. — Existe uma cura?

— Se existisse uma cura pro Ruído — Tam diz, ainda praticamente gritando —, você realmente acha que eu te submeteria a todo este lixo que sai flutuano do meu cérebro?

— Seria uma maravilha — Hildy diz, sorrindo.

— E seria uma maravilha se você não pudesse me dizer o que eu deveria pensar — Tam sorri também, exalando carinho por todo o seu Ruído. — Não, pirralho — ele me diz. — Não conheço nenhuma cura.

— Na verdade — Hildy diz —, Paraisópolis deve estar trabalhano numa cura. É o que dizem por aí.

— Quem diz? — Tam pergunta, incrédulo.

— Talia — Hildy responde. — Susan F. Minha irmã.

Tam faz um som de shhh com os lábios. — Eu não acredito nisso.

Fofocas de fofocas de fofocas. Sua irmã não consegue nem pronunciar o próprio nome direito, muito menos falar alguma coisa útil.

— Mas — eu digo, olhando pra um lado e pro outro sem parar, não querendo esquecer o assunto. — Mas então como você pode estar viva? — pergunto pra Hildy. — O Ruído mata todas as mulheres. Todas as mulheres.

Hildy e Tam se olham e eu escuto, não, eu sinto que Tam abafa alguma coisa em seu Ruído.

— Não mata não, pequeno Todd — Hildy diz, um pouco gentil dimais.

— É como eu tava dizendo pra sua amiga Viola aqui. Ela está segura.

Segura? Mas como ela pode estar segura?

— As mulheres são imunes — Tam diz. — Que sortudas.

— Não é verdade! — eu digo, aumentando a voz. — Elas não são imunes! Todas as mulheres de Prentissburgo pegaram o Ruído e todas morreram por causa disso! Minha mãe morreu por causa disso! Talvez a versão que os spackles jogaram na gente tenha sido mais forte do que a de vocês, mas…

— Pequeno Todd — Tam coloca a mão no meu ombro, me interrompendo.

Eu retiro a mão dele, mas não sei o que dizer. Viola ainda não disse uma palavra. Eu olho pra ela, mas ela não olha pra mim. — Eu sei o que eu sei — eu digo, apesar disso ter sido metade do problema, não é mesmo?

Como isso pode ser verdade?

Como pode ser verdade?

Tam e Hildy trocam outro olhar. Eu olho no Ruído de Tam, mas ele, como todo mundo que eu já conheci, é especialista em esconder coisas quando alguém

começa a bisbilhotar. Tudo o que eu vejo é bondade.

— Prentissburgo tem uma história triste — ele diz. — Muitas coisas deram errado lá.

— Você está errado — eu digo, mas até minha voz diz que eu não tenho certeza de por que exatamente ele está errado.

— Este não é o lugar pra isso, Todd — Hildy diz, acariciando Viola no ombro, uma carícia que Viola não recusa. — Vocês precisam de um pouco de comida e sono. Vi diz que você quase não dormiu em muitos quilômetros de viagem. Tudo vai ficar melhor quando você comer e dormir.

— Mas ela está protegida de mim? — eu pergunto, sem olhar pra ‚Vi'.

— Bem, ela está definitivamente protegida contra seu Ruído — Hildy diz, sorrindo. — Agora, que outra proteção ela pode receber de você depende de te conhecer melhor.

Eu quero que ela esteja certa, mas também quero dizer que ela está errada e no fim das contas não digo nada.

— Vambora — Tam diz, quebrando o silêncio —, vamos pro nosso banquete.

— Não! — eu digo, recordando tudo de novo. — A gente não tem tempo pra um banquete — olho pra Viola. — Tem homens atrás da gente, se é que você não se lembra. Homens que não estão interessados no nosso bem-estar — olho pra Hildy. — Tenho certeza de que o seu banquete é ótimo e tudo mais…

— Pequeno Todd… — Hildy começa.

— Eu não sou pequeno! — eu grito.

Hildy franze os lábios e sorri com as sobrancelhas. — Pequeno Todd — repete, um pouco mais baixo desta vez. — Nenhum homem em qualquer ponto além daquele rio nunca conseguiria atravessar, cê entende?

— Sim — diz Tam. — É isso mesmo.

—Mas…

— Eu vigio aquela ponte há mais de dez anos — Hildy diz — e já cuidava dela muitos anos antes disso. Já faz parte de mim, saber o que vai acontecer — ela olha pra Viola; Não tem ninguém vindo. Vocês estão seguros.

— Sim — Tam diz outra vez, balançando pra frente e pra trás sobre calcanhares.

— Mas… — eu digo de novo, mas Hildy não me deixa terminar.

— É hora do banquete.

E parece que é isso. Viola ainda não olha pra mim, ainda está os braços cruzados e agora está debaixo do braço de Hildy enquanto elas caminham. E

eu fiquei com Tam, que está esperando. Admito não estou com muita vontade de caminhar, mas, como todo m está indo, eu vou também. A gente segue pela trilha particular de Hildy e Tam, e este não para de tagarelar, fazendo Ruído suficiente pra cidade inteira.

— Hildy disse que vocês explodiram a nossa ponte — ele diz.

— Minha ponte — Hildy grita.

— Ela realmente construiu a ponte — Tam conta —, mas a ver é que faz muito tempo que ninguém passa por lá.

— Ninguém? — eu pergunto, pensando por um segundo em todos aqueles homens que desapareceram de Prentissburgo, todos os que sumiram enquanto eu crescia. Nenhum deles conseguiu chegar até aqui.

— Aquela ponte era uma linda peça de engenharia — Tam prossegue, como se não tivesse me escutado, e talvez não tenha mesmo, pois está conversando tão alto… — É triste saber que ela se foi.

— A gente não teve escolha — eu digo.

— Sempre há escolhas, pirralho, mas pelo que escutei você fez escolha certa.

A gente caminha em silêncio por um tempo.

— Você tem certeza que a gente está seguro? — pergunto.

— Bem, nunca podemos ter certeza — ele diz. — Mas Hildy certa — ele dá um sorriso que parece meio triste —, pois não é só a ponte destruída que faria os homens ficarem do outro lado do rio.

Tento ler seu Ruído pra ver se ele está dizendo a verdade, mas um lugar tão brilhante, e limpo e quente que qualquer coisa pode verdade.

Muito diferente dos homens de Prentissburgo.

— Não entendo — eu digo, ainda remoendo. — Tem que ser ai tipo de germe de Ruído diferente.

— Meu Ruído é diferente do seu? — Tom pergunta, parecendo sinceramente curioso.

Eu olho pra ele e fico escutando por um segundo. Hildy e Prentissburgo e maças e ovelhas e colonizadores e cano com vazamento e Hildy.

— Você pensa bastante na sua mulher.

— Ela é a luz da minha vida. Eu já teria me perdido no meu Ruído se ela não tivesse me resgatado.

— Como assim? — eu pergunto, imaginando sobre o que ele está falando. — Você lutou na guerra?

Ele para. Seu Ruído fica cinza e plano como um dia nublado e não consigo ler nada.

— Eu lutei, meu jovem, mas a gente não fala sobre a guerra ao ar livre quando o sol está brilhando.

— Por que não?

— Eu rezo pra todos os meus deuses pra você nunca descobrir — ele coloca a mão no meu ombro. Desta vez eu não me esquivo.

— Como você faz isso? — pergunto.

—Isso o quê?

— Deixar seu Ruído tão plano que eu não consigo ler nada.

Ele sorri.

— São anos de prática escondeno coisas da patroa.

— É por isso que eu consigo ler tão bem — Hildy diz. — Ele aprende a esconder melhor, eu aprendo a encontrar melhor.

Eles riem juntos de novo. Percebo que estou tentando olhar pra Viola, mas ela não está olhando pra mim e eu não tento de novo.

A gente sai da parte rochosa do caminho, sobe um pequeno monte e, de repente, lá está uma fazenda, subindo e descendo algumas pequenas colinas, mas dá pra ver os campos de trigo, os campos de repolho e um pasto com algumas ovelhas.

— Olá, ovelhas! — Tam grita.

— Ovelhas! — elas repetem.

Primeiro no caminho está um grande celeiro de madeira, tão sólido e impenetrável como a ponte, como se pudesse durar pra sempre.

— Não se você resolver explodir ele — Hildy diz, rindo.

— Bem que eu queria ver você tentar — Tam ri.

Já estou me cansando dessas risadas sobre qualquer coisa idiota.

A gente chega na casa da fazenda, que é completamente diferente de tudo que eu já vi. Parece de metal, como o posto de gasulina e a igreja lá na minha cidade, só que não tão desgastada. Metade dela brilha e sobe até o céu como uma vela de barco, e tem uma chaminé que sobe fazendo curvas, dobrando em um ponto e com fumaça saindo da si abertura. A outra metade da casa é feita de madeira sobre o metal, sólida como o celeiro, mas cortada e dobrada como…

— Asas — eu digo.

— É isso mesmo — Tam diz. — E que tipo de asas são essas?

Eu olho de novo. A casa inteira parece algum tipo de pássaro com a chaminé

como cabeça e pescoço e uma frente brilhante e asas de madeira se abrindo atrás, como um pássaro descansando na água algo do tipo.

— É um cisne, pequeno Todd — Tam diz.

—O quê?

— Um cisne.

— O que é um cisne? — eu pergunto, ainda olhando para a casa.

O Ruído dele fica embaralhado por um segundo, depois eu sinto um pouco de tristeza e olho pra ele.

— O que foi?

— Nada, pequenino — ele diz. — Lembranças de muito tempo atrás., Viola e Hildy ainda estão na nossa frente. Viola está com os olho arregalados e a boca aberta como um peixe.

— O que eu te disse? — Hildy diz.

Viola corre até a cerca na frente da casa e fica observando a construção, olhando toda a parte de metal, de cima pra baixo, de um lado pro outro. Eu me aproximo e olho também. Por um minuto não consigo pensar em nada pra dizer (cala a boca).

— Deve ser parecido com um cisne — eu finalmente digo —, lá o que for isso.

Ela me ignora e olha pra Hildy. — Esta é uma Expansion Três 500?

—O quê?

— Mais antiga ainda, pequena Vi — Hildy diz. — X Três 200.

— A gente tem até X Sete — Viola diz.

— Não me surpreende — diz Hildy.

— Mas sobre que diabos vocês estão falando? — eu pergunto. — Que troço é esse de Expansion?

— Ovelhas — a gente ouve Manchee latir lá longe.

— Nossa nave — Hildy diz, parecendo surpresa por eu não saber.

— Uma Expansion Classe Três. Série 200.

Eu olho pra Hildy e pra Viola. Tem uma nave espacial voando no Ruído de Tam, uma nave com um casco dianteiro que parece a casa da fazenda de cabeça pra baixo.

— Ah, sim — eu digo, me lembrando, tentando falar como se eu soubesse. — Vocês constroem suas casas com as primeiras ferramentas disponíveis.

— Mais ou menos isso — Tam diz. — Ou você faz obras de arte se tiver talento.

— Se sua mulher for uma engenheira que consegue fazer suas esculturas bobas ficarem de pé — Hildy diz.

— Como você sabe tudo isso? — pergunto a Viola.

Ela olha pro chão, desviando o olhar.

— Você não quer dizer que… — começo a dizer, mas paro.

Estou entendendo.

Claro que estou entendendo.

Um pouco tarde dimais, como sempre, mas estou entendendo.

— Você é uma colonizadora — eu digo. — É uma nova colonizadora.

Ela não olha pra mim, mas balança os ombros.

— Mas aquela nave sua que caiu — eu digo — é pequena dimais pra ser uma nave de colonização.

— Aquela era só uma nave de reconhecimento. Minha nave-mãe é uma Expansion Classe 7.

Ela olha pra Hildy e Tam, que não dizem nada. O Ruído de Tam está brilhante e

curioso. Não consigo ler nada em Hildy, mas de alguma forma tenha a sensação que ela e não pra mim, e mesmo eu nunca tendo perguntado, é uma sensação amarga.

Olho pro céu.

— Está lá em cima, não é? — pergunto. — Sua Expansion Classe 7?

Viola balança a cabeça.

— Você está trazendo mais colonizadores. Mais colonizadores estão vindo pro Novo Mundo.

— Tudo foi destruído quando caímos — Viola conta. — Não tenho forma de entrar em contato com eles. Nenhuma forma de alertá-los para não descerem aqui — ela olha pra cima, engolindo em seco. Você deve alertar eles.

— Não pode ser isso que ele quis dizer — eu digo, rapidamente. — De jeito nenhum.

Viola franze o rosto e as sobrancelhas.

— Por que não?

— O quê quem quis dizer? — Tam pergunta.

— Quantos? — eu pergunto, ainda olhando pra Viola, sentindo o mundo mudar ainda mais. — Quantos colonizadores estão vindo?

Viola respira fundo antes de responder e aposto que nem Hildy sabe essa parte.

— Milhares — ela diz. — Eles são milhares.



16

NADA DE DESCULPAS ESTA NOITE

— ELES VÃO levar meses pra chegar aqui — Hildy diz, me passando outra porção de purê de maçã. Viola e eu estamos nos entupindo tanto de comida que só Hildy e Tam estão falando.

Ou, como eles diriam, falano.

— A viagem espacial não é como você vê nas suas gravações — Tam diz, com um fio de molho de carne descendo pela barba. — São anos, anos e anos pra chegar a qualquer lugar. Sessenta e quatro só pra sair do Velho Mundo e chegar ao Novo Mundo.

— Sessenta e quatro anos? — eu digo, babando um pouco da comida.

Tam balança a cabeça. — Você fica congelado na maior parte do tempo, o tempo passa e você nem percebe, mas isso se você não morrer no caminho.

Olho pra Viola.

— Você tem sessenta e quatro anos?

— Sessenta e quatro anos do Velho Mundo — Tam diz, contando os dedos como se estivesse calculando alguma coisa. — O que seria… o quê?

Mais ou menos cinquenta e oito, cinquenta e nove anos no Novo Mundo…

Mas Viola balança a cabeça.

— Eu nasci a bordo. Nunca dormi.

— Então sua mãe ou seu pai devia ser um vigilante — Hildy diz, mordendo um pedaço de uma coisa que parece um nabo. Um dos que ficam acordados e vigiam a nave.

— Meu pai era — Viola diz — e a mãe dele antes dele e o avô antes disso.

— Espere um minuto — eu digo, a ficha caindo depois, como sempre.

— Então se a gente tá no Novo Mundo há vinte anos…

— Vinte e três — Tam diz. — Parece mais…

— Então você saiu do Velho Mundo antes mesmo da gente chegar aqui — eu digo — ou seu pai ou avô, sei lá.

Olho em volta pra ver se alguém está imaginando o que eu estou imaginando.

— Por quê? — pergunto. — Por que vocês viriam sem nem saber o que tinha aqui?

— E por que os primeiros colonizadores vieram? — Hildy pergunta. — E por que alguém busca um novo lugar pra morar?

— Porque o lugar onde você tá morano não é bom — Tam diz. — Porque onde você mora é tão ruim que você tem que ir embora.

— O Velho Mundo é sujo, violento e cheio de gente — Hildy diz, limpando o rosto com um guardanapo —, dividido em partes. As pessoas se odeiam e se matam, ninguém fica feliz até fazer os outros sofrerem. Pelo menos era assim naquela época.

— Eu não saberia — Viola diz —, nunca estive lá. Minha mãe e meu pai… — ela diz, se perdendo nas próprias lembranças.

Eu ainda estou pensando nessa história de nascer numa nave espacial, numa nave espacial de verdade. Crescer voando pelas estrelas, poder ir pra onde você quiser, não ter que ficar preso em um planeta detestável que claramente não te quer, poder ir pra qualquer lugar. Se um lugar não servir, você busca outro. Total liberdade em todas as direções. Será que existe alguma coisa mais legal no mundo inteiro do que isso?

Não percebo o silêncio que cai sobre a mesa. Hildy está acariciando Viola de novo e eu vejo que os olhos de Viola estão molhados e vazando e ela começou a balançar pra frente e pra trás.

— O quê? — eu pergunto. — O que aconteceu agora?

Viola me olha e enruga a testa.

— O quê? — pergunto.

— Acho que a gente já falou o suficiente sobre a mãe e o pai de Viola por hoje — Hildy diz, docemente. — Talvez esteja na hora dos pirralhos dormirem um pouco.

— Mas ainda nem é muito tarde — eu olho pela janela. O sol mal se pôs. — A gente precisa ir pra colônia…

— A colônia se chama Farbranch — Hildy diz — e a gente vai levar vocês lá assim que amanhecer.

— Mas aqueles homens…

— Eu venho mantendo a paz neste lugar desde antes de você nascer, pirralho — Hildy diz, gentilmente, porém com firmeza. — Dou conta do que vier ou do que não vier.

Eu não falo nada e Hildy ignora meu Ruído sobre o assunto.

— Posso perguntar o que você quer fazer em Farbranch? — Tam diz, beliscando sua espiga de milho e fazendo a pergunta parecer menos curiosa do que seu Ruído diz que ela é.

— A gente só precisar chegar lá — eu digo.

— Vocês dois?

Olho pra Viola. Ela parou de chorar, mas seu rosto ainda está inchado.

Não respondo a pergunta de Tam.

— Lá tem bastante trabalho — Hildy diz, se levantando e retirando seu prato. — Se é isso que você está buscando. Uma ajuda com os pomares sempre será bem-vinda.

Tam se levanta e eles limpam a mesa, levando os pratos pra cozinha e deixando

Viola e eu sentados, sozinhos. A gente pode ouvir eles conversando lá dentro, bem baixinho, com o Ruído bloqueado o suficiente pra gente não conseguir decifrar.

— Você realmente acha que a gente deveria passar a noite aqui? — pergunto, com a voz baixa.

Mas ela responde com um sussurro violento, como se eu nem tivesse feito uma pergunta.

— Só porque os meus pensamentos e sentimentos não saem jorrando pelo mundo em um grito que nunca para, não quer dizer que eu não penso nem sinto.

Eu olho pra ela, surpreso. — Hein?

Ela continua sussurrando alguma coisa ferozmente.

— Cada vez que você pensa, oh, ela é só vazio ou não acontece nada dentro dela ou talvez eu possa deixá-la com esses dois, eu escuto, tá bom? Eu escuto cada idiotice que você pensa e eu entendo bem mais do que gostaria.

— Ah, é? — eu respondo, sussurrando, apesar do meu Ruído não estar sussurrando nem um pouco. — Cada vez que você pensa alguma coisa ou sente alguma coisa ou tem algum pensamento idiota, eu não escuto nada, então como é que eu vou saber alguma maldita coisa sobre você, hein? Como vou saber o que está acontecendo se você mantiver tudo em segredo?

— Eu não estou guardando segredos — ela trava os dentes. — Estou sendo normal.

— Isso não é normal aqui, Vi.

— E como você sabe? Eu posso ouvir que você fica surpreso com cada coisa que a gente diz. Não tinha escola na sua cidade? Você não aprendeu nada?

— História não é tão importante quando você só está tentando sobreviver — eu digo, em voz baixa.

— Pois é justamente quando a história é mais importante — Hildy diz, parada na outra ponta da mesa. — E se essa discussão boba entre vocês não é suficiente pra

provar que estão cansados, então vocês estão cansados além da conta. Vamos.

Viola e eu nos olhamos, depois a gente se levanta e segue Hildy até uma ampla sala comum.

— Todd! — Manchee late em um canto, sem largar o osso que Tam deu pra ele mais cedo.

— Faz tempo que a gente usa o quarto de visitas pra outras coisas — Hildy diz. — Vocês vão ter que se virar com os canapés.

A gente ajuda a arrumar os lençóis, Viola ainda com cara feia e meu Ruído um pouco vermelho.

— Agora — Hildy diz quando a gente fica sozinho — peçam desculpas um ao outro.

— O quê? — Viola diz. — Por quê?

— Acho que isso não é da sua conta — eu digo.

— Nunca durmam brigados — Hildy diz, com as mãos na cintura, como se não fosse sair do lugar e esperando alguém se atrever a obrigá-la. Não se quiserem continuar sendo amigos.

Viola e eu não dizemos nada.

— Ele salvou sua vida? — Hildy pergunta pra Viola.

Viola olha pra baixo antes de finalmente responder: — Sim.

— É verdade, eu salvei — eu digo.

— E ela salvou sua vida na ponte, não foi? — Hildy pergunta.

Vejam só.

— Sim — Hildy diz. — Vejam só. Vocês dois não acham que isso importa?

A gente continua calado.

Hildy suspira.

— Tudo bem. Dois pirralhos quase adultos podem muito bem preparar suas próprias desculpas, imagino — e sai sem nem sequer dizer boa-noite.

Fico de costas pra Viola e ela fica de costas pra mim. Tiro meus sapatos e me enfio debaixo da coberta sobre um dos canapés de Hildy. Canapé, parece simplesmente uma palavra chique pra sofá. Viola faz a mesma coisa.

Manchee sobe no meu canapé e se enrosca nos meus pés.

Não se escuta nenhum som, só meu Ruído e alguns estalidos de fogo inútil, já que faz calor. Não passou muito tempo desde o pôr do sol, mas a maciez das almofadas e do lençol e o calor do fogo me fazem começar a fechar os olhos.

— Todd? — Viola diz no canapé do outro lado da sala. Meio que sonolento eu digo: — O que foi?

Ela não diz nada por um segundo e imagino que está pensando em como se desculpar.

Mas não.

— O que seu livro diz que você deveria fazer quando chegasse a Farbranch?

Meu Ruído fica um pouco mais vermelho.

— Não importa o que o meu livro diz. Ele é meu, foi feito pra mim.

— Lembra quando você me mostrou o mapa lá na floresta? — ela diz — E disse que a gente tinha que ir para essa colônia? Lembra o que estava escrito sob o mapa?

— Claro que lembro.

— O que era?

A voz dela não parece querer me provocar, pelo menos é o que sinto, mas deve ser isso, não é? Ela deve estar provocando.

— Vá dormir, tá bom? — eu digo.

— Era Farbranch — ela diz. — O nome do lugar para onde a gente tem que ir.

— Cala a boca — meu Ruído está ficando confuso de novo.

— Não precisa ter vergonha por não saber…

— Eu disse pra você calar a boca!

— Eu poderia te ajudar…

Eu me levanto repentinamente, derrubando Manchee do canapé.

Coloco meus lençóis e cobertor debaixo do braço e vou como uma fera pra sala onde a gente comeu. Jogo tudo no chão e me deito, a um cômodo de distância de Viola e de todo o seu silêncio maligno e insignificante.

Manchee fica lá com ela. Que surpresa…

Fecho os olhos, mas demoro um tempão pra dormir.

Até que finalmente consigo adormecer, ou pelo menos é o que parece.

Porque estou em um caminho e é o pântano, mas também é a cidade e também é a minha fazenda e Ben está lá e Cillian está lá e Viola está lá e todos eles estão dizendo ‘O que você está fazendo aqui, Todd?’ e Manchee está latindo ‘Todd! Todd!’ e Ben está me agarrando pelo braço e me arrastando até a porta e Cillian está com o braço em volta dos meus ombros me empurrando pelo caminho e Viola está colocando a caixa da fogueira na porta da nossa casa e o cavalo do prefeito passa pela porta da frente e esmaga Viola e um crocodilo com o rosto de Aaron se levanta atrás dos ombros de Ben e eu grito ‘Não!’ e…

Estou sentado e suando em bicas e meu coração está acelerado como um cavalo de corrida e estou esperando ver o prefeito e Aaron parados bem na minha frente.

Mas é só Hildy e ela está dizendo: — Que diabos você tá fazeno aqui?

— ela está parada na porta, a luz do sol brilhando tão forte atrás dela que eu tenho que levantar minha mão pra proteger os olhos.

— Mais confortável — eu murmuro, arfando.

— Aposto que sim — ela diz, lendo meu Ruído que acaba de acordar. — O café está na mesa.

O cheiro das tiras de carne de carneiro fritando acorda Viola e Manchee.

Eu deixo Manchee sair pra fazer seu cocô matinal, mas Viola e eu não dizemos nada um pro outro. Tam entra enquanto a gente come, imagino que estava alimentando as ovelhas. Era o que eu estaria fazendo se estivesse em casa.

Em casa, eu penso.

Deixa pra lá.

— Dá um sorriso, pirralho — Tam diz, colocando um pouco de café pra mim. Eu bebo, mas continuo com a cara amarrada.

— Tem alguém lá fora? — pergunto, olhando pra xícara.

— Nem um sussurro — Tam diz. — E está um dia lindo.

Olho de soslaio pra Viola, mas ela não está olhando pra mim. Na verdade, a gente termina de comer, lava o rosto, troca de roupa e arruma de novo as mochilas, tudo sem dizer uma palavra.

— Boa sorte pra vocês dois — Tam diz, quando a gente está saindo com Hildy em direção a Farbranch. — É sempre especial quando duas pessoas que não têm mais ninguém no mundo se tornam amigas.

E a gente não diz nada.

— Vamos, pirralhos — Hildy diz. — O tempo tá passano.

A gente volta pro caminho, que logo se conecta à mesma estrada que passava pela ponte.

— Esta era a estrada principal entre Farbranch e Prentissburgo — Hildy diz, ajeitando sua sacola. — Ou Nova Elizabeth, como era chamada antes.

— Como o quê era chamado antes? — eu pergunto.

— Prentissburgo. Antes se chamava Nova Elizabeth.

— Nunca se chamou assim — eu digo, levantando as sobrancelhas.

Hildy olha pra mim, também levantando as sobrancelhas.

— Nunca, é? Então eu devo estar confundino.

— Deve ser — eu digo.

Viola faz um som zombeteiro com os lábios. Eu olho pra ela, furioso.

— A gente pode ficar em algum lugar? — ela pergunta pra Hildy, me ignorando.

— Vou levar vocês até minha irmã — Hildy diz. — Ela é vice-prefeita este ano, sabiam?

— E o que a gente vai fazer depois? — eu pergunto, chutando a terra enquanto a gente caminha.

— Acho que depende de vocês — Hildy responde. — Vocês são responsáveis pelo seu próprio destino, não são?

— Até agora não — ouço Viola dizer baixinho e são exatamente as mesmas palavras que estão no meu Ruído e nós dois olhamos pra cima e nossos olhares se encontram.

A gente quase sorri. Mas não chega a tanto.

E é quando a gente começa a ouvir o Ruído.

— Ah — Hildy diz, ouvindo também. — Farbranch.

A estrada chega ao topo de um pequeno vale.

E lá está ela.

A outra colônia. A outra colônia que não deveria existir.

Pra onde Ben queria que a gente fosse. Onde a gente poderia estar seguro.

A primeira coisa que eu vejo é onde a estrada do vale se enrosca em volta de pomares, ordenadas fileiras de árvores bem cuidadas com caminhos e sistemas de irrigação, tudo descendo uma montanha em direção a algumas construções e um rio no final, plano e calmo e sem dúvida se contorcendo até encontrar o rio maior.

E no meio do caminho estão homens e mulheres.

A maioria está espalhada trabalhando no pomar, vestindo aventais & trabalho, todos os homens com mangas longas, as mulheres com saias longas, cortando frutas parecidas com pinha com facões ou carregando cestas e trabalhando nos canais de irrigação e assim por diante.

Homens e mulheres, mulheres e homens.

Duas dúzias de homens, talvez, é a minha impressão geral, menos o que em Prentissburgo.

E quem sabe quantas mulheres.

Vivendo em um lugar totalmente diferente.

O Ruído (e o silêncio) deles flutua como uma leve neblina.

Dois, por favor e Na minha opinião e Ervas daninhas e Ela pode dizer sim, ou não e se o serviço termina à uma hora, então eu sempre posso e por aí vai, sem nunca terminar, amém.

Eu paro na estrada, boquiaberto por um segundo, ainda sem me mexer.

Porque é estranho.

É mais do que estranho, pra dizer a verdade.

É tudo tão, sei lá, calmo. Como uma conversa normal que você teria com seus amigos. Nada acidental nem abusivo.

E ninguém quase nem tem saudade de nada.

Nenhuma saudade horrível, horrível e desesperadora em nenhum lugar que eu

possa ouvir ou sentir.

A gente com certeza não está mais em Prentissburgo — eu digo pra Manchee bem baixinho.

E menos de um segundo depois eu escuto Prentissburgo? flutuando num campo perto da gente.

E depois escuto a mesma coisa em diferentes lugares. Prentissburgo e Prentissburgo? e percebo que os homens nos pomares próximos não estão mais colhendo frutas ou fazendo o que estavam fazendo. Estão parados.

Estão olhando pra gente.

—Vamos — Hildy diz. — Continuem caminhano. É só curiosidade.

A palavra Prentissburgo se multiplica pelos campos como um f ardente.

Manchee chega mais perto das minhas pernas. As pessoas e encarando a gente enquanto a gente caminha. Até Viola se aproxima um pouco pra gente não se dispersar muito.

—Não se preocupem — Hildy diz. — É que vai ter um monte de gente que vai querer conhecer…

Ela para a frase no meio.

Um homem entrou no caminho e parou na nossa frente.

Seu rosto não parece nada como o de uma pessoa que quer conhecer a gente.

—Prentissburgo?

—

ele

diz,

e

seu

Ruído

vai

ficando

desconfortavelmente vermelho, desconfortavelmente rápido.

— Bom-dia, Matthew Hildy diz —, eu só tava trazeno…

— Prentissburgo — o homem repete, já não perguntando e não mais olhando pra Hildy.

Ele está olhando bem pra mim.

— Você não é bem-vindo aqui — diz. — Não é nem um pouco bem-vindo.

E ele está segurando o maior facão que eu já vi na vida.



17

ENCONTRO EM UM POMAR

MINHA MÃO vai direto buscar a faca na mochila.

— Deixa isso, pequeno Todd — Hildy diz, sem tirar os olhos do homem. — Não é assim que a gente vai resolver isso.

— O que você pensa que está trazeno pra nossa vila, Hildy? — o homem diz, levantando o facão, ainda olhando pra mim, e parece que está realmente surpreso e…

E será que isso é mágoa?

— Estou trazeno esses pirralhos que estão perdidos — Hildy diz.

— Saia do nosso caminho, Matthew.

— Não estou veno nenhum pirralho — Matthew diz, com os olhos começando a arder. Ele é muito alto, tem ombros de boi e uma sobrancelha grossa que demonstra confusão, mas não muita delicadeza temperamento.

Parece um trovão ambulante e falante. — Eu vejo um homem de Prentissburgo. Vejo um homem de Prentissburgo com sujeira de Prentissburgo por todo o seu Ruído de Prentissburgo.

— Não é isso que você está veno — Hildy diz. — Olhe mais de perto.

O Ruído de Matthew já está se inclinando sobre mim como mãos pressionando, tentando entrar à força no meu próprio pensamento, tentando saquear o lugar. Está irritado e inquisidor e Ruidoso como um fogo, tão irregular que não consigo decifrar.

— Você conhece a lei, Hildy — ele diz.

A lei?

— A lei é para homens — Hildy diz, mantendo a voz calma, como se a gente estivesse falando sobre o tempo. Será que ela não consegue ver como o Ruído dele está ficando vermelho? E vermelho não é a cor apropriada pra uma conversa amigável. — Este pirralho aqui ainda não é um homem.

— Ainda faltam vinte e oito dias — eu digo, sem pensar.

— Seus números não significam nada aqui, garoto — Matthew cuspe.

— Não me importa quantos dias faltam.

— Se acalme, Matthew — Hildy diz, mais severa do que eu gostaria.

Mas, pra minha surpresa, Matthew olha pra ela todo magoado e dá um passo pra trás. — Ele foi embora de Prentissburgo — ela diz, um pouco mais suave. — Está fugino.

Matthew olha pra ela meio desconfiado e depois olha pra mim, abaixando o facão. Um pouco.

— Como você mesmo fugiu — Hildy diz pra ele.

O quê?

— Você é de Prentissburgo? — eu pergunto, impulsivamente.

Matthew levanta o facão de novo e dá um passo pra frente de forma ameaçadora, fazendo Manchee latir ‘Pra trás! Pra trás! Pra trás!’.

— Eu era de Nova Elizabeth — Matthew rosna, com os dentes travados.

— Nunca fui de Prentissburgo, garoto, nunca, e não se esqueça disso.

Estou vendo flashes mais claros no Ruído dele agora. De coisas impossíveis, de coisas loucas, passando rápido, como se ele não conseguisse evitar, coisas piores do que o pior das gravações mais ilegal que o Sr.

Hammar costumava mostrar pros garotos mais velhos e mais brigões da cidade, o tipo de imagem na qual as pessoas pareciam morrer de verdade, mas não dava pra ter certeza. Imagens e palavras e sangue e gritos e…

— Pare com isto agora mesmo! — Hildy grita. — Se controle, Matthew Lyle. Se controle agora mesmo.

O Ruído de Matthew se acalma de repente, mas continua irritado, sem tanto controle como o de Tam, mas ainda mais controlado do que o de qualquer homem em Prentissburgo.

Mas na mesma hora que eu penso isso, ele levanta o facão de novo.

— Você não pode dizer essa palavra na nossa cidade, garoto — ele diz.

— Não se souber o que é melhor pra você.

— Ninguém vai ameaçar meus convidados enquanto eu estiver viva — Hildy diz, com a voz forte e clara. — Estamos entendidos?

Matthew olha pra ela, sem balançar a cabeça, sem dizer sim, mas a gente entendeu que ele entendeu. Obviamente ele não está muito feliz. Seu Ruído ainda me cutuca e me pressiona, como se quisesse me bater. Ele finalmente olha pra Viola.

— E quem é esta? — pergunta, apontando o facão pra ela.

E acontece antes mesmo d’eu perceber que estou fazendo isso, juro.

Em um minuto estou parado lá atrás de todo mundo e de repente ou entre Matthew e Viola, com a faca apontada pra ele, meu próprio Ruído caindo como uma avalanche e minha boca dizendo: — É melhor você se afastar dela agora mesmo.

— Todd! — Hildy grita.

— Todd! — Manchee late.

— Todd! — Viola grita.

Mas lá estou eu, com a faca em posição, meu coração batendo tão te como se finalmente tivesse percebido o que eu estava fazendo.

Mas agora não dá pra voltar atrás.

Como será que isso aconteceu?

— Me dê um motivo, garoto de Prentissburgo — Matthew diz, levantando o facão. — Me dê um bom motivo.

— Já chega! — Hildy diz.

E desta vez tem alguma coisa na voz dela, como se fosse uma ordem, que Matthew recua um pouco. Ele ainda está segurando o facão, ainda está me encarando e encarando Hildy, seu Ruído pulsando como uma ferida.

E seu rosto se contorce um pouco.

E ele começa, imagine só, a chorar.

Ele tenta furiosamente, nervosamente evitar, mas lá está ele, parado, tão grande como um boi, com o facão na mão, chorando.

Não era isso que eu esperava.

A voz de Hildy recua um pouco. — Guarde a faca, pequeno Todd.

Matthew joga o facão no chão e coloca o braço na frente dos olhos enquanto choraminga e geme e lamenta. Eu olho pra Viola. Ela está encarando Matthew, provavelmente tão confusa quanto eu.

Abaixo a faca, mas não solto. Ainda não.

Matthew respira fundo várias vezes, com seu Ruído de dor e pesar.

respingando por todos os lados, e fúria também, por perder o controle na frente de outras pessoas. — Deveria ter acabado — ele diz. — Há muito tempo.

— Eu sei — Hildy diz, dando um passo pra frente e colocando a mão no braço dele.

— O que tá acontecendo? — eu pergunto.

— Não se preocupe, pequeno Todd — Hildy diz. — Prentissburgo tem uma história triste.

— Foi isso que Tam disse — eu digo. — Como se eu não soubesse…

Matthew levanta o olhar.

— Você não sabe da missa a metade, garoto — ele diz, com os dentes travados de novo.

— Já chega — Hildy diz. — Este garoto não é seu inimigo — ela olha pra mim, com os olhos um pouco arregalados. — E ele vai guardar a faca exatamente por esse motivo.

Eu balanço a faca na minha mão por uns segundos, mas depois a coloco na mochila. Matthew está me olhando de novo, mas agora está começando a recuar de verdade e estou imaginando quem Hildy é pra ele obedecer assim.

— Eles são dois carneirinhos inocentes, pequeno Matthew — Hildy diz.

— Ninguém é inocente — Matthew diz, amargurado, fungando seus últimos resquícios de choro e levantando o facão de novo. — Ninguém mesmo — se vira de costas e entra no pomar, sem olhar pra trás.

Todas as outras pessoas ainda estão olhando pra gente.

— O tempo está passando — Hildy diz pra elas, girando em um círculo.

— Vocês vão ter tempo pra conhecer eles depois.

Eu e Viola observamos enquanto os trabalhadores voltam pra suas árvores e suas cestas e sei lá o quê mais, alguns ainda olhando pra gente, mas a maioria voltando pro trabalho.

— Você é a chefe ou alguma coisa do tipo? — eu pergunto.

— Alguma coisa do tipo, pequeno Todd. Vamos, vocês ainda não conheceram a cidade.

— De qual lei ele tava falando?

— É uma longa história — ela diz. — Depois eu te conto.

O caminho, ainda largo o suficiente pra homens e veículos e cavalos, apesar que só vejo homens, vai se contorcendo em mais pomares nas costas das colinas do pequeno vale.

— Que tipo de fruta é esta? —, Viola pergunta, quando duas mulheres atravessam a estrada na nossa frente com cestas cheias e nos observando enquanto passam.

— Pinha crocante — Hildy diz. — Tão doce como açúcar, cheia vitaminas.

— Nunca ouvi falar — eu digo.

— Não — Hildy diz. — Você não teria ouvido falar desta fruta.

Eu vejo que há árvores dimais pra uma colônia que não deve ter mais do que cinquenta pessoas.

— Isto é tudo o que vocês comem?

— Claro que não — Hildy responde. — A gente comercializa com s outras colônias no fim da estrada.

A surpresa está tão clara no meu Ruído que até Viola ri um pouco.

— Você não achou que só existiam duas colônias no mundo, não é? — Hildy pergunta.

— Não — eu digo, sentindo meu rosto corar —, mas todas as outras colônias foram destruídas na guerra.

— Mmm — Hildy diz, mordendo o lábio inferior, balançando a cabeça, mas não dizendo mais nada.

— É Paraisópolis? — Viola pergunta, calmamente.

— O que é Paraisópolis? — eu pergunto.

— A outra colônia — Viola diz, sem olhar direito pra mim. — Você disse que havia uma cura para o Ruído em Paraisópolis.

— Ah — Hildy pede pra fazer silêncio. — São só rumores e especulações.

— Paraisópolis é um lugar real? — eu pergunto.

— É a maior e a primeira colônia — Hildy diz. — É o mais parecido que o Novo Mundo tem com uma cidade grande. Está a quilômetros de distância. Não é pra camponeses como a gente.

— Eu nunca ouvi falar desse lugar — eu repito.

Ninguém diz nada e eu sinto que elas estão sendo educadas. Viola não olha pra mim desde o estranho incidente com Matthew, eu e a faca.

Pra ser sincero, eu também não sei o que pensar sobre isso.

Então a gente continua andando.

Acho que tem sete construções no total em Farbranch, é menor do que Prentissburgo e só tem prédios, mas é um pouco diferente também, parece que eu saí do Novo Mundo e entrei num lugar completamente diferente.

A primeira construção é uma pequena igreja de pedras, nova e limpa e aberta, nada parecido com a igreja escura na qual Aaron prega. Depois está uma loja com uma oficina mecânica ao lado, apesar de eu não estar vendo muitos equipamentos pesados por aqui. Não vi nem uma fissicleta, nem mesmo uma que não funcione. Tem um prédio que parece um salão de reuniões, outro com cobras do símbolo da medicina talhadas na fachada e duas construções tipo celeiro que parecem depósitos.

— Não é muito — Hildy diz —, mas é o nosso lar.

— Não é o seu lar — eu digo. — Você vive lá fora.

— A maioria das pessoas também — Hildy diz. — Mesmo quando você se acostuma com isso, é legal ter apenas o Ruído da pessoa que você mais ama passeano pela sua casa. A cidade às vezes fica um pouco tumultuada.

Eu tento ouvir o tumulto, mas ainda não é nada como Prentissburgo.

Claro que existe Ruído em Farbranch, os homens fazendo seus costumeiros afazeres diários, tagarelando seus pensamentos que não querem dizer nada, Cortar, Cortar, Cortar e dou apenas sete pela dúzia e escute-a Cantar lá, escute só e aquela gaiola precisa ser consertada hoje à noite e ele vai cair dali e por aí vai, tão distraído e seguro pra mim que parece como tomar um banho em comparação com o Ruído escuro ao qual estou acostumado.

— Ah, ele fica escuro, pequeno Todd — Hildy diz. — Os homens ainda têm seu temperamento. As mulheres também.

— Algumas pessoas achariam deselegante sempre ficar ouvindo o Ruído de um homem — eu digo, olhando em volta.

— É verdade, pirralho — ela ri—, mas você ainda não é um homem.

A gente atravessa a faixa central da cidade. Alguns homens e mulheres andam pra lá e pra cá, alguns tirando o chapéu pra Hildy, a maioria só olhando pra gente.

Eu retribuo o olhar.

Se você prestar bastante atenção, pode ouvir onde as mulheres estão na cidade com tanta clareza quanto onde estão os homens. Elas são como pedras que o Ruído lava e quando você se acostuma pode sentir onde o silêncio delas está, cheio de pontinhos, Viola e Hildy dez vezes mais e aposto que se eu ficasse aqui parado poderia dizer exatamente quantas mulheres estão em cada prédio.

E, misturado com o som de tantos homens, quer saber o que mais? O

silêncio não é tão solitário.

Vejo algumas pessoas pequenas, minúsculas, observando a gente atrás de um arbusto.

Crianças.

Crianças menores do que eu, mais jovens do que eu. As primeiras crianças que eu vi na minha vida.

Uma mulher carregando uma cesta espia as crianças e faz um movimento de xô com as mãos. Ela franze as sobrancelhas e sorri ao mesmo tempo e as crianças saem correndo, dando risadas atrás da igreja.

Eu observo enquanto elas vão embora. Sinto meu peito apertar um pouco.

— Você vem? — Hildy pergunta.

— Sim — eu digo, ainda observando o lugar pra onde as crianças foram.

Depois sigo Hildy e Viola, mas ainda com a cabeça confusa.

Crianças. Crianças de verdade. Aqui é seguro o suficiente pra crianças e eu fico imaginando se Viola poderia se sentir em casa aqui com todos esses homens, mulheres e crianças aparentemente simpáticas. Fico imaginando se ela estaria a salvo, mesmo eu obviamente não estando Aposto que ela estaria.

Olho pra Viola e vejo que ela desvia o olhar.

Hildy leva a gente até uma casa mais distante das construções de Farbranch. Ela tem degraus que vão até a frente e uma pequena bandeira que balança fixada em um mastro.

Eu paro.

— Esta é a casa do prefeito — eu digo. — Não é?

— Vice-prefeita — Hildy diz, subindo os degraus, batendo as botas pesadas na madeira. — Minha irmã.

— E minha irmã — diz uma mulher que abre a porta, uma versão mais rechonchuda, mais jovem e mais carrancuda de Hildy.

— Francia — Hildy diz.

— Hildy — Francia diz.

Elas se cumprimentam com um aceno de cabeça, sem abraço ou aperto de mãos, só um aceno.

— Que tipo de problema você pensa que está trazeno pra minha cidade?

— Francia diz, olhando pra gente.

— Agora é sua cidade? — Hildy diz, sorrindo, com as sobrancelhas levantadas. Depois olha pra gente. — Como eu disse a Matthew Lyle, eles são só dois pirralhos fugindo pra se salvar, buscando refúgio — ela olha pra irmã de novo. — E se Farbranch não é um refúgio, irmã, então o que é?

— Não é deles que eu tô falano — Francia diz, olhando pra gente com os braços cruzados. — É do exército que tá vino atrás deles.

18

FARBRANCH

— EXÉRCITO? — eu pergunto, sentindo uma dor na barriga. Viola pergunta a mesma coisa na mesma hora, mas agora não é engraçado..

— Que exército? — Hildy faz uma cara feia.

— Rumores por aí, em campos distantes, de um exército que está se reunino do outro lado do rio — Francia diz. — Homens a cavalo, Homens de Prentissburgo.

Hildy franze os lábios.

— Cinco homens a cavalo não é um exército — ela diz. — É só o bando que foi reunido pra perseguir esses pirralhos.

Francia não parece muito convencida. Nunca vi braços tão cruzados..

— E vai ser impossível atravessar o rio pelo desfiladeiro agora — Hildy continua —, portanto não vai ter ninguém vindo pra Farbranch tão cedo — ela olha pra gente. — Um exército — diz, balançando a cabeça—, me poupe.

— Se existe uma ameaça, irmã — Francia diz —, é meu dever…

Hildy parece descontente.

— Não venha me falar de dever, minha irmã — ela diz, passando por Francia e abrindo a porta da frente da casa. — Eu criei o seu dever. Vamos, pirralhos, entrem.

Viola e eu não saímos do lugar. Francia não convida a gente.

— Todd? — Manchee late aos meus pés.

Respiro fundo e subo os degraus.

— Olá, senhoro — eu digo.

— Senhora — Viola sussurra atrás de mim.

— Olá, senhora — eu digo, tentando não perder o ritmo. — Eu me chamo Todd. Está é Viola — os braços de Francia ainda estão cruzados, como se fosse uma competição. — Realmente só havia cinco homens — eu digo, apesar da palavra exército estar ecoando em volta do meu Ruído.

— E eu deveria simplesmente confiar em vocês? — Francia diz. — Um garoto que está seno perseguido? — ela olha pra Viola, que ainda está esperando no primeiro degrau. — Posso imaginar do que você está correno.

— Dá um tempo, Francia — Hildy diz, ainda segurando a porta pra gente.

Francia retira Hildy do caminho.

— Eu cuido da entrada na minha própria casa, muito obrigada — ela diz. — Entrem logo, se vão entrar mesmo.

E é assim que a gente vê pela primeira vez a hospitalidade de Farbranch.

A gente entra na casa. Francia e Hildy começam a bater boca, discutindo se Francia tem um lugar pra colocar a gente pelo tempo que a gente precisar ficar. Hildy ganha a briga e Francia oferece dois quartos separados pra mim e pra Viola no andar de cima.

— Seu cachorro vai ter que dormir do lado de fora — Francia diz.

— Mas ele…

— Esta não foi uma pergunta — Francia diz, saindo do quarto.

Eu a sigo até o corredor. Ela não olha pra trás enquanto desce as escadas. Em menos de um minuto, posso ouvir as duas discutindo de novo, tentando falar baixo. Viola sai do outro quarto pra ouvir também. A gente fica lá parado por um

segundo, pensando.

— O que você acha? — eu pergunto.

Ela não olha pra mim. Depois, parece que decidiu me olhar.

— Não sei — ela diz. — O que você acha?

Eu encolho os ombros.

— Ela não parece feliz por ver a gente — eu digo —, mas eu me sinto mais seguro do que venho me sentindo até agora. Estar num lugar fechado — encolho os ombros de novo. — E Ben queria que a gente viesse pra cá…

O que é verdade, mas eu ainda não tenho certeza se isso é a melhor coisa a fazer.

Viola cruza os braços, igual a Francia, mas não exatamente igual.

— Eu sei o que você quer dizer.

— Então acho que serve por agora.

— Sim — Viola diz. — Por agora.

A gente ouve um pouco mais da discussão.

— O que você fez lá atrás — Viola diz.

— Eu fui idiota — digo, bem rápido. — Não quero falar sobre isso.

Meu rosto começa a arder e eu volto pro meu pequeno quarto. Fico lá parado, mordendo os lábios. O quarto parece que pertencia a uma pessoa mais velha, acho que é o cheiro, mas pelo menos é uma cama de verdade.

Pego minha mochila.

Olho em volta pra ter certeza de que ninguém me seguiu e retiro o livro.

Abro pra ver o mapa, as setas que apontam pro pântano, o rio do outro lado.

Não tem nenhuma ponte no mapa, mas lá está a colônia. Com uma palavra

embaixo dela.

— Fayre — eu digo pra mim mesmo. — Fayre braw nk.

Imagino que seja Farbranch.

Suspiro enquanto olho a página escrita à mão atrás do mapa. Você deve alertar eles (claro, claro, cala a boca) ainda sublinhado na parte de baixo.

Como Viola disse, mas alertar quem? Farbranch? Hildy?

— Sobre o quê? — eu digo. Folheio o livro e tem páginas e mais páginas, palavras e mais palavras, é tanto Ruído enfiado num papel que nem dá pra entender o que quer dizer. Como eu posso alertar qualquer pessoa sobre tudo isso?

— Ai, Ben — eu digo, baixinho —, o que você estava pensando?

— Todd? — Hildy chama no andar de baixo. — Vi?

Eu fecho o livro o analiso a capa.

Mais tarde. Vou perguntar sobre isso mais tarde.

Vou perguntar.

Mais tarde.

Guardo o livro e desço as escadas. Viola já está esperando. Hildy e Francia, com os braços cruzados de novo, também estão esperando.

— Tenho que voltar pra minha fazenda, pirralhos — Hildy diz. — Tenho trabalho a fazer, pro bem de todos, mas Francia concordou em cuidar de vocês por hoje e eu vou voltar esta noite pra ver como vocês estão se comportando.

Viola e eu nos olhamos, não querendo que Hildy vá embora.

— Muito obrigada por isso — Francia diz, carrancuda. — Não sei o que a minha irmã disse pra vocês, mas eu não sou um ogro.

— Ela não disse… — eu começo a falar, mas paro, apesar de meu Ruído

terminar a frase pra mim. — Nada sobre você.

— É a cara dela mesmo — Francia diz, olhando pra Hildy, mas sem parecer muito irritada. — Vocês podem ficar aqui por agora. Meu pai e minha tia morreram faz muito tempo e os quartos deles não têm tido muito uso esses dias.

Eu estava certo. Era o quarto de uma pessoa mais velha.

— Mas Farbranch é uma cidade de trabalhadores — Francia olha pra mim e pra Viola. — E vocês terão que se manter, mesmo que seja só por um dia ou dois enquanto fazem outros planos.

— A gente ainda não tem certeza — Viola diz.

— Hum…. — Francia faz uma expressão de dúvida. — E se vocês dois ficarem aqui até passar essa primeira colheita dos pomares, poderão ir pra escola.

— Escola? — eu digo.

— Escola e igreja — Hildy diz. — Isto é, se vocês ficarem todo se tempo — acho que ela está lendo meu Ruído de novo. — Vocês vão ficar todo esse tempo?

Eu não digo nada e Viola não diz nada e Francia faz aquela expressão de dúvida de novo.

— Por favor, dona Francia? — Viola diz, quando Francia começa a conversar com Hildy.

— Me chame de Francia — ela diz, parecendo surpresa. — O que foi?

— Existe algum lugar onde eu possa enviar uma mensagem para minha nave?

— Sua nave — Francia diz. — Seria aquela nave colonizadora lá longe naquela escuridão? — ela aperta os lábios. — Com todas aquelas pessoas lá dentro?

Viola balança a cabeça. — A gente tinha que entrar em contato com eles para informar o que a gente descobriu.

A voz de Viola está tão calma e seu rosto tão esperançoso, tão aberto e pronto para a decepção que eu sinto aquele familiar puxão de tristeza de novo, puxando

todo o meu Ruído pra ele como um pesar, como estar perdido. Apoio uma das mãos nas costas de um canapé pra me equilibrar.

— Ah, pequena garota — Hildy diz, e sua voz está ficando desconfiadamente gentil de novo. — Imagino que você tentou entrar em contato com seus companheiros aqui no Novo Mundo quando estava reconheceno o planeta?

— Sim — Viola diz. — Ninguém respondeu.

Hildy e Francia se olham, acenando com a cabeça.

— Você tá esqueceno que a gente era colonizadores religiosos — Francia diz —, fugino das coisas do mundo pra construir nossa própria utopia, por isso a gente deixa esse tipo de equipamento de lado pra cuidar da nossa sobrevivência.

Viola arregala os olhos.

— Então vocês não têm nenhuma forma de comunicação com ninguém?

— Não temos comunicadores nem para outras colônias — Francia diz —, muito menos para alguma coisa mais longe.

— Somos fazendeiros, minha filha — Hildy diz. — Simples fazendeiros, buscano uma forma de vida mais simples. Era isso que a gente tava buscano ao voar essa distância monstruosa pra chegar aqui. Ajeitano as coisas que causavam tantos conflitos para as pessoas antigas — ela bate os dedos na mesa. — Mas não funcionou exatamente como o esperado.

— Na verdade a gente não estava esperano outras pessoas — Francia diz. — Não da forma que o Velho Mundo era quando fomos embora.

— Então eu estou presa aqui? — Viola diz, com a voz um pouco trêmula.

— Até sua nave chegar — Hildy diz. — Acho que sim.

— A que distância eles estão? — Francia pergunta.

— Entrada no sistema em vinte e quatro semanas — Viola diz, calmamente. — Periélio, quatro semanas depois. Transferência orbital, duas semanas depois de tudo isso.

— Sinto muito, criança — Francia diz. — Parece que você vai ficar um a gente pelos próximos sete meses.

Viola vira de costas pra gente, obviamente digerindo essa notícia.

Muita coisa pode acontecer em sete meses.

— Bem, agora — Hildy diz, com a voz clara —, fiquei sabendo que eles têm todo tipo de coisa em Paraisópolis. Fissicarros e ruas de cidade e mais lojas do que a gente consegue contar. Você pode tentar lá antes de começar a se preocupar, não é?

Hildy olha pra Francia, que diz: — Todd, filho? Por que a gente não coloca você pra trabalhar no celeiro? Você é um garoto do campo, não é?

— Mas… — eu começo a dizer.

— Tem vários tipos de trabalho pra fazer numa fazenda — Francia diz —, como você deve saber muito bem.

Tagarelando assim, Francia sai comigo pela porta dos fundos. Olhando por sobre meu ombro, posso ver Hildy consolando Viola com palavras doces, palavras inaudíveis, coisas que são ditas e que mais uma vez eu não ouço.

Francia fecha a porta quando a gente sai e junto com Manchee a gente atravessa a estrada principal até um dos grandes depósitos que eu vejo quando a gente chega. Vejo homens puxando carrinhos de mão até a porta da frente e outro homem descarregando as cestas de frutas do pomar.

— Este é o celeiro leste — Francia diz —, onde a gente guarda produtos que estão prontos pra serem comercializados. Espere aqui.

Eu espero e ela caminha até o homem que está descarregando as cestas do carrinho. Eles conversam por um minuto e eu ou Prentissburgo? claro como o dia no Ruído dele e a repentina expio - de sentimento atrás dele. É

um sentimento um pouco diferente de antes, mas ele recua antes que eu consiga ler e Francia retorna.

— Ivan diz que você pode trabalhar nos fundos varreno.

— Varrendo? — eu digo, meio escandalizado. — Eu sei como as fazendas funcionam, senhoro, e eu…

— Tenho certeza que sim, mas você deve ter notado que Prentissburgo não é nosso vizinho mais popular. É melhor manter você longe das pessoas até a gente ter a oportunidade de se acostumar com a sua presença. Não te parece justo?

Ela ainda está carrancuda, ainda com os braços cruzados, mas na verdade, sim, parece sensível e, apesar de seu rosto não estar ainda exatamente gentil, talvez de alguma forma ele esteja.

— Tá bom — eu digo.

Francia balança a cabeça e me leva até Ivan, que parece ter mais ou menos a idade de Ben, só que é mais baixo, tem cabelos escuros e braços parecidos com troncos de árvores.

— Ivan, este é Todd — Francia diz.

Estendo a mão pra ele apertar. Mas ele não faz nada. Só me olha de um jeito feroz.

— Você vai trabalhar nos fundos — ele diz. — E vai ficar fora meu caminho, você e seu cachorro.

Francia vai embora e Ivan me leva pra dentro, me mostra vassoura e eu começo a trabalhar. E é assim que eu passo meu primeiro dia em Farbranch: dentro de um celeiro escuro, varrendo o pó de canto a outro, vendo um único ponto de céu azul na porta lá longe.

Ah, que alegria…

— Cocô, Todd — Manchee diz.

— Aqui dentro não, nem se atreva.

É um celeiro até grande, tem setenta e cinco ou oitenta metros de ponta a ponta, talvez, e metade a está cheia de cestas de pinha crocante. Tem uma seção com grandes rolos de silagem também, fixados até o teto com uma corda fina, e outra seção com trigo pronto pra ser triturado e transformado em farinha.

— Vocês vendem estas coisas pras outras colônias? — pergunto pra Ivan.

— Agora não é hora de conversar — ele grita.

Eu não digo nada, mas uma coisa meio bruta aparece no meu Ruído antes que eu possa evitar. Eu corro e começo a varrer de novo.

A manhã passa. Eu penso em Ben e Cillian. Penso em Viola. Penso n Aaron e no prefeito. Penso na palavra exército e como ela faz meu estômago revirar.

Não sei.

Não parece certo parar tudo. Não depois de toda aquela correria.

Todo mundo age como se fosse seguro aqui, mas eu não sei.

Manchee entra e sai pela porta dos fundos enquanto eu varro, às vezes perseguindo as mariposas rosa que eu espanto dos cantos. Ivan mantém uma distância, eu também, mas consigo ver todas as pessoas que entram pela porta, deixam produtos pra ele e olham pros fundos do celeiro, atentas e curiosas, algumas vezes buscando na escuridão pra ver se conseguem me ver lá no fundo, o Garoto de Prentissburgo.

Eles odeiam Prentissburgo, isso eu entendo. Eu odeio Prentissburgo, mas tenho mais motivos pra essa aflição do que qualquer um deles.

Também começo a perceber coisas, enquanto a manhã passa. Como, por exemplo, apesar de homens e mulheres fazerem trabalho pesado, as mulheres dão mais ordens e os homens obedecem. E Francia sendo a vice-prefeita e Hildy sendo quem quer que ela seja em Farbranch, estou começando a achar que é uma cidade comandada por mulheres. Com frequência posso ouvir o silêncio delas quando elas passam do lado de fora e posso ouvir o Ruído dos homens respondendo também, às vezes com irritação, mas normalmente de uma forma em que simplesmente concordam com tudo.

Além do mais, o Ruído dos homens aqui é muito mais controlado do que eu estou acostumado. Com tantas mulheres em volta e pelo que eu conheço do Ruído em Prentissburgo, era de se esperar que o céu ficasse cheio de mulheres Ruidosas sem roupa fazendo as coisas mais notáveis que você pode imaginar. E claro que se escuta isso aqui às vezes também, afinal, homens são homens, mas

na maior parte do tempo são músicas ou preces ou pensamentos relacionados ao trabalho.

Eles são calmos aqui em Farbranch, mas são um pouco assustadores.

Uma vez ou outra tento ver se consigo ouvir (não ouvir) Viola.

Mas não consigo.

Na hora do almoço, Francia vem até os fundos do celeiro com uni sanduíche e uma jarra de água.

— Onde está Viola? — eu pergunto.

— De nada — ela diz.

— Pelo quê?

Francia suspira, resignada, e diz: — Viola está nos pomares, colhendo frutas caídas.

Quero perguntar como ela está, mas não digo nada e Francia recusa a ler isso no meu Ruído.

— Como você tá passano o dia? — ela pergunta.

— Eu sei fazer muito mais do que esta idiotice de varrer.

— Não fale assim, pirralho. A gente vai ter tempo suficiente colocar você em um trabalho de verdade.

Ela não fica, sai caminhando pela porta da frente, falando de novo com Ivan e desaparecendo pra cuidar dos seus negócios de vice-prefeita.

Quer saber? Não faz sentido, mas eu meio que gosto dela.

Provavelmente porque ela me lembra Cillian e todas as coisas nele que me deixavam louco. As lembranças são idiotas, não são?

Eu pego meu sanduíche e estou mastigando minha primeira mordida quando escuto o Ruído de Ivan se aproximando.

— Vou varrer minhas migalhas — eu digo.

Pra minha surpresa, ele ri, meio bruscamente.

— Tenho certeza disso — ele dá uma mordida no seu sanduíche.

— Francia disse que vai ter uma reunião na vila esta noite — ele diz, depois de um tempo.

— Sobre mim? — pergunto.

— Sobre vocês dois. Você e a garota. Vocês dois, que fugiram de Prentissburgo.

O Ruído dele é estranho. É cuidadoso, porém forte, como se ele estivesse me analisando. Não leio hostilidade, pelo menos não por mim, mas alguma coisa está sendo filtrada nele.

— A gente vai conhecer todo mundo? — eu pergunto.

— Pode ser, mas primeiro a gente vai conversar sobre vocês.

— Se fizerem uma votação — eu digo, mastigando o sanduíche —, acho que vou perder.

— Hildy vai defender você — ele diz. — Isto conta mais do que quer coisa em Farbranch — engole o pedaço de sanduíche. — E as pessoas aqui são legais e boas. Já recebemos gente de Prentissburgo antes. Faz tempo, foi na época dos tempos ruins.

— Durante a guerra? — eu pergunto.

Ele olha pra mim, seu Ruído me analisando, tentando descobrir o que eu sei. — Sim — ele responde. — A guerra — olha em volta no celeiro, casualmente, mas tenho a sensação que ele está olhando pra ver se a gente está sozinho. Ele fixa o olhar em mim. Um olhar que está realmente buscando alguma coisa. — E também nessa época — ele diz —, nem todos nós sentíamos o mesmo.

— Em relação a quê? — eu pergunto, não gostando do olhar dele, não gostando do zumbido dele.

—- Em relação à história — ele está falando baixo, os olhos ainda me estudando atentamente, se aproximando mais.

Recuo um pouco.

— Não sei do que você tá falando.

— Prentissburgo ainda tem aliados escondidos nos lugares mais surpreendentes — ele sussurra.

Seu Ruído tem imagens, imagens pequenas, como um Ruído que fala só pra mim e estou começando a ver as imagens cada vez com mais clareza, coisas brilhantes, coisas molhadas, coisas rápidas, o sol brilhando sobre o vermelho…

— Pirralhos! Pirralhos! — Manchee late num canto. Eu dou um pulo e até Ivan se assusta e as imagens do Ruído dele desaparecem bem rápido.

Manchee continua latindo e eu escuto umas risadas que com certeza não são dele. Dou uma olhada.

Algumas crianças estão ajoelhadas, espiando atrás de um quadro rasgado, sorrindo, gargalhando, se empurrando pra ver quem olha pelo buraco.

Apontando pra mim.

E são todas tão pequenas. Tão pequenas.

Vejam só elas.

— Saiam daqui, seus ratos! — Ivan grita, mas com uma voz e um Ruído bem-humorados, tudo um rastro do que antes estava escondido. A gente ouve gargalhadas do outro lado do buraco da parede quando as crianças se dispersam.

E, simples assim, elas foram embora.

Como se eu tivesse inventado tudo isso.

— Pirralhos, Todd! — Manchee late. — Pirralhos!

— Eu sei — eu digo, coçando a cabeça dele quando ele se aproxima. — Eu sei.

Ivan bate as palmas das mãos. — Esse foi o nosso almoço. Agora, de volta ao trabalho — antes de voltar pra frente do celeiro, ele me dá mais uma importante olhada.

— O que foi isso? — eu pergunto pra Manchee.

— Pirralhos — ele murmura, enfiando a cara na minha mão.

E assim passa uma tarde mais ou menos igual à manhã. Limpeza, pessoas passando, um intervalo pra água no qual Ivan não fala nada, e mais limpeza.

Passo algum tempo tentando pensar no que a gente pode fazer agora. Se é que a gente vai fazer alguma coisa. Farbranch vai fazer sua reunião sobre a gente e definitivamente vai abrigar Viola até a chegada de sua nave, qualquer um pode ver isso, mas será que eles vão me querer?

E, se quiserem, será que eu fico?

E será que eu devo alertar eles?

Sinto uma queimação no estômago toda vez que penso no livro, então prefiro mudar de assunto.

Depois de uma eternidade, o sol começa a se pôr. Não tem mais nenhum lugar pra varrer. Já varri o celeiro inteiro mais de uma vez, contei as cestas, recontei as cestas e tentei consertar aquele quadro meio solto na parede mesmo sem ninguém ter pedido. Tem bastante coisa que você pode fazer quando você fica o dia inteiro preso num celeiro.

— Não é que é verdade? — Hildy diz, aparecendo de repente.

— Você não deveria ficar espiando as pessoas assim — eu digo. — Essas pessoas quietas…

— Tem comida na casa de Francia pra você e pra Viola. Por que não vai até lá comer alguma coisa?

— Enquanto vocês se reúnem?

— Sim, enquanto a gente se reúne, pirralho — Hildy diz. — Viola já está lá,

deve estar comeno toda a sua janta.

— Faminto, Todd — Manchee late.

— Tem comida pra você também, pequenino — Hildy diz, se inclinando pra acariciar Manchee. O sem-vergonha até fica de barriga pra cima.

— Sobre o que é mesmo essa reunião? — eu pergunto.

— Ah, é sobre os novos colonizadores que estão vino. Essa é uma notícia e tanto — ela tira os olhos de Manchee e olha pra mim. — E pra apresentar vocês pras pessoas, claro. Acostumar a cidade com a ideia de dar as boas-vindas pra vocês.

— E eles vão dar as boas-vindas pra gente?

— As pessoas têm medo do que não conhecem, pequeno Todd — da diz. — Quando eles conhecerem vocês, o problema desaparecerá.

— E a gente vai poder ficar?

— Acho que sim — ela diz. — Se vocês quiserem.

Eu não digo nada.

— Agora vai lá pra casa. Vou buscar vocês dois quando chegar a hora..

Eu respondo balançando a cabeça e, acenando com a mão, ela vai embora, atravessando o celeiro, que está ficando cada vez mais escuro. Eu coloco a vassoura de volta no suporte, meus passos ecoando. Posso ouvir o Ruído de homens e o silêncio de mulheres se reunindo no salão. A palavra Prentissburgo aparece bastante junto com o meu nome, o nome de Viola e de Hildy.

E devo dizer que, apesar de haver medo e desconfiança no Ruído, não sinto uma rejeição muito grande. Tem mais perguntas do que a raiva de Matthew Lyle.

O que talvez não seja tão ruim.

— Vamos, Manchee — eu digo —, vamos comer.

— Comida, Todd — ele late nos meus calcanhares.

— Como será que foi o dia de Viola? — eu pergunto.

E quando me dirijo à entrada do celeiro, percebo um pedaço & Ruído que se separa do murmúrio geral lá fora.

Um pedaço de Ruído que se eleva.

E vem em direção ao celeiro.

Vem de fora do celeiro.

Eu paro no meio da escuridão.

Uma sombra surge na entrada do celeiro lá longe.

Matthew Lyle.

E o ruído dele está dizendo Você não vai a lugar nenhum, garoto..



19

AS OUTRAS ESCOLHAS DE

UMA FACA

RA TRÁS! Pra trás! Pra trás! — Manchee imediatamente começa a latir.

— P As luas refletem o facão de Matthew Lyle.

Coloco a mão nas costas. Escondi a bainha debaixo da camiseta enquanto trabalhava e a faca definitivamente ainda está lá. Definitivamente.

Pego a faca e seguro ao lado do meu corpo.

— Desta vez a mamãe não está aqui pra te proteger — Matthew diz, balançando o facão pra frente e pra trás, como se estivesse tentando cortar o ar em pedaços. — Nenhuma saia pra te esconder do que você fez.

— Eu não fiz nada — eu digo, dando alguns passos pra trás, tentando evitar que meu Ruído mostre a porta dos fundos atrás de mim.

— Não importa — Matthew diz, avançando enquanto eu recuo.

A gente tem uma lei aqui nesta cidade.

— Eu não tenho nenhuma desavença com você — eu digo.

— Mas eu tenho uma com você, garoto — ele diz, e seu Ruído começa a demonstrar irritação e ódio, obviamente, mas também aquele ar estranho, aquela dor imensa que se pode até sentir o gosto na boca. Também tem nervosismo girando em torno do Ruído dele, irascível, apesar dele tentar encobrir.

Recuo um pouco mais, me abrigando na escuridão.

— Eu não sou um homem mau, sabe — ele diz, repentinamente e um pouco confuso, mas ainda balançando o facão. — Tenho uma esposa e uma filha.

— Elas não iam querer que você machucasse um garoto inocente, estou certo disso…

— Quieto! — ele grita e sinto que engole em seco.

Ele não está certo disso. Não tem certeza do que está prestes a fazer.

O que está acontecendo aqui?

— Não sei por que você está com raiva — eu digo —, mas eu sinto muito. O que quer que seja…

— O que eu quero que você saiba antes de pagar — ele diz, me interrompendo, como se estivesse se esforçando pra não me ouvir —, o que você precisa saber, garoto, é que o nome da minha mãe era Jessica.

Eu congelo.

— Como é que é?

— O nome da minha mãe — ele murmura — era Jessica.

Isso não faz nenhum sentido.

— O quê? — eu digo. — Não sei o que você….

— Escute, garoto! — ele grita. — Escute bem.

E o Ruído dele está bem escancarado.

E eu vejo…

E eu vejo…

E eu vejo…

Eu vejo o que ele está mostrando.

— Isso é mentira — eu sussurro. — É uma mentira deslavada.

O que eu não deveria ter dito.

Com um grito, Matthew dá um salto pra frente, correndo na minha direção, atravessando todo o celeiro.

— Corra! — eu grito pra Manchee, me virando e correndo ei direção à porta dos fundos (cala a boca, você sinceramente acha que uma faca tem alguma chance contra um facão?). Escuto Matthew ainda gritando, seu Ruído explodindo atrás de mim, e abro a porta dos fundos num piscar de olhos.

Manchee não está comigo.

Olho pra trás. Quando eu disse pra correr, Manchee correu pro outro lado, avançando com toda a sua crueldade pouco convincente direção ao furioso Matthew.

— Manchee! — eu grito.

Está escuro pra caramba no celeiro agora e posso ouvir os rosnados latidos e tinidos seguidos de um grito de dor de Matthew diante do ie deve certamente ser uma mordida.

Bom cachorro, eu penso, Que cachorro danado de bom.

E eu não posso deixar ele aqui, posso?

Volto correndo pra escuridão, onde vejo Matthew pulando pra um lado e pra outro e a sombra dele dançando entre suas pernas e os golpes do facão, e Manchee latindo como um desesperado.

— Todd! Todd! Todd! — ele late.

Estou a cinco passos de distância e ainda correndo quando Matthew um golpe abaixando as duas mãos e cravando a ponta do facão no de madeira.

Escuto um berro de Manchee que não tem palavras, só dor, e ele sai voando em um canto escuro.

Dou um grito e me jogo pra cima de Matthew. Nós dois saímos do, tombando no chão num emaranhado de cotovelos e joelhos. mas caio praticamente em cima de Matthew, então não tem problema.

A gente sai rolando pra lados diferentes e eu escuto seu grito de dor. Me levanto com a faca na mão, a alguns metros de distância dele, longe da porta dos fundos e Matthew está bloqueando a frente do celeiro. Escuto Manchee choramingar na escuridão.

Também escuto um Ruído surgindo do outro lado da estrada da vila na direção do salão de reuniões, mas não tenho tempo pra pensar nisso agora.

— Não tenho medo de te matar — eu digo, apesar de estar morrendo de medo, mas espero que meu Ruído e o Ruído dele estejam tão tumultuados e acelerados que ele não consiga entender nada.

— Então somos dois — ele diz, disparando pra pegar o facão, que .não sai do chão na primeira tentativa, nem na segunda. Eu aproveito pra saltar de volta na escuridão, procurando Manchee.

— Manchee? — eu digo, olhando freneticamente atrás do trigo e das pilhas de cestas de frutas. Ainda consigo ouvir Matthew gemendo pra tirar o facão do chão, e o tumulto da cidade está ficando mais alto.

— Todd? — escuto, nas profundezas da escuridão.

Está vindo do lado dos rolos de silagem, em um pequeno refúgio que se abre perto da silagem na parede.

— Manchee? — grito, enfiando a cabeça lá embaixo.

Olho pra trás bem rápido.

Com um puxão, Matthew consegue tirar o facão do chão.

— Todd? — Manchee diz, confuso e assustado. — Todd?

E lá vem Matthew, andando em passos lentos, como se não estivesse mais com pressa, seu Ruído se projetando numa onda que não contém nenhuma discussão.

Não tenho escolha. Me meto no refúgio e seguro minha faca.

—Vou sair — eu digo, levantando a voz. — Deixa só eu pegar o meu cachorro e a gente já vai sair.

—Tarde demais — Matthew diz, se aproximando.

— Você não quer fazer isso. Posso sentir.

— Cala essa boca.

— Por favor — eu digo, balançando a faca. — Não quero te machucar.

— E por acaso eu pareço preocupado, garoto?

Mais perto, mais perto, a cada passo.

A gente ouve um som estridente vindo lá de fora, bem longe. As pessoas estão realmente correndo e gritando agora, mas nenhum de nós dois desvia o olhar.

Tento me encolher no pequeno refúgio, mas não é grande o suficiente pra mim. Dou uma olhada em volta, buscando uma forma de escapar.

Não encontro nada.

Minha faca vai ter que dar conta do recado. Vai ter que agir, mesmo se for contra um facão.

— Todd? — escuto atrás de mim.

— Não se preocupe, Manchee — eu digo. — Vai ficar tudo bem.

E quem sabe em quê um cachorro acredita?

Matthew já está quase em cima da gente.

Agarro minha faca.

Matthew para a um metro de distância, tão perto que posso ver seus olhos brilhando na escuridão.

— Jessica — ele diz.

Ele levanta o facão sobre sua cabeça.

Eu me encolho, com a faca pra cima, tentando permanecer firme.

Mas ele para…

Ele para…

De um jeito que eu reconheço…

E é suficiente…

Com uma prece rápida que não é a mesma da ponte, balanço a minha faca em um arco pro meu lado, cortando (obrigado, obrigado) cordas que sustentam os rolos de silagem, cortando o primeiro lote. As outras cordas rompem na mesma hora por causa do peso repentino e eu cubro minha cabeça e me afasto enquanto os rolos começam a cair.

Escuto pancadas e batidas e um ‘oof’ de Matthew e olho pra cima e ele está enterrado debaixo rolos de silagem com o braço esticado pra um lado e o facão caído. Dou um passo pra frente e chuto o facão pra longe, depois tento encontrar Manchee.

Ele está encolhido num canto escuro, atrás dos rolos caídos. Corro até ele.

— Todd? — ele diz quando eu me aproximo. — Rabo, Todd?

— Manchee? — está tão escuro que eu tenho que me agachar perto dele pra poder ver alguma coisa. Seu rabo está dois terços mais curto do que antes, tem sangue pra todo lado, mas o coitado ainda tentando sacudir o rabo.

—Ai, Todd!

— Está tudo bem, Manchee — eu digo, minha voz e Ruído quase chorando de alívio por ter sido só o rabo. — A gente vai curar você rapidinho.

— Tudo bem, Todd?

— Eu estou bem — eu digo, coçando a cabeça dele. Ele morde a minha mão,

mas eu sei que não é por maldade, é porque ele está sentindo dor. Ele me lambe, se desculpando, depois me morde de novo.

— Ai, Todd — ele diz.

— Todd Hewitt! — eu escuto um grito vindo da frente do celeiro..

Francia.

— Estou aqui! — eu grito, me levantando. — Estou bem. Matthew ficou maluco…

Mas eu paro porque ela não está prestando atenção.

— Você tem que se proteger agora, pequeno Todd — Francia diz, apressada. — Você tem que…

Ela para quando vê Matthew debaixo da silagem.

— O que aconteceu? — ela pergunta, já começando a puxar os rolos, tirando um de cima do rosto dele e se inclinando pra ver se ele ainda está respirando.

Eu aponto pro facão.

— Aquilo aconteceu.

Francia olha pro facão, depois olha pra mim, seu rosto dizendo ai que eu não consigo decifrar. Não sei se Matthew está vivo ou morto e nunca vou descobrir.

— Estamos seno atacados — ela diz, se levantando.

—Como é que é?

— Homens — ela diz. — Homens de Prentissburgo. Aquele bando que está atrás de você. Eles estão atacando a cidade inteira.

Meu estômago revira.

— Ai, não — eu digo. E depois repito: — Ai, não.

Francia ainda está olhando pra mim, seu cérebro pensando sabe-a lá o quê.

— Não entregue a gente pra eles — eu digo, recuando de novo. — Eles vão matar a gente.

Francia faz uma cara feia.

— Que tipo de mulher você pensa que eu sou?

— Não sei — eu digo. — Esse é o problema.

— Eu não vou dar você pra eles. Francamente. Nem Viola. Na verdade o objetivo da reunião, pelo pouco tempo que durou, era decidir como a gente ia proteger vocês dois do que quase com certeza estava vino. Ela olha pra Matthew. — Mas talvez essa seja uma promessa que a gente não vai poder cumprir.

— Onde está Viola?

— Na minha casa — Francia diz, de repente toda ativa de novo. — Vamos temos que colocar você lá dentro.

— Espere — eu me enfio de novo atrás dos rolos de silagem e encontro Manchee ainda em seu canto, lambendo o rabo. Ele olha pra mim e late, só um latido fraco que não é nem uma palavra. — Vou pegar você agora — eu digo pra ele. — Tente não me morder muito, tá bom?

— Tá bom, Todd — ele choraminga, gritando cada vez que agita o rabo curto.

Eu me abaixo, coloco os braços debaixo de sua barriga e levanto meu peito. Ele grita e morde meu pulso forte, depois lambe.

— Está tudo bem, amigão — eu digo, segurando ele da melhor a possível.

Francia está me esperando na porta do celeiro e eu sigo atrás dela na estrada principal.

Tem gente correndo pra todos os lados. Vejo homens e mulheres com rifles correndo em direção aos pomares e outros homens e mulheres correndo com crianças (lá estão elas de novo) entrando em casas e coisas do tipo. Lá longe posso ouvir barulhos, gritos e berros.

— Onde está Hildy? — eu grito.

Francia não diz nada. A gente chega aos degraus da casa dela.

— E Hildy? — eu pergunto de novo enquanto a gente sobe.

— Ela saiu pra lutar — Francia diz, sem olhar pra mim, abrindo porta.

— Eles passaram pela fazenda dela primeiro. Tam ainda estava lá.

— Ai, não — eu digo de novo, meio bobo, como se dizer ai, não adiantasse alguma coisa.

Viola desce do primeiro andar correndo quando a gente entra.

— Por que você demorou tanto? — ela diz, com a voz um pouco alta, e não sei com qual de nós dois está falando. Ela suspira quando vê Manchee.

— Curativos — eu digo. — Aqueles chiques.

Ela concorda e sobe correndo as escadas.

— Vocês dois fiquem aqui — Francia diz. — Não saiam de jeito nenhum, não importa o que escutem.

— Mas a gente tem que correr! — eu digo, sem entender nada. — A gente tem que dar o fora daqui!

— Não, pequeno Todd — ela diz. — Se Prentissburgo quer ver você, é um motivo suficiente pra gente manter você longe deles.

— Mas eles têm armas…

— A gente também — ela diz. — Nenhum grupo de Prentissburgo vai dominar esta cidade.

Viola volta, procurando os curativos na sacola.

— Francia… — eu digo.

— Fique bem aqui — ela diz. — A gente vai proteger você. Vocês dois.

Ela olha pra gente, como se esperasse a gente concordar, depois sai pela porta

pra proteger a cidade, imagino.

A gente fica olhando a porta fechada por alguns segundos, até que Manchee choraminga de novo e eu solto ele. Viola pega um curativo quadrado e o pequeno bisturi.

— Não sei se isso funciona com cachorros — ela diz.

— É melhor do que nada.

Ela corta um pequeno pedaço e eu tenho que segurar a cabeça de Manchee enquanto ela envolve o curativo no desastre que está o rabo dele.

Ele grita e pede desculpas e grita e pede desculpas até Viola cobrir todo o ferimento. Na mesma hora que eu solto, ele começa a lamber o curativo.

— Pare com isso — eu digo.

— Coça — Manchee diz.

— Cachorro bobo — eu coço as orelhas dele. — Que cachorro mais bobo.

Viola também faz carinho nele, tentando impedir que ele lamba curativo.

— Você acha que a gente está seguro? — ela pergunta, calmamente, depois de um longo minuto.

— Não sei.

A gente ouve mais tiros ao longe. Nós dois damos um pulo. Mais pessoas gritando. Mais Ruído.

— Nenhum sinal de Hildy desde que essa confusão começou — Viola diz.

—Eu sei.

Outro momento de silêncio enquanto a gente acaricia Manchee. Mais tumulto nos pomares.

Tudo parece tão longe, como se nada estivesse acontecendo.

— Francia disse que dá pra encontrar Paraisópolis se seguirmos o principal — Viola diz.

Eu olho pra ela. Imagino se eu sei o que isso significa.

Acho que sei.

— Você quer ir embora — eu digo.

— Eles vão continuar vindo — ela diz. — A gente está colocando pessoas em perigo. Você não acha que eles continuarão vindo se já Igaram até aqui?

Eu acho. Realmente acho. Não digo nada, mas eu acho.

— Mas elas disseram que poderiam proteger a gente — eu digo.

— E você acredita nisso?

Eu não respondo. Penso em Matthew Lyle.

— Acho que a gente não está mais seguro aqui — ela diz.

— Acho que a gente não está seguro em nenhum lugar — eu digo.

— Em nenhum lugar deste planeta inteiro.

— Preciso entrar em contato com minha nave, Todd — ela diz, quase implorando. — Eles estão esperando notícias minhas.

— E você quer fugir em direção ao desconhecido pra fazer isso?

— Você também quer. Eu posso sentir — ela desvia o olhar. — Se fôssemos juntos…

Eu olho pra ela, tentando ver, tentando saber, saber a verdade.

Ela só olha pra mim de novo.

O que é suficiente.

— Vamos — eu digo.

A gente arruma as malas rápido e em silêncio. Eu coloco a minha mochila nas costas, ela joga a sacola nos ombros, Manchee já está de pé de novo e caminhando, e a gente sai pela porta dos fundos. Simples assim, a gente vai embora. É mais seguro pra Farbranch, definitivamente, mais seguro pra gente, quem sabe? Quem sabe se essa é a melhor decisão? Depois do que Hildy e Francia prometeram, é difícil ir embora.

Mas a gente está indo. É isso que a gente está fazendo.

Porque pelo menos foi a gente que decidiu. Prefiro que seja e não que outras pessoas me digam o que vão fazer por mim, mesmo quando elas têm boa intenção.

Agora já é noite lá fora, mas as duas luas estão brilhando na escuridão.

Toda a atenção da cidade está longe da gente, por isso ninguém nos impedirá de fugir. Tem uma pequena ponte que cruza o riacho que passa pela cidade.

— Paraisópolis está muito longe? — eu pergunto, sussurrando enquanto a gente atravessa.

—Um pouco — Viola responde.

— Um pouco quanto?

Ela não diz nada por alguns segundos.

— Longe quanto? — eu pergunto de novo.

— Algumas semanas de caminhada — ela diz, desviando o olhar.

— Algumas semanas!

— Que outra opção a gente tem? — ela pergunta.

E, como eu não tenho resposta, a gente continua andando.

Do outro lado do riacho, a estrada sobe a distante colina do vale. A gente decide seguir esse caminho, que deve ser o mais rápido pra sair da cidade, depois a gente dará um jeito de seguir o rio para o sul. O mapa de Ben termina em

Farbranch, então o rio é a única coisa que a gente tem pra se orientar daqui pra frente.

Tem tantas perguntas que surgem enquanto a gente vai embora de Farbranch, perguntas que nunca serão respondidas: Por que o prefeito e alguns poucos homens vieram tão longe pra atacar uma cidade inteira sozinhos? Por que eles ainda estão atrás da gente? Por que somos tão importantes? E o que aconteceu com Hildy?

E será que eu matei Matthew Lyle?

E será que o que ele me mostrou no Ruído bem lá no fundo é verdade?

Aquela é a história verdadeira de Prentissburgo?

— Qual história verdadeira? — Viola pergunta enquanto a gente corre.

— Nada — eu digo. — E pare de ler a minha mente.

A gente chega ao topo da colina do vale exatamente na mesma hora que outro barulho de tiro ecoa. A gente para pra olhar.

E a gente vê tudo.

E como vê.

— Meu Deus — Viola diz.

Sob a luz das duas luas, o vale inteiro meio que brilha, dos prédios Farbranch até as colinas onde estão os pomares.

A gente vê homens e mulheres de Farbranch correndo.

Fugindo.

E, marchando no topo da colina, estão cinco, dez, quinze homens a cavalo.

Seguidos por filas de homens armados, marchando alinhados atrás que só pode ser os cavalos do prefeito.

Não é um bando. Não é um bando mesmo.

— É Prentissburgo — eu digo, sentindo como se o mundo estivesse desmoronando aos meus pés. — É cada um dos homens de Prentissburgo.

Eles têm três vezes mais pessoas do que os habitantes de Farbranch.

Três vezes mais armas.

A gente ouve tiros e vê os homens e as mulheres de Farbranch caírem quando tentam voltar correndo pra suas casas.

Eles vão dominar a cidade facilmente. Vão dominar tudo em menos de uma hora.

Porque os rumores eram verdadeiros, os rumores que Francia ouviu.

Era tudo verdade.

É um exército.

Um exército inteiro.

Tem um exército inteiro vindo atrás de mim e de Viola.


Uma única respiração circular Você e
ESQUECI SEU ROSTO Mantenha seus
uma linha, uma linha NADA ALÉM DE
longe das mãos deles de alguma forma,
EMBRE-SE DISSO A MADEIRA EM MI
nha Norma A saudade do silêncio Ó MINHA J
sair daqui? NOSSAS SEMENTES VÃ
O dia se aproxima Um ritual sagrado, e
rado novamente Ó minha Carla CALE-SE, P
ALAR Te levanto, te abaixo, te segu
as vezes dezesseis é igual a trinta e
igual a sessenta e quatro Imu
MOS MAIS ANALGÉSICOS o pescoço, seu p
bum merengue pro inverno, também VIRE O PAR
MO DE QUEIMA Prego, um dois trê
do Eu estou e tudo está sob o co
ARLIE dinamitado dinamitado dinamitado 1 2
ELE GAROTO HEWITT Deus escuro AS FORM
DUAS A forma como ela fazia Não sobrou
pontos a hora, a hora mais dez EM UM MÊS As
Quando vamos sair daqui?

PARTE 4

PARTE 4

EXÉRCITO DE HOMENS

A GENTE SE esconde atrás de alguns arbustos, mesmo estando escuro, mesmo com o exército do outro lado do vale, mesmo eles não sabendo que a gente está aqui em cima e não tendo a menor chance ides ouvirem o meu Ruído, mas mesmo com o tumulto lá embaixo, a gente se esconde. Aposto que você também se esconderia.

— Seu binóculo funciona quando está escuro? — eu sussurro.

Como resposta ela retira o binóculo da sacola e olha através dele.

— O que está acontecendo? —ela diz, apertando mais botões. — Quem são todos aqueles homens?

— E Prentissburgo — eu digo, estendendo a mão. — Parece que são todos os homens da cidade.

— Mas como pode ser a cidade inteira? — ela olha por mais alguns segundos e me passa o binóculo. — Qual é o sentido disso?

— Agora você me pegou — a noite através do binóculo passa pelo vale e só dá pra ver um verde brilhante. Vejo cavalos galopando, descendo a colina em direção parte principal da cidade, dando tiros de rifles no caminho, vejo pessoas de Farbranch devolvendo os tiros, mas a maioria está correndo, caindo e morrendo. O exército de Prentissburgo não parece estar interessado em fazer prisioneiros.

— Temos que sair daqui, Todd — Viola diz.

— Sim — eu digo, ainda olhando através do binóculo.

Com tudo verde, é difícil reconhecer rostos. Aperto mais alguns botões até encontrar um que aproxima a imagem.

A primeira pessoa que eu vejo com certeza é o Sr. Prentiss Jr, liderando e disparando seu rifle no ar quando não tem outra coisa pra atingir. Depois está o Sr. Morgan e o Sr. Collins, que estão per guindo alguns homens de Farbranch até os depósitos e atirando neles. O Sr. O'Hare está lá também, e mais comparsas do prefeito a cavalo, a Sr. Edwin, o Sr. Henratty e o Sr.

Sullivan. E lá está o Sr. Hammar, com um sorriso que parece verde e maligno a esta distância quando ele dispara o rifle nas costas de mulheres que estão tentando fugir co crianças pequenas e eu tenho que desviar o olhar ou vomitar o nada que comi na janta.

Os homens a pé marcham em direção à cidade. O primeiro eu reconheço, é o Sr. Phelps, o dono da loja, o que é estranho, porque não pensei que ele fosse do tipo guerrilheiro. E tem o Sr. Baldwin. E o Fox. E o Sr. Cardiff, que era o nosso melhor ordenhador. E o Sr. Ta que tinha a maior quantidade de livros pra queimar quando o prefeito baniu os livros. E o Sr.

Kearney, que moía o trigo da cidade e sempre falava suavemente e fazia brinquedos de madeira pro aniversário todos os garotos de Prentissburgo.

O que esses homens estão fazendo em um exército?

— Todd — Viola diz, puxando meu braço.

Os homens que marcham não parecem felizes, imagino. Parecem amargos, frios e assustadores de uma forma diferente do Sr. Hammar como se não tivessem sentimentos.

Mas ainda estão marchando. Ainda estão atirando. Ainda estão derrubando portas.

— Aquele é o Sr. Gillooly — eu digo, com o binóculo pressionado contra meu rosto. — Ele não consegue nem abater sua própria carne.

— Todd — Viola diz, e eu sinto que ela se afasta dos arbustos.

— Vamos.

O que está acontecendo? Claro, Prentissburgo era um lugar horrível, um lugar que você nunca iria querer descrever, mas como é que de repente se transformou

em um exército? Tem muitos homens de Prentissburgo que são maus, mas não todos eles. Não todos. E o Sr. Gillooly com um rifle é um sinal tão errado que quase dói meus olhos ter que ver isso.

E depois, obviamente, eu vejo a resposta.

O prefeito Prentiss, que nem está segurando uma arma, está com das mãos nas rédeas do cavalo e a outra ao lado do corpo, passeando pela cidade como se estivesse galopando por diversão. Ele está observando a derrota de Farbranch como se fosse uma gravação, e nem uma gravação muito interessante. Está deixando todo mundo fazer o trabalho sujo, mas ele está tão obviamente no comando que ninguém nem sequer pensaria em pedir pra ele colocar a mão na massa também.

Como ele pode conseguir que tantos homens façam o que ele quer?

E será que ele é à prova de balas pra poder andar assim, tão destemido?

— Todd — Viola diz atrás de mim. — Juro que vou embora sem você.

— Não, você não vai — eu digo. Espere só um segundo.

Porque agora estou olhando cada rosto, observo cada homem de Prentissburgo, porque ainda que eles estejam marchando na cidade e vão descobrir em breve que nem eu nem Viola estamos lá e vão vir nesta direção atrás da gente, eu preciso saber.

Eu tenho que saber.

Olho de um rosto pra outro enquanto eles marcham, atiram e queimam.

O Sr. Wallace, o Sr. Asbjornsen, o Sr. St. James, o Sr. Belgraves, o Sr. Smith mais velho, o Sr. Smith mais novo, o Sr. Smith com nove dedos, até o Sr.

Marjoribanks, vacilando e titubeando, porém marchando, marchando, marchando. Homens de Prentissburgo e mais homens de Prentissburgo e mais e mais homens de Prentissburgo, o meu coração aperta e queima a cada rosto que eu identifico.

— Eles não estão lá — eu digo, quase pra mim mesmo.

— Quem não está? — Viola diz.

— Não está! — Manchee late, lambendo o rabo.

Eles não estão lá.

Ben e Cillian não estão lá.

Isto, obviamente, é uma boa notícia, não é? Claro que eles não fazem parte de um exército de assassinos. Claro que não, mesmo quando todos os outros homens de Prentissburgo estão lá. Eles não estariam. Nunca, de nenhuma maneira, de jeito nenhum.

Eles são homens bons, homens ótimos, os dois, até Cillian.

Mas, se isto é verdade, significa que a outra coisa é verdade também não é?

Se eles não estão lá, isto significa um ponto final.

E aí está a lição: não existe nada bom que não seja seguido por alguma coisa ruim.

Espero que eles tenham lutado com todas as suas forças.

Solto o binóculo, olho pra baixo e limpo as lágrimas com a manga da camisa, entrego o binóculo pra Viola e digo: — Vamos.

Ela pega o binóculo, se contorcendo um pouco, como se estivesse se coçando pra ir embora, mas depois diz: — Sinto muito — deve ter visto meu Ruído.

— Nada que já não tenha acontecido antes — eu digo, olho pro chão e ajeitando a mochila nas minhas costas. — Vamos, antes que eu coloque a gente em um perigo ainda maior.

Sigo o caminho que vai pro topo da colina, ainda com a cabeça baixa, andando rápido, Viola atrás de mim, Manchee tentando não morder o rabo enquanto a gente corre.

Viola me alcança rapidinho. — Você viu.., ele? — ela pergunta, ofegante.

— Aaron?

Ela faz sinal de positivo.

— Não — eu digo. — Agora que você mencionou isso, eu realmente não vi Aaron. E ele deveria estar bem na linha de frente.

A gente fica mudo por um minuto enquanto corre e a gente imagina o que isso quer dizer.

A estrada deste lado do vale é mais larga e a gente está fazendo o possível pra ficar na parte mais escura do caminho, que se contorce, subindo a colina. Nossas únicas luzes são as luas, mas elas estão claras o suficiente projetarem nossas sombras, que correm ao longo da estrada, o que já é claro dimais quando você está fugindo. Eu nunca vi nenhum binóculo de visão noturna em Prentissburgo, mas também nunca vi nenhum exército. A gente começou a correr meio agachados sem nem ter combinado. Manchee está correndo na nossa frente, com o focinho no chão, latindo.

— Por aqui! Por aqui!, como se ele soubesse melhor do que a gente onde a gente está indo.

No topo da montanha a estrada tem uma bifurcação.

Era só o que faltava.

— Só pode ser uma brincadeira — eu digo.

Uma parte da estrada vai pra esquerda e a outra pra direita.

(Óbvio, é uma bifurcação, não é?) — O riacho em Farbranch seguia para a direita — Viola diz — e o rio principal sempre esteve a nossa direita depois que a gente atravessou a ponte, então tem que ser a bifurcação da direita se a gente quiser voltar pra lá.

— Mas a da esquerda parece mais utilizada — eu digo. E parece mesmo. A bifurcação da esquerda parece mais suave, mais plana, como o tipo de coisa em que você passaria sobre carrinhos. A bifurcação da direita é mais estreita, com arbustos mais altos de cada lado e mesmo sendo noite dá pra ver que é poeirenta. Francia falou alguma coisa sobre uma bifurcação? — olho pra trás e o vale ainda está brotando atrás da gente.

— Não — Viola diz, também olhando pra trás. — Ela só disse que Paraisópolis é a primeira colônia e que novas colônias foram se espalhando pelo rio à medida que as pessoas se mudavam para o oeste.Prentissburgo era a que estava mais longe. Depois vinha Farbranch.

— Aquela provavelmente vai pro rio — eu digo, apontando direita, depois pra esquerda — e aquela provavelmente vai pra Paraisópolis numa linha reta.

— Qual será que eles vão pensar que a gente seguiu?

— Temos que decidir — eu digo. — E rápido.

— Para a esquerda — ela diz, depois olha pra mim e pergunta: — Para a direita?

A gente ouve um BUM que faz a gente dar um pulo. Um cogumelo de fumaça se levanta no ar em Farbranch. O celeiro onde eu trabalhei o dia todo está pegando fogo.

Talvez nossa história tenha um desfecho diferente se a gente seguir a bifurcação da esquerda, talvez as coisas ruins que estão esperando pra acontecer com a gente não aconteçam, talvez exista felicidade no fim da bifurcação da esquerda e lugares quentes com pessoas que amam a gente e nenhum Ruído, mas também nenhum silêncio, e com muita comida e ninguém morre e ninguém morre e ninguém nunca, nunca morre.

Talvez.

Mas eu duvido.

Eu não sou exatamente o que você chamaria de uma pessoa sortuda.

— Direita — eu decido. — Pode ser a da direita.

A gente corre pela bifurcação da direita, Manchee atrás da gente, a noite e a estrada poeirenta se estendendo na nossa frente, um exército e um desastre atrás da gente, eu e Viola, correndo lado a lado.

A gente corre até não poder mais e depois caminha rápido conseguir até correr de novo. Os sons de Farbranch vão desaparecendo atrás da gente e tudo o que a gente ouve são nossos passos ecoando no chão e meu Ruído e o latido de

Manchee. Se tem alguma cria da noite lá fora, a gente está assustando ela.

O que provavelmente é bom.

— Qual é a próxima colônia? — eu pergunto, ofegante, depois de meia hora correndo e caminhando. — Francia disse alguma coisa?

— Shining Beacon — Viola diz, ofegante também. — Ou Shining Light — ela faz uma careta. — Blazing Light. Blazing Beacon?

— Isso ajuda bastante…

— Espere — ela para no meio do caminho, se apoiando na cintura pra recuperar o fôlego. Eu paro também. — Preciso de água.

Eu coloco as mãos pra cima, querendo dizer. E daí?

— Eu também — eu digo. — Você tem água? Ela me olha com as sobrancelhas levantadas.

—Oh.

— Sempre tem um rio.

— Então é melhor a gente encontrá-lo logo.

— Também acho — respiro fundo pra começar a correr de novo.

— Todd — ela diz, me fazendo parar. — Estive pensando…

—Sim?

— Blazing Lights ou sei lá o quê?

—Sim?

— Se você pensar bem — ela abaixa o tom de voz pra um som e desconfortável e repete —, se você pensar bem, a gente levou um exército até Farbranch.

Passo a língua sobre meus lábios secos. Sinto o gosto da poeira. E sei o que ela está dizendo.

— Você deve alertar eles — ela diz, calmamente, na escuridão. — o muito, mas…

— A gente não pode ir a nenhuma outra colônia — eu digo.

— Acho que não.

— Não até a gente encontrar Paraisópolis.

— Não até encontrarmos Paraisópolis — ela diz —, e esperemos e Paraisópolis seja grande o suficiente para enfrentar um exército.

Então é isso. Caso a gente precise ser lembrado outra vez, realmente a gente está por nossa conta. É a mais pura verdade. Eu e Viola e Manchee e a escuridão como companhia. Ninguém na estrada pra ajudar a gente até o fim, e talvez nem no fim, com a sorte que a gente tem tido…

Fecho os olhos.

Eu sou Todd Hewitt, penso. Daqui a vinte e sete dias, à meia-noite, à meia-noite, serei um homem. Sou filho da minha mãe e do meu pai, que eles descansem em paz. Sou filho de Ben e Cillian, que eles…

Eu sou Todd Hewitt.

— Eu sou Viola Eade.

Abro os olhos. Ela está com a mão estendida pra mim.

— Esse é meu sobrenome — ela diz. — Eade. E-A-D-E.

Eu olho pra ela por um segundo, depois pra sua mão estendida cl estendo a minha e aperto a mão dela e um segundo depois solto.

Encolho meus ombros pra ajeitar a mochila. Coloco a mão nas costas pra sentir a faca e me certificar que ela está lá. Olho pro pobre Manchee ofegante e com seu rabo pela metade e depois meus olhos encontram os de Viola.

— Viola Eade — eu digo, e ela balança a cabeça.

E a gente corre, adentrando a noite.



21

O RESTO DO MUNDO

— COMO É QUE pode ser tão longe? — Viola pergunta. — Isso não tem nenhum sentido lógico.

— E tem algum outro tipo de sentido?

Ela franze as sobrancelhas. Eu também. A gente está cansado e ficando cada vez mais cansado e tentando não pensar no que a gente viu em Farbranch e a gente corre e anda praticamente metade da noite ainda nada de rio. Estou começando a achar que a gente escolheu o caminho errado, mas agora a gente não pode fazer nada, porque agora dá pra voltar atrás.

— Não dá pra voltar atrás — escuto Viola atrás de mim, dizendo em voz baixa.

Olho pra ela com os olhos arregalados. — Você está duas vezes errada — eu digo. Em primeiro lugar, ficar lendo o Ruído das pessoas constantemente não vai te fazer uma pessoa muito popular por aqui.

Ela cruza os braços e dá de ombros.

— E em segundo lugar?

— Em segundo lugar, eu falo como eu quero.

— Sim — Viola diz —, você fala mesmo.

Meu Ruído começa a crescer um pouco e eu respiro fundo, mas ela faz shhh e seus olhos brilham com a luz da lua quando ela olha atrás de mim.

— Rio! — Manchee late.

A gente sai correndo pela estrada e faz uma curva e desce uma ladeira e faz outra curva e lá está o rio, mais largo, mais plano e mais lento do que a última vez que a gente viu, mas tão cheio de água quanto antes. A gente não fala nada, simplesmente cai de joelhos na ribanceira do rio e bebe a água, Manchee entrando até a barriga pra começar a fazer a festa.

Viola está perto de mim e, enquanto eu tomo goles desesperados, lá está o silêncio dela de novo. É uma mão de duas vias, essa história. Da mesma forma que ela consegue ouvir meu Ruído, aqui sozinhos, longe da tagarelice de outras pessoas ou do Ruído de uma colônia, lá está o silêncio dela, tão alto quanto um rugido, me puxando como se fosse a maior tristeza do mundo, como se eu quisesse ser absorvido por ele e simplesmente desaparecer pra sempre no nada.

Que alívio seria sentir isso agora. Seria um alívio abençoado.

— Eu não posso evitar escutar você, você sabe — ela diz, se levantando e abrindo a sacola —, quando está tudo quieto e só estamos nós dois.

— E eu não posso evitar não escutar você — eu digo. — Não importa como seja — assobio pra Manchee. — Fora da água. Pode ter cobras aí.

Ele está mergulhando seu traseiro debaixo da corrente, se movendo pra frente e pra trás até que o curativo se solta e sai flutuando. Ele da água e na mesma hora começa a lamber o rabo.

— Deixa eu ver — eu digo. Ele late ‘Todd!’, concordando, n quando eu chego mais perto ele enrola o rabo pra baixo de sua barri o máximo possível.

Eu desenrolo gentilmente, Manchee fica murmurando ‘Rabo, rabo’ o tempo todo.

— Quem diria? — eu digo. — Esses curativos funcionam com cachorros.

Viola retirou dois discos da sacola. Ela pressiona os discos com polegar e eles se expandem na forma de garrafas. Ela se ajoelha ao lado do rio, enche as duas garrafas e joga uma pra mim.

— Obrigado — eu digo, sem olhar diretamente pra ela.

Ela seca a parte de fora da garrafa e nós dois ficamos parados na beira do rio por

um segundo até que ela coloca a garrafa de água dentro da sacola de novo e fica quieta de um jeito que estou aprendendo que significa que ela está tentando dizer alguma coisa difícil.

— Não me entenda mal — ela diz, olhando pra mim —, mas acho que talvez esteja na hora de eu ler a observação no mapa.

Posso sentir meu rosto corar, mesmo na escuridão, e também posso sentir que estou me preparando pra discutir.

Mas depois suspiro. Estou cansado e está tarde e a gente está correndo de novo e ela está certa, não está? Só meu rancor diria que ela está errada.

Solto a minha mochila e retiro o livro, desdobrando o mapa de dentro da capa. Estendo o mapa pra ela sem olhar nos seus olhos. Ela pega a lanterna e ilumina o papel, focando a mensagem de Ben. Pra minha surpresa, ela começa a ler em voz alta e, de repente, mesmo sendo a voz dela, é como se a voz Ben estivesse subindo pelo rio, ecoando desde Prentissburgo e atingindo meu peito como um golpe.

‘Vá para a colônia perto do rio e depois da ponte — ela lê. — A colônia se chama Farbranch e as pessoas lá devem te receber bem.’

— E elas receberam mesmo — eu digo. — Pelo menos algumas delas.

Viola continua: ‘Tem coisas que você não sabe sobre a nossa história, Todd, e sinto muito por isso, mas se você soubesse estaria em perigo. A única chance que você tem de ser bem recebido é sua inocência’.

Sinto que fico ainda mais corado, mas felizmente está escuro dimais pra ela perceber qualquer coisa.

‘O livro da sua mãe te contará mais, porém enquanto isso o resto do mundo tem que ser alertado, Todd. Prentissburgo está se movendo, O plano está sendo pensado há anos, está só esperando que o último garoto em Prentissburgo se torne um homem’ — ela olha pra cima: — É você?

— Sou eu — eu digo. — Eu era o garoto mais novo. Completo treze anos em vinte e sete dias e oficialmente me tornarei um homem, de acordo com a lei de Prentissburgo.

E por um minuto não consigo evitar pensar no que Ben me mostrou…

Sobre como um garoto se torna…

Eu cubro esse pensamento e digo rapidamente: — Mas eu não tenho nenhuma ideia do que ele quis dizer com essa história deles me esperarem.

‘O prefeito planeja dominar Farbranch e quem sabe o que mais. Cillian e eu tentaremos atrasar o máximo possível, mas não poderemos impedir.

Farbranch estará em perigo e você deve alertar eles. Sempre, sempre, sempre se lembre de que nós te amamos como se você fosse nosso próprio filho e mandar você embora é a coisa mais difícil que vamos fazer na vida. Se for possível, veremos você de novo, mas primeiro você tem que chegar a Farbranch o quanto antes e, quando chegar lá, você deve alertar eles. Ben.’

Viola olha pra cima: — Essa parte está sublinhada.

— Eu sei.

E a gente não fala nada por um minuto. Tem uma vergonha no ar, mas talvez esteja saindo tudo de mim, afinal, como poderia sair de uma garota silenciosa?

— É minha culpa — eu digo. — É tudo culpa minha.

Viola lê a observação de novo.

— Eles deveriam ter te contado — ela diz. — Não deveriam ter esperado que você lesse sabendo que você não pode…

— Se eles tivessem me contado, Prentissburgo teria escutado tudo no meu Ruído e a cidade inteira saberia que eu sabia. A gente não teria tido nenhuma chance — olho de relance pra ela e desvio o olhar. — Eu deveria ter dado isso pra alguém ler e ponto final. Ben é um homem bom. Era… — digo, diminuindo meu tom de voz.

Ela dobra o mapa e me devolve. Agora ele é inútil pra gente, mas mesmo assim eu guardo cuidadosamente dentro da capa do livro.

— Eu poderia ler isso para você — Viola diz. — O livro da sua mãe. Se você

quisesse.

Fico de costas pra ela e coloco o livro na mochila.

— A gente precisa ir — eu digo. —A gente já perdeu tempo dimais aqui — Todd…

— Tem um exército atrás da gente. A gente não tem mais tempo pra ler.

Assim, a gente volta pra nossa jornada, tentando correr o máximo possível, mas quando o sol nasce, todo lento e preguiçoso e frio, a gente ainda não dormiu nada depois de um dia inteiro de trabalho, então mesmo com um exército inteiro no nosso pé, a gente mal consegue manter um ritmo bom de caminhada.

Mas a gente segue, até a manhã seguinte. A estrada continua seguindo o rio, como a gente esperava, e a terra começa a ficar mais plana a nossa volta.

Lindas planícies naturais de relva se estendem em colinas mais baixas e em colinas mais altas e ao norte surgem montanhas depois das colinas.

Mas é tudo bastante selvagem. Sem cercas, sem campos de cultivo e sem sinal de qualquer tipo de colônia ou pessoas, só a própria estrada poeirenta. Por um lado isso é bom, mas por outro lado é estranho.

Se o Novo Mundo não foi exterminado, onde está todo mundo?

— Você acha que isso está certo? — eu pergunto, quando a gente vira outra curva poeirenta da estrada com nada além dela, a não ser mais curvas poeirentas. — Será que a gente está seguindo o caminho certo?

Viola suspira.

— Meu pai costumava dizer: Só existe o adiante, Vi, só para frente e para o alto.

— Só existe o adiante — eu repito.

— Para frente e para o alto — ela diz.

— Como ele era? — eu pergunto. — Seu pai?

Ela olha pro chão e posso ver quase um sorriso no seu rosto.

— Ele tinha cheiro de pão fresco — ela diz e continua caminhando, sem dizer mais nada.

A manhã se transforma em tarde sem novidades. A gente corre quando pode, anda rápido quando não consegue correr e só descansa quando não aguenta mais. O rio continua plano e estável, igual à terra marrom e verde ao lado dele. Vejo falcões azuis lá em cima, rondando e sondando em busca de uma presa, e esses são todos os sinais de vida que tem por aqui.

— Este é um planeta desabitado — Viola diz, quando a gente para pra fazer um lanche rápido, encostados em algumas rochas, admirando uma barragem natural sobre o rio.

— Na verdade tem vida suficiente — eu digo, mastigando um pedaço de queijo.
— Pode acreditar.

— Eu acredito em você, de verdade. Só quis dizer que eu entendo por que as pessoas quereriam se estabelecer aqui. Tem bastante terra fértil para plantação e cultivo, bastante potencial para as pessoas começarem uma vida nova.

Continuo mastigando.

— As pessoas estariam erradas.

Ela esfrega o pescoço e olha pra Manchee, que está farejando as bordas da barragem, provavelmente sentindo o cheiro de pássaros tecelões que fizeram seu ninho na barragem.

— Por que aqui você se toma um homem aos treze anos? — ela pergunta Eu olho pra ela, surpreso.

—O quê?

— Aquela observação — ela diz. — A cidade estava esperando o último garoto se tornar um homem — ela olha pra mim. — Para quê esperar?

— Sempre foi assim no Novo Mundo. Acho que é alguma coisa bíblica.

Aaron sempre disse que isso simbolizava o dia em que você prova da Árvore do Conhecimento e passa da inocência ao pecado.

Ela me olha de um jeito engraçado.

— Parece bastante pesado.

Eu encolho os ombros. Ben disse que era porque um pequeno grupo de pessoas num planeta isolado precisaria de todos os adultos que pudesse conseguir, por isso quando você completa treze anos começa a ter responsabilidades de verdade — jogo uma pedra no rio.

— Não me pergunte. Só sei que são treze anos. Treze ciclos de treze meses.

— Treze meses? — ela pergunta, levantando as sobrancelhas.

Eu balanço a cabeça, confirmando.

— Um ano só tem doze meses — ela diz.

— Não tem não. São treze.

— Talvez não aqui — ela diz —, mas no lugar de onde eu venho o doze meses.

— Treze meses em um ano do Novo Mundo — eu digo, me sentindo meio bobo por algum motivo.

Ela olha pra cima, como se estivesse tentando entender alguma coisa.

— O que eu quero dizer é que, dependendo de quanto dura um dia ou um mês neste planeta, você já pode ter… catorze anos.

— Não é assim que funciona aqui — eu digo, meio severo, não gostando muito dessa conversa. — Vou fazer treze anos em vinte e sete dias.

— Catorze anos e um mês, na verdade — ela diz, ainda fazendo as contas. — E a gente já conseguiria saber a idade de qualquer pessoa…

— Faltam vinte e sete dias pro meu aniversário — eu digo, firmemente, me levantando e colocando a mochila nas costas. — Vamos, a gente já perdeu muito tempo conversando.

Só quando o sol finalmente começa a se esconder atrás do topo das árvores, a gente vê o primeiro sinal de civilização: um moinho de água abandonado na

beira do rio com o teto queimado quem sabe há quantos anos. A gente está andando há tanto tempo que nem conversa, nem muito em volta pra ver se tem algum perigo, a gente só entra, deixa as nossas sacolas de lado e deita no chão como se fosse a cama mais macia do mundo.

Manchee, que não parece cansar nunca, corre pra todos os lados, levantando a perna sobre todas as plantas que cresceram nas fendas das tábuas no chão.

— Meus pés — eu digo, tirando os sapatos e contando cinco, não, seis bolhas diferentes.

Viola suspira na parede oposta.

— Temos que descansar — ela diz. — Mesmo se…

— Eu sei.

Ela olha pra mim.

— Você vai conseguir ouvir se eles se aproximarem?

— E como vou — eu digo. — Definitivamente vou escutar eles.

A gente decide dormir por turno. Eu digo que vou esperar acordado primeiro e Viola mal consegue dizer boa-noite antes de fechar os olhos. Eu observo ela dormir enquanto a luz vai diminuindo. O pouco de limpeza que a gente conseguiu na casa de Hildy já era. Ela está como eu devo estar: com o rosto coberto de pó, círculos escuros em volta dos olhos, sujeira debaixo das unhas.

E eu começo a pensar.

Só conheço essa garota há três dias. Três dias idiotas em toda a minha vida, mas é como se nada que aconteceu antes tivesse realmente acontecido, como se tudo fosse uma grande mentira só esperando ser descoberta. Não, não como se fosse, era uma grande mentira esperando ser descoberta e isso agora é a vida real, correr sem segurança ou respostas, só se mover, se mover sem parar.

Tomo um gole d’água e escuto os grilos cantando sex, sex, sex e imagino como era a vida dela antes desses três últimos dias. Tipo, como será crescer numa nave espacial? Um lugar onde nunca aparecem pessoas novas, um lugar do qual você

nunca pode sair.

Um lugar como Prentissburgo, se você pensar bem, um lugar em que, se você desaparece, nunca mais pode voltar.

Olho pra ela. Mas ela realmente saiu, não foi? Ela saiu por sete meses com sua mãe e seu pai na pequena nave que caiu.

Imagino como deve ter sido…

— Você tem que enviar naves de reconhecimento na frente para fazer as pesquisas de campo locais e descobrir os melhores lugares para se assentar — ela diz, sem se sentar ou sequer mover a cabeça. — Como é que alguém consegue dormir em um mundo com Ruído?

— Você se acostuma — eu digo. — Mas por que tanto tempo? Por que sete meses?

— É o tempo que leva para montar o primeiro acampamento — e cobre os olhos com a mão, parecendo exausta. — Eu e minha mãe e meu pai devíamos encontrar o melhor lugar para as naves aterrissarem e devíamos montar o primeiro acampamento e depois a gente começaria a construir as primeiras estruturas que seriam necessárias para colonos recém-chegados.

Uma torre de controle, um depósito de da, uma clínica.

— Nunca vi uma torre de controle no Novo Mundo — eu digo.

Depois desta ela se senta.

— Eu sei. Não posso acreditar que vocês não têm nem comunicares entre às colônias.

— Então vocês não são colonos da igreja — eu digo, parecendo inteligente.

— E o que isso tem a ver? — ela diz. — Por que qualquer igreja que se preze iria querer se dividir em colônias?

— Ben disse que eles vieram pra este mundo pra ter uma vida mais simples, disse que até tiveram uma discussão nos primeiros tempos sobre se deveriam destruir os geradores de fissão.

Viola parece horrorizada.

— Vocês todos teriam morrido.

— Por isso eles não foram destruídos — eu encolho os ombros. Nem depois que o prefeito Prentiss decidiu destruir quase todas as outras coisas.

Viola esfrega as pernas e olha pras estrelas que aparecem pelo buraco no teto.

— Minha mãe e meu pai estavam tão animados. Um mundo totalmente ate novo, um começo totalmente novo, todos esses planos de paz felicidade — ela para.

— Sinto muito que não tenha sido assim — eu digo.

Ela olha pros pés.

— Você se importa de ficar lá fora até eu conseguir dormir?

— Não — eu digo —, não me importo.

Pego minha mochila e saio pela abertura onde antes ficava a porta.

Manchee se levanta do lugar onde estava encolhido e me segue. Quando me sento, ele se enrola de novo nas minhas pernas e dorme, soltando gases, feliz da vida, e suspirando como um cachorro. Como é simples ser um cachorro.

Observo as luas surgirem, seguidas pelas estrelas, as mesmas luas e as mesmas estrelas que havia em Prentissburgo, ainda estão lá, depois do fim do mundo. Pego o livro outra vez, o óleo na capa brilhando com a luz da lua.

Folheio algumas páginas.

Imagino se minha mãe estava animada quando aterrissou aqui, sua mente estava cheia de paz e esperança e alegria sem fim.

Imagino se ela encontrou um pouco disso antes de morrer.

Isso faz meu peito ficar pesado, então coloco o livro de volta na mochila e apoio minha cabeça nas placas do moinho. Escuto o rio passar e as árvores em silêncio a nossa volta e vejo as sombras das colinas ao longe no horizonte e o barulho das folhas na florestas.

Vou esperar alguns minutos, depois vou voltar lá dentro e verificar se Viola está bem.

De repente, Viola está me acordando e já passaram horas e a minha cabeça está completamente confusa até que ela diz: — Ruído,' Todd, estou ouvindo Ruído.

Fico de pé antes de acordar completamente, acalmando Viola Manchee que, ainda meio sonolento, está latindo suas reclamações. Eles se acalmam e eu tento escutar a noite.

Sussurro, sussurro, sussurro, como uma brisa, sussurro, sussurro, sussurro, sem palavras e bem longe, mas pairando no ar, uma nuvem de tempestade atrás de uma montanha, sussurro, sussurro, sussurro.

— Temos que ir — eu digo, já agarrando minha mochila.

— É o exército? — Viola grita, correndo pela porta do mo pra pegar sua sacola.

— Exército! — Manchee late.

— Não sei — eu digo. — Provavelmente.

— Será que pode ser a próxima colônia? — Viola pergunta, com sacola em volta dos ombros. — A gente não deve estar muito longe dela.

— Então por que a gente não ouviu nada quando chegou aqui? Ela morde o lábio.

— Droga.

— É — eu digo. — Droga.

E assim a segunda noite depois de Farbranch passa como a primeira. A gente corre na escuridão, usando as lanternas quando precisa delas, tentando não pensar. Logo antes do sol nascer, o rio corre pra da planície em direção a outro

pequeno vale, como aquele perto de Farbranch, e com certeza lá estará Blazing Beacons ou sei lá o quê, então realmente talvez existam pessoas que moram por aqui.

Elas têm pomares também, e campos de trigo, mas nada parece de longe tão bem cuidado como em Farbranch. Pra nossa sorte, a principal parte da cidade está no topo da colina e parece que uma estrada maior passa por ali, talvez seja a bifurcação da esquerda, e tem o ou seis construções, a maioria precisando de uma boa pintura. nossa estrada poeirenta perto do rio só tem barcos e docas meio abandonadas e algumas casas costeiras ou sei lá o que se constrói perto um rio.

A gente não pode pedir a ajuda de ninguém. Mesmo se a gente conseguisse ajuda, o exército está vindo, não é? A gente deveria alertar mas e se eles forem mais do tipo Matthew Lyle que Hildy? E se ao eles a gente direcionar o exército direto pra eles porque a gente estará no Ruído de todo mundo? E se a colônia souber que a gente é o motivo que está trazendo o exército e decidir entregar a gente? Mas eles precisam ser avisados, não precisam?

Mas e se isso colocasse a gente em perigo?

Está vendo? Qual é a resposta certa?

Então a gente passa pela colônia se escondendo como se fosse ladrão, correndo de casa em casa, ficando fora da vista da cidade que está lá no topo da colina, esperando quietinhos quando a gente vê uma mulher magra levando uma cesta até um galinheiro perto de algumas árvores. A colônia é tão pequena que a gente consegue atravessar antes o do sol nascer e a gente já estás do outro lado e de volta na estrada como se a gente nunca tivesse estado lá antes, como se nada e acontecido.

— Então esta é aquela colônia — Viola sussurra, enquanto a gente vê a colônia desaparecer detrás de uma curva. — A gente nunca saberia seu nome.

— E agora realmente a gente não sabe com o que vai se deparar — eu sussurro.

— Vamos seguir em frente até chegar em Paraisópolis.

— E depois o que a gente faz?

Ela não diz nada.

— É muita fé que você está colocando numa palavra — eu digo — Tem que haver alguma coisa, Todd — ela diz, com uma expressão meio sombria. — Tem que haver alguma coisa lá.

Eu não digo nada por um segundo.

— Acho que a gente vai descobrir.

E assim começa mais uma manhã. Duas vezes na estrada a gente vê homens com carrinhos puxados por cavalos. Nas duas vezes a gente corre pra detrás das árvores, Viola com a mão no focinho Manchee e eu tentando manter meu Ruído o mais livre de Prentissburgo possível enquanto eles passam.

As horas passam e quase nada muda. A gente não ouve mais nenhum sussurro do exército, se é que era isso mesmo, mas não tem por descobrir, não é? A manhã se transforma em tarde de novo quando gente vê uma colônia em cima de uma colina bem longe. A gente subindo uma pequena colina, o rio está ficando um pouco mais abaixo, apesar de a gente poder ver ele se espalhando ao longe, o que p ser o início de uma planície que a gente vai ter que atravessar.

Viola aponta o binóculo pra colônia por um minuto, depois ele pra mim.

Tem dez ou quinze construções desta vez, mas mesmo nessa distância a colônia parece miserável e precária.

— Eu não entendo — Viola diz. — De acordo com uma programação regular de colonização, o cultivo de subsistência já deveria terminado há anos. E obviamente há comercialização, então por ainda existe tanta luta?

— Você não sabe mesmo nada sobre a vida dos colonizadores, não é? — eu digo, provocando um pouco.

Ela morde os lábios.

— Era obrigatório na escola.Comecei a aprender a como estabelecer uma colônia bem-sucedida quando eu tinha cinco anos.

— Essas coisas… aprender elas não é viver elas.

— Não é? — ela diz, levantando as sobrancelhas e me zombando.

— O que eu disse antes? — eu me irrito. — Alguns de nós estávamos s sobrevivendo e não podíamos aprender sobre um cultivo de visão.

— De subsistência.

— Não importa — eu começo a me mover de novo na estrada.

Viola sai correndo atrás de mim.

— A gente vai te ensinar algumas coisas quando minha nave chegar — ela diz.
— Pode ter certeza disso.

— Pois bem, e não é que a gente, um bando de caipiras burros, vai fazer fila pra beijar seus traseiros como agradecimento? — eu digo, meu Ruído zunindo e querendo dizer outra palavra em vez de ‘traseiros’.

— Sim, vocês farão — ela aumenta o tom de voz. — Tentar voltar tempo para a Idade Média realmente funcionou para vocês, não é mesmo? Quando a gente chegar aqui, você verá como as pessoas deveriam se estabelecer.

— Isto só vai acontecer daqui a sete meses — eu digo, irritado. — vai ter tempo suficiente pra ver como a gente vive.

— Todd! — Manchee late, fazendo a gente pular de novo, e do sai correndo pela estrada na nossa frente.

— Manchee! — eu grito, indo atrás dele. — Volte aqui! E então nós dois escutamos.

22

WILF E O MAR DE COISAS

É ESTRANHO, É UM Ruído, mas quase sem palavras, pipocando e rolando pela colina à nossa frente, uma única mente, mas falando como legiões, como se fossem mil vozes cantando a mesma coisa.

Sim.

Cantando.

— O que é isso? —Viola pergunta, tão assustada quanto eu. —Não é o exército, é? Como eles poderiam estar na nossa frente?

— Todd! — Manchee late no topo da colina pequena. — Vacas, Todd!

Vacas gigantes!

A boca de Viola se contorce.

— Vacas gigantes?

— Não tenho nem ideia — eu digo, já subindo a pequena colina.

Como posso descrever isso?

É como deve ser o som das estrelas. Ou das luas. Mas não montanhas. É

flutuante dimais pra montanhas. É como o som de um planeta cantando pra outro, um som alto e estendido e cheio de vozes diferentes começando com notas diferentes e descendo pra outras notas diferentes, mas tudo ondulando junto numa corda sonora q é triste, mas não é triste, e é lenta, mas não é lenta, e tudo cantando uma só palavra.

Uma palavra.

A gente chega no topo da colina e outra planície se estende abaixo gente, o rio

caindo e encontrando a planície, e depois passando por ela como um fio de prata que passa por uma rocha e, por toda a planície, passando de um lado do rio pro outro, a gente vê umas criaturas.

Criaturas de um tipo que eu nunca vi na minha vida.

Enormes, quatro metros de altura, cobertas com um pelo desgrenhado e prateado, com um rabo felpudo de um lado e um par de chifres brancos curvados do outro lado chegando até suas sobrancelhas, e pescoços longos que saem dos ombros largos e se esticam até a relva da planície, e lábios grossos que comem o pasto enquanto elas andam com dificuldade sobre o solo seco e bebem água quando atravessam o rio. são milhares, milhares que vêm do horizonte à nossa direita até o horizonte à nossa esquerda, e o Ruído delas está cantando uma palavra, diferentes momentos e em diferentes tons, mas uma palavra que conecta todas elas, que entrelaça todas elas como um grupo enquanto atravessam a planície.

— Aqui — Viola diz, do meu lado. — Elas estão cantando aqui.

Elas estão cantando Aqui. Chamando umas às outras em seu Ruído.

Aqui estou eu.

Aqui estamos nós.

Aqui vamos nós.

Aqui é tudo o que importa.

Aqui.

É…

Como eu posso explicar?

É como uma música de uma família na qual tudo está sempre bem, é uma música de pertencer que faz você se sentir incluído só por escutar, é uma música que sempre vai tomar conta de você e nunca vai deixar. Se você tiver um coração, ele será partido, se você tiver um coração que está partido, ele será reconstruído.

É…

Nossa.

Eu olho pra Viola e ela está com a mão na boca e os olhos cheios de lágrimas, mas posso ver um sorriso entre seus dedos e eu abro a minha boca pra falar.

— Ocêis não vão chegá muito longe a pé — diz uma voz completamente diferente à nossa esquerda.

A gente olha pro lado, minha mão já buscando a faca. Um homem dirigindo uma carroça vazia puxada por um par de bois observa a gente num pequeno caminho lateral, com a boca meio aberta, como se tivesse se esquecido de fechar.

Tem uma espingarda no assento perto dele, como se ele tivesse acabado de colocar lá.

Ao longe, Manchee late ‘Vaca!’.

— Elas sempre andam junto com as carroça — diz o homem —, mas num é siguro ir a pé, não. Elas vão amassá ocêis na mesma hora.

E de novo ele deixa a boca aberta. Seu Ruído, enterrado debaixo de todos os Aquis do rebanho, parece dizer praticamente o que sua boca está dizendo. Estou fazendo tanto esforço pra não pensar em algum palavras que já estou com dor de cabeça.

— Eu posso dar uma carona procêis — ele diz. — Si ocêis quisé Ele levanta um braço e aponta pra estrada, que desaparece debaixo dos pés do rebanho que vem atravessando. Eu nem tinha pensado q as criaturas iam bloquear o nosso caminho, mas dá pra ver que não uma boa ideia querer passar no meio delas.

Começo a dizer alguma coisa, qualquer coisa pra sair o mais rápido possível desta situação.

Viola olha pro homem e diz: — Eu sô Hildy — e aponta pra mim: — Ele é Ben.

— O quê? — eu digo, quase latindo como Manchee.

— Wilf — diz o homem pra Viola e eu levo um segundo pra perceber que ele

está dizendo seu nome.

— Oi, Wilf — Viola diz, e a voz dela não é a voz dela, não é mesmo, tem uma voz totalmente diferente saindo da sua boca, esticando e encurtando, se contorcendo e se desatando, e quanto mais ela fala ais diferente ela fica.

Mais parecida ela fica com Wilf.

— Nóis somo de Farbranch. De onde é ocê?

Wilf levanta o polegar.

— Bar Vista. Eu tô indo pra Brockley Falls, pra pegá suprimentos.

— Que sorte — Viola diz. — A gente tá indo pra Brockley Falls também.

Isto está piorando a minha dor de cabeça. Coloco minhas mãos testa, como se eu estivesse tentando manter meu Ruído lá dentro, tentando evitar que todas as coisas erradas saiam pro mundo. Por sorte, música do Aqui faz parecer que a gente já está nadando em um som.

— Sobe aí — Wilf diz, encolhendo os ombros.

— Vamo, Ben — Viola diz, andando até a parte de trás da carroça jogando a sacola lá dentro. — Wilf vai dar uma carona pra gente.

Ela pula na carroça e Wilf balança as rédeas. Os bois saem do lugar devagarinho e Wilf nem olha pra mim quando passa. Ainda estou parado, com a boca aberta, quando Viola passa, balançando a mão eticamente me indicando pra sentar ao lado dela. Eu não tenho lha, tenho? Então alcanço eles e pulo na carroça.

Sento perto dela e fico olhando pra cara dela com o queixo caído os tornozelos.

— O que você tá fazendo? — eu finalmente tento sussurrar.

— Shh! — ela pede silêncio, olhando sobre o ombro pra Wilf, mas já deve até ter esquecido que pegou a gente, com tudo o que está acontecendo no Ruído dele. — Não sei — ela sussurra no meu ouvido , só estou entrando no jogo.

— Entrando em qual jogo?

— Se conseguirmos passar para o outro lado do rebanho, então o rebanho vai ficar entre a gente e o exército, não vai?

Eu não tinha pensado nisso.

— Mas o que você tá fazendo? O que essa história de ser Ben e Hildy tem a ver com isso?

— Ele tem uma arma — ela sussurra, observando Wilf de novo. — E

você mesmo disse como as pessoas podem reagir ao saber que você é um determinado lugar. Então essa história toda saiu espontaneamente — Mas você está falando com a voz dele.

— Não muito bem.

— Bem o suficiente! — eu digo, aumentando um pouco o tom de voz por causa do meu espanto.

— Shh — ela pede silêncio mais uma vez, mas a verdade é que com o rebanho das criaturas se aproximando cada vez mais e com a óbvia pouca esperteza de Wilf, a gente nem precisaria falar tão baixo.

— Como é que você consegue? — eu pergunto, ainda banhado em assombro.

— É só uma mentira, Todd — ela diz, tentando me fazer falar baixo de novo. — Não existe mentira aqui?

Claro que existe mentira aqui. O Novo Mundo e a cidade de onde eu venho (evitando dizer o nome, evitando pensar no nome) parece só um monte de mentiras. Mas é diferente. Como eu já disse antes, homens mentem o tempo todo, pra eles mesmos, pra outros homens pro mundo inteiro, mas quem pode ter certeza de quando isso se junta com todas as outras mentiras e verdades que estão flutuando por fora da sua cabeça? Todo mundo sabe que você tá mentindo, todo mundo tá mentindo também, então quem se importa? O que mudaria? Faz parte do rio de um homem, faz parte do seu Ruído, e vezes você consegue perceber, às vezes não.

Mas o homem nunca deixa de ser ele mesmo quando faz isso.

Porque tudo o que eu sei sobre Viola é o que ela diz. A única verdade que eu tenho é a que sai de sua boca, então agora há pouco, que ela disse que ela era Hildy e eu era Ben e que a gente era de Farbranch e a gente falava igual a Wilf (mesmo ele não sendo de Farbranch), como se todas essas coisas se tornassem verdade. Só por um instante o mundo mudou, só por um segundo ele foi feito com a voz de Viola e não estava descrevendo uma coisa, estava fazendo uma coisa, fazendo a gente ser diferente só por dizer isso.

Ai, minha cabeça.

—Todd! Todd! — Manchee late, pulando atrás da carroça e olhando pra cima. — Todd!

— Droga — Viola diz.

Dou um salto pra fora da carroça, pegando Manchee nos braços, colocando uma das mãos no focinho dele e usando a outra pra subir novo na carroça. — Td? — ele sopra entre os lábios fechados.

— Quieto, Manchee — eu digo.

— Nem sei se isso importa — Viola diz, aumentando o tom de voz.

Eu levanto o olhar.

— Vaca — Manchee diz.

Uma criatura está passando por nós.

A gente entra no rebanho.

A gente entra na música.

E, por alguns minutos, eu esqueço tudo sobre qualquer tipo de mentira.

Eu nunca vi o mar, só em gravações. Não tinha nenhum lago onde cresci, só o rio e o pântano. Devem ter existido barcos alguma vez, mas não na minha época. Mas se eu tivesse que imaginar estar no mar, é o que eu imaginaria. O rebanho cerca a gente e toma conta de tudo, deixando só o céu e a gente. Ele corta a gente como uma corrente, algumas vezes percebendo a nossa presença, mas na maior

parte do tempo percebendo só ele mesmo e a música do Aqui, que no meio de tudo é tão alta que parece que está comandando o seu corpo por um tempo, fornecendo a energia que faz o seu coração bater e os seus pulmões respirarem.

Depois de um tempo, percebo que esqueci Wilf completamente e…

outras coisas que eu poderia pensar e estou simplesmente deitado no fundo da carroça, observando tudo passar, criaturas individuais fungando, comendo, trombando umas com as outras de vez em quando seus chifres, e também tem os bebês, e os touros mais velhos e outros maiores e outros menores e alguns com cicatrizes e alguns com o pelo mais desalinhado.

Viola está deitada ao meu lado e o pequeno cérebro canino de Manchee está maravilhado com tudo isso e ele está só olhando o rebanho passar, está com a língua pra fora e, por algum tempo, por pouco tempo, enquanto Wilf passeia com a gente pela planície, isto é tudo o que existe no mundo.

Isto é tudo o que existe.

Eu olho pra Viola e ela olha pra mim e sorri e balança a cabeça e limpa as lágrimas nos olhos.

Aqui.

Aqui.

A gente está aqui e em nenhum outro lugar.

Porque não existe nenhum outro lugar, só aqui.

— Então este… Aaron — Viola diz baixinho e eu sei exatamente que ela está falando sobre esse assunto agora. É tão seguro dentro do aqui que a gente pode falar sobre qualquer perigo que a gente quiser.

— Sim? — eu digo, também baixinho, observando uma pequena família de criaturas passar no fim da carroça, a criatura mãe acariciando com o nariz um curioso bebê criatura que está observando a gente .

Viola olha pra mim.

— Aaron era o homem sagrado de vocês?

— Sim, o único que a gente tinha.

— Que tipo de coisa ele pregava?

— O normal — eu digo. — Fogo do inferno. Maldição. Julgamento.

Ela me encara. — Não tenho certeza que isso é o normal, Todd.

Eu encolho os ombros. — Ele acreditava que a gente estava vivendo o fim do mundo. Quem garante que ele não estava certo?

Ela balança a cabeça.

— O pastor que a gente tinha na nave não era nada parecido Aaron.

Pastor Marc. Ele era bom e amigável e fazia tudo parecer ia ficar bem.

— Não, isso não parece nem um pouco com Aaron — eu urro. — Ele estava sempre dizendo Deus escuta e Se um de nós cair, todos nós cairemos.

Como se ele estivesse esperando isso.

— Eu também escutei ele dizer isso — ela cruza os braços.

O Aqui ainda nos envolve, fluindo por todos os lados.

Eu olho pra ela.

— Ele… ele te machucou? Lá no pântano?

Ela balança a cabeça de novo e suspira.

— Ele delirava e alucinava comigo, e eu acho que estava pregando, mas, quando eu corria, ele corria atrás de mim e delirava mais um pouco e eu chorava e pedia ajuda pra ele, mas ele me ignorava e pregava mais e eu via imagens minhas no Ruído dele quando eu nem ia o que era o Ruído. Nunca tive tanto medo na minha vida, nem quando nossa nave estava caindo.

Nós dois olhamos pro sol.

— Se um de nós cair, todos nós cairemos — ela diz. — O que será que isso quer dizer?

Quando eu penso bem, percebo que nem eu sei e, portanto, não digo nada e a gente simplesmente cai de novo no Aqui e se deixa levar um pouco mais longe.

Aqui estamos nós.

Não em nenhum outro lugar.

Depois de uma hora ou uma semana ou um segundo, as criaturas começam a diminuir e a gente chega do outro lado do rebanho. Manchee salta pra fora da carroça. A gente está indo tão devagar que não tem perigo dele ficar pra trás, então eu deixo ele sair. A gente continua deitado na carroça.

— Isso foi incrível — Viola diz baixinho e a música já está começando a desaparecer. — Até esqueci como meus pés estão doendo.

—Sim—eu digo.

— O que eram aquelas coisas?

— Era um negoço grande — Wilf diz, sem olhar pra trás. — Só um negoço, só isso.

Viola e eu nos olhamos, como se a gente tivesse esquecido que ele estava lá.

Quanto será que ele escutou?

— Esse negoço tem um nome? — Viola pergunta, se sentando e atuando de novo.

— Claro — Wilf diz, soltando um pouco as rédeas agora que já saímos do meio do rebanho. — Bicho do campo ou Antafante — ele encolhe os ombros. — Eu só chamo de negoço, só isso.

— Negoço — Viola diz.

— Negócio — eu tento.

Wilf se vira e olha pra gente.

— Então quer dizer que ocêis é de Farbranch? — ele pergunta.

— Isso mesmo — Viola responde, olhando pra mim.

Wilf balança a cabeça.

— Ocêis viram que tem um exército?

Meu Ruído golpeia bem alto antes d'eu conseguir acalmá-lo, de novo parece que Wilf não percebe. Viola olha pra mim, preocupada.

— E que exército é esse, Wilf? — ela pergunta, perdendo um pouco o sotaque.

— É aquele exército da cidade amaldissuada — ele diz, dirigindo tranquilamente, como se a gente estivesse falando s verduras. — Aquele exército que saiu do pântano, que está tom as colônias, crescendo cada veiz mais? Ocêis viram isso?

— Onde ocê iscutô sobre um exército, Wilf?

— Histórias — Wilf diz. — Histórias que vêm tagarelando pelo rio.

Pessoas falando. Ocê sabe. Histórias. Ocêis viram isso?

Eu balanço a cabeça pra Viola, mas ela diz: — Sim, nóis vimo.

Wilf olha pra trás de novo.

— Ele é grande?

— Muito grande — Viola diz, olhando pra ele com uma expressão séria.

— Ocê tem que se preparar, Wilf. O pingo tá vindo. Ocê que alertar Brockley Hilis.

— Brockiey Falis — ele corrige.

— Ocê tem que alertar eles, Wilf.

Wilf rosna e depois a gente percebe que é uma risada.

— Ninguém escuta Wilf, já digo procêis — ele diz, quase pra si mesmo, depois balança as rédeas nos bois de novo.

A gente leva quase o resto da tarde pra chegar do outro lado da planície.

Pelo binóculo de Viola a gente pode ver o rebanho de coisas ainda atravessando ao longe, do sul ao norte, como se as criaturas nunca acabassem. Wilf não diz mais nada sobre o rebanho. Viola e eu continuamos conversando, mas bem menos, pra não entregar mais nada. Além do mais, é tão difícil manter meu Ruído limpo que isso tomando toda a minha concentração. Manchee segue a gente na estrada, fazendo seus negócios e cheirando todas as flores.

Quando o sol já está baixo no céu, a carroça finalmente para, rangendo.

— Brockley Falis — Wilf diz, mostrando com a cabeça o lugar que a gente pode ver ao longe, onde o rio cai num penhasco. Tem quinze ou vinte construções unidas em volta de um lago no fim da cachoeira antes do rio começar a subir de novo. Uma estrada menor surge depois e leva diretamente pra lá.

— A gente vai descer aqui — Viola diz e nós dois saltamos pra fora m carroça, retirando nossas sacolas.

— Imaginei que ocêis iam mesmo — Wilf diz, olhando pra gente novo.

— Brigada, Wilf — ela diz.

— De nada — ele diz, olhando o horizonte. — É melhor ocêis procurá um abrigo logo. Vai chover.

Viola e eu automaticamente olhamos pra cima. Não tem nenhuma nuvem no céu.

— Mmm — Wilf diz. — Ninguém escuta Wilf.

Viola olha pra ele, com a voz voltando ao normal, tentando deixar as coisas bem claras.

— Você precisa alertá-los, Wilf. Por favor. Se você ouviu que um exército está vindo, então você está certo e as pessoas precisam estar preparadas.

Wilf só diz Mmm de novo antes de balançar as rédeas e fazer bois pegarem a

estrada que vai pra Brockley Falis. Ele não olha pra trás nem uma vez.

A gente fica observando ele ir embora por um tempo e depois pega nossa própria estrada.

— Ai — Viola diz, esticando as pernas enquanto caminha.

— Eu sei — eu digo. — As minhas também.

— Você acha que ele estava certo? — ela pergunta.

— Sobre o quê?

— Sobre o exército que fica maior na medida em que marcha — ela imita a voz dele de novo: — Crescendo cada vez mais.

— Como é que você consegue fazer isso? — eu pergunto. — Você nem é daqui.

Ela encolhe os ombros.

— É uma brincadeira que eu tinha com minha mãe — ela diz. — Contar uma história usando vozes diferentes para cada personagem.

— Você consegue imitar a minha voz? — eu pergunto, meio hesitante..

Ela dá um risinho.

— Pra você poder falar dimais com você mesmo?

Eu faço cara feia.

— Isso não parece nada com o jeito que eu falo.

A gente volta pela estrada, Brockley Falls desaparecendo atrás da gente.

O tempo que a gente passou na carroça foi legal, mas a gente não dormiu nada. A gente tenta andar o mais rápido que pode, mas na maior parte do tempo não passa de uma caminhada. Além do mais talvez o exército tenha realmente ficado pra trás e talvez ele realmente tenha tido que esperar as criaturas passarem.

Talvez. Talvez não. Mas dentro de meia hora, adivinha o que acontece?

Começa a chover.

— As pessoas deveriam ouvir Wilf — Viola diz, olhando pra cima A estrada já encontrou o rio novamente e a gente encontrou um lugar razoavelmente abrigado entre um e outro. Vamos comer nossa janta e ver se a chuva para. Se não parar, a gente não tem opção, vai ter que andar debaixo de chuva mesmo. Eu nem verifiquei se Ben empacotou uma capa plástica pra mim.

— O que é uma capa plástica? — Viola pergunta quando a gente senta encostado em árvores diferentes.

— Uma capa de chuva — eu digo, procurando na mochila. Não, nenhuma plástica. Ótimo. — E o que eu disse sobre ficar bisbilhotando meu Ruído?

Ainda me sinto um pouco calmo, se você quer saber a verdade, apesar disso provavelmente não ser o ideal. A música do Aqui parece que ainda está sendo cantada, mesmo eu não podendo ouvir, mesmo ela estando a quilômetros de distância na planície. Percebo que estou cantarolando, mesmo ela não tendo nenhum tom, tentando sentir de novo aquela sensação de conexão, de pertencer, de ter alguém pra dizer que você está aqui.

Olho pra Viola, que está comendo mais daquelas frutas. Penso no livro da minha mãe, que ainda está na mochila. Histórias contadas, eu penso.

Será que eu aguentaria ouvir a voz da minha mãe sendo falada? Viola amassa o pacote de frutas.

— Este foi o último.

— Eu ainda tenho um pouco desse queijo — eu digo — e um pouco de carne seca, mas a gente vai ter que começar a buscar comida no caminho.

— Você quer dizer roubar? — ela pergunta, com as sobrancelhas levantadas.

— Quero dizer caçar — eu digo. — Mas talvez roubar também, se for preciso. E tem as frutas silvestres e eu conheço algumas raízes que a gente pode comer se elas forem fervidas antes.

— Mmm — Viola faz cara feia. — A gente nunca se preocupou muito em caçar numa nave espacial.

— Eu posso te mostrar.

— Tá bom — ela diz, tentando parecer animada. — Não é necessária uma arma?

— Não se você for um bom caçador. Coelhos são fáceis de pegar com armadilhas. Peixes com linhas. Você pode pegar esquilos com faca, mas eles não têm muita carne.

— Cavalo, Todd — Manchee late baixinho.

Eu dou uma gargalhada, pela primeira vez em muito tempo. Viola ri também.

— A gente não vai caçar cavalos, Manchee — eu faço carinho nele. — Cachorro bobo.

— Cavalo — ele late de novo, se levantando e olhando pra estrada na direção em que a gente veio.

A gente para de rir na mesma hora.



23

UMA FACA É APENAS UM

INSTRUMENTO NA MÃO DE

QUEM A MANEJA

A GENTE OUVE cavalos na estrada, se aproximando a todo galope.

— Alguém de Brockley Hilis? —Viola pergunta, expressando tanto esperança quanto dúvida em sua voz.

— Brockley Falis — eu digo, me levantando. — A gente precisa se esconder.

A gente arruma as sacolas rapidamente. A gente consegue se esconder no meio de algumas árvores entre a estrada e o rio. A gente se atreve a atravessar a estrada e, com o rio atrás da gente, um monte de gravetos caídos é o melhor que a gente vai conseguir para esconder. A gente junta nossas coisas e se agacha atrás das árvores, Manchee no meio das minhas pernas, a chuva caindo sem trégua.

Pego minha faca.

O som das ferraduras dos cavalos continua se aproximando, ficando ala vez mais forte.

— É só um cavalo — Viola sussurra. — Não é o exército.

— Sim — eu digo —, mas escute como ele está vindo rápido.

A gente escuta o pocotum pocotum pocotum. Entre as árvores a gente pode ver o cavalo aparecendo como um pontinho lá longe. Ele á vindo a toda velocidade,

mesmo com a chuva e a noite caindo. Ninguém correria desse jeito se estivesse trazendo notícias boas, certo?

Viola olha pro rio atrás da gente.

— Você sabe nadar?

— Sim.

— Que bom — ela diz. — Porque eu não sei.

Pocotum pocotum pocotum.

Começo a ouvir o Ruído do cavaleiro, mas só por um tempo, porque o galope vai ficando mais alto.

— Cavalo — Manchee diz.

Lá vem o Ruído. Estático entre os sons das ferraduras. Flashes dele.

Partes de palavras percebidas. Liv… e Pa… e Escuro… e Estúp… e mais e mais.

Agarro a faca com mais força. Viola está muda.

Pocotum pocotum pocotum…

Mais rápido.., e Noite… e Tiro… e seja lá o que for…

E ele está vindo pela estrada, virando uma curva que a gente passou há apenas alguns metros, se aproximando…

Pocotum…

A faca gira na minha mão porque…

Atirei em todos eles… e Ela tinha um gosto bom… e Escuro aqui POCOTUM…

Eu acho que reconheço…

POCOTUM POCOTUM…

E ele está mais perto e mais perto até quase…

E então Todd Hewitt? aparece tão claro como o dia, no meio chuva e do galope e do rio.

Viola engole em seco.

E eu consigo ver quem ele é.

— Júnior — Manchee late.

É o Sr. Prentiss Jr.

A gente tenta se esconder ainda mais atrás do monte de gravetos, mas não adianta, porque ele já está puxando as rédeas pra parar o cavalo, que vai pra trás quase derrubando o Sr. Prentiss Jr.

Mas ele não chega a cair.

E não chega a derrubar o rifle que está debaixo do seu braço.

MALDITO TODD HEWITT, seu Ruído grita.

— Que droga — escuto Viola dizer e já sei o que isso significa.

— Que beleza! — o Sr. Prentiss Jr. grita e a gente está tão perto que pode ver o sorriso no rosto dele e ouvir a admiração na voz dele. — Vocês pegaram a ESTRADA PRINCIPAL?! Nem buscaram um CAMINHO

ALTERNATIVO?!

Viola e eu nos olhamos. Que escolha a gente tinha?

— Eu escuto seu Ruído desde que você nasceu, garoto idiota! — gira o cavalo pra lá e pra cá, tentando descobrir exatamente onde a gente está no meio das árvores. — Você acha que eu não vou te escutar por que você se ESCONDEU?

Seu Ruído está alegre. É uma alegria de verdade, como se ele não pudesse acreditar na sorte que teve.

— Espere um pouco — ele diz e a gente pode ouvir que sai da estrada com o

cavalo e entra na floresta. — Espere um pouco. O que é isso do seu lado? Esse espaço vazio de nada?

Ele diz isso de uma forma tão asquerosa que Viola se assusta. Estou segurando a faca, mas ele está a cavalo e a gente sabe que ele tem uma arma.

— Pode ter certeza de que eu tenho arma, pequeno Todd — ele ia, agora já não procurando e vindo direto na nossa direção, fazendo seu cavalo pisar nos arbustos e em volta das árvores. — E eu tenho uma arma também, outra arma especial pra sua amiguinha, Todd.

Eu olho pra Viola. Sei o que ele está pensando, o que está no Ruído dele, vejo as imagens que escapam. Eu sei que ela sabe, porque posso ver o rosto dela se contraindo. Eu toco o braço dela e olho pra ia direita, mostrando talvez a única possibilidade que a gente tem escapar.

— Por favor, corra, garoto — o Sr. Prentiss Jr. diz. — Por favor, me dê um motivo pra te machucar.

O cavalo está tão perto que dá pra ouvir o Ruído dele também, roso e louco.

A gente já não pode fugir engatinhando pra nenhum lugar.

Ele já está quase em cima da gente.

Eu agarro a faca e aperto a mão de Viola uma vez, bem forte, pra dar sorte.

É agora ou nunca.

E…

— AGORA! — eu grito.

Nós dois pulamos e uma arma dispara, despedaçando os galhos sobre a nossa cabeça, mas a gente correu pra bem longe.

— VAMOS! — o Sr. Prentiss Jr. grita pro cavalo e lá vêm eles.

Em dois saltos, o cavalo dá um giro e volta pra estrada, seguindo a gente.

A faixa entre a estrada e o rio não fica mais compacta e a gente pode ver um ao

outro enquanto avança. Galhos estalam e poças respingam e pés escorregam e ele corre pela estrada, se aproximando cada vez mais.

A gente não vai conseguir escapar dele. Simplesmente não vai.

Mas a gente tenta, avançando pelo caminho e passando por montes de galhos e arbustos e Manchee está ofegante e latindo nos no calcanhares e a chuva está caindo sobre a gente e a estrada está aproximando e de repente ela desvia em direção ao rio e a gente - tem escolha, a não ser atravessar a estrada antes do Sr. Prentiss Jr. entrar na floresta mais fechada do outro lado e eu vejo Viola saltar pra estrada com os braços balançando e o Sr. Prentiss Jr. virando a e ele está girando alguma coisa na mão e a gente se lança pro o lado, mas o cavalo está relinchando em cima da gente e, de n eu sinto alguma coisa agarrar as minhas pernas, atando elas tão rápido e tão apertado que eu caio na mesma hora.

— Aaaahh! — eu grito e caio de cara na lama e algumas folhas mais a mochila caem sobre a minha cabeça e quase arrancam meus braços quando a mochila voa das minhas costas. Viola me vê cair já está quase do outro lado da estrada, mas eu vejo lama jorrando lugar onde os pés dela começam afundam quando ela para e eu grito ‘NÃO! CORRA! CORRA!’ e ela olha bem dentro dos meus olhos eu vejo alguma coisa mudar no seu rosto, mas quem sabe o que significa e, quando o cavalo avança pra cima dela, ela vira e desaparece floresta e Manchee vem correndo pra mim, latindo ‘Todd! Todd!’

e fui pego, eu fui pego, eu fui pego.

O Sr. Prentiss Jr. está bem na minha frente, respirando pesado, em cima do seu cavalo, com o rifle carregado e apontado. Eu sei o que aconteceu. Ele jogou uma corda com pesos dos dois lados nas minhas s e os pesos giraram e me agarraram. Um especialista, como um caçador atrás de um veado do pântano. Estou caído na lama, deitado de costas, preso como um animal.

— Meu pai vai ficar feliz de ver você — ele diz, com o cavalo nervoso e pisando forte. Chuva, eu posso ouvir o cavalo pensando, e Aquilo é uma cobra?

— Eu só precisava ver se tinha algum rastro seu na estrada mais adiante — o Sr. Prentiss Jr. zomba —, mas aqui está você, em carne e osso.

—Vai se danar — eu digo, e você acha que eu queria dizer ‘danar’?

Ainda estou segurando a faca.

— E com certeza ela está me fazendo tremer de medo — ele diz, vendo o rifle pra que eu olhe bem dentro do cano. — Solte a faca.

Eu afasto a mão do meu corpo e solto a faca. Ela cai sobre a lama e eu continuo caído de costas.

— Sua amiguinha não foi muito fiel a você, não é mesmo? — ele diz, descendo do cavalo e acalmando o bicho com sua mão livre. Manchee ia pra ele, mas o Sr. Prentiss Jr. só ri. — O que aconteceu com o do dele?

Manchee pula, mostrando os dentes, mas o Sr. Prentiss Jr. é mais rápiido e dá um chute no rosto dele com sua bota. Manchee grita e se onde nos arbustos.

— Seus amigos estão te abandonando sem parar, Todd — ele caminha na minha direção. — Mas esta é a lição que você aprende, é? Cachorros são cachorros e mulheres, no fim das contas, são cachorros também.

— Cala a boca — eu digo, mostrando os dentes.

O Ruído dele finge empatia e mostra triunfo.

— Coitado do Todd. Todo esse tempo viajando com uma mulher e imagino que você nunca descobriu o que fazer com ela.

— Pare de falar sobre ela — eu cuspo. Ainda estou caído e minhas pernas ainda estão amarradas.

Mas descubro que eu posso dobrar os joelhos.

O Ruído dele fica mais feio, mais alto, mas seu rosto está branco como um pesadelo.

— O que você tem que fazer, Todd — ele diz, se agachando pra ficar mais perto de mim —, é manter as mulheres que são vadias e atirar nas que não são.

Ele se aproxima mais. Posso ver aquela penugem patética sobre seu lábio superior que nem sequer escureceu com a chuva que ainda está caindo.

Ele só é dois anos mais velho do que eu. Só dois anos.

Cobra?, o cavalo dele pensa.

Coloco minhas mãos lentamente no chão.

Pressiono um pouco a lama.

— Depois que eu te amarrar — ele diz, transformando sua voz em um murmúrio zombeteiro —, vou procurar sua amiguinha e te mostrar qual dos tipos ela é.

E é quando eu dou um salto.

Apoio minhas mãos e dou um chute forte pra frente, atingindo em cheio o rosto dele. A parte de cima da minha cabeça bate no nariz dele, fazendo um som de esmagamento, e ele cai pra trás e eu vou pra cima dele. Dou um soco bem forte no rosto dele enquanto ele estiver surpreso dimais pra reagir e depois atinjo suas partes íntimas com meu joelho.

Ele se encolhe como um besouro e solta um gemido baixo e irritado e eu saio rolando de cima dele até encontrar minha faca e me levanto e chuto a arma pra longe e pulo na frente do cavalo, gritando ‘Cobra! Cobra!’ e balançando os braços. Meu plano funciona, pois o cavalo sai correndo pela estrada com um relincho aterrorizado, galopando na chuva sem seu cavaleiro.

Olho em volta e BAM! O Sr. Prentiss Jr. me dá um soco no nariz, mas eu não caio e ele grita ‘Seu idiota’, e eu balanço meu braço com a faca e ele dá um pulo pra trás e eu balanço o braço de novo, água jorrando dos meus olhos por causa do soco e por causa da chuva, e agora ele se afastou, está procurando sua arma e está mancando um pouco e ele vê a arma na ama e se vira pra agarrar o ri e, e eu não consigo nem pensar e pulo em cima dele e derrubo ele no chão, e ele me atinge com o cotovelo, mas eu não caio, e meu Ruído está gritando e o Ruído dele está gritando.

E eu nem sei como, mas coloco ele de costas no chão e a ponta da minha faca está debaixo do queixo dele.

Nós dois paramos de lutar.

— Por que você está atrás da gente?! — eu grito. — Por que você está

perseguindo a gente?

E ele e aquele meio-bigode patético dele sorriem.

Eu dou outra joelhada nas partes íntimas dele.

Ele geme de novo e cospe em mim, mas eu ainda estou com a faca, que agora fez um pequeno corte nele.

— Meu pai quer você — ele finalmente diz.

— Por quê? Por que ele quer a gente?

— A gente? — ele arregala os olhos. — Não tem a gente. Ele quer você, Todd. Só você.

Não posso acreditar nisso.

—Como é que é? Porquê?

Mas ele não responde. Está olhando no meu Ruído. Está bisbilhotando e procurando.

— Ei! — eu digo, dando um tapa na cara dele. — Ei! Estou te fazendo uma pergunta!

Mas ele sorri. Não posso acreditar nisso, mas o sorriso voltou.

— Sabe o que meu pai sempre diz, Todd? — ele me olha atravessado.

— Ele diz que uma faca é apenas um instrumento na mão de quem a maneja.

— Cala a boca — eu digo.

— Você é um guerreiro, não posso negar — ainda sorrindo, ainda sangrando um pouco debaixo do queixo —, mas você não é um assassino.

— Cala a boca! — eu grito, mas eu sei que ele pode ver no meu Ruído que eu escutei essas mesmas palavras de Aaron.

— Ah, é? — ele diz. — E o que você vai fazer? Vai me matar?

— VOU sim — eu grito. — Vou te MATAR!

Ele lambe um pouco da chuva que cai nos lábios e ri. Está encurralado no chão com uma faca apontada pro queixo e está rindo.

— PARE! — eu grito e levanto a faca.

Ele continua rindo e depois olha pra mim e diz…

Ele diz…

Ele diz isso…

— Quer saber como Ben e Cillian imploraram misericórdia antes d’eu dar um tiro na testa deles?

E meu Ruído fica vermelho.

E agarro a faca pra dar um golpe nele.

E eu vou matar ele.

Eu vou matar ele.

E…

E…

E…

E bem quando eu levanto a faca…

Bem no momento em que eu começo a abaixar a faca…

Bem no momento em que estou no comando da situação e posso fazer o que eu quiser…

Eu hesito…

De novo…

Eu hesito…

Só por um segundo…

Mas que maldito eu sou…

Estou amaldiçoado pra sempre…

Porque naquele segundo ele levanta as pernas, me dá um chute e uma cotovelada na garganta. Eu não consigo respirar e só consigo sentir a mão dele jogando a faca pra longe de mim.

Tão fácil como tirar doce de criança.

— Agora, Todd — ele diz, parado na minha frente —, eu vou te ensinar a manejar uma faca.



24

A MORTE DO COVARDE INÚTIL

EU MEREÇO. Eu fiz tudo errado. Eu mereço. Se eu pegasse aquela faca de novo eu me mataria. Só que eu sou covarde dimais até pra fazer isso.

— Você é uma figura, Todd Hewitt — o Sr. Prentiss Jr. diz, examinando a minha faca.

Estou ajoelhado, com os joelhos na lama e a mão na garganta ainda tentando respirar.

— Você estava com a vitória nas mãos e jogou tudo fora — ele passa o dedo na lâmina. — Como você é burro.

— Acabe logo com isso — eu resmungo, olhando pra lama.

— Como é que é? — o Sr. Prentiss Jr. diz, sorrindo de novo, com o Ruído brilhante.

— ACABE LOGO COM ISSO! — eu grito.

— Eu não vou te matar — ele diz, com os olhos brilhando. — Meu pai não ficaria muito feliz se eu fizesse isso, não é mesmo?

Ele se aproxima e segura a faca perto do meu rosto. Coloca a ponta da faca dentro do meu nariz, me fazendo recuar.

— Mas tem muita coisa que a gente pode fazer com uma faca — diz — sem precisar matar um homem.

Eu já nem estou olhando pros lados pra ver se encontro alguma forma de fugir.

Estou olhando bem dentro dos olhos dele, que estão acordados e vivos e quase

ganhando, igual ao Ruído dele, que mostra imagens dele em Farbranch, imagens da minha fazenda, eu ajoelhado na frente dele.

Não tem nada no meu Ruído, só um poço cheio da minha burrice inutilidade e ódio.

Sinto muito, Ben.

Sinto muito mesmo.

— Mas, de qualquer forma — ele diz —, você não é um homem, é mesmo? — ele abaixa a voz. — E nunca será.

Ele move a faca, virando a lâmina pra minha bochecha.

Eu fecho os olhos.

E sinto um banho de silêncio passar atrás de mim.

Abro os olhos.

— Olha só o que temos aqui — o Sr. Prentiss Jr. diz, olhando por cima da minha cabeça. Minhas costas estão viradas pra floresta fechada do lado oposto do rio e posso sentir a quietude de Viola parada lá, tão claro como se eu pudesse vê-la.

— Corra! — eu grito, sem me virar. — Fuja daqui.

Ela me ignora.

— Saia de perto dele — escuto ela dizer ao Sr. Prentiss Jr. — Estou avisando.

— Você está me avisando? — ele diz, apontando pra ele mesmo a faca, o sorriso de volta no rosto.

Depois ele dá um pulo quando alguma coisa bate no peito dele e se prende. Parece um monte de pequenos fios com uma lâmpada de plástico no final. O Sr. Prentiss Jr. coloca a faca debaixo dos fios e tenta se livrar deles, mas eles continuam presos. Ele olha pra Viola, sorrindo.

— Não sei o que é isso, garota — ele diz —, mas não funcionou.

E BZZZZZZZZ!

Surge um clarão de luz e eu sinto algo pegando no colarinho da minha camisa me puxar pra trás, quase me sufocando. Caio pra trás enquanto o corpo do Sr. Prentiss Jr. tem uma convulsão, e ele solta a faca. Faíscas e pequenos relâmpagos saem dos fios e entram no corpo dele. Fumaça e vapor saem de todos os lados, das mangas da camisa dele, do colarinho, das calças.

Viola ainda está me segurando pelo pescoço quando ele cai no chão, enfiando o rosto na lama em cima do rifle.

Ela me solta e nós dois caímos juntos num pequeno desnível no acostamento da estrada. Eu coloco a mão no meu pescoço e nós dois ficamos lá deitados, respirando com dificuldade por alguns segundos. As faíscas e os relâmpagos param e o Sr. Prentiss Jr. se contorce na lama.

— Eu tinha medo — Viola diz, ofegante — de que com toda essa água em volta — ela respira — a gente fosse atingidos também — respira de novo —, mas ele estava quase te esfaqueando…

Eu fico lá, sem dizer nada, meu Ruído focado, meus olhos na faca.

Vou em direção à faca.

— Todd — Viola diz.

Eu pego a faca e paro perto dele.

— Ele está morto? — eu pergunto, sem olhar pra Viola.

— Não deveria — ela diz. — Era só a voltagem de uma…

Eu levanto a faca.

— Todd, não!

— Me dê um bom motivo — eu digo, ainda com a faca preparada, ainda olhando pra ele.

— Você não é um assassino, Todd.

Eu olho pra ela, meu Ruído rugindo como um animal raivoso.

— Não DIGA ISSO! Nunca DIGA ISSO!

— Todd… — ela diz, com a mão estendida e a voz mais calma.

— A gente se meteu nessa confusão por MINHA causa! Eles não estão trás de VOCÊ! Eles estão atrás de MIM! — eu olho pro Sr. Prentiss Jr. — E

se eu conseguisse matar um deles, talvez a gente…

— Todd, não, me escuta — ela diz, se aproximando. — Me escuta! — eu olho pra ela. Meu Ruído está tão feio e meu rosto está tão contorcido que ela hesita um pouco, mas depois dá outro passo pra frente. — Preste atenção no que eu vou dizer.

E de repente saem mais palavras da boca de Viola do que eu tinha escutado antes.

— Quando você me encontrou, lá no pântano, eu já estava fugindo daquele homem, Aaron, há quatro dias, e você foi a segunda pessoa que eu tinha visto neste planeta e você veio até mim com esta mesma faca e no começo eu pensei que você era igual a ele.

Ela ainda está com as mãos pra cima, como se eu fosse o cavalo do Sr.

Prentiss Jr. que precisasse ser acalmado.

— Mas antes mesmo que eu pudesse entender o que estava acontecendo com o Ruído e com Prentissburgo e antes de conhecer sua história, eu sabia. As pessoas percebem, Todd. A gente pode ver que você não vai nos machucar. Não é do seu feitio.

— Você bateu no meu rosto com uma vara — eu digo.

Ela coloca as mãos nos lábios.

— E o que você esperava? Você veio para cima de mim com uma faca.

Mas eu não bati forte o suficiente para machucar você de verdade, bati?

Eu não respondo.

— E eu estava certa — ela diz. — Você fez um curativo no meu braço.

Me resgatou de Aaron, mesmo não precisando ter feito isso. Me tirou do pântano, onde eu teria sido morta. Me defendeu daquele homem no pomar e veio comigo quando tivemos que ir embora de Farbranch.

— Não — eu digo, com a voz baixa—, não, você está interpretando errado. A gente só está tendo que fugir porque eu não consegui…

— Eu acho que finalmente estou entendendo a história, Todd — ela diz.

— Por que eles estão vindo atrás de você com tanta determinação? Por que um exército inteiro está te perseguindo em várias cidades e rios e planícies e por todo este planeta idiota? — ela aponta pro Sr. Prentiss Jr. — Eu ouvi o que ele disse. Você nunca pensou em por que eles querem tanto você?

O poço em mim está ficando mais escuro.

— Por que eu não me encaixo.

— Exatamente!

Meus olhos arregalam.

— Por que isso é uma boa notícia? Tem um exército querendo me matar porque eu não sou um assassino.

— Errado — ela diz. — Tem um exército querendo te transformar num assassino.

Eu pisco.

—Hein?

Ela dá outro passo pra frente.

— Se eles conseguirem transformar você no tipo de homem que eles querem…

— Garoto — eu digo. — Ainda não sou um homem.

Ela ignora esse comentário.

— Se eles conseguirem fazer essa parte boa em você desaparecer, essa parte sua que não consegue matar, eles vencerão, você não percebe? Se eles conseguirem fazer isso com você, conseguirão fazer co qualquer pessoa. E

eles vencerão. Eles vencerão!

Ela está perto de mim e estende a mão e a coloca no meu braço que ainda está segurando a faca.

— A gente vai derrotar eles — ela diz —, você os derrotará ao se tornar o que eles querem.

Eu travo os dentes.

— Ele matou Ben e Cillian.

Ela balança a cabeça.

— Não, ele disse que matou. E você acreditou nele.

Nós dois olhamos pra ele. Ele não está mais se contorcendo e fumaça está começando a se dissipar.

— Eu conheço esse tipo de garoto — ela diz. — Esse tipo de garoto existe até em naves espaciais. Ele é um mentiroso.

— Ele é um homem.

— Como você pode continuar dizendo isso? — ela pergunta, com a voz finalmente arisca. — Como pode continuar dizendo que ele é um homem e você não? Só por causa de um aniversário idiota? No lugar de onde eu venho você já teria catorze anos e um mês!

— Eu não sou do mesmo lugar que você! — eu grito. — Sou daqui e é assim que funciona aqui!

— Pois a forma como funciona aqui é errada — ela solta meu braço e se ajoelha perto do Sr. Prentiss Jr. — Vamos amarrar ele. Vamos amarrar ele bem firme e

vamos dar o fora daqui, combinado?

Eu não solto a faca.

Nunca vou soltar esta faca, não importa o que ela diz, não importa a como ela diz.

Ela olha em volta.

— Onde está Manchee?

Essa não…

A gente encontra Manchee no meio dos arbustos. Ele rosna pra gente sem dizer nada, só um rosnado de animal. Está com o olho esquerdo fechado e tem sangue em volta da boca. A gente tenta várias vezes até que finalmente eu consigo agarrar ele enquanto Viola pega se maravilhoso kit de primeiros socorros. Eu seguro Manchee e ela força ele a engolir uma pílula que o deixa todo mole e depois ela limpa os dentes quebrados dele e coloca um creme no olho dele. Ela faz um curativo e ele parece tão pequeno e tão espancado que quando ele diz ‘Thawd?’, meio grogue e com apenas um olho aberto, eu abraço ele bem forte e me sento um pouco debaixo dos arbustos, fugindo da chuva, enquanto Viola guarda tudo e tira a minha mochila da lama.

— Suas roupas estão todas encharcadas — ela diz depois de alguns minutos. — E a comida está toda amassada, mas o livro ainda está no plástico. O livro está bem.

E quando eu penso em como seria se a minha mãe descobrisse seu filho se transformou num covarde, tenho vontade de jogar o livro no rio.

Mas não jogo.

A gente amarra o Sr. Prentiss Jr. com a própria corda dele e descobre que o choque elétrico explodiu o cabo de madeira do rifle, o que é uma pena, porque um rifle poderia ser útil.

— O que foi aquilo que você usou pra dar um choque nele? — eu pergunto, suspirando e exalando enquanto a gente leva o Sr. Prentiss Jr., pro acostamento. Como pessoas desmaiadas são pesadas…

— Um dispositivo que mostra à nave no espaço onde eu estou no planeta — ela diz. — Levei um tempão para montar.

Eu me levanto.

— E agora como a sua nave vai saber onde você está?

Ela encolhe os ombros.

— Vamos esperar que Paraisópolis tenha alguma coisa.

Eu observo enquanto ela pega a sacola. Realmente espero que Paraisópolis tenha metade das coisas que ela está esperando.

A gente vai embora. O Sr. Prentiss Jr. estava certo sobre a estupidez de seguir pela estrada principal, então a gente decide caminhar a vinte ou trinta metros de distância da estrada no lado oposto ao rio, tentando manter, na medida do possível, o rio à vista. A gente reveza pra carregar Manchee enquanto a noite passa.

A gente não conversa muito.

Ela pode estar certa, não é? Claro, pode ser isso que o exército estivesse buscando, talvez se eles conseguirem me convencer, poderão convencer qualquer pessoa. Talvez eu seja o teste deles, quem sabe, a cidade inteira é maluca o suficiente pra acreditar numa coisa assim.

Se um de nós cair, todos nós cairemos.

Mas, em primeiro lugar, isso não explica por que Aaron está atrás da gente e, em segundo lugar, eu já escutei ela mentir antes, não foi? As palavras dela parecem boas, mas quem garante que ela não estivesse inventando uma verdade em vez de dizer uma?

Porque eu nunca vou me juntar ao exército e o prefeito Pi deve saber disso, não depois do que eles fizeram com Ben e Cillian, seja verdade o que o Sr. Prentiss Jr. disse ou não, então é aí que ela engana. Não importa o que eles queiram, ou o que seja essa fraqueza que eu tenho em mim, que não consigo matar um homem quando ele merece, isso tem que mudar pra que eu seja um homem. Tem que mudar, senão como eu vou manter a cabeça erguida?

A meia-noite passa e faltam vinte e cinco dias e um milhão de anos pra eu me tornar um homem.

Porque se eu tivesse matado Aaron, ele não poderia ter contado ao prefeito Prentiss onde tinha me visto pela última vez. Se eu tivesse tido a guiado os homens do prefeito até Ben e Cillian e não teria sobrevivido pra machucar Manchee.

Se eu fosse qualquer tipo de assassino, eu poderia ter ficado e ajudado Ben e Cillian a se defender.

Talvez, se eu fosse um assassino, eles não estivessem mortos.

E essa é uma troca que eu faria agora mesmo.

Eu serei um assassino, se é isso que eu tenho que ser.

Observe e você verá.

O terreno fica mais irregular e inclinado quando o rio começa a produzir desfiladeiros de novo. A gente descansa um pouco debaixo de um aforamento rochoso e come os últimos restos de comida que não foram arruinados pela briga com o Sr. Prentiss Jr.

Coloco Manchee no meu colo.

— O que tinha naquela pílula?

— Era só uma migalha de analgésico para seres humanos — ela diz. — Espero que não tenha sido demais pra ele.

Eu passo a mão no pelo dele. Manchee está quente e sonolento, mas pelo menos ainda está vivo.

— Todd… — ela diz, mas eu a interrompo.

— Quero continuar andando o máximo que conseguirmos — eu digo. — Sei que a gente deveria dormir, mas vamos seguir até não aguentar mais.

Ela espera um minuto e depois diz que tudo bem e a gente não diz mais nada, só

termina de comer.

A chuva continua a noite toda enquanto a gente caminha e faz um barulho forte ao cair sobre as árvores da floresta, um bilhão de gotas caindo sobre um bilhão de folhas, o rio crescendo e rugindo, o respingo da lama debaixo dos nossos pés. Ouço um Ruído de vez em quando ao longe, provavelmente de criaturas da floresta, mas sempre oculto, sempre desaparecendo quando a gente se aproxima.

— Tem alguma coisa lá que poderia machucar a gente? — Viola pergunta, tendo que aumentar o tom de voz por causa da chuva.

— Tantas que nem dá pra contar — eu digo. Faço um gesto pra Manchee nos braços dela. — Ele já acordou?

— Ainda não — ela diz, parecendo preocupada. — Espero que eu…

E quando a gente passa por outro aforamento rochoso e entra num local de acampamento percebe como a gente estava distraído.

Nós dois paramos imediatamente pra observar o que está na nossa frente, tudo acontece tão rápido…

Um fogo queimando.

Peixes recém-pescados pendurados numa vara sobre o fogo.

Um homem inclinado sobre uma pedra, retirando as escamas de outro peixe.

E aquele homem olha pra cima quando a gente pisa no acampamento dele.

Em um instante, assim como eu sabia que Viola era uma garota mesmo nunca tendo visto uma garota antes, eu sei, no segundo que eu levo pra pegar a minha faca, eu sei que ele não é um homem de jeito nenhum.

Ele é um spackle.



25

ASSASSINO

O MUNDO para de girar.

A chuva para de cair, o fogo para de queimar, meu coração para de bater.

Um spackle.

Não existem mais spackles.

Todos eles morreram nas guerras.

Não existem mais spackles.

E aqui está um spackle, parado bem na minha frente.

Ele é alto e magro como nas gravações que eu lembro, pele branca, dedos e braços longos, a boca no meio do rosto onde não deveria estar, a orelha caída sobre a mandíbula, os olhos mais pretos do que as pedras do pântano, líquen e musgo crescendo onde deveriam estar suas roupas.

Um alienígena. Tão alienígena quanto é possível.

Minha nossa.

É como se alguém tivesse amassado o mundo que eu conheço e jogado fora.

— Todd? — Viola diz.

— Não se mexa — eu digo.

Pelo barulho da chuva eu consigo ouvir o Ruído do spackle.

Nenhuma palavra sai clara, são somente imagens, distorcidas e com todas as cores erradas, mas imagens minhas e de Viola parados na frente dele, em estado de choque.

Imagens da faca agora estendida na minha mão.

— Todd — Viola diz, com um pequeno alerta na voz.

Tem mais coisa no Ruído dele. Sentimentos que passam como um zumbido.

Sentimentos de medo.

Eu sinto o medo dele.

Muito bom.

Meu Ruído fica vermelho.

— Todd — Viola repete.

— Pare de dizer meu nome.

O spackle lentamente vai saindo do lugar onde está descarnando o peixe.

Ele fez seu acampamento debaixo de outro aforamento rochoso na inclinação de um pequeno monte. Boa parte está seca e vejo sacolas e um rolo de musgo que deve ser uma cama.

Também tem uma coisa brilhante e longa apoiada na rocha.

Posso ver o spackle imaginar a coisa no seu Ruído.

É a lança que ele estava usando pra pegar os peixes no rio.

— Não — eu digo pra ele.

Eu penso por um segundo, mas só por um segundo, em como eu consigo entender tudo isso de forma tão clara, como consigo ver o spackle parado na beira do rio, como é fácil ler o spackle, mesmo sendo somente imagens.

Mas o segundo passa num piscar de olhos.

Porque eu vejo que ele está pensando em dar um salto pra pegar a lança.

— Todd? — Viola diz. — Abaixe essa faca.

E ele dá um salto.

E eu dou um salto na mesma hora.

(Me observe)

— Não! — escuto Viola gritar, mas meu Ruído está rugindo tão alto que o grito dela parece um sussurro.

Oorque enquanto eu saio correndo pelo acampamento, com a faca preparada, me jogando em cima do spackle, que é só joelhos e cotovelos magros correndo em direção à lança, só consigo pensar e mandar pra ele no meu Ruído vermelho imagens e palavras e sentimentos de tudo o que eu sei, de tudo o que aconteceu comigo, de todas as vezes que eu não consegui usar a faca. Cada pedaço do meu corpo está gritando…

Vou te mostrar um assassino.

Alcanço o spackle antes dele alcançar a lança e avanço pra cima dele com meu ombro. Caímos na parte menos enlameada e os braços e as pernas dele estão em cima de mim, tão longos como se eu estivesse lutando com uma aranha, e ele está batendo na minha cabeça, mas são só uns tapinhas e eu percebo, eu percebo, eu percebo…

Eu percebo que ele é mais fraco do que eu.

— Todd, pare com isso! — Viola grita.

Ele tenta se livrar de mim e eu dou um murro em sua cabeça e ele é tão leve que voa até uma pilha de pedras e olha pra mim e a boca dele está fazendo um som de assobio e terror e pânico saem voando do seu Ruído.

— PARE COM ISSO! — Viola grita. — Você não está vendo que ele está assustado?

— E deveria estar mesmo! — eu respondo.

Porque agora nada vai parar meu Ruído.

Dou um passo em direção a ele e ele tenta se arrastar, mas eu agarro aquele tornozelo branco e longo e arrasto ele pra longe das pedras, ele está fazendo aquele som horrível de lamento e eu preparo a minha faca.

E Viola deve ter colocado Manchee no chão porque ela agarra o meu braço e me puxa pra eu não poder cortar o spackle e eu jogo meu corpo em cima dela pra me desvencilhar, mas ela não solta e a gente sai cambaleando pra longe do spackle, que se protege debaixo de uma rocha com as mãos no rosto.

— Me solte! — eu grito.

— Por favor, Todd! — ela grita, puxando e torcendo meu braço.

— Pare com isso, por favor!

Eu giro meu braço e uso o outro braço pra empurrar ela pra bem longe e quando eu me viro o spackle está dando um salto…

Indo em direção à lança…

Seus dedos já estão no cabo…

E todo o meu ódio entra em erupção dentro de mim como um vulcão bem vermelho…

E eu caio em cima dele…

E enfio a faca no peito dele.

A faca entra triturando, virando de lado quando encontra um osso, e o spackle grita o som mais terrível, e um sangue vermelho-escuro (vermelho, é vermelho, o sangue deles é vermelho) jorra pra fora do ferimento e ele levanta um braço longo e arranha meu rosto e eu levanto meu braço e dou outra facada nele e um suspiro longo e chiado sai da sua boca com um gargarejo alto e os braços e as pernas dele ainda se contorcem ao redor dele e ele olha pra mim com aqueles olhos pretos e seu Ruído está cheio de dor e de confusão e de medo…

E eu giro a faca…

E ele não morre e ele não morre e ele não morre…

E, com um gemido e um tremor, ele morre.

E o Ruído dele para de uma vez.

Minha garganta trava e eu arranco a faca e me afasto, pisando na lama.

Olho minhas mãos, olho a faca. Está tudo cheio de sangue. A faca está coberta de sangue, até no cabo, e também minhas duas mãos e meus braços e minhas roupas. Limpo um respingo de sangue no meu rosto misturado com meu próprio sangue provocado pelo arranhão.

Mesmo com a chuva caindo em cima de mim, tem mais sangue do que parece possível.

O spackle está lá caído onde eu…

Onde eu matei ele.

Escuto Viola fazer um som abafado e respirar fundo e eu olho pra ela e ela recua.

— Você não sabe! — eu grito pra ela. — Você não sabe de nada! Eles começaram a guerra. Eles mataram minha mãe! Tudo isso, tudo o que aconteceu é culpa deles!

E eu vomito.

E continuo vomitando.

E quando o meu Ruído começa a se acalmar eu vomito de novo.

Fico com a cabeça abaixada.

O mundo parou.

O mundo ainda está parado.

Não escuto nada de Viola, só o silêncio. Sinto a mochila entrar na minha nuca

quando me inclino pra frente. Não olho pro spackle.

— Ele teria matado a gente — eu finalmente digo, olhando pro chão.

Viola não diz nada.

— Ele teria matado a gente — eu repito.

— Ele estava aterrorizado! — Viola grita, com a voz embargada.

— Até eu percebi o quanto ele estava assustado.

— Ele queria pegar a lança — eu digo, levantando a cabeça.

— Porque você foi pra cima dele com uma faca! — agora eu posso ver o rosto dela. Seus olhos estão arregalados e ficando mais vazios, como aquela vez em que ela se fechou e começou a se balançar.

— Eles mataram todo mundo no Novo Mundo — eu digo. Ela balança a cabeça, ferozmente.

Seu idiota! Seu maldito IDIOTA!

Ela não diz bendito.

— Quantas vezes você descobriu que tudo o que te disseram não é verdade? — ela diz, se afastando cada vez mais, o rosto se contorcendo. — Quantas vezes?

— Viola…

— Todos os spackles não foram mortos na guerra? — ela diz e meu Deus como eu odeio o tom assustado da sua voz. — Hein? Não foram?

E a última gota de ódio cai do meu Ruído quando eu percebo que fiz papel de bobo de novo…

E eu olho pro spackle…

E eu vejo o acampamento…

E eu vejo os peixes nas linhas…

E (não, não, não, não, não) eu vejo o medo que estava vindo do Ruído dele…

(não, não, não, por favor, não) E não tenho mais nada pra vomitar, mas vomito assim mesmo…

E eu sou um assassino…

Eu sou um assassino…

Eu sou um assassino…

(Por favor, não.) Eu sou um assassino.

Começo a tremer. Começo a tremer tanto que não consigo ficar em pé.

Percebo que estou dizendo ‘Não’ sem parar e o medo no Ruído dele continua ecoando em volta do meu Ruído e não tem como fugir, ele está lá e lá e lá e eu estou tremendo tanto que nem consigo me apoiar nas minhas mãos e nos meus pés e eu caio na lama e ainda posso ver o sangue em todo lugar e nem a chuva consegue lavá-lo.

Eu fecho os olhos bem apertados.

E só vejo escuridão.

Só escuridão e nada.

Mais uma vez eu estraguei tudo. Mais uma vez eu fiz tudo errado.

Lá longe eu posso ouvir Viola dizer meu nome.

Mas está tão longe.

E eu estou sozinho. Aqui e sempre, sozinho.

Escuto meu nome de novo.

Bem longe, sinto um puxão no meu braço.

Só quando eu escuto sinais de Ruído que não são meus e que eu abro os olhos.

— Acho que existem mais spackle — Viola sussurra perto do meu ouvido.

Levanto a cabeça. Meu próprio Ruído está tão cheio de lixo e horror que é difícil escutar claramente e a chuva ainda está caindo, mais pesada do que nunca, e eu paro um minuto idiota pra imaginar se a gente algum dia vai ficar seco de novo e então eu escuto, um murmúrio indistinto nas árvores, impossível de identificar com precisão, mas definitivamente está lá.

— Se eles não queriam matar a gente antes — Viola diz —, com certeza vão querer agora.

— Temos que ir embora — eu tento me levantar. Ainda estou tremendo e tento algumas vezes, até que finalmente consigo ficar em pé.

Ainda estou segurando a faca. Está grudenta por causa do sangue. Jogo a faca no chão.

O rosto de Viola é uma coisa terrível, aflita e assustada e aterrorizada, tudo por minha causa, tudo por minha causa, mas como sempre a gente não tem escolha então eu repito.

— A gente precisa ir embora e vou pegar Manchee no lugar onde ela deixou na parte seca do acampamento do spackle.

Ele ainda está dormindo e tremendo de frio quando eu o coloco no colo e enterro meu rosto no seu pelo e respiro seu cheiro familiar de cachorro.

—Rápido —Viola diz.

E eu olho pra trás e vejo que ela está observando tudo em volta e o Ruído ainda está sussurrando no meio das árvores e na chuva e o medo ainda está no rosto dela.

Ela olha pra mim e é impossível suportar seu olhar.

Mas é quando eu percebo um movimento atrás dela.

Vejo os arbustos se abrirem no lugar onde ela está parada.

E vejo que ela vê meu rosto mudar.

E ela olha pra trás em tempo de ver Aaron sair do meio das árvores atrás dela.

E ele está agarrando ela pelo pescoço com uma das mãos e pressionando um pano em seu nariz e em sua boca com a outra mão e quando eu grito e dou um passo pra frente, escuto ela gritar sob o pano e ela tenta lutar com as mãos, mas Aaron está segurando bem firme e quando eu consigo dar um segundo e um terceiro passo ela já está desmaiando por causa do que estava no pano e quando dou meu quarto e quinto passo ele está jogando Viola no chão e Manchee ainda está n meus braços e no meu sexto passo ele está tentando pegar alguma coisa nas costas e eu estou sem a minha faca e Manchee está comigo e eu só posso correr na direção dele e no meu sétimo passo eu vejo que ele pega um bastão de madeira que estava amarrado em suas costas e ele balança o bastão no ar e me acerta bem na cabeça com um…

BAM!

e eu caio e Manchee cai dos meus braços, e eu caio no chão sobre a minha barriga e a minha cabeça está zunindo tanto que eu nem consigo me segurar e o mundo fica instável e cinza e cheio de dor e eu estou no chão e tudo está balançando e deslizando e os meus braços e as minhas pernas pesam tanto que nem consigo levantá-los e metade do meu rosto está na lama, mas a outra metade está pra fora e eu posso ver Aaron me observando no chão e eu olho dentro do Ruído dele e Viola está lá e eu vejo que ele vê minha faca vermelha na lama e ele pega a faca e eu tento me arrastar, mas o peso do meu corpo não deixa e eu só posso observar enquanto ele para sobre mim.

— Não preciso mais de você, garoto — ele diz e levanta a faca sobre sua cabeça e a última coisa que eu vejo é ele abaixando a faca com toda a força do seu braço.


uma única respiração circular você e
ESQUECI SEU ROSTO Mantenha seus
uma linha, uma linha NADA ALÉM DE
mãos
A MADEIRA EM MI
nha Norma A saudade do silêncio Ó MINHA J
sair daqui? NOSSAS SEMENTES VÃ
O dia se aproxima Um ritual sagrado, e
Carla CALE-SE, P
levanto, te abaixo, te segu
igual a trinta e
igual a sessenta e quatro Imu
MOS MAIS ANALGÉSICOS o pescoço, seu p
também VIRE O PAR
M DE QUEIMA Prego, um dois trê
Eu estou e tudo está sob o co
ARLIE dinamitado dinamitado dinamitado 1 2
ELE GAROTO HEWITT Deus escuta AS FORM
DUAS A forma como ela fazia Não sobrou
pontos a hora, a hora mais dez EM UM MÊS As
Quando vamos sair daqui?

PARTE 5

26

O FIM DE TUDO

CAINDO NÃO CAINDO não por favor socorro Caindo A Faca A Faca spackle os spackles estão mortos, todos os spackles estão mortos VIOLA me desculpe, por favor, me desculpe ele tem uma lança CAINDO Por favor por favor Aaron, atrás de você! Ele está vindo! não preciso mais de você, garoto Viola caindo, Viola Eade spackle os gritos e o sangue e não ME OBSERVE me observe não por favor me observe ele teria matado a gente Ben por favor sinto muito Aaron! Corra! E-A-D-E Mais deles temos que sair daqui CAINDO caindo sangue escuro A Faca morto corra Eu sou um assassino por favor não SPACKLE Viola Viola Viola…

— Viola! — eu tento gritar, mas só vejo escuridão, uma escuridão sem som, escuridão e eu estou caído e eu não tenho voz…

— Viola — tento de novo e sinto água nos meus pulmões e uma dor no estômago e dor, dor no meu…

— Aaron — sussurro pra mim mesmo e pra mais ninguém. — Corra, é Aaron.

E depois eu caio de novo e é tudo escuridão…

…

…

—Todd?

…

—Todd?

Manchee.

—Todd?

Sinto uma língua de cachorro no meu rosto, o que significa que tenho sensibilidade no rosto, o que significa que sei que ainda tenho um rosto e, com um sopro de ar entrando em mim, abro os olhos.

Manchee está parado bem perto da minha cabeça, saltando e lambendo os lábios e o nariz meio nervoso, o curativo ainda no olho, mas está tudo embaçado e é difícil…

—Todd?

Tento dizer o nome dele pra acalmá-lo, mas só consigo tossir e sinto uma dor aguda passa pelas minhas costas. Ainda estou caído e minha barriga está na lama, onde eu caí quando Aaron…

Aaron.

Quando Aaron me bateu na cabeça com seu bastão. Tento levantar a cabeça e uma dor profunda passa pelo lado direito do meu crânio, descendo até a minha mandíbula e eu tenho que ficar lá deitado, apertando os dentes por um minuto, simplesmente deixando doer e queimar até eu poder pelo menos tentar falar de novo.

— Todd? — Manchee choraminga.

— Estou aqui, Manchee — eu finalmente balbucio, mas as palavras saem pelo meu peito como um murmúrio contido por uma emotividade e me fazem tossir de novo…

…mas eu tenho que segurar a tosse por causa da dor aguda nas minhas costas.

Minhas costas.

Outra tosse e, de repente, uma sensação de horror sai do meu estômago e se espalha pelo resto do meu corpo.

A última coisa que eu vi antes…

Não.

Ai, não.

Tento tossir sem mover um músculo sequer, mas não consigo e sobrevivo à dor até ela diminuir o máximo possível e depois tento fazer a minha boca mover, tentando não provocar tanta dor.

— Tem uma faca em mim, Manchee?

— Faca, Todd — ele late, preocupado. — Costas, Todd.

Ele se aproxima pra lamber meu rosto de novo, com seu jeito canino de tentar me fazer sentir melhor. Eu respiro e não me movo por um minuto.

Fecho os olhos e deixo entrar o ar, mesmo meus pulmões reclamando e já parecendo cheios.

Eu sou Todd Hewitt, penso, o que é um erro, porque lá vem tudo de novo, caindo em cima de mim, me arrastando pra baixo e o sangue do spackle e o rosto de Viola com medo de mim e Aaron saindo da floresta e levando Viola…

Começo a chorar, mas sinto uma dor tão grande que por um minuto fico paralisado e um fogo vivo queima pelos meus braços e pelas minhas costas e não posso fazer nada além de sofrer até passar.

Lento, bem lento, muito lentamente começo a estender um braço.

Minha cabeça e minhas costas doem tanto que eu acho que desmaio por um minuto, mas acordo de novo e lento, bem lento, muito lentamente levanto a mão e tento tocar as minhas costas, arrastando meus dedos sobre minha camiseta molhada e suja e sobre a mochila molhada e suja que, acredite se quiser, ainda está nas minhas costas, até que eu encontro o que buscava.

O cabo da faca cravada nas minhas costas.

Mas eu estaria morto.

Eu estaria morto.

Será que eu estou morto?

— Não morto, Todd — Manchee late. — Mochila! Mochila!

A faca está enfiada em mim, entre meus ombros, a dor está me mostrando isso bem especificamente, mas a faca passou primeiro pela mochila, e alguma coisa na mochila impediu a faca de entrar totalmente…

O livro.

O livro da minha mãe.

Passo meus dedos de novo, o mais lentamente possível, mas é isso mesmo, Aaron levantou o braço e abaixou com tudo passando pelo livro na mochila e isso impediu que a faca entrasse toda no meu corpo.

(como entrou no spackle) Fecho meus olhos de novo e tento respirar fundo o máximo que posso, e não é muito, e depois prendo a respiração até conseguir segurar a faca e então tenho que respirar e esperar a dor passar e depois eu tento puxar, mas é a coisa mais pesada do mundo e eu tenho que esperar e respirar e tentar de novo e a dor nas minhas costas aumenta como um tiro de arma e eu grito descontroladamente quando sinto a faca sair das minhas costas.

Fico engasgado e ofegante por um minuto, depois me seguro pra não chorar de novo, o tempo todo segurando a faca, pois ela ainda está presa no livro e na mochila.

Manchee lambe meu rosto de novo.

— Bom garoto — eu digo, sem saber por quê.

Levo uma eternidade pra tirar as alças da mochila dos meus braços e finalmente poder me livrar da faca e de toda aquela confusão. Mesmo depois disso não consigo nem me levantar e devo ter desmaiado outra vez porque Manchee está lambendo meu rosto e eu abro os olhos e tusso quando respiro.

Lá na lama, deitado, eu queria do fundo do meu coração, mais do que tudo no mundo, que a faca de Aaron tivesse entrado em mim, que eu estivesse morto

como o spackle, que eu pudesse parar de cair naquele poço, que eu caísse, caísse, caísse, até ver só a escuridão, só o nada onde não existe mais Todd pra culpar ou estragar tudo ou decepcionar Ben ou decepcionar Viola, e eu poderia cair pra sempre dentro do nada e nunca mais teria que me preocupar.

Mas aqui está Manchee, me lambendo.

— Sai de cima de mim — eu levanto um braço pra afastá-lo.

Aaron poderia ter me matado, ele poderia ter me matado com a maior facilidade.

Era só ter enfiado no meu pescoço ou nos meus olhos ou na minha garganta. Ele tinha todas as chances de matar, mas não me matou. Ele devia saber o que estava fazendo. Devia.

Será que ele me deixou vivo pro prefeito me encontrar? Mas por que ele estava tão na frente do exército? Como ele pode ter chegado até aqui sem um cavalo como o Sr. Prentiss Jr.? Há quanto tempo ele estava seguindo a gente?

Quanto tempo ele esperou pra sair dos arbustos e levar Viola embora?

Solto um pequeno gemido.

Por isso ele me deixou vivo. Pra eu viver sabendo que ele levou Viola. É

assim que ele vence, não é? É assim que ele me faz sofrer. Terei que viver e saber no meu Ruído que ele levou Viola pra sempre.

Um novo tipo de energia passa por mim e eu me esforço pra ficar sentado, ignorando a dor e me inclinando pra frente e respirando até poder pensar em ficar de pé. As pancadas nos meus pulmões e a dor nas minhas costas me fazem tossir mais, mas eu travo os dentes e aguento.

Porque eu tenho que encontrar Viola.

— Viola — Manchee late.

— Viola — eu digo, travando ainda mais os dentes e tentando me levantar.

Mas é dimais, a dor toma conta das minhas pernas e eu caio de novo na lama e

fico lá deitado, paralisado e lutando pra respirar e a minha mente fica toda confusa e quente e no meu Ruído eu estou correndo e correndo e correndo em direção ao nada e estou com calor e estou suando e estou correndo no meu Ruído e posso ouvir Ben atrás das árvores e estou correndo na direção dele e ele está cantando a música, ele está cantando a música que cantava pra me fazer dormir, a música que é pra garotos e não pra homens, mas quando eu escuto a música meu coração se expande e já é uma manhã bem cedo quando o sol acabava de nascer.

Eu volto pro mundo real. A música vem comigo.

Porque ela continua: Uma manhã bem cedo quando o sol acabava de nascer, Ouvi uma donzela gritar no vale lá embaixo.

‘Oh não me engane, oh nunca me abandone’

Abro os olhos.

Não me engane. Nunca me abandone.

Eu tenho que encontrar Viola.

Eu tenho que encontrar ela.

Olho pra cima. O sol está no céu, mas não tenho ideia de quanto tempo passou desde que Aaron levou Viola. Foi logo antes de amanhecer. Agora está nublado, mas ainda está claro, então deve ser quase meio-dia ou começo da tarde. Talvez nem seja o mesmo dia, é um pensamento que eu tento afastar, fecho os olhos e tento escutar. A chuva parou, então já não há mais esse barulho, mas o único Ruído que eu escuto é o meu e o de Manchee e o barulho distante sem palavras de criaturas da floresta vivendo sua vida, que não tem nada a ver com a minha.

Nenhum som de Aaron. Nenhum espaço de silêncio de Viola.

Abro os olhos e vejo a sacola dela.

Deve ter caído enquanto ela lutava com Aaron, e como não era útil ou interessante pra ele, ficou jogada no chão, como se não pertencesse a ninguém, como se não importasse o fato de pertencer a Viola.

Aquela sacola tão cheia de coisas estúpidas e úteis.

Meu peito aperta e eu começo a tossir, dolorosamente.

Não consigo me levantar, então vou engatinhando, engasgando com a dor nas minhas costas e na minha cabeça, mas continuo engatinhando.

Manchee está latindo, preocupado, ‘Todd, Todd’, o tempo todo, e parece uma eternidade, parece uma bendita eternidade, mas eu finalmente alcanço a sacola e sou obrigado a me encolher por causa da dor por um minuto antes de conseguir fazer qualquer coisa. Quando consigo respirar de novo, abro a sacola e procuro a caixa com os curativos. Só sobrou um, mas vai ter que servir. Começo o processo de retirar a minha camiseta, o que requer mais pausas, mais respiração, centímetro a centímetro, até que finalmente ela sai das minhas costas ardentes e sai da minha cabeça ardente e eu vejo sangue e lama na camiseta inteira.

Encontro o bisturi no kit de primeiros socorros de Viola e divido o curativo em dois. Coloco uma parte na minha cabeça, fixando com adesivos e lentamente faço um esforço pra colocar o outro nas minhas costas. Sinto a dor por mais um minuto até o material do curativo, a tal célula humana que ela mencionou, entrar em contato com as feridas e começar a reagir. Travo os dentes pra aguentar a dor enquanto o remédio começa a fazer efeito e um sopro fresco entra na minha corrente sanguínea. Espero um pouco até conseguir me levantar. Me sinto um pouco tonto quando fico de pé, mas consigo aguentar por um minuto.

Depois de outro minuto consigo dar um passo. E depois outro passo.

Mas pra onde eu vou?

Não tenho ideia de onde Aaron levou Viola. Não tenho ideia de quanto tempo passou. Ele pode até já estar de volta com o exército agora.

— Viola? — Manchee late, choramingando.

— Não sei, amigão — eu digo. — Me deixa pensar.

Mesmo com o efeito dos curativos fazendo, eu não consigo ficar totalmente ereto, mas faço o possível pra olhar em volta, O corpo do spackle está na periferia da minha visão, mas eu me viro de costas pra não vê-lo.

Oh não me engane. Oh nunca me abandone.

Suspiro e já sei o que tenho que fazer.

— Não tem jeito — eu digo pra Manchee. — A gente precisa voltar pra onde está o exército.

— Todd? — ele chora.

— Não tem jeito — eu repito e começo a me mexer.

Vamos ver quais são as prioridades: primeiro eu preciso de uma camiseta nova.

Continuo virado de costas pro spackle e pego a mochila.

A faca ainda está cravada na mochila e no livro que está lá dentro. Na verdade eu nem quero encostar nela e nem quero ver a situação do livro, mas tenho que tirar a faca, então travo a mochila com os pés e puxo bem forte.

Não consigo da primeira vez, mas depois de algumas tentativas a faca sai e eu jogo ela no chão.

Olho pra ela na lama. Ainda está cheia de sangue. Mais sangue do spackle, mas meu sangue também, mais vermelho na ponta. Imagino se isso significa que o sangue do spackle entrou no meu sangue quando Aaron me atingiu. Imagino se existe algum vírus especial que pode ser transmitido diretamente de um spackle.

Mas não tenho mais tempo pra ficar imaginando coisas.

Abro a mochila e retiro o livro.

Tem um buraco de faca que passa por todo o livro até o outro lado. A faca é tão afiada e Aaron deve ser tão forte que o livro quase não estragou. As páginas ficaram com um rasgo com meu sangue e o sangue do spackle nas bordas, mas ainda dá pra ler.

Eu ainda poderei ler, ainda poderei pedir pra alguém ler pra mim.

Se eu algum dia merecer.

Afasto esse pensamento e pego uma camiseta limpa. Começo a tossir e mesmo

com os curativos dói muito, e tenho que esperar até a dor passar.

Parece que meus pulmões estão cheios de água, como se eu estivesse carregando um rio de pedras no meu peito, mas eu visto a camisa e junto as coisas da minha mochila que não foram destruídas: algumas roupas, meu próprio kit de primeiros socorros, as coisas que não foram arruinadas pelo Sr.

Prentiss Jr. ou pela chuva e coloco tudo mais o livro da minha mãe na sacola de Viola, porque já não tenho condições de colocar a mochila nas costas.

Mas ainda está a pergunta, não é?

Pra onde eu vou?

Vou seguir a estrada de volta pra onde está o exército, é isso que vou fazer.

Vou até o exército e vou dar um jeito de salvar Viola, mesmo se eu tiver que trocar de lugar com ela.

E pra isso eu não posso ir desarmado, posso?

Não, não posso.

Olho pra faca de novo, jogada lá na lama como uma coisa sem propriedades, uma coisa feita de metal tão separada de um garoto quanto é possível, uma coisa que passa toda a culpa dela mesma para o garoto que a usa.

Não quero encostar nela. De jeito nenhum. Nunca mais na minha vida.

Mas pego a faca e limpo o sangue o máximo possível com algumas folhas molhadas e coloco a bainha no cinto, que ainda está na minha cintura.

Tenho que fazer essas coisas. Não tenho escolha.

Posso ver o spackle pelo canto do olho, mas não olho pra ele quando pego a faca.

— Vamos, Manchee — jogo a sacola de Viola no meu ombro.

Não me engane. Nunca me abandone.

Tá na hora de ir.

— A gente vai encontrar ela — eu digo.

Deixo o acampamento pra trás e sigo em direção à estrada. É melhor eu ir rápido pra encontrar eles o quanto antes. Eu vou ouvir quando eles estiverem perto e posso sair do caminho e depois acho que vou descobrir se tem algum jeito de salvar Viola.

Isso pode significar ter que dar de cara com eles mais adiante.

Tento abrir caminho em um monte de arbustos quando escuto Manchee latir.

—Todd?

Olho pra ele, tentando evitar olhar pro acampamento.

— Vamos, garoto.

—Todd!

— Já disse pra gente ir logo. Estou falando sério.

— Por aqui, Todd — ele late e balança seu meio-rabo.

Eu olho atentamente pra ele.

— O que você quer dizer?

Ele está apontando para outra direção totalmente diferente da que eu estou indo.

— Por aqui — ele late, enquanto com a pata retira o curativo do olho, que olha pra mim, todo machucado.

— Como assim, por aqui? — eu pergunto, sentindo meu peito apertar.

Ele está balançando a cabeça e empurrando a pata dianteira numa direção não só longe da estrada, como também na direção oposta ao exército.

— Viola — ele late, girando em círculos e depois olhando para aquela direção de novo.

— Você consegue sentir o cheiro dela? — eu pergunto, inflando o peito.

Ele late um latido de positivo.

— Você consegue sentir o cheiro dela?

— Por aqui, Todd.

— Pela estrada não? Para o exército não?

— Todd! — ele late, sentindo meu Ruído se elevar e se empolgando.

— Você tem certeza? Você tem que ter certeza, Manchee. Tem que ter certeza.

— Por aqui! — e ele sai correndo, passando pelos arbustos e entrando numa trilha paralela ao rio, longe do exército.

E na direção de Paraisópolis.

Sabe-se lá por quê, e na verdade quem se importa? Porque eu já estou correndo atrás dele na medida do possível por causa dos meus ferimentos.

Vejo Manchee avançar correndo e penso Bom cachorro, que cachorro danado de bom.

27

AVANÇANDO

— POR AQUI, Todd — Manchee late, nos levando pra outro afloramento.

Desde que a gente saiu do acampamento do spackle, o terreno está ficando cada vez mais pedregoso. O bosque que estava entre o rio e a estrada há uma ou duas horas agora já está no alto das colinas, e a gente sobe e desce cruzando ele e, às vezes, parece que a gente está mais escalando do que correndo. Quando a gente chega ao topo, vejo mais desfiladeiros na minha frente, colinas abaixo da linha das árvores, algumas tão inclinadas que é impossível descer em linha reta, por isso tenho que descer fazendo um ziguezague. A estrada e o rio serpenteiam através das colinas em trilhas contorcidas à minha direita e algumas vezes eu tenho que serpentear também pra não perder eles de vista.

Mesmo com os curativos fazendo o possível pra me manter em boas condições, a cada passo que eu dou minhas costas e minha cabeça vibram e, de vez em quando, não consigo aguentar e vomito, mesmo com o estômago vazio.

Mas a gente continuas avançando.

Mais rápido, eu penso. Vá mais rápido, Todd Hewitt.

Eles estão a pelo menos meio-dia de caminhada na nossa frente, talvez até um dia e meio, e eu não sei pra onde estão indo ou o que Aaron planeja fazer quando ele chegar lá e, portanto, a gente continua avançando.

Você tem certeza? eu pergunto pra Manchee sem parar.

— Por aqui — ele continua latindo.

O que não faz sentido é que a gente está no caminho que eu e Viola íamos fazer, seguindo o rio, mantendo uma distância da estrada e indo em direção a Paraisópolis. Não sei por que Aaron está indo pra lá, não sei por que ele iria pro lado oposto ao exército, mas é onde Manchee está sentindo o rastro deles e,

portanto, é pra lá que a gente vai.

A gente continua andando até o meio-dia, subindo e descendo colinas e avançando entre árvores de folhas largas nas planícies e depois árvores mais pontudas, mais altas e em forma de setas. Até o cheiro das árvores é diferente, tão forte que posso sentir o gosto na minha língua. Manchee e eu atravessamos todo tipo de corredeira e riacho que alimenta o rio e, de vez em quando, eu reabasteço as garrafas de água e a gente continua avançando.

Tento não pensar em nada. Tento manter a minha mente focada, apontada pra Viola e concentrada em encontrar ela. Tento não pensar na cara que ela fez depois que eu matei o spackle. Tento não pensar no quanto ela estava com medo de mim ou em como ela recuou, como se eu pudesse machucá-la. Tento não pensar em como ela deve ter ficado aterrorizada quando Aaron veio pra cima dela e eu não pude fazer nada.

E tento não pensar no Ruído do spackle e no medo que tinha dele ou no quanto ele deve ter ficado surpreso ao ser morto simplesmente por ser um pescador, ou naquela sensação de trituração quando a faca entrou nele ou como seu sangue vermelho-escuro jorrava em mim ou na confusão que saía de dentro dele e entrava no meu Ruído enquanto ele morria, enquanto ele morria, enquanto ele morria, enquanto ele…

Paro de pensar nisso.

E a gente continua avançando, avançando.

A tarde passa, a noite chega, a floresta e as colinas parecem não terminar nunca e lá vem outro problema.

— Comida, Todd?

— Não sobrou nada — eu digo, sentindo a poeira sob os meus pés quando a gente desce uma ladeira. — Também não tenho nada pra mim.

— Comida?

Não lembro quando comi pela última vez, não lembro nem quando foi a última vez que dormi pra valer, já que desmaiar não é dormir.

E já perdi as contas de quantos dias faltam pra eu me tornar um homem, mas posso sentir que esse dia nunca pareceu tão distante.

— Esquilo! — Manchee late de repente e começa a correr em volta do tronco de uma árvore pontiaguda, entrando no meio de um monte de samambaias. Eu nem cheguei a ver o esquilo, mas ouço Cachorro giratório e ‘Esquilo!’ e Giratório, giratório, giratório e depois não escuto mais nada.

Manchee vem com um esquilo na boca, maior e mais marrom do que os esquilos do pântano. Ele joga o esquilo no chão na minha frente, uma bola de pelo gosmenta e ensaguentada, e eu já não estou mais tão faminto.

— Comida? — ele late.

— É isso aí, garoto — eu olho pra todos os olhos, tentando evitar aquela nojeira. — É todo seu.

Estou suando mais do que o normal e tomo grandes goles de água enquanto Manchee termina sua refeição. Pequenos mosquitos se juntam a nossa volta como uma nuvem em enxames quase invisíveis, e eu tenho que ficar espantando eles. Tusso de novo, ignorando a dor nas minhas costas e a dor na minha cabeça, e, quando Manchee termina e já está pronto pra ir, eu hesito um pouco, mas a gente continua avançando.

Continue caminhando, Todd Hewitt. Continue avançando.

Não me atrevo a dormir. Aaron pode não estar dormindo, portanto eu não posso dormir. A gente avança e avança, as nuvens passando algumas vezes sem eu notar, as luas surgindo, as estrelas cintilando. Chego ao fim de uma pequena colina e assusto um rebanho inteiro do que parecem ser cervos, mas os chifres deles são bem diferentes dos cervos de Prentissburgo e eles saem correndo de mim e do latido de Manchee num piscar de olhos.

A gente continua avançando até a meia-noite (faltam vinte e quatro dias?

Vinte e três?). A gente passa o dia inteiro sem ouvir nenhum som de Ruído ou de outras colônias, pelo menos não que eu tenho escutado, mesmo quando eu pude ver breves trechos do rio e da estrada. Mas, quando a gente chega no topo de outra colina cheia de árvores e as luas estão diretamente sobre a nossa cabeça, finalmente ouço o Ruído de homens, tão claro quanto um estrondo.

A gente para e se agacha, mesmo sendo de noite.

Olho pra baixo. As luas estão altas e eu posso ver duas longas cabanas em duas clareiras separadas ao lado de colinas no meio do caminho. De uma delas vem o murmúrio tumultuado do Ruído de homens adormecidos. Julia?

e a cavalo e diga a ele que não é assim e subindo o rio quando acaba a manhã e muitas coisas que não fazem sentido porque o Ruído adormecido é o mais estranho de todos. Na outra cabana tem silêncio, o silêncio doloroso de mulheres, posso sentir mesmo a esta distância. Homens em uma cabana, mulheres em outra, o que imagino que seja uma forma de resolver o problema de dormir, e o toque de silêncio do lado das mulheres me faz pensar em Viola e eu preciso me apoiar no tronco de uma árvore por um minuto.

Mas, onde tem pessoas, tem comida.

— Você consegue encontrar a trilha de novo se a gente sair dela?

— sussurro pro meu cachorro, sufocando uma tosse.

— Encontrar trilha — Manchee late.

— Tem certeza?

— Todd cheiro — ele late. — Manchee cheiro.

— Então fique quieto enquanto a gente avança — a gente começou a descer a colina, andando com a maior suavidade possível pelo meio das árvores e dos galhos até chegar ao começo de um pequeno vale com as cabanas acima da gente, pousadas no topo das colinas.

Posso ouvir meu próprio Ruído se espalhando pelo mundo, quente e abafado, como o suor que continua escorrendo pelo meu corpo, e tento manter meu Ruído quieto e cinza e plano, como Tam fazia. Tam, que controlava seu Ruído melhor do que qualquer homem em Prentissburgo…

E lá está a prova.

Prentissburgo? eu ouço quase imediatamente vindo da cabana dos homens.

Nós dois congelamos. Meus ombros desmoronam. Ainda estou ouvindo Ruído de sonhos, mas a palavra se repete nos homens adormecidos como ecos em um vale. Prentissburgo? e Prentissburgo? e Prentissburgo?, como se eles ainda não soubessem o que essa palavra significa.

Mas saberão quando acordarem.

Idiota.

— Vamos — eu digo, voltando pelo caminho por onde a gente veio, voltando pra nossa trilha.

— Comida? — Manchee late.

— Vamos.

Portanto, a gente ainda não tem nenhuma comida, mas continua avançando pela noite, correndo o máximo possível.

Mais rápido, Todd. Coloque esse bendito corpo em movimento.

A gente continua avançando, avançando, subindo colinas, agarrando plantas algumas vezes pra não cair, e descendo colinas, apoiando em rochas pra manter o equilíbrio. Os rastros que Manchee segue vão ficando cada vez mais longe de qualquer lugar mais fácil de caminhar, como as partes mais planas perto da estrada ou da margem do rio, e estou tossindo e às vezes cambaleando e, quando o sol começa a aparecer, chega um momento em que eu não posso, eu simplesmente não consigo, minhas pernas tremem e eu sou obrigado a sentar.

Não tenho outra alternativa.

(sinto muito)

Minhas costas estão doendo e minha cabeça está doendo e estou suando e fedendo tanto e estou tão faminto e simplesmente tenho que sentar debaixo de uma árvore, só por um minuto, não tem outro jeito e eu sinto muito e sinto muito e sinto muito.

— Todd? — Manchee murmura, se aproximando.

— Estou bem, garoto.

— Quente, Todd — ele diz, falando de mim.

Eu tusso, fazendo meus pulmões balançarem como pedras rolando colina abaixo.

Levante-se, Todd Hewitt. Levante esse maldito traseiro e siga seu caminho.

Minha mente viaja, não consigo evitar, tento pensar em Viola, mas minha mente começa a vagar e agora eu sou pequeno e estou de cama e estou realmente doente e Ben está no meu quarto comigo porque a febre está me fazendo ver coisas, coisas horríveis, paredes que tremem, pessoas que não estão lá, Ben parece ter enormes caninos e mais braços do que o normal, todo tipo de coisa e eu estou gritando e me afastando, mas Ben está lá comigo e está cantando a música e está me dando água fria e está pegando cartelas de remédio…

Remédio.

Ben está me dando remédio.

Eu recobro a consciência.

Levanto a cabeça e reviro a sacola de Viola, retirando o kit de primeiros socorros de novo. Tem todo tipo de comprimido lá, dimais da conta. Tem coisas escritas nos pacotinhos, mas as palavras não têm sentido pra mim e não posso correr o risco de tomar o tranquilizante que fez Manchee tombar.

Abro meu kit de primeiros socorros, que não é nem de longe parecido com o dela, mas tem umas cartelas brancas que eu sei que são pelo menos analgésicos, apesar de serem toscos e caseiros. Mastigo dois e depois mais dois.

Levante-se, seu idiota inútil.

Sento e respiro por um tempo e luto, luto, luto pra não cair no sono, esperando os comprimidos fazerem efeito e, quando o sol começa a surgir no topo de uma colina ao longe, percebo que estou me sentindo um pouco melhor.

Não sei se estou realmente melhor, mas não tenho escolha.

Levante-se, Todd Hewitt. MEXA esse bendito corpo!

— Tudo bem — eu digo, com a respiração pesada e esfregando meus joelhos com as mãos. — Pra qual lado, Manchee?

E a gente continua avançando.

Os rastros seguem como antes, evitando a estrada, evitando as construções que a gente vê ao longe, mas sempre seguindo adiante, sempre em direção a Paraisópolis, só Aaron sabe o porquê. Na metade da manhã a gente encontra outro pequeno riacho que desce em direção ao rio. Verifico se tem crocodilos, apesar de ser pequeno dimais, e encho as garrafas de água.

Manchee entra no riacho, agitando a água e tentando, sem sucesso, morder os peixinhos de cor amarelada que nadam por ali e mordiscam seu pelo.

Eu me agacho e lavo o suor do meu rosto. A água está tão fria que atinge o meu rosto como um tapa na cara, o que me faz acordar um pouco. Como eu queria saber se a gente tem alguma chance contra eles… Como eu queria saber a que distância eles estão na nossa frente…

E eu queria que ele nunca tivesse encontrado a gente.

E eu queria que ele nunca tivesse encontrado Viola, pra começo de conversa.

E eu queria que Ben e Cillian não tivessem mentido pra mim.

E eu queria que Ben estivesse aqui agora.

E eu queria estar de volta em Prentissburgo.

Descanso sobre meus calcanhares, olhando pro sol.

Não. Não, eu não queria. Eu não queria estar em Prentissburgo. Não quero.

E, se Aaron não tivesse encontrado Viola, talvez eu não tivesse encontrado ela e isso também não seria bom.

— Vamos, Manchee — eu digo, pegando a sacola.

E é quando eu vejo a tartaruga, tomando sol em cima de uma pedra.

Eu congelo.

Nunca vi esse tipo de tartaruga antes. O casco é áspero e afiado, com urna listra vermelha que vai de um lado a outro. A tartaruga está com o casco todo aberto pra receber o máximo de calor possível, com as costas macias totalmente expostas.

No lugar de onde eu venho você pode comer tartarugas.

O Ruído dela só tem um longo som de ahhhh, exalando sob a luz do sol.

Ela não parece estar muito preocupada com a gente, provavelmente está pensando que conseguiria fechar seu casco e entrar na água mais rápido do que a gente conseguiria chegar até ela. E mesmo se a gente conseguisse a gente não poderia abrir o casco de novo pra comer o bicho.

A não ser que a gente tivesse uma faca pra matar a tartaruga.

— Tartaruga! — Manchee late, quando vê o bicho. Ele não se aproxima porque as tartarugas do pântano que a gente conhece têm uma vivacidade mais do que suficiente pra se defender de um cachorro. A tartaruga só fica lá parada, sem levar a gente muito a sério.

Coloco a mão nas minhas costas, buscando a faca.

Estou quase lá quando sinto a dor entre os meus ombros.

Paro. Engulo em seco.

(Spackle e dor e confusão) Dou uma olhada na água e vejo meu reflexo: meu cabelo parece um ninho de passarinho, com o curativo na testa, e estou mais sujo do que uma ovelha velha.

Uma das mãos tenta alcançar a faca.

(sangue vermelho e medo e medo e medo) Paro de tentar.

Retiro a minha mão.

Fico de pé.

— Vamos, Manchee — eu digo. Não olho pra tartaruga, nem escuto seu Ruído.

Manchee late pra ela mais algumas vezes, mas eu já estou atravessando o riacho e a gente continua avançando, avançando, avançando.

E é isso, eu não consigo caçar.

E não posso me aproximar das colônias.

Portanto, se eu não encontrar Aaron e Viola logo, vou morrer de fome, se esta tosse não me matar antes.

— Ótimo — eu digo pra mim mesmo e só me resta continuar avançando o mais rápido possível.

Não está rápido o suficiente, Todd. Mexa esses benditos pés, seu estúpido.

A manhã se transforma em outro meio-dia, o meio-dia se transforma em outra tarde. Engulo mais comprimidos e a gente continua avançando, sem comida, sem descanso, só adiante, adiante, adiante. A trilha está começando a descer a colina de novo, o que pelo menos é uma benção. O rastro de Aaron se aproxima da estrada, mas estou me sentindo tão mal que nem levanto a vista quando escuto um Ruído distante de vez em quando.

O Ruído não é dele e não tem nenhum silêncio de Viola, então o lue me importa?

A tarde se transforma em outra noite e é quando a gente está descendo uma colina bastante inclinada que eu caio.

Minhas pernas escorregam e não sou rápido o suficiente pra me equilibrar e eu caio e continuo caindo, descendo a colina, chocando com arbustos, pegando velocidade, sentindo as minhas costas rasgarem, e eu tento agarrar alguma coisa pra parar de cair, mas as minhas mãos são lentas dimais e não conseguem agarrar nada e eu sacudo e sacudo e sacudo pelas folhas e pela relva e então eu bato numa pedra e Saio voando, tombando sobre meus ombros, que queimam de dor, e eu dou um grito e não paro de cair até chegar a um monte de arbustos flC) da colina e caio em cima deles com uma pancada.

— Todd! Todd! Todd! — escuto Manchee, que vem correndo mi minha direção, mas tudo o que eu posso fazer é tentar suportar a dor novamente e o cansaço novamente e o muco nos meus pulmões e fome que consome o meu estômago e os arranhões dos arbustos por todo o meu corpo e eu penso que estaria chorando

se ainda tivesse alguma energia.

— Todd? — Manchee late, correndo em círculos ao meu redor, tentando encontrar um jeito de entrar no meio dos arbustos.

— Me dá um minuto Prentissburgo eu digo, fazendo um esforço.

Depois me inclino pra frente e caio de boca no chão.

Levante-se, eu penso. Levante-se, seu imundo, LEVANTE-SE!

— Fome, Todd — Manchee diz. — Comer. Comer, Todd. Apoio minhas mãos no chão, tossindo quando tento me levar cuspindo um monte de catarro dos meus pulmões. Finalmente consigo ficar de joelhos.

— Comida, Todd.

— Eu sei, eu sei.

Me sinto tão atordoado que tenho que apoiar a minha cabeça chão de novo. — Me dá um segundo — eu digo, sussurrando no meio das folhas no chão. — Só um segundinho.

E eu apago de novo.

Não sei por quanto tempo fico apagado, mas acordo com Manchee latindo.

— Pessoas! Pessoas! Todd, Todd, Todd! Pessoas!

Abro os olhos.

— Que pessoas? — eu pergunto.

— Por aqui — ele late. — Pessoas. Comida, Todd. Comida!

Tento respirar, tossindo sem parar, meu corpo pesando quarei milhões de quilos, e vou me arrastando até o outro lado dos arbustos. Olho pra cima.

Estou numa vala perto da estrada.

Posso ver algumas carroças lá na frente, à esquerda, uma fila inteira de carroças

puxadas por bois e por cavalos, desaparecendo numa curva.

— Socorro — eu digo, mas minha voz sai engasgada e sem volume suficiente.

Insista.

— Socorro — eu grito de novo, mas ninguém escuta.

Insista.

É o fim. Não aguento mais. Não posso mais caminhar. É o fim.

Insista.

Mas é o fim.

A última carroça desaparece na curva e é o fim.

…desista.

Abaixo minha cabeça no acostamento da estrada e areia e pedras cravam na minha bochecha. Um calafrio passa pelo meu corpo e eu rolo, ficando de lado, e me encolho, pressionando as pernas contra o meu peito, e fecho os olhos e eu fracassei e eu fracassei e, por favor, que a escuridão me leve, por favor, por favor, por favor…

— É ocê, Ben?

Abro os olhos.

É Wilf.



28

O CHEIRO DAS RAÍZES

— OCÊ TÁ BEM, Ben? — ele pergunta, me puxando pelo braço me ajudar a levantar, mas mesmo assim eu mal consigo ficar de pé, consigo nem levantar a cabeça, então sinto sua outra mão também me puxando. Não adianta, então ele me coloca sobre seu ombro. Olho pra baixo e vejo a parte de trás de suas pernas enquanto ele me carrega até a carroça.

Prentissburgo Quem é esse, Wilf? — escuto uma voz de mulher perguntar.

— É Ben — Wilf diz. — Tá bem acabado o coitado.

Quando novamente abro os olhos, vejo que estou na parte de trás da sua carroça. Está uma bagunça, cheia de pacotes e caixas com couro, partes de móveis e grandes cestas, tudo entulhado, transbordando.

— É tarde dimais — eu digo. — É o fim.

A mulher já se levantou do assento e caminhou até a parte da carroça, me encarando. Ela é robusta, está com um vestido e tem cabelos desgrenhados e linhas nos cantos dos olhos. Sua voz é rápida como um rato.

— É tarde demais pra quê, minino?

— Ela se foi — sinto meu queixo se contorcer e minha fechar. — Eu perdi ela.

Sinto uma mão fria na minha testa e a sensação é tão boa que eu relaxo um pouco. Ela retira a mão e diz ‘Febre’ pra Wilf.

— É isso aí — Wilf diz.

— Melhor fazer um emplastro — a mulher diz e acho que ela entra na vala, mas isso não faz sentido.

— Cadê Hildy, Ben? — Wilf diz, tentando me olhar nos olhos. Meus olhos estão tão lacrimejantes que mal consigo ver seu rosto.

— O nome dela não é Hildy — eu digo.

— Eu sei — Wilf diz. — Mas é como eu conheço ela.

Ela se foi — eu digo, lacrimejando. Minha cabeça cai pra frente novo.

Sinto Wilf colocar uma das mãos no meu ombro e apertar.

— Todd? — escuto Manchee latir, inseguro, em algum lugar na estrada.

— Meu nome não é Ben — eu digo pra Wilf sem levantar o olhar.

— Eu sei — Wilf repete. — Mas é assim que nóis vamo chamar ocê.

Olho pra ele. Seu rosto e seu Ruído estão tão vazios quanto eu me lembro, mas a lição de sempre é que conhecer a mente de um homem não significa conhecer um homem.

Wilf não diz mais nada e volta pra frente da carroça. A mulher volta com um pedaço de pano fedorento nas mãos. Tem cheiro de raízes e lama e ervas de cheiro forte, mas estou tão cansado que deixo ela amarrar o pano em volta da minha cabeça, em cima do curativo lii' ainda está grudado na minha cabeça.

— lsso deve dar um jeito nessa febre — ela diz, subindo na carroça.

Nós dois nos inclinamos pra frente quando Wilf balança as rédeas e os bois começam a andar. Os olhos da mulher estão arregalados, olhando pros meus, buscando notícias interessantes. — Ocê tá correndo do exército também?

Sua quietude perto de mim me lembra tanto Viola que eu me seguro pra não abraçar ela.

— Mais ou menos — eu digo.

— Foi ocê que contou pra Wilf, num foi? — ela diz. — Ocê e uma minina contaram pra Wilf sobre o exército, pediram pra ele avisar as pessoas, dizer pras pessoas que elas tinham que fugir, num foi?

Eu olho pra ela, enquanto a água fedorenta da raiz marrom escorre pelo meu rosto, e olho pra Wilf lá na frente, guiando a carroça. Ele percebe que estou

olhando.

— Eles escutaram Wilf — ele diz.

Olho pra estrada na nossa frente. Quando a gente vira uma posso ouvir o barulho do rio à minha direita de novo, como um velho amigo, um velho adversário, e posso ver uma fila de carroças se estendendo na estrada na nossa frente pelo menos até a próxima curva, carroças abarrotadas de objetos como os de Wilf e todo tipo de em cima dos objetos, se segurando em qualquer coisa pra não cair.

É uma caravana. A carroça de Wilf é a última de uma longa caravana.

Homens e mulheres e até crianças, eu acho, pois mal consigo ver com essa coisa fedorenta amarrada na minha cabeça. O Ruído e o silêncio deles estão flutuando como uma grande coisa barulhenta..

Escuto bastante exército. Exército e exercito e exército.

E cidade amaldiçoada.

— Brockley Falis? — eu pergunto.

— Bar Vista também — a mulher diz. — E outras colônias. Os rumores estão voando pelo rio e pela estrada. O exército da cidade amaldissuada está vindo e vindo, crescendo à medida que avança, homens recrutando outros pra se unir ao exército.

Crescendo à medida que avançam, eu penso.

— Milhares, é o que dizem por aí — a mulher diz.

Wilf zomba dela: — Não tem mil pessoas entre aqui e a cidade amaldissuada.

A mulher contorce os lábios: — Só tô dizendo o que as pessoas estão dizendo.

Olho pra trás e, na estrada vazia atrás da gente, Manchee está vindo ofegante a certa distancia, e eu me lembro do Ivan, o homem do celeiro em Farbranch, que me disse que nem todo mundo mesma opinião sobre a história, que Prent…, que a minha cidade tinha aliados. Talvez não milhares, mas ainda pode estar crescendo. Crescendo e crescendo à medida que avança, até ficar tão grande que

ninguém vai poder enfrentar o exército.

— A gente tá indo pra Paraisópolis — a mulher diz. — Eles vão proteger a gente lá.

— Paraisópolis — murmuro pra mim mesmo.

— Dizem que eles até têm uma cura pro Ruído — a mulher diz. — Esse é um negoço que eu queria ver — ela ri alto. — Ô iscutá, eu acho — ela dá um tapa na perna.

— Eles têm spackle lá? — eu pergunto.

A mulher olha pra mim, surpresa.

— Os spackles não chega perto das pessoas — ela diz. — Não mais, desde a guerra. Eles fica no canto deles e a gente fica no nosso canto e todo mundo vive em paz — parece que ela recita essa última parte. — De qualquer forma, num sobrou muitos spackles.

— Eu tenho que ir — apoio minhas mãos no fundo da carroça e tento me levantar. — Tenho que encontrar ela.

Mas o que acontece é que eu perco o equilíbrio e caio de cima da carroça. A mulher grita pra Wilf parar e os dois me levantam e me colocam na carroça de novo. A mulher aproveita e coloca Manchee lá dentro também.

Ela retira algumas caixas de um canto pra eu deitar e Wilf coloca a carroça em movimento. Ele faz um movimento mais forte pros bois com as rédeas e eu posso sentir que a gente está se movendo mais rápido, pelo menos mais rápido do que eu conseguiria caminhar.

— Coma — a mulher diz, segurando um pouco de pão perto do meu rosto. — Ocê num vai conseguir ir pra lugar nenhum se num comer.

Eu pego um pedaço do pão e dou uma mordida, depois avanço no resto com tanta fome que até me esqueço de dar um pouco pra Manchee. A mulher pega mais e oferece pra nós dois, olhando, admirada cada movimento que eu faço.

— Obrigado — eu digo.

— Eu sou Jane — ela diz. Seus olhos ainda estão arregalados, como se ela não conseguisse parar de falar. — Ocê viu o exército? — ela pergunta. — —Com seus próprios olhos?

— Eu vi — eu digo. — Em Farbranch.

Ela prende a respiração.

— Então é verdade — não é uma pergunta, é uma afirmação.

— Eu disse procê que era verdade — Wilf grita.

— Ouvi dizer que eles tão cortando a cabeça das pessoas e fervendo os olhos delas.

— Jane! — Wilf grita.

— Só tô dizendo.

— Eles estão matando pessoas — eu digo, baixinho. — Matar é suficiente.

Os olhos de Jane encaram meu rosto e meu Ruído, mas depois um tempo ela só diz: — Wilf me contou tudo sobre ocê — e eu consigo entender o que o sorriso dela significa.

Uma gota do pano cai na minha boca e eu engasgo e cuspo e tusso mais.

— O que é isso? — eu digo, pressionando o pano com meus dedos e fazendo uma careta por causa do cheiro.

— Emplastro — Jane diz. — Pra febre e calafrios.

— Isso fede.

— O fedor maligno mata a febre maligna — ela diz, como se vesse me dando uma lição que todo mundo já sabe.

— Maligno? — eu digo. — A febre não é maligna. É só febre.

— Sim, e esse emplastro cura a febre.

Eu fico olhando pra ela. Ela não tira os olhos de mim e isso começa a me deixar desconfortável. É como a cara de Aaron quando ele me alfinetando, ou quando está fazendo um sermão com os punhos quando ele está pregando pra você, como se você estivesse num do qual talvez nunca vai conseguir sair.

É um olhar louco, eu percebo.

Tento bisbilhotar o pensamento dela, mas Jane não dá nenhum sinal.

— Tenho que ir — eu repito. — Muito obrigado pela comida e pelo remédio, mas eu tenho que ir.

— Ocê num pode sair no meio dessas árvores — ela diz, ainda me encarando, ainda sem piscar. — É uma floresta pirigosa, pirigosa mesmo.

— O que você quer dizer com perigosa? — eu me afasto um pouco — Tem colônias no caminho — ela diz, com os olhos ainda mais arregalados e um sorriso na boca, como se estivesse louca pra me contar. — Mais loucas do que qualquer coisa. O Ruído deixou elas selvagens. Ouvi falar de uma em que todo mundo usa máscaras pra ninguém poder ver o rosto deles. Tem outra na qual ninguém faz outra coisa a não ser cantar o dia inteiro, porque todo mundo ficou maluco. E outra onde as paredes são feitas de vidro e ninguém usa roupa, porque ninguém tem segredo no Ruído, não é mesmo?

Ela se aproxima mais de mim. Posso sentir seu bafo, que é pior do o pano, e sinto o silêncio atrás de todas essas palavras. Como pode ser? Como o silêncio pode conter tanta algazarra?

— As pessoas podem ter segredos no Ruído — eu digo. — Podem ter todo tipo de segredo.

— Deixa o minino em paz — Wilf diz.

O rosto de Jane relaxa.

— Desculpe — ela diz, um pouco contrariada.

Eu me levanto um pouco, sentindo os efeitos da comida na minha barriga e o efeito que o emplastro deve ou não estar fazendo.

A gente já está mais perto do resto da caravana, tanto que consigo ver a nuca de algumas pessoas e ouvir mais de perto o Ruído dos homens tagarelando sem parar e o silêncio das mulheres entre o Ruído, como pedras num riacho.

De vez em quando um deles, normalmente um homem, olha pra e eu sinto que eles estão me procurando, querendo ver do que eu sou feito.

— Preciso encontrar ela — eu digo.

— Sua amiga? —Jane pergunta.

— Sim. Obrigado por tudo, mas eu preciso ir.

— Mas ocê tá cum febre! E tem as outras colônias!

— Vou me arriscar — retiro o pano sujo. — Vamos, Manchee, — Ocê não pode ir — Jane diz, com os olhos mais arregalados' que nunca e com o rosto preocupado. — O exército…

— Deixa que eu me preocupo com o exército — me levanto e preparo pra saltar pra fora da carroça. Estou meio desequilibrado, isso respiro fundo algumas vezes antes de fazer qualquer movimento.

— Mas eles vão pegar ocê! — Jane diz, aumentando o tom de voz.

— Ocê é de Prentissburgo…

Eu olho pra ela, surpreso.

Jane coloca a mão na boca.

— Mulher! — Wilf grita, olhando pra gente.

— Foi sem querer — ela sussurra pra mim.

Mas já é tarde dimais. A palavra já está flutuando pela caravana de uma forma que está se tornando familiar dimais, não só a mas o que ela acarreta pra mim, o que todo mundo sabe ou pensa que sabe sobre mim, e os rostos já começam a se virar pra olhar mais atenção pra última carroça da caravana, bois e cavalos param enquanto as pessoas examinam a gente.

Rostos e Ruídos encarando a nossa carroça.

— Quem ocê tá levando aí, Wilf? — uma voz de homem pergunta.

— Um minino cum febre — Wilf responde. — Ele tá delirando não sabe o que tá dizendo.

— Ocê tem certeza disso?

— Sim, sinhô — Wilf diz. — O minino tá doente.

— Traz ele aqui — uma voz de mulher grita. — Deixa a gente ver ele.

— E se ele for um espião? — outra voz de mulher grita, mais aguda. — E se ele estiver guiando o exército na nossa direção?

— A gente num quer nenhum espião! — outro homem grita.

— O nome dele é Ben — Wilf diz. — Ele é de Farbranch. Teve pesadelos com o exército da cidade amaldissuada matando as que ele ama.

Eu tô do lado dele.

Ninguém grita nada por um minuto, mas o Ruído dos homens zumbe no ar como um enxame. Todo mundo ainda está olhando pra gente. Tento parecer mais febril e colocar a invasão de Farbranch bem iii frente do meu Ruído. Não é difícil e faz o meu coração doer.

E um longo momento passa e ninguém diz nada, mas tudo está tão tumultuado quanto uma multidão enfurecida.

E depois tudo se acalma.

Lentamente, bem lentamente, os bois e cavalos começam a se mover de novo, se distanciando da gente, as pessoas ainda olhando pra trás, mas pelo menos estão seguindo adiante. Wilf faz os bois andarem, só que mais lentos do que o resto, abrindo uma distância entre a gente e todo mundo.

— Sinto muito — Jane diz outra vez, desalentada. — Wilf me disse num contar.

Ele me disse, mas…

— Não tem problema — eu digo, querendo que ela pare de falar.

— Sinto tanto.

Com um movimento brusco Wilf para a carroça. Espera a caravana tomar uma boa distância e depois desce.

— Ninguém escuta Wilf — ele diz, talvez com um pequeno sorrisonos lábios. — Mas quando eles escuta, eles acredita em Wilf.

— Preciso ir — eu digo.

— Sim — ele diz. — Não é seguro.

— Sinto muito — Jane continua repetindo.

Salto pra fora da carroça e Manchee vem atrás de mim. Wilf pega a sacola de Viola e olha pra Jane, que entende o que ele quer. Ela enche a mão de frutas e pão e carne seca e coloca tudo na sacola.

— Obrigado — eu digo.

— Espero que ocê encontre ela — Wilf diz quando eu fecho a sacola.

— Também espero.

Wilf acena com a cabeça e volta pra carroça, fazendo os bois andarem.

— Tenha cuidado —Jane grita pra mim, no sussurro mais alto que eu já escutei. — Cuidado com os malucos.

Fico lá parado por um minuto, observando eles irem embora, ainda tossindo, ainda com febre, mas me sentindo melhor por causa da comida e talvez por causa do cheiro das raízes, e espero que Manchee consiga encontrar a trilha de novo e também começo a imaginar que tipo de boas-vindas eu vou receber se algum dia eu chegar em Paraisópolis.



29

MIL AARONS

QUANDO A gente volta pra floresta, Manchee leva um tempo, um tempo agonizante pra reencontrar o rastro, mas finalmente ele late ‘Por aqui’ e a gente segue nosso caminho outra vez.

Ele é um cachorro danado de bom, eu já disse isso?

A noite já caiu e eu ainda estou suando e ainda estou tossindo tanto que ganharia um concurso e os meus pés são só bolhas e a minha cabeça ainda está zunindo com um Ruído febril, mas minha barriga está cheia e tenho comida na sacola pra aguentar mais alguns dias e a única coisa que importa ainda está mais adiante.

— Você pode sentir o cheiro dela, Manchee? — eu pergunto, enquanto a gente tenta se equilibrar numa tábua pra atravessar um riacho. — Ela ainda tá viva?

— Cheiro de Viola — ele late, pulando na margem do rio. — Viola medo.

O que me afeta um pouco e me faz acelerar o passo. Outra meia-noite chega (vinte e dois dias?vinte e um?)e a pilha da minha lanterna acaba. Pego as pilhas de Viola, são as últimas. A noite passa e aparecem mais colinas e ladeiras, mais difíceis de subir, mais perigosas, mas a gente avança e avança, Manchee farejando, comendo a carne seca de Wilf enquanto a gente cambaleia, eu tossindo, fazendo algumas paradas curtas para descansar, normalmente me apoiando em árvores, e o sol começando nascer no topo de uma colina. É como se a gente estivesse caminhando em direção ao nascer do sol.

E é quando a luz bate em cheio no nosso rosto que eu vejo o mundo começar a brilhar.

Eu paro, segurando uma samambaia pra não perder o equilíbrio na inclinação da colina. Tudo fica confuso por um segundo e eu fecho os olhos, mas não adianta

nada e só vejo uma aquarela de cores e faíscas atrás das minhas pálpebras e o meu corpo fica mole como uma gelatina e balança com a brisa que sinto vir do topo da colina, mas quando ela passa eu não me recomponho, o mundo continua com seu brilho esquisito, como se eu tivesse acordado num sonho.

— Todd? — Manchee late, preocupado, sem dúvida por ter visto sei lá o quê no meu Ruído.

— A febre — eu digo, tossindo de novo. — Eu não deveria ter jogado aquele pano sujo fora.

Agora já era.

Pego a última cartela de analgésicos no meu kit de primeiros socorros, porque a gente tem que seguir em frente.

A gente chega no topo da colina e por um minuto todas as outras colinas na nossa frente e o rio e a estrada lá embaixo balançam pra cima e pra baixo como se estivessem em cima de um lençol que alguém estive sacudindo e eu faço o possível pra fazer essa loucura passar até que tudo se acalma o suficiente pra eu poder continuar caminhando. Manchee choraminga nos meus calcanhares. Eu quase caio quando tento coçar sua cabeça, então eu decido focar em descer a colina sem cair.

Penso de novo na faca nas minhas costas, no sangue que estava nela quando ela entrou no meu corpo e quando meu sangue se misturou com o sangue do spackle, quem sabe que coisa deve estar girando dentro de mim desde que Aaron me esfaqueou.

— Imagino se ele sabia — eu digo pra Manchee, pra mim mesmo, pra ninguém, quando a gente chega no fim da colina e eu me apoio numa árvore pra fazer o mundo parar de se mover. — Imagino se ele me matou lentamente.

— Claro que eu matei — Aaron diz, saindo de trás de uma árvore. Eu grito e me afasto dele, e balanço os braços tentando dar um tapa nele, e caio no chão e começo a recuar até que olho pra cima… Ele sumiu.

Manchee está olhando pra mim.

—Todd?

— Aaron — eu digo, e meu coração está acelerado. Tento recuperar o fôlego, mas começo a tossir sem parar.

Manchee fareja o ar de novo, fareja o chão em volta dele.

— Rastro por aqui — ele late, pulando.

Eu olho em volta, tossindo, o mundo ficando cheio de pontinhos e ondas.

Nenhum sinal dele, nenhum outro Ruído além do meu, nenhum silêncio de Viola. Fecho os olhos de novo.

Eu sou Todd Hewitt, eu penso, no meio do redemoinho. Eu sou Todd Hewitt.

Com os olhos fechados, tento encontrar a garrafa de água e tomo um gole, e mastigo um pedaço do pão de Wilf. Só então abro meus olhos de novo.

Nada.

Nada além de árvores e outra colina pra escalar.

E a luz do sol que brilha.

A manhã passa e no fim de outra colina vejo outra colina e outro riacho.

Encho as garrafas de água e tomo alguns goles.

Me sinto mal, não tenho dúvida disso, minha pele está formigando e às vezes eu tremo e às vezes eu suo e às vezes a minha cabeça pesa uma tonelada. Me inclino sobre o riacho e jogo a água fria no meu rosto. Depois me sento e vejo a imagem de Aaron refletida na água.

— Assassino — ele diz, com um sorriso no rosto rasgado. Dou um pulo pra trás, tentando pegar a faca (sentindo a dor entre os meus ombros de novo), mas quando olho pra cima ele não está lá e Manchee não para de caçar peixes.

— Vou te encontrar — eu digo pro ar, que se agita num vento mais forte.

A cabeça de Manchee sai da água.

—Todd?

— Vou te encontrar nem que seja a última coisa que eu faça.

— Assassino — escuto de novo, sussurrado com o vento.

Me deito por um segundo, respirando pesado, tossindo, mas mantendo meus olhos abertos. Volto ao riacho e jogo tanta água fria no meu corpo que o meu peito dói.

Me levanto e a gente segue nosso caminho.

A água fria funciona por algum tempo e a gente consegue passar por mais algumas colinas até que o sol chega ao meio-dia no céu com um brilho tosco. Quando as coisas começam a vibrar de novo, eu paro pra gente comer.

— Assassino — escuto nos arbustos ao nosso redor e de novo em outra parte da floresta: — Assassino — e de novo em outro lugar: — Assassino.

Eu já nem olho, simplesmente continuo comendo.

É só o sangue do spackle, eu digo pra mim mesmo. Só a febre e o enjoo, é só isso.

— É só isso? — Aaron diz do outro lado da clareira. — Se é só isso que eu sou, por que você está me perseguindo com tanta determinação?

Ele está usando a túnica de domingo e seu rosto está curado, como se ele estivesse de volta em Prentissburgo, com as mãos cruzadas, como se estivesse pronto pra guiar a gente numa oração, e ele está brilhando sob a luz do sol e ele está sorrindo pra mim.

Aquele sorriso malvado que eu conheço tão bem.

— O Ruído conecta todos nós, jovem Todd — ele diz, com a voz escorregadia e brilhante como uma cobra. — Se um de nós cair, todos nós cairemos.

— Você não está aqui — eu digo, travando os dentes.

— Aqui, Todd — Manchee late.

— Não estou? — Aaron diz e desaparece num clarão.

Meu cérebro sabe que esse Aaron não é real, mas meu coração não se importa e está pulando no meu peito como um cavalo corrida. É difícil recuperar o fôlego e eu perco mais tempo esperando conseguir me levantar e continuar caminhando enquanto a tarde passa.

A comida está ajudando, graças a Wilf e sua mulher maluca, mas algumas vezes a gente não consegue ir muito rápido e caminha cambaleando.

Começo a ver Aaron pelo canto do olho quase o tempo todo, escondido atrás de árvores, escorado em rochas, parado no topo de um penhasco, mas eu desvio o olhar e continuo cambaleando adiante.

E então, no topo de uma colina, eu vejo a estrada cruzar o rio de novo lá embaixo. A paisagem está se movendo de uma forma que me deixa enjoado, mas definitivamente posso ver uma ponte lá embaixo, levando a estrada pro outro lado, portanto não há nada entre o rio e eu.

Penso por um minuto naquele outro caminho da bifurcação que a gente nunca tomou em Farbranch. Imagino onde aquela estrada está no meio de toda esta imensidão. No topo da colina, olho pra minha esquerda, mas só vejo árvores até a linha do horizonte e mais colinas que se movem de uma forma que não deveriam. Tenho que fechar meus olhos por um minuto.

A gente desce bem lentamente, lentamente dimais, o rastro nos levando pra perto da estrada e em direção à ponte, uma ponte bem deteriorada com um corrimão. A água se acumulou onde a estrada se une à ponte, enchendo ela de poças de lama.

— Ele atravessou o rio, Manchee? — coloco minhas mãos nos joelhos pra recuperar o fôlego e tossir.

Manchee fareja o chão como um louco, atravessando a estrada, voltando de novo, indo até a ponte e voltando pro lugar onde eu estou.

— Cheiro de Wilf — ele late. — Cheiro de carroça.

— Estou vendo o rastro dele — eu digo, esfregando o rosto com as mãos. — E Viola?

— Viola! Por aqui — Manchee late.

Ele sai da estrada, seguindo o rio deste lado.

— Que cachorro bom — eu digo, tentando respirar.

Sigo Manchee, passando por galhos e arbustos, com o rio do m lado direito, mais próximo de mim do que antes.

E eu encontro uma colônia.

Começo a tossir, surpreso.

Foi destruída.

As construções, oito ou dez, são puro carvão e cinzas e não há iii.

sussurro de Ruído em nenhum lugar.

Por um segundo eu penso que o exército passou por aqui, m depois vejo plantas crescendo nas construções queimadas e não estava saindo nenhuma fumaça de lugar nenhum e o vento passa como se apenas os mortos morassem aqui. Olho em volta e vejo algum poucas docas antigas no rio, bem abaixo da ponte, um solitário barco velho batendo na doca por causa da corrente e outros barcos meio afundados e meio cravados na margem do rio ao longo do que deve ter sido um moinho antes de se transformar numa pilha de madeira queimada.

Tudo está frio e morto há muito tempo e aqui está mais um lugar no Novo Mundo que nunca chegou a ser uma fazenda de subdivisão.

E eu dou mais uma olhada e no centro da colônia está Aaron.

Seu rosto voltou a ser como quando os crocodilos o dilaceraram, metade rasgado e a língua estendida pra fora do buraco na sua bochecha.

E ele ainda está rindo.

— Junte-se a nós, jovem Todd — ele diz. — A igreja está sempre aberta.

— Eu vou te matar — eu digo, o vento roubando as minhas palavras, mas eu sei que ele pode me ouvir porque eu consigo ouvir tudo o que ele está dizendo.

— Não vai não — ele diz, dando um passo pra frente, os punhos fechados ao lado do corpo. — Porque eu sei que você não é um assassino de verdade, Todd Hewitt.

— Espere pra ver — eu digo, minha voz soando estranha e metálica.

Ele sorri de novo, os dentes aparecendo na lateral do rosto, e num piscar de olhos ele está parado bem na minha frente. Ele coloca as mãos dilaceradas na abertura da túnica e abre o suficiente pra mostrar o peito nu.

— Aqui está sua chance, Todd Hewitt, de provar da Árvore do Conhecimento — sua voz entra profundamente na minha cabeça. — Me mate.

O vento está me fazendo tremer, mas sinto calor e suor ao mesmo tempo e não consigo respirar mais do que um terço de ar nos meus pulmões, e a minha cabeça está começando a doer de um jeito que a comida não está ajudando e sempre que eu olho muito rápido pra algum lugar tudo o que eu vejo tem que se ajustar até ficar no lugar certo.

Travo meus dentes.

Provavelmente estou morrendo.

Mas ele vai primeiro.

Coloco a mão nas minhas costas, ignorando a dor entre os meus ombros, e retiro a faca da bainha. Seguro a faca na minha frente. Está brilhante com sangue fresco e cintilando sob a luz do sol, mesmo eu estando na sombra.

Aaron dá um sorriso mais aberto do que seu rosto aguenta e aproxima seu peito de mim.

Eu levanto a faca.

— Todd? — Manchee late. — Faca, Todd?

— Vá em frente, Todd — Aaron diz e eu juro que sinto o cheiro da escuridão nele. — Faça a passagem da inocência ao pecado. Se você puder.

— Eu já fiz isso — eu digo. — Eu já matei.

— Matar um spackle não é a mesma coisa que matar um homem — ele diz, rindo da minha estupidez. — Os spackles são demônios que foram colocados aqui pra nos testar. Matar um deles é como matar uma tartaruga — ele arregala os olhos. — Só que você não consegue fazer isso também, não é mesmo?

Eu agarro a faca com forca e solto um som raivoso e o mundo treme.

Mas a faca se mantém parada no ar.

Ouço um som borbulhante e um sangue grudento jorra do rasgo no rosto de Aaron e eu percebo que ele está rindo.

— Levou muito, muito tempo pra ela morrer… — ele sussurra.

E eu grito de dor…

E eu levanto a faca mais alto…

E eu miro o coração dele…

E ele ainda está sorrindo…

E eu abaixo a faca…

E enfio a faca bem no peito de Viola.

— Não! — eu digo, no segundo que já é tarde dimais.

Ela olha pra faca e olha pra mim. Seu rosto está cheio de dor e u Ruído confuso jorra de dentro dela igual ao spackle que eu…

(que eu matei)

E ela olha pra mim com lágrimas nos olhos e abre a boca e diz —



Assassino.

E quando eu tento tocá-la ela desaparece num clarão.

E a faca, livre de todo o sangue, ainda está na minha mão.

Eu caio de joelhos e me arremesso pra frente e deito no chão i colônia incendiada, respirando e tossindo e chorando e gemendo, enquanto o mundo se derrete tanto ao meu redor que nem pare mais sólido.

Eu não posso matar ele.

Eu quero. Eu quero tanto. Mas não posso.

Porque isso não sou eu e porque eu perderia ela.

Não posso. Não posso, não posso, não posso.

Me entrego à luz e desapareço por um tempo.

É o bom e velho Manchee, meu amigo mais verdadeiro, que me acorda lambendo meu rosto e uma palavra preocupada murmurada sã do Ruído dele e do lamento dele.

— Aaron — ele está gritando, quieto e tenso. — Aaron.

— Deixa pra lá, Manchee.

— Aaron — ele choramingou, me lambendo.

— Ele não está aqui de verdade — eu digo, tentando me sentar. — É só uma coisa…

É só uma coisa que Manche não consegue ver.

— Onde está ele? — eu digo, levantando rapidamente, fazendo tudo girar em um rosa - choque e laranja. Eu recuo ao ver o que está me esperando.

Vejo cem Aarons em cem lugares diferentes, todos parados ao meu redor. Tem Violas também, assustadas e me pedindo ajuda, e spackles com a minha faca saindo do peito deles e todos eles estão falando ao mesmo tempo, todos estão falando comigo em um rugido de vozes.

— Covarde — eles estão dizendo. Todos eles. — Covarde — repetidamente.

Mas eu não seria um garoto de Prentissburgo se não conseguisse ignorar



o Ruído.

— Onde, Manchee? — eu digo, me levantando, tentando não ver como tudo está se inclinando e deslizando.

— Por aqui — ele late. — Pelo rio.

Eu sigo Manchee pela colônia incendiada.

A gente passa pelo que deve ter sido a igreja, e eu não olho pra ela e Manchee sai correndo por um pequeno penhasco e o vento está uivando cada vez mais e as árvores estão se curvando e eu acho que não é exatamente como eu estou vendo e Manchee tem que latir mais alto pra chamar minha atenção.

— Aaron! — ele late, farejando o ar. — Contra o vento.




Covarde
Covarde
Covarde


Covarde
Covarde
Covarde



30

UM GAROTO CHAMADO TODD

—O que a gente vai fazer? — diz o garoto, espiando sobre meu ombro.

Eu tiro a cabeça da água fria do rio e deixo a água escorrer pelas minhas costas. Saí tropeçando do penhasco, me arrastando pelas multidões que me chamam de covarde, e cheguei até a margem do rio e enfiei minha cabeça inteira no rio e agora a água fria está me fazendo tremer violentamente, mas também está acalmando o mundo. Eu sei que não vai durar muito, sei que a febre e a infecção causada peio sangue do spackle vencerão no final, mas por agora precisarei ver as coisas da forma mais clara possível.

— Como a gente vai chegar até eles? — o garoto pergunta, se movendo pro meu outro lado. — Ele vai ouvir o nosso Ruído.

A tremedeira me faz tossir, tudo me faz tossir e eu cuspo um monte de secreção verde que sai dos meus pulmões, mas depois prendo a respiração e enfio minha cabeça na água de novo.

A água fria parece um martelo, mas eu mantenho a cabeça lá embaixo, escutando o borbulhar da água que passa e os latidos sem palavras de um Manchee preocupado que pula em volta dos meus pés. Posso sentir o curativo se soltar da minha cabeça e ser levado pela corrente. Penso em Manchee se livrando do curativo que estava no rabo dele numa parte diferente do rio, e esqueço e começo a rir debaixo da água.

Levanto a cabeça, engasgando e sufocando e tossindo mais.

Abro meus olhos. O mundo brilha de uma forma esquisita e eu vejo todo tipo de estrela, mesmo o sol ainda estando alto, mas pelo menos o chão parou de flutuar e todo o excesso de Aarons e Violas e spackles se foi.

— A gente pode realmente dar conta disso sozinho? — o garoto pergunta.

— A gente não tem escolha eu digo pra mim mesmo.

E me viro pra olhar pro garoto.

Ele tem uma mochila, uma camiseta marrom, como a minha, nenhuma cicatriz na cabeça, uma mochila nas costas, um livro em uma das mãos e uma faca na outra. Estou tremendo de frio, mas tremer é a única coisa que eu posso fazer pra suportar, mas eu respiro e tusso e tremo e olho pra ele.

— Vamos, Manchee — eu digo e atravesso a colônia incendiada de novo, voltando pro penhasco. Só caminhar já é difícil, como se o chão pudesse ceder a qualquer minuto, porque eu peso mais do que uma montanha, porém menos do que uma pluma, mas estou caminhando, continuo caminhando, mantendo o penhasco à vista, estou chegando lá, estou dando os primeiros passos pra subir, estou dando os próximos passos, estou agarrando arbustos pra pegar impulso, estou chegando ao topo, estou me recostando numa árvore no topo, e estou observando.

— É ele mesmo? — diz o garoto atrás da minha orelha.

Tento dar uma olhada no meio das árvores, mirando o rio lá embaixo.

E ainda existe um acampamento na margem do rio, tão longe que são só manchas sobre outras manchas. Ainda estou com a sacola de Viola nos ombros e pego o binóculo e coloco sobre meus olhos, mas estou tremendo tanto que é difícil conseguir uma imagem clara. Eles estão tão longe que o vento está cobrindo o Ruído dele, mas tenho certeza de que posso sentir o silêncio dela lá embaixo.

Tenho certeza.

— Aaron — Manchee diz. — Viola.

Agora eu sei que não é uma alucinação e no meio da tremedeira posso ver que ele ainda está agachado, fazendo alguma prece, e Viola está deitada no chão em frente a ele.

Não sei o que está acontecendo. Não sei o que ele está fazendo.

Mas são eles mesmos.

Depois de toda essa caminhada e tropeços e tosse e morte, realmente são eles, juro que são eles mesmos.

Pode ser que eu não tenha chegado atrasado e é só quando meu peito infla e minha garganta fecha que eu percebo que o tempo todo eu achava que já era tarde dimais.

Mas não era.

Me encolho de novo e (cala a boca) choro, choro, estou chorando, mas tem que passar porque eu tenho que pensar num plano, tenho que pensar num plano, agora depende de mim, só de mim, tenho que dar um jeito, tenho que salvar Viola, tenho que salvar…

— O que a gente vai fazer? — o garoto pergunta de novo, parado um pouco distante de mim, o livro ainda em uma das mãos, a faca na outra.

Coloco as palmas das minhas mãos sobre meus olhos e esfrego com força, tentando pensar direito, tentando me concentrar, tentando não escutar…

— E se este for o sacrifício? — diz o garoto.

Eu levanto o olhar.

— Que sacrifício?

— O sacrifício que você viu no Ruído dele — ele diz. — O sacrifício de…

— Por que ele faria isto aqui? Por que ele viria tão longe e pararia no meio de uma floresta idiota pra fazer isto aqui?

A expressão do garoto não muda.

— Talvez ele tenha que fazer isto antes dela morrer — ele diz.

Eu dou um passo pra frente e quase me desequilibro.

— Morrer de quê? — pergunto, com a voz rápida e a cabeça doendo e zunindo de novo.

— Medo — diz o garoto, dando um passo pra trás. — Decepção.

Desvio o olhar.

— Não vou ficar ouvindo essa baboseira.

— Ouvindo, Todd? — Manchee late. — Viola, Todd. Por aqui.

Me apoio de novo na árvore. Tenho que pensar. Tenho que pensar agora mesmo.

— A gente não pode se aproximar — eu digo, com a voz grossa.

— Ele ouviria a gente se aproximando.

— Ele vai matar ela se ouvir a gente — diz o garoto.

— Não estou falando com você — tusso um pouco mais de catarro, o que faz a minha cabeça girar, o que me faz tossir mais. — Estou falando com o meu cachorro — finalmente desembucho.

— Manchee — Manchee diz, lambendo a minha mão.

— E eu não posso matar ele.

— Você não pode matar ele — diz o garoto.

— Mesmo se eu quiser.

— Mesmo se ele merecer.

— Então tem que ter outro jeito.

— Isso se ela não ficar assustada dimais quando olhar pra você.

Olho pra ele de novo. Ainda está lá, ainda com o livro, a faca e a mochila.

— Você tem que ir embora — eu digo. — Você tem que ir pra longe de mim e nunca mais voltar.

— Provavelmente já é tarde dimais pra salvar ela.

— Você é um inútil — eu digo, levantando a voz.

—Mas eu sou um assassino — ele diz, e a faca está cheia de sangue.

Fecho meus olhos e travo meus dentes. — Fique pra trás — eu digo. — Estou mandando.

— Manchee? — Manchee late.

Abro meus olho . O garoto não está lá.

— Não é você, Manchee — eu digo, passando a mão nas orelhas dele.

Depois olho pra ele.

— Não é você.

E estou pensando. No meio das nuvens e dos redemoinhos e dos brilhos e das luzes e das dores e dos zumbidos e das tremedeiras e das tosses, estou pensando.

E estou pensando.

Passo a mão nas orelhas do meu cachorro, meu bendito cachorro estúpido e fantástico que eu nunca quis, mas que sempre esteve por perto e me seguiu pelo pântano, mordeu Aaron quando ele estava tentando me sufocar e encontrou Viola quando ela estava perdida e que está lambendo a minha mão com sua pequena língua rosada e com o olho ainda meio fechado por causa do chute que o Sr. Prentiss Jr. deu nele, seu rabo está bem mais curto por causa do corte causado por Matthew Lyle quando o meu cachorro correu atrás de um homem com um facão pra me salvar, e que está no lugar certo quando eu preciso de alguém pra me ajudar a sair da escuridão na qual eu entrei e que me diz quem eu sou sempre que eu esqueço.

— Todd? — ele murmura, enfiando o rosto na minha mão e batendo a pata traseira no chão.

— Tive uma ideia — eu digo.

— E se não funcionar? — diz o garoto, atrás de uma árvore.

Eu ignoro e pego o binóculo de novo. Ainda tremendo, encontro o acampamento de Aaron mais uma vez e olho pra área em volta. Eles estão perto da margem do rio e tem uma árvore ramificada bem ao lado, descolorida e sem folhas, como se tivesse sido atingida por um raio.

Vai servir.

Guardo o binóculo e coloco a cabeça de Manchee entre as minhas duas mãos.

— A gente vai salvar ela — eu digo pro meu cachorro. — Nós dois.

— Salvar ela, Todd — ele late, balançando o rabinho.

— Não vai funcionar — diz o garoto, ainda escondido.

— Então é melhor você ficar aqui.— eu digo pro ar, no meio de uma tosse, enquanto envio fotos de Ruído pro meu cachorro pra dizer o que ele precisa fazer. — É simples, Manchee. É só correr sem parar.

— Correr sem parar! — ele late.

— Bom garoto — passo a mão nas orelhas dele de novo. — Bom garoto.

Fico de pé e começo a caminhar, deslizando e tropeçando pelo pequeno penhasco até a colônia incendiada. Sinto uma pancada na minha cabeça, como se eu pudesse ouvir meu sangue envenenado pulsar, e o mundo inteiro palpita com ele. Quando fecho minhas mãos com bastante força, as luzes brilhantes não são tão ruins e tudo meio que fica em seu lugar.

A primeira coisa que eu preciso é de um graveto. Manchee e eu vasculhamos as construções incendiadas, procurando um graveto do tamanho ideal. Quase tudo está preto e destruído, mas este vai servir.

— Efe aqui, Toid? Manchee diz, usando a boca pra puxar um graveto debaixo do que parece uma pilha de cadeiras. O graveto é quase metade do tamanho dele. Minha nossa, o que aconteceu com este lugar?

— Perfeito — eu pego o graveto da boca de Manchee.

— Isto não vai funcionar — o garoto diz, se escondendo num canto escuro.

Posso ver o brilho da faca em uma de suas mãos. — Você não vai salvar ela.

— Vou sim — retiro algumas farpas grandes do graveto. Só uma das extremidades está preta como carvão, mas é exatamente isso que eu quero.

— Você consegue carregar isso? — eu pergunto pra Manchee, segurando o graveto.

Ele coloca o graveto na boca, ajeitando pra ficar confortável, e depois late: Sim!

— Ótimo — eu me levanto e quase caio. — Agora a gente precisa de um fogo.

— Você não pode fazer um fogo — o garoto diz, já do lado de fora, esperando a gente. — A caixa de fazer fogueira de Viola está quebrada.

— Você não sabe de nada — eu digo, sem olhar pra ele. — Ben me ensinou.

— Ben está morto — diz o garoto.

— Uma ma-a-nhã bem cedo — eu canto, alto e claro, fazendo as formas giratórias do mundo ficarem cintilantes e estranhas, mas continuo cantando.

— Quando o sol acaba-a-va de na-as-cer.

— Você não é forte o suficiente pra fazer um fogo.

— Ouvi uma donzela gritar no va-a-le lá embaixo — encontro um pedaço de madeira longo e plano e uso a faca pra talhar um pequeno furo. — Oh não me enga-a-ne — talho uma extremidade redonda em outro graveto menor. — Oh nunca me abando-o-ne.

— Como você poderia fazer isso com uma pobre donzela? — o garoto finaliza a estrofe.

Eu ignoro. Coloco a extremidade arredondada do graveto no pequeno furo e começo a girar com minhas mãos, pressionando bem forte pra dentro da madeira. Esse ritmo se junta às pancadas na minha cabeça e eu começo a me ver na floresta com Ben, quando a gente apostava corrida pra ver quem conseguia o primeiro sinal de fumaça. Ele sempre ganhava e na maioria das vezes eu não conseguia nenhum tipo de fogo. Mas aquilo foi no passado.

Aquilo foi no passado.

— Vamos — eu digo pra mim mesmo. Estou suando e tossindo e debilitado, mas obrigo minhas mãos a continuarem girando. Manchee está latindo pra madeira pra tentar me ajudar.

E então um pouco de fumaça surge de dentro do furo.

— A-há! — eu grito, protegendo a fumaça do vento com minha mão e soprando pra não apagar. Uso um pouco de musgo seco pra ajudar a aumentar o fogo e, quando a primeira chama aparece, é o momento mais feliz pra mim desde sei lá quanto tempo. Jogo alguns pequenos gravetos no fogo e espero eles queimarem, depois jogo uns gravetos maiores e logo, logo surge um fogo de verdade bem na minha frente. Um fogo de verdade.

Deixo queimar por um minuto. Estou contando com o fato de que a gente vai estar a favor do vento pra que Aaron não veja a fumaça.

E estou contando com o vento por outros motivos também.

Ando com dificuldade até a margem do rio, me apoiando em troncos de árvores pra não cair até chegar na doca.

— Vamos, vamos — eu digo, tentando respirar, enquanto me ajeito pra caminhar sobre a doca, que faz um rangido sob os meus pés e eu quase caio dentro do rio, mas finalmente consigo chegar até o barco que ainda está atado.

— Vai afundar — diz o garoto, parado dentro do rio com água até os joelhos.

Eu pulo pra dentro do pequeno barco e depois de muito cambalear e muita tosse, consigo ficar de pé. O barco é instável e estreito e velho. Mas flutua.

— Você não sabe pilotar um barco.

Eu saio do barco e atravesso a doca, voltando pra colônia, e começo a procurar um pedaço de madeira plano o suficiente pra usar como remo.

E é tudo o que eu preciso.

A gente está pronto.

O garoto está parado lá, segurando as minhas coisas uma em cada mão, com a mochila nas costas, com uma expressão vazia no rosto, sem nenhum Ruído que eu consiga ouvir.

Eu encaro ele. Ele não diz nada.

— Manchee? — eu grito, mas ele já está nos meus calcanhares.

— Aqui, Todd!

— Bom garoto — vamos até o fogo. Eu pego o graveto que ele encontrou e coloco a ponta já queimada dentro dele. Depois de um minuto, a ponta fica quente, e vermelha e cheia de fumaça, e as chamas começam a passar para a outra madeira. — Você tem certeza de que pode segurar isso? — eu pergunto.

Ele coloca na boca a ponta que não está queimando e lá está ele, o melhor cachorro do universo, pronto pra levar o fogo para o inimigo.

— Pronto, amigão? — eu pergunto.

— Fronto, Todd! — ele diz, com a boca cheia, se mexendo tanto que eu só vejo um borrão.

— Ele vai matar Manchee — o garoto diz.

Eu fico de pé e o mundo começa a girar e brilhar. Mal consigo controlar meu corpo, meus pulmões tossem pedaços dele mesmo, minha cabeça lateja, minhas pernas tremem, meu sangue ferve, mas fico de pé.

Fico de pé de qualquer jeito.

— Eu sou Todd Hewitt — eu digo pro garoto. — E vou deixar você aqui.

— Você nunca poderá fazer isso — ele diz, mas já estou olhando pra Manchee e dizendo: ‘Vá em frente, garoto’, e ele sobe o penhasco e vai pro outro lado com o graveto em chamas na boca, e eu conto até cem, bem alto, pra não escutar ninguém falar mais nada, e depois conto até cem de novo e é o suficiente, e eu corro o mais rápido possível até a doca e entro no barco e coloco o remo sobre o meu colo e uso a faca pra cortar a última corda desgastada que ainda mantém o barco preso.

— Você não poderá nunca me deixar pra trás — o garoto diz, parado na doca, com o livro em uma das mãos e a faca na outra.

— Veja se não posso — eu digo e ele vai ficando menor e menor sob a luz cintilante e desbotada, enquanto o barco se afasta da doca e começa a descer o rio.

Em direção a Aaron.

Em direção a Viola.

Em direção ao que está me esperando lá embaixo.



31

A PUNIÇÃO DOS SÓRDIDOS

EM BARCOS em Prentissburgo, mas não me lembro de ninguém alguma vez ter usado eles. A gente tem o rio, claro, esse mesmo rio T que está me sacudindo pra frente e pra trás, mas a nossa parte do rio é rochosa e rápida e, quando ela finalmente desacelera e se expande, a única área de paz é um brejo cheio de crocodilos. Depois disso é só um pântano cheio de árvores. Por isso eu nunca estive num barco e mesmo parecendo fácil remar pelo rio, não é mesmo.

O pouquinho de sorte que eu tenho é que o rio aqui é bastante calmo, apesar de alguns respingos causados pelo vento, O barco é levado pela corrente sem eu ter que fazer nada, então concentro todos os meus esforços em tentar evitar que o barco gire.

Levo alguns minutos pra pegar o jeito.

— Droga — eu digo, baixinho. — Que coisa danada de difícil.

Mas depois de alguns respingos com o remo (e um ou dois giros completos, cala a boca), começo a descobrir como manter o barco mais ou menos apontado na direção certa e, quando levanto a vista, percebo que provavelmente já estou na metade do caminho.

Engulo em seco e tremo e tusso.

Este é o plano (provavelmente não é um plano muito bom, mas é tudo o que o meu cérebro cintilante e brilhante permitirá): Manchee levará o graveto em chamas no sentido contrário ao vento e o deixará em algum lugar pra pegar fogo e fazer Aaron pensar que eu montei meu próprio acampamento. Depois Manchee voltará correndo pro acampamento de Aaron, latindo desesperadamente, fingindo me avisar que encontrou Aaron.

É simples, já que ele só terá que latir o meu nome, coisa que ele já faz o tempo todo. Aaron perseguirá Manchee. Aaron tentará matar Manchee.

Manchee será mais rápido (corra sem parar, Manchee, corra sem parar).

Aaron verá a fumaça. Aaron, que não tem nem um pouco de medo de mim, entrará na floresta em direção à fumaça pra acabar comigo de uma vez por todas. Eu seguirei a corrente, vou me encostar na margem do rio ao lado do acampamento dele enquanto ele está no bosque me procurando e resgatarei Viola. Buscarei Manchee lá também, quando ele der a volta, fugindo de Aaron (corra sem parar).

Sim, é isso, esse é o plano.

Eu sei.

Eu sei, mas se não funcionar vou ter que matar ele.

E se chegarmos a esse ponto, não importa o que eu me tornei e não importa o que Viola pensa.

Não importa.

Terá que ser assim e, portanto, eu terei que dar conta do recado.

Pego a faca.

A lâmina ainda tem sangue seco espalhado em alguns pontos, meu sangue e o sangue do spackle, mas o resto ainda brilha, cintilando, cintilando. A ponta sobressai como um polegar feio, e as serras ao longo de um dos lados brotam como dentes que rangem e a extremidade da lâmina pulsa como uma veia cheia de sangue.

A faca está viva.

Enquanto eu seguro ela, enquanto eu uso ela, a faca vive, vive pra tirar vidas, mas ela tem que ser comandada, ela tem que me ter pra eu ordenar que ela mate, e ela quer, ela quer enterrar e golpear e cortar e esfaquear e cinzelar, mas eu tenho que querer também, minha vontade tem que se unir à vontade dela.

Eu sou quem permite e eu sou o responsável.

Mas o fato de a faca querer torna tudo mais fácil.

Se chegar na hora H, será que eu vou falhar?

— Não — sussurra a faca.

— Sim — sussurra o vento no rio.

Uma gota de suor cai da minha testa em cima da lâmina e a faca é só uma faca de novo, só uma ferramenta, só um pedaço de metal na minha mão.

Só uma faca.

Coloco a faca no chão do barco.

Estou tremendo de novo. Tusso mais catarro. Olho pra cima e ao meu redor, ignorando o balançar do mundo e deixando o vento me acalmar. O rio está começando a fazer uma curva e eu continuo flutuando nele.

Aí vem, eu penso. Não tem mais volta.

Olho pras árvores à minha esquerda.

Meus dentes estão rangendo.

Ainda não vejo nenhuma fumaça.

Vamos, garoto, esta é a próxima coisa que tem que acontecer.

E nenhuma fumaça.

E nenhuma fumaça.

E o rio está se curvando mais.

Vamos, Manchee.

E nenhuma fumaça.

E meus dentes rangem, rangem, rangem. Me aconchego nos meus braços…

E fumaça! Os primeiros pequenos sopros de fumaça, subindo como bolas de algodão um pouco mais abaixo no rio.

Que cachorro danado de bom, eu penso, travando meus dentes. Que cachorro danado de bom.

O barco começa a ir pro meio do rio e eu tenho que remar o melhor que posso pra levá-lo de volta pra margem do rio.

Estou tremendo tanto que mal consigo segurar o remo.

O rio está se curvando mais.

E lá está a árvore partida, a árvore que foi atingida por um raio, surgindo à minha esquerda.

O sinal que eu já estou quase lá.

Aaron estará logo depois dela.

Aí vem.

Eu tusso e suo e tremo, mas não solto o remo. Remo um pouco mais, mais perto da margem. Se Viola não conseguir correr por qualquer motivo, vou ter que atracar pra buscá-la.

Mantenho meu Ruído o mais vazio possível, mas o mundo está se fechando em dobras de luz e brilho, portanto não tem nenhuma chance d'eu conseguir fazer isso. Vou ter que torcer pra que o vento esteja zunindo alto o suficiente e que Manchee…

— Todd! Todd! Todd! — escuto ao longe. Meu cachorro, latindo meu nome pra despistar Aaron. — Todd! Todd! Todd!

O vento está me impedindo de ouvir o Ruído de Aaron, portanto eu nem sei se o plano está funcionado, mas já estou passando pela árvore partida e agora não tem volta…

— Todd! Todd!

Vamos, vamos…

A árvore partida está passando…

Eu me agacho dentro do barco…

— Todd! Todd! — ficando mais fraco, se Galhos quebrados…

E então eu escuto ‘TODD HEWITT!!’ em um rugido tão alto quanto o de um leão…

Como um leão que está se movendo…

— Vamos — eu sussurro pra mim mesmo —, vamos, vamos, vamos…

Minhas mãos fechadas tremem em volta do remo e…

Faço a curva e…

Passo pela árvore e…

O acampamento está chegando e…

Lá está ela.

Lá está ela.

Aaron se foi e lá está ela.

Deitada no chão no meio do acampamento.

Sem se mexer.

Meu coração acelera e eu tusso sem sequer perceber e eu digo ‘Por favor, por favor, por favor’ bem baixinho, e remo o barco furiosamente e aproximo o barco cada vez mais da margem do rio e fico de pé e pulo na água e caio, mas agarro a frente do barco e ‘por favor, por favor, por favor’, e me levanto e arrasto o barco o suficiente na margem e solto e corro e tropeço e corro até Viola, Viola, Viola…

— Por favor — eu digo enquanto corro, meu peito apertando e tossindo e doendo. — Por favor Chego e lá está ela. Seus olhos estão fechados e sua boca está um pouco aberta e eu coloco a minha cabeça sobre seu peito, calando o zumbido do meu Ruído e o grito do vento e o latido e os gritos do meu nome vindos do bosque.

— Por favor — eu sussurro.

E bum, bum.

Ela está viva.

— Viola — eu sussurro ferozmente. Começo a ver pontos cintilantes diante dos meus olhos, mas ignoro. — Viola!

Sacudo seus ombros e coloco seu rosto na minha mão e sacudo de novo.

— Acorde — eu sussurro. — Acorde, acorde, acorde! Não sei se consigo carregar ela. Estou tremendo dimais e sem equilíbrio e sem força.

Mas, se eu tiver que carregar ela, vou dar um jeito.

— Todd! Todd! Todd! — escuto Manchee latir no meio da floresta.

— Todd Hewitt! — escuto Aaron gritar enquanto persegue meu cachorro.

E então eu escuto perto de mim: — Todd?

— Viola? — eu digo e minha garganta está se fechando e meus olhos estão ficando embaçados.

Mas ela está olhando pra mim.

— Você não está com uma cara muito boa — ela diz, a voz gaguejando e os olhos sonolentos. Percebo um hematoma sob seus olhos e meu estômago aperta de raiva.

— Você tem que levantar — eu sussurro.

— Ele me drogou… — ela diz, fechando os olhos.

— Viola? — eu digo, sacudindo ela de novo. — Ele vai voltar, Viola.

Temos que sair daqui.

Não consigo escutar mais nenhum latido.

— Temos que ir — eu digo. — Agora!

— Me sinto pesada demais — ela diz, mesclando as palavras.

— Por favor, Viola — eu digo e estou quase implorando. — Por favor.

Ela pisca e abre os olhos.

Ela olha pra mim.

— Você veio me salvar.

— Eu vim — eu digo, tossindo.

— Você veio me salvar — ela repete, fazendo uma careta.

E de repente Manchee vem correndo do meio dos arbustos, latindo meu nome como se sua vida dependesse disso.

— TODD! TODD! TODD! — ele grita, correndo e passando por nós.

— Aaron! Vindo! Aaron!

Viola solta um grito e com um empurrão que quase me derruba ela se levanta e me segura e a gente se apóia um no outro e eu consigo apontar pro barco.

— Lá! — eu digo, tentando recuperar o fôlego.

E a gente corre…

Atravessando o acampamento…

Em direção ao barco e ao rio…

Manchee correndo na frente e saltando na frente do barco…

Viola tropeçando na minha frente…

E a gente está a cinco…

Quatro…

Três passos…

E Aaron sai de dentro da floresta atrás da gente…

Seu Ruído está tão alto que eu nem preciso olhar…

— TODD HEWITT!!

E Viola chegou ao barco e está entrando…

E dois passos…

E um…

E eu chego e empurro com toda a minha força pra colocar o barco de volta no rio…

E — TODD HEWITT!

E ele está se aproximando…

E o barco não se move…

— EU VOU PUNIR VOCÊ, SEU SÓRDIDO!

E mais próximo…

E o barco não sai do lugar…

E o Ruído dele está me atingindo mais forte do que um soco…

E o barco se move…

Passo a passo e meu pé está na água e o barco está se movendo…

E eu estou caindo…

E não tenho forças pra entrar no barco…

E estou caindo na água enquanto o barco se distancia…

E Viola agarra a minha camiseta e me levanta até que minha cabeça e meus ombros alcançam a frente do barco…

— NÃO SE ATREVA! — Aaron ruge…

E Viola grita enquanto me puxa de novo e eu já estou quase dentro do barco…

E Aaron está na água…

E está agarrando o meu pé…

— Não! Viola grita e me agarra, puxando com toda a sua força…

E eu fico suspenso no ar…

E o barco para…

E o rosto de Viola se contorce com o esforço…

Mas é um cabo de guerra que só Aaron pode ganhar…

E depois eu escuto ‘TODD!’ latido em uma voz tão feroz que eu imagino por um minuto se um crocodilo saiu debaixo da água…

Mas é Manchee…

É Manchee…

É o meu cachorro, meu cachorro, meu cachorro e ele dá um, salto passando por Viola e eu sinto suas patas pularem sobre as minhas costas e ele se lança em cima de Aaron com um resmungo e um uivo e um ‘TODD!’ e Aaron dá um grito de dor…

E solta o meu pé.

Viola cai pra trás, mas não me solta e eu entro no barco trombando em cima dela.

O impulso faz o barco adentrar mais o rio.

O barco está começando a se afastar.

Minha cabeça inclina e gira enquanto eu saio rolando e eu tenho que ficar de joelhos pra me equilibrar, mas tento me levantar pra gritar ‘Manchee!’

Aaron está caído na areia fofa na margem do rio, com a túnica enrolada nas pernas. Manchee é só dentes e patas e uivos e rugidos no rosto dele.

Aaron tenta se livrar dele, mas Manchee dá uma mordida no seu nariz, fazendo a cabeça dele girar.

Manchee rasga o nariz de Aaron, arrancando ele do seu rosto.

Aaron grita de dor, jorrando sangue pra todo lado.

— Manchee — eu grito. — Corra, Manchee!

— Manchee! — Viola grita.

— Vamos, garoto!

E Manchee desvia os olhos de Aaron pra olhar pra mim…

E é quando Aaron aproveita.

— Não! — eu grito.

Ele agarra Manchee violentamente pelo pescoço, levantando ele chão com um movimento.

— Manchee!

Escuto um som de água e vagamente percebo que Viola pegou o remo e está tentando impedir que a gente se afaste mais e o mundo está cintilando e pulsando e…

E Aaron está com o meu cachorro.

—VOLTE AQUI! —Aaron grita, segurando Manchee, que é dimais pra ser agarrado pelo pescoço e está gritando de dor, mas não consegue virar a cabeça pra morder o braço de Aaron.

— Solte ele! — eu grito.

Aaron abaixa o rosto…

Tem sangue saindo do buraco onde estava o nariz dele e apesar rasgo na cara dele ter cicatrizado ainda dá pra ver seus dentes e é desastre que repete, quase calmamente desta vez, borbulhando sangue: — Volte pra mim, Todd Hewitt.

— Todd? — Manchee grita.

Viola está remando furiosamente pra manter a gente fora da cwrente, mas ela está fraca por causa das drogas e a gente está se afastando cada vez mais.

—Não—-ela diz. —Não.

— Solte ele! — eu grito.

— A garota ou o cachorro, Todd — Aaron grita, ainda com aque1 calma que é muito mais assustadora do que quando ele estava gritando..

— A escolha é sua.

Pego a faca e seguro ela na minha frente, mas a minha cabeça gira tanto que eu caio e bato os dentes no assento do barco.

— Todd? — Viola diz, ainda remando contra a corrente, o barco girando e girando.

Eu me sento, sentindo o gosto de sangue, e o mundo está ondulando tanto que eu quase caio de novo.

— Eu vou te matar — eu digo, mas tão baixinho que só eu mesmo devo estar escutando.

— Última chance, Todd — Aaron diz, agora já não parecendo tão calmo.

— Todd? — Manchee ainda está uivando. — Todd?

E não…

— Eu vou te matar — mas a minha voz é um sussurro…

E não…

E não tenho escolha…

E o barco entra na corrente…

E eu olho pra Viola, que ainda está remando contra a corrente, lágrimas escorrendo pelo queixo…

Ela olha pra mim…

E a gente não tem escolha…

— Não — ela diz, com a voz engasgada. — Não, Todd…

E eu coloco a minha mão sobre o braço dela pra ela parar de remar.

O Ruído de Aaron dá um rugido em vermelho e preto.

A corrente nos leva.

— Sinto muito! — eu grito, enquanto o rio nos leva embora, minhas palavras me rasgando por dentro, meu peito tão apertado que mal consigo respirar. — Sinto muito, Manchee!

— Todd? — ele late, confuso e assustado e me observando ir embora. — Todd?

— Manchee! — eu grito.

Aaron leva sua mão livre em direção ao meu cachorro.

— MANCHEE!

—Todd?

E Aaron gira seus braços e eu escuto um CRECK e um grito e um uivo cortado que rasga o meu coração em dois pra sempre, pra sempre…

E a dor é tão grande, é tão grande, é tão grande e as minhas mãos estão na minha cabeça e eu estou recuando e a minha boca está aberta num lamento interminável sem palavras de toda a escuridão que está dentro de mim.

E eu caio.

E não sei mais nada e o rio nos leva embora e embora e embora.


Uma única respiração circular Você e
ESQUECI SEU ROSTO Mantenha seus
uma linha, uma linha NADA ALÉM DE
longe das mãos deles de alguma forma,
EMBRE-SE DISSO A MADEIRA EM MI
nha Norma A saudade do silêncio Ó MINHA J
sair daqui? NOSSAS SEMENTES VÃ
O dia se aproxima Um ritual sagrado, e
rado novamente Ó minha Carla CALE-SE, P
ALAR Te levanto, te abaixo, te segu
as vezes dezesseis é igual a trinta e
igual a sessenta e quatro Imu
MOS MAIS ANALGÉSICOS o pescoço, seu p
bum merengue pro inverno, também VIRE O PAR
MO DE QUEIMA Prego, um dois trê
do Eu estou e tudo está sob o co
ARLIE dinamitado dinamitado dinamitado 1 2
ELE GAROTO HEWITT Deus escuro AS FORM
DUAS A forma como ela fazia Não sobrou
pontos a hora, a hora mais dez EM UM MÊS As
Quando vamos sair daqui?

PARTE 6

32

RIO ABAIXO

ESCUTO o som da água.

E o barulho de pássaros.

— Onde está a minha segurança? — eles cantam. — Onde está a minha segurança?

Por trás desse som, escuto música.

Juro que escuto música.

Camadas de música, acompanhadas de flauta, uma música estranha e familiar…

E vejo luz em contraste com a escuridão, camadas de luz, luzes brancas e amarelas.

E calor.

E suavidade na minha pele.

E um silêncio que está perto de mim, me puxando com mais força do que nunca.

Abro meus olhos.

Estou numa cama, debaixo de um cobertor, em um quarto quadrado pequeno com paredes brancas. A luz do sol entra através de pelo menos duas janelas abertas, o rio corre do lado de fora e pássaros voam pelas árvores (e música, isso é música?) e por um minuto eu não só não sei onde estou como também não sei quem sou ou o que aconteceu ou por que sinto uma dor no meu…

Vejo Viola dormindo encolhida numa cadeira ao lado da cama, respirando pela boca e com as mãos pressionadas sobre as pernas.

Ainda estou grogue dimais pra fazer a minha boca se mover e dizer o nome dela, mas o meu Ruído deve estar dizendo alto o suficiente porque seus olhos abrem e encontram os meus e ela já se levanta da cadeira num piscar de olhos e os braços dela já estão me abraçando e apertando meu nariz contra sua clavícula.

— Meu Deus, Todd— ela diz, apertando tão forte que até dói um pouco.

Coloco uma das mãos em suas costas e sinto seu cheiro.

Flores.

— Pensei que você nunca mais voltaria — ela diz, me apertando.

— Pensei que estivesse morto.

— E não estava? — eu resmungo, tentando lembrar…

— Você estava doente — Viola diz, se sentando, com os joelhos ainda na minha cama. — Doente mesmo. O doutor Snow não tinha certeza de que você acordaria algum dia e olha que quando um médico admite uma coisa dessas…

— Quem é o doutor Snow? — eu pergunto, olhando em volta no pequeno quarto. — Onde a gente está? A gente está em Paraisópolis?

E que música é essa?

— A gente está numa colônia chamada Carbonel Downs — ela diz. — A gente flutuou pelo rio e…

Ela para porque percebe que eu estou olhando pros pés da cama.

Pro lugar onde Manchee não está.

E eu me lembro.

Meu peito aperta. Minha garganta fecha. Posso ouvir ele latindo no meu Ruído. Todd? ele está dizendo, imaginando por que eu estou deixando ele pra trás. Todd? com uma interrogação, simples assim, pra sempre perguntando pra onde

eu vou sem ele.

— Ele se foi — eu digo, como se estivesse falando pra mim mesmo.

Viola tenta dizer alguma coisa, mas quando eu olho pra ela seus olhos estão brilhantes e ela só balança a cabeça, o que é a coisa certa a fazer, é exatamente o que eu gostaria que ela fizesse.

Ele se foi.

Ele se foi.

E eu não sei o que dizer sobre isso.

— É Ruído isso que eu estou escutando? — diz uma voz alta, precedida por seu próprio Ruído através de uma porta que se abre aos pés da cama. Um homem entra, um homem grande, alto e largo com óculos que fazem seus olhos saltar e um topete no cabelo e um sorriso torto e um Ruído que vem até mim tão cheio de alívio e alegria que eu quase saio engatinhando até a janela que está atrás de mim.

— Doutor Snow — Viola diz pra mim, saltando da cama pra dar mais espaço.

— É um prazer finalmente conhecer você, Todd — o doutor Snow diz, com um grande sorriso. Depois se senta na cama e retira um dispositivo do bolso da camisa, enfiando duas extremidades em seus ouvidos e colocando a outra extremidade no meu peito, sem pedir licença. — Respire fundo, por favor.

Eu não faço nada, só fico olhando pra ele.

— Estou verificando se seus pulmões estão limpos — ele diz e eu percebo algo. O sotaque dele é o mais parecido com o de Viola que eu já escutei no Novo Mundo. — Não exatamente igual — ele diz —, mas é parecido.

— Foi ele quem te ajudou a melhorar — Viola diz.

Eu não digo nada, mas respiro fundo.

— Muito bem — o doutor Snow diz, colocando a extremidade do dispositivo em outra parte do meu peito. — Mais uma vez — eu inspiro e expiro. Percebo que

eu estou conseguindo inspirar e expirar até o fim, do fundo dos meus pulmões.

— Você estava muito doente — ele diz. — Eu não tinha certeza de que conseguiríamos vencer a doença. Você não estava liberando nenhum Ruído até ontem — ele olha dentro dos meus olhos. — Eu não via esse tipo de doença há muito tempo.

— Pois é — eu digo.

— Faz muito tempo que eu não ouvia falar de um ataque de spackle — ele diz. Eu não digo nada, só respiro fundo. — Isto é ótimo, Todd — o doutor diz. — Será que você poderia tirar a camisa, por favor? Eu olho pra ele, depois pra Viola.

— Vou esperar lá fora — ela diz e sai do quarto.

Quando tiro a camisa, percebo que não sinto nenhuma dor entre os meus ombros.

— Tive que dar alguns pontos no ferimento — o doutor Snow diz, se movendo ao meu redor e colocando o dispositivo nas minhas costas.

Eu recuo.

— Isto está frio.

— Ela não queria sair do seu lado — ele diz, me ignorando e verificando minha respiração em lugares diferentes. Nem mesmo para dormir.

— Faz quanto tempo que eu estou aqui?

— Esta é a quinta manhã.

— Cinco dias? — eu digo e ele mal tem a chance de dizer que sim antes d’eu puxar os cobertores e sair da cama. — A gente tem que sair daqui — eu digo, me desequilibrando um pouco ao ficar de pé.

Viola aparece na porta.

— Era isso que eu estava tentando dizer a eles.

— Você está seguro aqui — o doutor Snow diz.

— A gente já ouviu isso antes — eu olho pra Viola, buscando apoio, mas ela só dá um sorrisinho meio sem graça e eu percebo que estou lá parado vestindo uma cueca furada e bem desgastada e que não está cobrindo tanto quanto deveria. — Ei! — eu digo, cobrindo as partes importantes com minhas mãos.

— Você está tão seguro quanto estaria em qualquer outro lugar — o doutor Snow diz atrás de mim, pegando uma calça na pilha de roupa lavada no pé da cama e me passando. — Nós somos uma das principais frentes na guerra. Sabemos nos defender.

— Aquilo foi com os spackles — eu me viro de costas pra Viola e enfio minhas pernas na calça. — Agora são homens. Mil homens.

— Isso é o que dizem os rumores — o doutor Snow diz. — Mas não me parece numericamente possível, para ser sincero.

— Não sei nada de números — eu digo —, mas eles têm armas. A gente tem armas.

— E cavalos.

— A gente tem cavalos.

— Vocês têm homens que se juntarão a eles? — eu pergunto, desafiando ele.

Ele não diz nada, o que é satisfatório. Mas no fim das contas não nada satisfatório. Eu abotoo a calça.

— Temos que ir.

— Você precisa descansar — diz o doutor.

— A gente não vai ficar e esperar o exército aparecer — eu olho pra Viola, sem pensar no espaço onde o meu cachorro estaria esperando que eu olhasse pra ele também.

Há um momento de quietude, quando meu Ruído enche o quarto com Manchee, simplesmente enche o quarto com imagens dele, de um lado pra outro, latindo e

latindo e precisando fazer cocô e latindo mais.

E morrendo.

Não sei o que dizer.

(ele se foi, ele se foi) Me sinto vazio. Totalmente vazio.

— Ninguém vai te obrigar a fazer nada que você não queira, Todd — o doutor Snow diz, gentilmente. — Mas os anciãos da vila gostariam de conversar com você antes de você nos deixar.

Eu aperto a minha boca.

— Sobre o quê?

— Sobre qualquer coisa que possa ajudar.

— E como eu poderia ajudar? — eu pergunto, vestindo uma camiseta lavada. — O exército vai vir e matar todo mundo aqui que não quiser se juntar a ele. É isso.

— Este é o nosso lar, Todd — ele diz. — Nós vamos defendê-lo. Não temos escolha.

— Então não conte comigo… — eu começo a dizer.

— Papai? — a gente escuta alguém dizer.

Tem um garotinho parado na porta ao lado de Viola.

Um garoto de verdade.

Ele está olhando pra mim, com os olhos arregalados. Seu Ruído é uma coisa engraçada, brilhante e aconchegante e eu posso ouvir que ele me descreve como magro e cicatriz e garoto adormecido e ao mesmo tempo ele libera todo tipo de pensamento afetuoso pelo pai com a palavra papai sendo repetida sem parar, significando tudo o que você gostaria que significasse: perguntas sobre mim, identificando seu pai dizendo a ele que o ama, tudo em uma palavra, repetida pra sempre.

— Oi, amigão — o doutor Snow diz. — Jacob, este é Todd. Ele acordou.

Jacob olha pra mim de forma solene, com um dedo na boca, e tenta acenar com a cabeça.

— A cabra não está dando leite — ele diz, calmamente.

— Não está? — o doutor Snow diz, se levantando. — Então é melhor a gente ver se consegue convencê-la, não é mesmo?

Papai papai papai diz o Ruído de Jacob.

— Vou ver a cabra — o doutor Snow diz pra mim — e depois vou reunir o resto dos anciãos.

Não consigo parar de encarar Jacob, que também não consegue parar de me encarar.

Ele é tão mais amigável do que as crianças que eu vi em Farbranch…

E ele é tão pequeno.

Será que eu era pequeno assim?

O doutor Snow ainda está falando.

— Vou trazer os anciãos aqui para ver se você pode nos ajudar — ele se inclina até encontrar meus olhos. — E para ver se podemos te ajudar.

Seu Ruído é sincero, verdadeiro. Acho que ele realmente acredita no que está dizendo. Também acho que ele está errado.

— Talvez — ele diz, com um sorriso. — Talvez não. Você ainda nem viu o lugar. Vamos, Jake — ele pega na mão do filho. — Tem comida na cozinha.

Aposto que você está faminto. Voltarei no máximo dentro de uma hora.

Vou até a porta pra ver eles irem embora. Jacob, ainda com o dedo na boca, fica olhando pra mim até sair da casa com o pai.

— Quantos anos tem aquela coisinha? — eu pergunto pra Viola, ainda olhando o corredor. — Nem imagino quantos anos ele tem.

— Quatro anos — ela diz. — Ele já me disse umas oitocentas vezes. Me parece uma idade jovem demais para ordenhar cabras.

— Não no Novo Mundo, não é mesmo — eu digo. Olho pra ela e suas mãos estão sobre os lábios e ela está me olhando de um jeito sério.

— Venha comer — ela diz. — A gente precisa conversar.



33

CARBONEL DOWNS

VIOLA ME leva a uma cozinha tão limpa e brilhante quanto o quarto.

O rio ainda está correndo do lado de fora, os pássaros ainda estão Ruidosos, a música ainda…

— Que música é essa? — eu pergunto, indo até a janela pra dar uma olhada. Às vezes parece que eu reconheço a música, mas quando escuto com mais atenção, são vozes sobre vozes, girando em torno delas mesmas.

— Está vindo de alto-falantes na colônia principal — Viola diz, retirando um prato de carne fria de dentro da geladeira.

Eu me sento à mesa.

— Tem algum tipo de festival acontecendo?

— Não — ela diz, fazendo um suspense. — Não é um festival — ela pega pães e algumas frutas laranja que eu nunca vi antes e uma bebida avermelhada que tem gosto de amora e açúcar.

Eu começo a comer.

— Então me conta.

— O doutor Snow é um bom homem — ela diz, como seu precisasse saber disso primeiro. — Tudo nele é bom e gentil e ele trabalhou duro para salvar você, Todd, estou falando sério.

— Tá bom. Então qual é o problema?

— Esta música toca dia e noite — ela diz, me observando comer.

— É mais baixa aqui na casa, mas na colônia você nem consegue ouvir seus próprios pensamentos.

Eu faço uma pausa, com a boca cheia de pão.

— Como o bar.

—Que bar?

— O bar em Prent… eu paro. — Eles acham que a gente é de onde?

— Farbranch.

Eu suspiro.

— Vou me esforçar — dou uma mordida na fruta. — O bar do lugar de onde eu venho tocava música o tempo todo pra tentar abafar o Ruído.

Ela balança a cabeça.

— Eu perguntei ao doutor Snow por que eles fazem isto aqui e ele disse que era para manter os pensamentos dos homens em segredo.

Eu encolho os ombros.

— Vira um tumulto tremendo, mas até que faz sentido, não faz? É uma forma de lidar com o Ruído.

—Os pensamentos dos homens, Todd — ela diz. — Homens. E você percebeu que ele disse que ia reunir os anciãos para te pedir uma orientação?

Um pensamento horrível passa pela minha cabeça.

— Todas as mulheres morreram aqui também?

— Não, há mulheres — ela diz, brincando com a faca da manteiga. — Elas limpam e cozinham e têm bebês e todas vivem em um grande dormitório fora da cidade, onde elas não podem interferir nos negócios dos homens.

Eu interrompo uma garfada de carne.

— Eu vi um lugar assim quando estava vindo te buscar. Os homens dormiam em um lugar e as mulheres em outro.

— Todd — ela diz, olhando pra mim —, eles não me escutam. Não prestaram atenção em nada do que eu disse. Não escutaram uma palavra sobre o exército. Ficaram me chamando de garotinha e praticamente me deram uns tapinhas na cabeça — ela cruza os braços. — Eles só querem conversar com você sobre isso agora porque algumas caravanas de refugiados começaram a aparecer na estrada perto do rio.

— Wilf — eu digo.

Seus olhos se fixam em mim, tentando ler o meu Ruído.

— Na verdade eu não vi Wilf — ela diz.

— Espere um minuto — eu tomo outro gole da bebida. Parece que eu não bebo nada há anos. — Como é que a gente se adiantou tanto ao exército? Como é que, se a gente está aqui há cinco dias, eles ainda não passaram?

— A gente ficou naquele barco por um dia e meio— ela diz, passando a unha em alguma coisa que ficou grudada na mesa.

— Um dia e meio — eu repito, pensando sobre isso. — Então a gente deve ter viajado quilômetros.

— Quilômetros e quilômetros — ela diz. — Simplesmente deixei o barco flutuar e flutuar e flutuar. Tive medo de parar em alguns lugares por onde passamos. Você não acreditaria em algumas das coisas… — ela fica pensando e balançando a cabeça.

Eu me lembro dos avisos de Jane.

— Pessoas nuas e casas de vidro? — eu pergunto.

Ela me olha de um jeito estranho.

— Não — ela diz, apertando o lábio. — Só pobreza. Uma pobreza horrível,

simplesmente horrível. Parecia até que algum daqueles lugares poderia ter nos devorado, por isso eu continuei seguindo em frente e você foi ficando cada vez mais doente e na segunda manhã eu vi o doutor Snow e Jacob pescando e pude ver no Ruído dele que ele era um médico e, por mais que este lugar seja estranho com as mulheres, pelo menos é limpo.

Eu olho em volta, a cozinha realmente está limpa.

— A gente não pode ficar — eu digo.

— Não, não podemos — ela coloca as mãos na cabeça. — Eu estava tão preocupada com você — tem sentimento em sua voz. — Eu estava tão preocupada com o exército que se aproximava e ninguém me dava atenção — frustrada, ela dá um soco da mesa. — E eu estava me sentindo tão mal por causa de…

Ela para. Seu rosto se enruga e ela desvia o olhar.

— Manchee — eu digo em voz alta, pela primeira vez desde…

— Sinto muito, Todd — ela diz, com os olhos lacrimejando.

— Não foi culpa sua — eu me levanto rápido, afastando a cadeira pra trás.

— Ele teria matado você — -ela diz — e depois teria matado Manchee só por matar.

— Pare de falar sobre isso, por favor — eu digo, saindo da cozinha e voltando pro quarto. Viola me segue. — Vou conversar com esses anciãos — eu digo, pegando a sacola de Viola do chão e enfiando o que sobrou das roupas lavadas lá dentro. — E depois a gente vai embora. Você sabe a que distância a gente está de Paraisópolis?

Viola dá um sorrisinho.

— Dois dias.

— A gente avançou tanto corrente abaixo no rio?

— Sim, a gente avançou esse tanto.

Eu assobio calmamente pra mim mesmo. Dois dias. Só dois dias. Até o que quer haja em Paraisópolis.

—Todd?

— Sim? — eu digo, colocando a sacola nos ombros.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por ter vindo atrás de mim.

Ela está me agradecendo. Por um instante parece que o mundo se detém.

— Não foi nada — eu digo, sentindo meu rosto corar e desviando o olhar. Ela não diz mais nada. — Você está bem? — eu pergunto, ainda sem olhar pra ela. — Ele te machucou?

— Na verdade eu não… — ela começa a dizer, mas a gente ouve uma porta se fechar e uma melodia papai papai papai flutuar do corredor até a gente. Jacob abraça a estrutura da porta do quarto, mas não entra.

— Papai me pediu para buscar você — ele diz.

— Ah, eu tenho que me reunir com eles agora, não é mesmo? — eu levanto as sobrancelhas.

Jacob balança a cabeça, com uma expressão séria.

— Bem, neste caso, a gente já está indo eu ajeito a sacola e olho pra Viola. — E depois vamos embora.

— É isso mesmo — Viola diz e a forma como ela fala me deixa feliz. A gente caminha até a porta onde está Jacob, mas ele nos interrompe.

— Só você — ele diz, olhando pra mim.

—Só eu o quê?

Viola cruza os braços.

— Ele quer dizer que só você deve conversar com os homens.

Jacob confirma, mais uma vez bastante sério. Eu olho pra Viola e depois pra Jacob, e abaixo a cabeça pra ficar no mesmo nível dele: — Por que você não diz pro seu pai que eu e Viola estaremos lá em um minuto? Pode ser?

Jacob abre a boca.

— Mas ele disse…

— Não me importa o que ele disse — eu digo, gentilmente. — Vá..

Ele suspira e vai embora.

— Acho que já estou cansado de homens me dizendo o que fazer — eu digo e me surpreendo com o cansaço na minha voz e de repente sinto vontade de voltar pra cama e dormir mais cinco dias.

— Você vai conseguir caminhar até Paraisópolis? — Viola pergunta.

— Tente me impedir eu digo e ela sorri de novo.

Vou até a porta da frente.

E pela terceira vez fico esperando Manchee vir correndo atrás da gente.

Sua ausência é tão grande que é como se ele estivesse lá e todo o ar sai dos meus pulmões de novo e eu tenho que esperar e respirar fundo e engolir em seco.

— Minha nossa — eu digo pra mim mesmo.

Seu último Todd? fica martelando meu Ruído como uma ferida.

Esta é outra particularidade do Ruído: tudo o que já aconteceu com você nunca mais para de falar.

Vejo a poeira sob os pés de Jacob enquanto ele corre pela trilha, passando por algumas árvores em direção ao resto da colônia. Olho em volta.

A casa do doutor Snow não é muito grande, mas se estende até uma plataforma de onde se pode ver o rio. Tem um pequeno deque e uma ponte baixa conecta o

caminho mais largo que vem do centro de Carbonel Downs até a estrada perto do rio que segue do outro lado. A estrada do outro lado do rio, aquela que a gente passou tanto tempo descendo, está quase escondida atrás de uma fileira de árvores e segue depois da colônia nos últimos dois dias em direção a Paraisópolis.

— Meu Deus — eu digo. — É como um paraíso comparado com o resto do Novo Mundo.

— O paraíso não é feito só de construções bonitas — Viola diz.

Eu continuo olhando em volta. O doutor.Snow tem um jardim bem cuidado no caminho até a colônia. Olhando pelo caminho, posso ver mais construções no meio das árvores e escuto aquela música tocando.

Aquela música estranha, que está constantemente mudando pra não deixar você se acostumar com ela. Não reconheço a música, mas está mais alta aqui e imagino que de certa forma você não deveria reconhecer ela, mas eu juro que já escutei alguma coisa parecida quando estava acordando…

— É quase insuportável no meio da colônia — Viola diz. — A maioria das mulheres nem se dá ao trabalho de sair do dormitório e vir aqui — ela franze a testa. — Imagino que esse seja o objetivo.

— A mulher de Wilf me contou sobre uma colônia onde todo mundo…

Eu paro porque a música muda.

Só que não muda.

A música da colônia continua a mesma, bagunçada e cheia de palavras e se curvando sobre si mesma como um macaco.

Mas tem mais.

Tem mais música do que isso.

E está ficando mais alta.

— Você está ouvindo isso? — eu pergunto.

Eu olho pros lados.

E olho de novo. Viola também.

Tentando descobrir o que a gente está escutando.

— Talvez alguém tenha colocado um alto-falante do outro lado do rio — ela diz. — Caso as mulheres pensem em ir embora.

Mas eu não estou prestando atenção no que ela diz.

— Não — eu sussurro. Não, não pode ser.

— O quê? — Viola diz, e sua voz muda.

— Shh — eu escuto com mais atenção, tentando acalmar mcv Ruído pra poder ouvir.

— Está vindo do rio — ela sussurra.

— Shh — eu repito, porque meu peito está começando a inflar, meu Ruído está começando a zunir alto dimais pra ser útil.

Lá longe, contrastando com o barulho da água e o Ruído da canção dos pássaros, está…

— Uma música — Viola diz, bem baixinho. — Alguém está cantando.

Alguém está cantando.

E o que está sendo cantado é: Uma ma-a-nhã bem cedo quando o sol acabava de na-as-cer…

E o meu Ruído explode quando eu digo: — Ben.



34

OH NUNCA ME ABANDONE

CORRO ATÉ a margem do rio e paro pra ouvir de novo. Oh não me engane.

— Ben? — eu digo, tentando gritar e sussurrar ao mesmo tempo.

Viola vem tropeçando atrás de mim.

— Não pode ser o seu Ben. — ela diz. É o seu Ben?

Eu peço pra ela fazer silêncio e escuto e tento ignorar o rio e os pássaros e meu próprio Ruído e lá, debaixo de tudo isso…

Oh nunca me abandone.

— Do outro lado do rio Viola diz e sai correndo, atravessando a ponte, os pés batendo na madeira. Eu vou logo atrás dela, passo por ela, estou ouvindo e olhando e ouvindo e olhando e lá, lá, lá…

Lá nos arbustos do outro lado da água…

Está Ben.

É ele mesmo.

Ele está agachado atrás de um arbusto, com a mão apoiada no tronco de uma árvore, me observando ir até ele, me observando correr pela ponte e, quando eu me aproximo, seu rosto relaxa e seu Ruído se abre tão grande quanto seus braços e eu estou voando até eles, dando um salto da ponte até os arbustos e quase derrubando ele é meu coração está escancarado e meu Ruído está tão claro quanto este céu azul e…

E tudo vai ficar bem.

Tudo vai ficar bem.

Tudo vai ficar bem.

É Ben.

E ele está me abraçando forte e está dizendo ‘Todd’ e Viola está parada atrás de mim, me deixando cumprimentar Ben, e eu estou abraçando ele e abraçando ele e é Ben, e meu Deus-Todo-Poderoso, é Ben, Ben, Ben.

— Sou eu — ele diz, sorrindo um pouco porque eu estou quase esmagando seus pulmões e deixando ele sem ar. — Como é bom ver você, Todd.

— Ben — eu digo, me afastando e não sei o que fazer com as minhas mãos, então agarro a camiseta dele e balanço de um jeito que deve significar amor. — Ben — eu repito.

Ele balança a cabeça e sorri.

Mas vejo umas rugas em volta dos olhos dele e já posso ver tudo começando, e em breve vai estar tudo na frente do Ruído dele, e eu tenho que perguntar: — E Cillian?

Ele não diz nada, mas mostra tudo pra mim: Ben voltando pra fazenda, a casa já em chamas, já incendiando, com alguns dos homens do prefeito lá dentro, mas Cillian também está lá dentro, e Ben de luto, ainda de luto.

— Essa não — eu digo, meu estômago afundando, mesmo eu já tendo imaginado que isso era possível.

Mas imaginar não é o mesmo que saber.

Ben balança a cabeça de novo, lentamente e com tristeza, e agora eu percebo que ele está sujo e tem sangue coagulado no nariz e parece que não come há uma semana, mas ainda é Ben e ele ainda consegue me ler como ninguém porque seu Ruído já está me perguntando sobre Manchee, e eu já estou mostrando tudo pra ele e finalmente meus olhos começam a lacrimejar de verdade e eu choro e ele me abraça de novo e eu choro de verdade pela perda do meu cachorro e de

Cillian e da vida que eu tinha.

— Eu abandonei ele — eu digo e continuo repetindo, cheio de catarro e tossindo. — Eu abandonei ele.

— Eu sei — ele diz e eu sei que é verdade porque ouço as mesmas palavras no Ruído dele. Eu abandonei ele, ele pensa.

Mas depois de um minuto eu sinto que ele gentilmente me afasta diz: — Escute, Todd, não temos muito tempo.

— Muito tempo pra quê? — eu fungo, mas vejo que ele está olhando pra Viola.

— Oi — ela diz, com os olhos alertas.

— Oi — Ben diz. — Você deve ser ela.

— Devo ser.

— Você está tomando conta de Todd?

— Nós dois estamos tomando conta um do outro.

— Muito bom — Ben diz, e seu Ruído fica quente e triste. — Muito bom.

— Vamos — eu digo, puxando seu braço e tentando levá-lo pra ponte.

— A gente pode conseguir alguma coisa pra você comer. E tem um médico…

Mas ele não se move.

— Será que você pode ficar de olho um minuto? — ele pede pra Viola.

— Avise se perceber alguma coisa, qualquer coisa. Na colônia ou na estrada.

Viola balança a cabeça e olha pra mim enquanto sai da parte verde volta para o caminho.

— As coisas pioraram — Ben me conta, baixinho, sério como um ataque cardíaco. — Você tem que ir pra Paraisópolis o mais rápido possível.

— Eu sei disso, Ben, por que você…

— Tem um exército atrás de você.

— Sei disso também. E Aaron. Mas agora que você está aqui a gente pode…

— Eu não posso ir com você.

Minha boca fica aberta.

— O quê? Claro que você pode…

Mas ele está balançando a cabeça.

— Você sabe que eu não posso.

— A gente pode dar um jeito — eu digo, mas meu Ruído já está girando, pensando, lembrando.

— Os homens de Prentissburgo não são bem-vindos em nenhum lugar no Novo Mundo — ele diz.

Eu concordo.

— As pessoas também não gostam muito dos garotos de Prentissburgo.

Ele agarra o meu braço de novo.

— Alguém te machucou?

Eu olho pra ele, calmamente.

— Muitas pessoas.

Ele morde o lábio e seu Ruído fica ainda mais triste.

— Eu procurei você — ele diz. — Dia e noite, seguindo o exército, passando em volta dele, na frente dele, ouvindo os rumores de um garoto e uma garota que viajavam sozinhos. E aqui está você e você está bem e eu sabia que estaria. Eu sabia — ele suspira com tanto amor e tanta tristeza que eu sei que está prestes a contar a verdade. — Mas eu sou um perigo pra você no Novo Mundo — ele

gesticula no arbusto onde a gente está escondido, escondido como ladrões. — Você vai ter que seguir o resto do caminho sozinho.

— Eu não estou sozinho — eu digo, sem pensar.

Ele sorri, mas ainda está triste.

— Não — ele diz. — Você não está, não é mesmo? — ele olha em volta de novo, espreitando através das folhas e observando a casa do doutor Snow do outro lado do rio. — Você estava doente? — ele pergunta. — Escutei seu Ruído ontem de manhã vindo do rio, mas ele estava febril e sonolento. Fiquei esperando aqui desde então. Estava preocupado que alguma coisa não estivesse bem.

— Eu estava doente — eu digo, e a vergonha começa a nublar meu Ruído como uma lenta neblina.

Ben olha pra mim.

— O que aconteceu, Todd? ele diz, gentilmente lendo meu Ruído como sempre fez. — O que aconteceu?

Eu abro meu Ruído pra ele, tudo, desde o começo, os crocodilos que atacaram Aaron, a perseguição no pântano,’a nave de Viola, o prefeito me perseguindo a cavalo, a ponte, Hildy e Tam, Farbranch e o que aconteceu lá, a bifurcação na estrada, Wilf e as coisas que cantavam Aqui, o Sr. Prentiss Jr. e Viola me salvando.

E o spackle.

E o que eu fiz.

Não consigo olhar pra Ben.

—Todd.

Continuo olhando pro chão.

— Todd, olhe pra mim.

Eu levanto o olhar. Seus olhos, mais azuis do que nunca, encontram os meus e me encaram.

— Todos nós cometemos erros, Todd. Todos nós.

— Eu matei aquela coisa — eu engulo em seco. — Eu matei ele, não era uma coisa.

— Você fez isso com base no que sabia. Você fez o que acreditava ser o melhor.

— E isso justifica?

Mas tem alguma coisa no Ruído dele. Algo que se oculta e aparece.

— O que foi, Ben?

Ele suspira.

— Está na hora de você saber, Todd. Está na hora de você saber a verdade.

A gente escuta galhos quebrando quando Viola vem correndo até a gente.

— Cavalo na estrada — ela diz, ofegante.

A gente escuta. Sons de ferraduras, na estrada perto do rio, em alta velocidade. Ben se esconde mais atrás dos arbustos. A gente vai com ele, mas o cavalo está vindo tão rápido que nem dá bola pra gente. A gente ouve ele passar pela estrada como um trovão e subir na ponte que leva direto pra Carbonel Downs, as ferraduras batendo nas tábuas e depois na poeira até serem engolidas pelos sons dos alto-falantes.

— Não devem ser boas notícias — Viola diz.

— É o exército — Ben diz. — Eles devem estar a poucas horas de distância daqui.

— O quê?! — eu grito, recuando. Viola dá um pulo também.

— Eu disse que a gente não tinha muito tempo — Ben diz.

— Então temos que ir! — eu digo. —Você tem que vir com a gente. A gente vai

dizer pras pessoas…

— Não — ele diz. —Não. Vocês têm que dar um jeito de chegar até Paraisópolis. É nossa única chance. É a melhor chance que vocês têm.

A gente começa a encher ele de perguntas.

— Então Paraisópolis é um lugar seguro? — Viola pergunta. — Pra se proteger de um exército?

— É verdade que eles têm uma cura pro Ruído? — eu pergunto.

— Eles têm formas de comunicação? Eu poderia entrar em contato com minha nave?

— Você tem certeza que é seguro? Tem certeza?

Ben levanta as mãos pra nos interromper.

— Não sei — ele diz —, não vou lá há vinte anos.

Viola se levanta.

— Vinte anos? — ela diz. — Vinte anos? — sua voz começa a subir. — Então como a gente sabe o que vai encontrar quando chegar lá? Como a gente sabe que alguma coisa ainda está lá?

Esfrego meu rosto com uma das mãos e acho que é o vazio onde Manchee costumava ficar que me faz perceber o que a gente nunca quis saber.

— A gente não sabe — eu digo, sendo sincero. — A gente nunca soube.

Viola solta um som baixinho e seus ombros caem.

— Não — ela diz. — Acho que a gente nunca soube.

— Mas sempre há esperança — Ben diz. — Vocês sempre devem ter esperança.

Nós dois olhamos pra ele e deve existir uma palavra pra forma como a gente está fazendo isso, mas eu não sei qual é. A gente está olhando pra ele como se ele estivesse falando um idioma estrangeiro, como se tivesse acabado de dizer que

vai se mudar pra uma das duas luas, como se estivesse dizendo pra gente que tudo isso foi só um pesadelo e que agora todo mundo vai ganhar doce.

— Não existe muita esperança por aqui, Ben — eu digo.

Ele balança a cabeça.

— E o que vocês acham que estava motivando vocês? O que vocês acham que fez vocês chegarem tão longe?

— Medo — Viola diz.

— Desespero — eu digo.

— Não — ele diz, nos envolvendo. — Não, não, não. Vocês foram mais longe do que a maioria das pessoas neste planeta chegará em toda a vida delas. Vocês superaram obstáculos e perigos e coisas que poderiam ter matado vocês. Superaram um exército e um homem louco e uma doença mortal e viram coisas que a maioria das pessoas nunca verá. Como vocês acham que teriam chegado até aqui se não tivessem tido esperança?

Viola e eu olhamos um pro outro.

— Eu sei o que você está tentando dizer, Ben… — eu começo.

— Esperança — ele diz, apertando meu braço. — É a esperança. Estou olhando dentro dos seus olhos agora mesmo e estou dizendo a vocês que ainda há esperança pra vocês, há esperança pra vocês dois — ele olha pra Viola e depois pra mim. — A esperança está esperando vocês no fim da estrada.

— Você não pode ter certeza — Viola diz e o meu Ruído, por mais que eu não queira, concordar com ela.

— Não — Ben diz —, mas eu acredito nisso. Eu acredito nisso por vocês. E por isso é esperança.

— Ben…

— Mesmo se vocês não acreditarem nisso, acreditem que eu acredito.

— Eu acreditaria mais se você viesse com a gente — eu digo.

— Ele não vem? Agora você me deixou triste dimais — Viola diz, surpresa, e depois se corrige. — Triste demais.

Ben olha pra ela, abre a boca e fecha de novo.

— Qual é a verdade, Ben? — eu pergunto. — Qual é a verdade que a gente precisa saber?

Ben respira fundo.

— Vou contar.

Mas um ‘Todd?’ alto e claro surge do outro lado do rio.

E é quando a gente percebe que a música de Carbonel Downs está competindo com o Ruído dos homens que agora já estão atravessando a ponte.

Muitos homens.

Este é o outro objetivo da música, imagino: que você não possa ouvir quando eles se aproximam.

— Viola? — o doutor Snow chama. — O que vocês dois estão fazendo aí?

Eu me levanto e dou uma olhada. O doutor Snow está atravessando a ponte, de mãos dadas com o pequeno Jacob, liderando um grupo de homens que parecem versões menos amigáveis dele mesmo e eles estão espiando e estão vendo Ben e eu e Viola falando com ele.

E o Ruído deles está começando a ter cores diferentes quando eles começam a entender o que estão vendo.

E eu vejo que alguns deles têm rifles.

— Ben? — eu digo bem baixinho.

— Vocês têm que correr — ele sussurra. — Vocês têm que correr agora..

— Não vou deixar você. Não vou deixar você de novo.

—Todd…

— Tarde demais — Viola diz.

Porque eles já estão quase em cima da gente, passando a ponte e vindo em direção aos arbustos onde a gente já não está mais escondida.

O doutor Snow chega primeiro e olha Ben de cima até embaixo..

— E quem é esse?

E o som do seu Ruído não está nem um pouco feliz.

35

A LEI

— Este é Ben — eu digo, tentando elevar meu Ruído pra bloquear todas as perguntas que estão saindo dos homens.

— Mas quem é ele? O que ele está fazendo aqui? — o doutor Snow pergunta, com os olhos alertas e observadores.

— Ben é meu pai — eu digo. Porque é verdade, não é? — Meu pai.

— Todd — escuto Ben dizer atrás de mim, seu Ruído cheio de todo tipo de sentimento, mas principalmente alerta.

— Seu pai? — diz um homem barbudo atrás do doutor Snow, segurando o rifle, mas sem engatilhar.

Pelo menos por enquanto.

— É melhor você tomar cuidado com quem você começa a chamar de parente, Todd — o doutor Snow diz calmamente, puxando Jacob pra mais perto dele.

— Você disse que o garoto era de Farbranch — diz um terceiro homem com uma marca de nascença azul abaixo do olho.

— Foi o que a garota nos contou — o doutor Snow olha pra Viola.

— Não foi, Vi?

Viola olha pra ele, mas não diz nada.

— Não se pode confiar na palavra de uma mulher — diz o barbudo.— Este homem é de Prentissburgo.

— E está trazendo o exército para a nossa cidade — diz o homem da marca de nascença.

— O garoto é inocente — diz Ben e quando eu me viro vejo que suas mãos estão levantadas. — Sou eu que vocês querem.

— Correção — diz o barbudo, com a voz ficando cada vez mais irritada.

— Você é quem a gente não quer.

— Espere um minuto, Fergal — o doutor Snow diz. — Alguma coisa está errada aqui.

— Você conhece a lei — diz o homem da marca de nascença.

A lei.

Farbranch também falou sobre a lei.

— Eu também sei que estas não são circunstâncias comuns — o doutor Snow diz e depois olha pra gente. — Deveríamos pelo menos dar-lhes a oportunidade de se explicarem.

Escuto Ben suspirar.

— Bem, eu…

— Você não — o barbudo interrompe.

— O que está acontecendo, Todd? — o doutor Snow pergunta. — E

agora é muito importante que você nos conte a verdade.

Eu olho pra Viola e pra Ben.

Que parte da verdade eu conto?

Escuto o engatilhar do rifle. O barbudo levantou sua arma. E um ou dois homens atrás dele fizeram a mesma coisa.

— Quanto mais você espera — o barbudo diz —, mais vocês parecem espiões.

— Não somos espiões — eu digo, apressadamente.

— O exército sobre o qual sua garota falou foi visto marchando na estrada perto do rio — o doutor Snow diz. — Um dos nossos sentinelas acabou de vê-los há menos de uma hora de distância.

— Ai, não — escuto Viola sussurrar.

— Ela não é minha garota — eu digo baixinho.

— O quê? — o doutor Snow diz.

— O quê? —Viola diz.

— Ela é sua própria garota — eu digo. — Ela não pertence a ninguém.

E Viola fixa seu olhar em mim como nunca fez antes.

— Não importa — o homem da marca de nascença diz. — Tem um exército de Prentissburgo marchando na nossa direção e um homem de Prentissburgo escondido nos nossos arbustos e um garoto de Prentissburgo que esteve entre nós durante a última semana. Parece bastante suspeito, se você quer saber o que eu acho.

— Ele estava doente — o doutor Snow diz. — Tinha uma gripe.

— É o que você diz — diz o homem da marca de nascença.

O doutor Snow olha pra ele bem lentamente.

— Você está me chamando de mentiroso, Duncan? Lembre-se, por favor, de que você está falando com o Diretor do Conselho de Anciãos.

— Você está me dizendo que não vê uma armadilha aqui, Jackson?

— diz o homem da marca de nascença, sem recuar e levantando seu rifle. — A gente fez papel de bobo. Quem sabe o que eles contaram ao exército? — ele mira seu rifle em Ben. — Mas a gente vai acabar com essa história agora mesmo.

— Não somos espiões — eu repito. — A gente está fugindo do exército, coisa que vocês também deveriam estar fazendo.

E os homens começam a olhar uns para os outros.

No Ruído deles eu posso ouvir pensamentos sobre o exército, sobre fugir em vez de defender a cidade. Também posso ver ódio borbulhando, ódio por ter que fazer essa escolha, ódio por não saber a melhor forma de proteger suas famílias. E posso ver o ódio se focando, não no exército, não neles mesmos por não estarem preparados, apesar de Viola ter alertado eles por vários dias, nem focado no mundo por causa do estado em que ele está.

Eles estão focando seu ódio em Ben.

Estão focando seu ódio em Prentissburgo na forma de um homem.

O doutor Snow se ajoelha pra ficar da altura de Jacob.

— Ei, amigão — ele diz pro filho —, por que você não volta correndo pra casa agora, hein?

Escuto papai papai papai no Ruído de Jacob.

— Por que, papai? — ele pergunta, olhando pra mim.

— Aposto que a cabra está se sentindo sozinha — o doutor Snow diz. — E quem quer uma cabra solitária?

Jacob olha pro pai, depois pra mim e pra Ben, depois pros homens ao redor dele.

— Por que todo mundo está tão chateado? — ele pergunta.

— Nós só estamos pensando em algumas coisas. Vai ficar tudo bem Volte para casa e veja se a cabra está bem.

Jacob pensa por um segundo e depois diz: — Tá bom, papai.

O doutor Snow dá um beijo na cabeça do filho, despenteando seus cabelos. Jacob volta correndo pela ponte em direção à casa do doutor Snow.

Quando o médico olha pra gente, uma fila de armas apontadas acompanha seu olhar.

— Como você pode ver, Todd, sua situação não é muito boa — ele diz, com uma

tristeza sincera na voz.

— Ele não sabe de nada — Ben diz.

— Cala a boca, assassino! — diz o barbudo, gesticulando com o rifle.

Assassino?

— Me conte a verdade — o doutor Snow pede pra mim. — Você é de Prentissburgo?

— Ele me salvou de Prentissburgo — Viola diz. — Se não fosse ele….

— Cala a boca, garota — diz o barbudo.

— Agora não é o momento das mulheres falarem, Vi — o doutor Snow diz.

— Mas… — Viola diz, com o rosto ficando vermelho de raiva.

— Por favor — o doutor Snow diz e depois olha pra Ben. — O que você contou ao exército? Quantos homens a gente tem? Como são nossas defesas?

— Eu estou fugindo do exército — Ben diz, ainda com as mãos levantadas. — Olhe pra mim. Por acaso eu pareço um soldado bem cuidado?

Não contei nada pra eles. Estava fugindo, procurando meu… — ele faz uma pausa e eu sei o motivo — … meu filho.

— E você fez isso mesmo conhecendo a lei? — o doutor Snow pergunta.

— Que bendita LEI? — eu grito. — Do que diabos vocês estão — Todd é inocente — Ben diz. — Você pode vasculhar o Ruído dele à vontade e não vai descobrir nada que prove o contrário.

— Você não pode confiar neles — diz o barbudo, ainda olhando pra arma. — Você sabe que não pode.

— Nós não sabemos nada — o doutor Snow diz. — A verdade é que não sabemos mais nada há mais de dez anos.

— Sabemos que eles reuniram um exército — diz o homem da marca de

nascença.

— Sim, mas não vejo nenhum crime neste garoto — o doutor Snow diz.

— Vocês veem?

Uma dúzia de Ruídos diferentes começa a me cutucar como gravetos.

Ele olha pra Viola.

— E a garota só é culpada de uma mentira que salvou a vida do amigo.

Viola desvia o olhar, com o rosto ainda vermelho de raiva.

— E nós temos problemas maiores — o doutor Snow continua. — Um exército está vindo e talvez sabendo que estamos nos preparando para enfrentá-lo.

— Não somos ESPIÕES! — eu grito.

Mas o doutor Snow está olhando pros outros homens.

— Levem o garoto e a garota de volta para a cidade. A garota pode ficar com as mulheres e o garoto está bem o suficiente para lutar ao nosso lado.

— Espere um minuto! — eu grito.

O doutor Snow olha para Bem.

— E mesmo eu acreditando que você é apenas um homem em busca do filho, a lei é a lei.

— Este é seu veredicto final? — o barbudo pergunta.

— Se os anciãos concordarem — o doutor Snow diz. Vejo acenos gerais, porém relutantes, todos sérios e curtos. O doutor Snow olha pra mim. — Sinto muito, Todd.

— Espere! — eu digo, mas o homem da marca de nascença já está dando um passo pra frente e agarrando o meu braço. — Me solte!

Outro homem agarra Viola e ela resiste tanto quanto eu.

— Ben! — eu grito, olhando pra ele. — Ben!

— Adeus, Todd — ele diz.

— Não, Ben!

— Lembre-se de que eu te amo.

— O que eles vão fazer? — eu pergunto, ainda tentando me desvencilhar. Olho pro doutor Snow. — O que vocês vão fazer?

Ele não diz nada, mas posso ver em seu Ruído.

O que a lei exige.

— Ah, mas não vai MESMO! — eu grito e com meu braço livre pego minha faca e corto a mão do homem da marca de nascença. Ele grita e me solta.

— Corra! — eu digo pra Ben. — Corra, rápido!

Vejo Viola morder a mão do homem que está segurando ela. Ele dá um grito e ela dá um passo pra trás.

— Você também! — eu digo pra ela. — Fuja daqui!

— Eu não faria isso se fosse vocês — diz o barbudo e os rifles começam a engatilhar.

O homem da marca de nascença está xingando e levantando o braço pra atirar, mas eu estou segurando a minha faca.

— Nem tente — eu falo entre os dentes. — Vamos!

— BASTA! — o doutor Snow grita.

E, no repentino silêncio que segue, a gente ouve o som das ferraduras se aproximando.

Pocotum pocotum pocotum.

Cavalos. Cinco cavalos. Dez. Talvez até quinze.

Rugindo pela estrada como se o próprio diabo estivesse atrás deles.

— Sentinelas? — eu pergunto pra Ben, mesmo sabendo que não são.

Ele balança a cabeça.

— Linha avançada.

— Eles devem estar armados — eu digo ao doutor Snow e aos homens, pensando rápido. — Devem ter tantas armas quanto vocês.

O doutor Snow está pensando também. Posso ver seu Ruído zunindo, pensando em quanto tempo eles têm antes dos cavalos chegarem aqui, em quantos problemas eu e Ben e Viola vamos causar, em quanto tempo eles vão desperdiçar.

Vejo que ele toma uma decisão.

— Deixe eles irem.

— O quê? — diz o barbudo, com o Ruído coçando pra dar um tiro em alguma coisa. — Ele é um traidor e um assassino.

— E a gente tem uma cidade para proteger — o doutor Snow diz, com firmeza. — Eu tenho um filho para proteger. E você também, Fergal.

O barbudo faz cara feia, mas não diz nada.

Pocotum pocotum pocotum se aproximando o som na estrada.

O doutor Snow olha pra gente.

— Vão embora — ele diz. — Espero que vocês não tenham selado o nosso destino.

— A gente não fez isso — eu digo. — Pode acreditar.

O doutor Snow aperta os lábios.

— Queria poder acreditar em você — ele olha pros outros homens.

Vamos! Aos seus postos! Rápido!

O grupo de homens se dispersa, voltando pra Carbonel Downs, o barbudo e o homem da marca de nascença ainda olhando pra gente enquanto se distanciam, buscando um motivo pra usar suas armas, mas a gente não dá nenhum motivo. A gente só observa enquanto eles vão embora.

Percebo que estou tremendo um pouco.

— Minha nossa — Viola diz, se curvando.

— A gente tem que sair daqui — eu digo. — O exército vai estar mais interessado na gente do que neles.

Ainda estou com a sacola de Viola, apesar de só ter algumas roupas, garrafas de água, o binóculo e o livro da minha mãe, que ainda está dentro do saco plástico.

É tudo o que a gente tem neste mundo.

O que significa que a gente já está pronto pra ir.

— Isso vai acontecer sempre — Ben diz. — Eu não posso ir com vocês.

— Pode sim — eu digo. — Você pode seguir outro caminho depois, mas agora você vem com a gente. A gente não vai deixar você aqui pra ser capturado por nenhum exército — eu olho pra Viola. — Certo?

Ela coloca os ombros pra trás e parece decidida.

— Certo — ela diz.

— Então já está combinado — eu digo.

Ben olha pra um lado e pra outro. Depois levanta a sobrancelha.

— Só até eu ter certeza de que você está bem.

— Vamos conversar menos e correr mais — eu digo.



36

RESPOSTAS

A GENTE FICA LONGE da estrada que margeia o rio, por motivos óbvios, correndo entre as árvores, seguindo, como sempre, em direção a Paraisópolis, se deparando com ramos e galhos, e vai embora de Carbonel Downs o mais rápido que as nossas pernas permitem.

Em menos de dez minutos a gente começa a ouvir os tiros.

A gente não olha pra trás. A gente não olha pra trás.

Ao mesmo tempo que a gente corre os sons vão desaparecendo.

A gente continua correndo.

Viola e eu somos mais rápidos do que Ben e às vezes temos que desacelerar pra que ele nos alcance.

A gente passa por uma pequena colônia vazia, depois duas colônias menores, lugares que obviamente prestaram mais atenção nos rumores sobre o exército do que Carbonel Downs. A gente continua correndo pelo bosque entre o rio e a estrada, mas não vê nenhuma caravana. Elas devem estar chegando a Paraisópolis.

E a gente continua correndo.

A noite cai e a gente continua correndo.

— Você está bem? — pergunto pra Ben quando a gente para na beira do rio pra

encher as garrafas.

— Vamos seguir — ele diz, ofegante. — Vamos seguir.

Viola olha pra mim, preocupada.

— Sinto muito por não termos comida — eu digo, mas ele só balança a cabeça e diz: — Vamos seguir.

E a gente segue em frente.

A meia-noite chega e a gente passa por ela também.

(Quem sabe quantos dias? E quem se importa agora?) Até que finalmente Ben pede pra esperar e para, com as mãos nos joelhos, respirando com dificuldade de um jeito não muito saudável.

Eu olho em volta guiado pela luz das luas. Viola está olhando também.

Ela aponta: Lá.

— Lá em cima, Ben — eu digo, apontando pro topo da pequena colina que Viola viu. — Lá a gente vai poder ter uma boa visão da área.

Ben não diz nada, só suspira e balança a cabeça e segue a gente.

Tem árvores em toda a subida na lateral, mas também tem um caminho bem cuidado e uma clareira ampla no topo.

Quando a gente chega lá, descobre o motivo.

— Um cimitério — eu digo.

— Um o quê? — Viola pergunta, olhando pra todas as lápides quadradas que marcam os túmulos. Devem ser cem, talvez duzentos, em fileiras ordenadas e sobre uma grama bem cuidada. A vida de colono é difícil e curta e muitas pessoas no Novo Mundo perderam a batalha.

— É um lugar pra enterrar gente morta — eu digo.

Ela arregala os olhos.

— Um lugar para fazer o quê?

— As pessoas não morrem no espaço? — eu pergunto.

Sim ela diz —, mas a gente crema elas. Não coloca elas em buracos — ela cruza os braços, franzindo a testa e apertando a boca enquanto observa os túmulos. — Como é que isso pode ser higiênico?

Ben ainda não disse nada, está apoiado sobre uma lápide, tentando recuperar o fôlego. Tomo um gole da água da garrafa e passo pra Ben. Dou uma olhada em volta. Dá pra ver um pedaço da estrada e uma parte do rio também, passando à nossa esquerda. O céu está claro, as estrelas estão brilhando, as luas estão começando a surgir no céu acima da gente.

— Ben? — eu digo, admirando a noite.

— Sim? — ele diz, bebendo a água.

— Você tá bem?

— Sim — sua respiração está voltando ao normal. — Fui feito pra trabalhar na fazenda. Não pra correr.

Olho pras luas mais uma vez, a menor perseguindo a maior, dois brilhos lá em cima ainda claros o suficiente pra lançar sombras, indiferentes aos problemas dos homens.

Olho dentro de mim mesmo. Olho bem fundo no meu Ruído.

E percebo que estou pronto.

Esta é a última oportunidade.

E eu estou pronto.

— Acho que chegou a hora — eu digo e olho pra ele. — Acho que é agora ou nunca.

Ele lambe os lábios e engole a água, colocando a tampa na garrafa.

— Eu sei.

— Chegou a hora de quê? — Viola pergunta.

— Por onde eu começo? — Ben pergunta.

Eu encolho os ombros.

— Por qualquer parte — eu digo —, contanto que seja verdade.

Posso ouvir o Ruído de Ben reunindo toda a história, tomando um riacho que sai do rio, o riacho que conta o que realmente aconteceu, o que estava escondido há tanto tempo e tão profundo que eu nem sabia que estava lá durante toda a minha vida.

O silêncio de Viola fica mais silencioso do que o normal, como se ela de repente tivesse prendido a respiração.

Ben respira fundo.

— O germe do Ruído não foi causado pelos spackles durante a guerra — ele diz. — Este é o primeiro ponto. O germe já estava aqui quando a gente aterrissou. Era um fenômeno natural, estava no ar, sempre esteve, sempre estará. Saímos das naves e em menos de um dia todo mundo podia ouvir os pensamentos dos demais. Imagine a nossa surpresa.

Ele faz uma pausa, se lembrando.

— Só que não era todo mundo — Viola diz.

— Eram só os homens — eu digo.

Ben balança a cabeça.

— Ninguém sabe por quê. Até hoje. Nossos cientistas eram principalmente agricultores e os médicos não conseguiram descobrir o motivo e, portanto, durante um tempo, tudo era caos. Simplesmente… caos, você não ia acreditar. Caos e confusão e Ruído, Ruído, Ruído — ele coça o queixo. — Muitos homens se dispersaram e formaram comunidades distantes, fugindo de Paraisópolis o mais rápido possível Mas logo as pessoas descobriram que não se podia fazer nada pra consertar isso, então por um tempo todos nós tentamos viver com isso da melhor forma possível.

Encontramos diferentes formas de lidar com o Ruído, diferentes comunidades tomaram seu próprio rumo. A gente fez a mesma coisa quando descobriu que todos os animais da fazenda podiam falar, e os animais de estimação e as criaturas locais.

Ele olha pro céu e pro cimitério ao nosso redor e pro rio e pra estrada lá embaixo.

— Tudo neste planeta conversa entre si — ele diz. — Tudo. É o Novo Mundo. Informação o tempo todo, nunca para, você querendo ou não. Os spackles sabiam disso, e evoluíram com isso, mas nós não estávamos preparados. Nem de longe. E informação demais pode levar um homem à loucura. Informação demais se torna simplesmente Ruído.. E nunca, nunca para.

Ele faz uma pausa e o Ruído está lá, obviamente, como sempre esteve, o dele e o meu e o silêncio de Viola que só deixa o nosso Ruído mais alto.

— Com o passar dos anos — ele continua —, os tempos ficaram difíceis em todo o Novo Mundo e só pioravam. Colheitas arruinadas e doenças e nenhuma prosperidade e nenhum Éden. Definitivamente nenhum Éden. E

um sermão começou a se espalhar nas terras, um sermão envenenado, um sermão que começou a culpar.

— Eles culparam os alienígenas — Viola diz.

— Os spackles — eu digo, e a vergonha reaparece.

— Eles culparam os spackles — Ben confirma. — E de alguma forma este sermão se transformou num movimento e o movimento se transformou em guerra — ele balança a cabeça. — Eles não tiveram a menor chance. A gente tinha armas, eles não, e este foi o fim dos spackles.

— Não de todos — eu digo.

— Não — ele diz. — Não de todos. Mas eles aprenderam a não se aproximar dos homens nunca mais, isso eu garanto.

Uma brisa sopra no topo da colina. Quando ela passa, é como se nós fôssemos as únicas três pessoas no Novo Mundo. A gente e os fantasmas do cimitério.

— Mas a guerra não foi o fim da história — Viola diz baixinho.

— Não — Ben diz. — A história não terminou, não chegou nem na metade.

Eu sei que não. E eu sei o que vem depois.

E eu mudo de ideia. Não quero que ele termine de contar.

Mas ao mesmo tempo eu quero.

Olho dentro dos olhos de Ben, dentro do seu Ruído.

— A guerra não parou com os spackles — eu digo. — Não em Prentissburgo.

Ben passa a língua nos lábios e posso sentir uma instabilidade em seu Ruído e fome e pesar pelo que ele já está imaginando que será a nossa próxima despedida.

— A guerra é um monstro — ele diz, quase pra si mesmo. — A guerra é o demônio. Ela começa e consome e cresce e cresce e cresce — agora ele está olhando pra mim. — E homens que antes eram normais começam a se tornar monstros também.

— Eles não conseguiram suportar o silêncio — Viola diz. — Não conseguiram suportar o fato de as mulheres saberem tudo sobre eles e eles não saberem nada sobre elas.

— Alguns homens pensavam assim — Ben diz. — Não todos. Eu não, nem Cillian. Havia homens bons em Prentissburgo.

— Mas um número suficiente pensava assim — eu digo.

— Sim — ele concorda.

Ele fez outra pausa quando a verdade começa a se mostrar.

Finalmente. E pra sempre.

Viola está balançando a cabeça.

— Você está dizendo…? Você realmente está dizendo…?

E aqui está ela.

Aqui está a coisa que é o centro de tudo.

Aqui está a coisa que vem crescendo na minha cabeça desde que eu deixei o pântano, as coisas que eu já tinha visto em flashes dos homens ao longo do caminho, mais claramente em Matthew Lyle, mas também nas reações de todas as pessoas que ouviam a palavra Prentissburgo.

Aqui está ela.

A verdade.

E eu não quero a verdade.

Mas digo assim mesmo.

— Depois que eles mataram os spackles — eu digo —, os homens de Prentissburgo mataram as mulheres de Prentissburgo.

Viola arfa, mesmo já tendo imaginado isso também.

— Nem todos os homens — Ben diz. — Mas muitos que se deixaram influenciar pelo prefeito Prentiss e pelos sermões de Aaron, que costumava dizer que o que está oculto só pode ser maligno. Eles mataram todas as mulheres e todos os homens que tentaram protegê-las.

— Minha mãe — eu digo.

Ben balança a cabeça, confirmando.

Sinto um enjoo na minha barriga.

Imagino minha mãe morrendo, sendo assassinada por homens que eu provavelmente via todos os dias.

Me sento sobre uma lápide.

Preciso pensar em outra coisa, preciso mesmo. Tenho que colocar outra coisa no meu Ruído pra poder suportar.

— Quem era Jessica? — eu pergunto, lembrando o Ruído de Matthew Lyle em Farbranch, lembrando a violência que havia nele, o Ruído que agora faz sentido, mesmo não fazendo sentido nenhum.

— Algumas pessoas perceberam o que estava por vir — Ben diz.

— Jessica Elizabeth era nossa prefeita e ela podia ver pra onde o vento estava soprando.

Jessica Elizabeth, eu penso. Nova Elizabeth.

Ela organizou pra que algumas das garotas e dos garotos atravessassem o pântano — Ben prossegue —, mas antes que ela conseguisse ir embora com as mulheres e os homens que não tinham enlouquecido, os homens do prefeito atacaram.

— E assim Nova Elizabeth se transformou em Prentissburgo.— eu digo, sentindo meu corpo paralisado.

— Sua mãe não acreditou que isso aconteceria — Ben diz, sorrindo tristemente pra si mesmo ao se lembrar. — Era uma mulher tão cheia de amor, tão cheia de esperança na bondade dos demais — ele para de sorrir. — E então chegou o momento em que era tarde demais pra fugir e você era jovem demais pra ser mandado embora e por isso ela deixou você com a gente e disse pra gente te proteger, custasse o que custasse.

Eu levanto o olhar.

— E como é que ficar em Prentissburgo me protegeria?

Ben está me encarando, com tristeza em todos os lugares a sua volta, seu Ruído tão pesado que é um milagre ele conseguir fica em pé.

— Por que vocês não foram embora? — eu pergunto.

Ele passa a mão no rosto.

— Porque a gente também não imaginou que o ataque aconteceria. Pelo menos eu não imaginei, e a gente tinha ordenado toda a fazenda e eu pensei que o mundo acabaria antes de qualquer coisa ruim acontecer. Pensei que eram só

rumores e paranóia, inclusive por parte da sua mãe, até o final — ele franze as sobrancelhas. — Eu estava errado. Eu fui burro — ele desvia o olhar. — Fiquei cego por causa da minha teimosia.

Lembro suas palavras me confortando sobre o spackle.

Todos nós cometemos erros, Todd. Todos nós.

— E depois já era tarde demais — Ben diz. — O mal já tinha sido feito e os rumores do que Prentissburgo havia feito se espalharam como fogo na mata, começando pelos poucos que conseguiram escapar. Todos os homens de Prentissburgo foram declarados criminosos. A gente não podia ir embora.

Os braços de Viola ainda estão cruzados.

— Por que ninguém veio atrás de vocês? Por que o resto do Novo Mundo não veio atrás de vocês?

— Pra fazer o quê? — Ben pergunta, parecendo cansado. — Causar outra guerra, mas desta vez com homens fortemente armados? Trancar a gente numa prisão gigante? Eles estabeleceram a lei de que, se qualquer homem de Prentissburgo atravessasse o pântano, seria executado.

E então eles esqueceram a gente.

— Mas eles devem ter… — Viola diz, levantando os braços. — Alguma coisa. Não sei.

— Quando a tragédia não acontece na sua casa — Ben diz —, é mais fácil pensar ‘pra que vou procurar sarna pra me coçar’? Tinha o pântano inteiro entre a gente e o Novo Mundo. O prefeito mandou dizer que Prentissburgo seria uma cidade em exílio. Condenada, obviamente, a uma morte lenta. A gente concordou em nunca ir embora e, se alguém tentasse sair, ele mesmo caçaria e mataria o coitado.

— As pessoas não tentaram? — Viola pergunta. — Elas não tentaram fugir?

— Elas tentaram — Ben dizer, de forma expressiva. — Era comum algumas pessoas desaparecessem.

— Mas se você e Cillian eram inocentes… — eu começo.

— A gente não era inocente — Ben diz, decidido, e de repente seu Ruído tem um gosto amargo. Ele suspira. — Não mesmo.

— O que você quer dizer? — eu pergunto, levantando a cabeça. O enjoo no meu estômago não passa. — O que você quer dizer com isso?

— Vocês deixaram as coisas acontecerem — Viola diz. — Vocês não morreram com os outros homens que estavam protegendo as mulheres.

— Nós não lutamos e não morremos — ele balança a cabeça. — Não somos nem um pouco inocentes.

— Por que vocês não lutaram? — eu pergunto.

— Cillian queria — Ben diz, rapidamente. — Eu queria que você soubesse disso. Ele queria fazer qualquer coisa pra impedir essa tragédia.

Teria dado sua própria vida — ele desvia o olhar mais uma vez. — Mas eu não deixei.

— Por que não?

— Eu entendo — Viola sussurra.

Eu olho pra ela, porque com certeza eu não entendo.

— Você entende o quê?

Virola continua olhando pra Ben.

— Eles só tinham duas escolhas: morrer lutando pelo que era certo e deixar você desprotegido — ela diz — ou se tornar cúmplices do que era errado e manter você vivo.

Não sei o que cúmplice significa, mas posso imaginar.

Eles fizeram isso por mim. Todo esse horror. Eles fizeram por mim.

Ben e Cillian. Cillian e Ben.

Eles fizeram isso pra que eu pudesse viver.

Não sei como me sinto.

Fazer o que é certo deveria ser fácil.

Não deveria ser apenas outra grande bagunça, como todo o resto.

— Então a gente esperou — Ben diz. — Numa prisão em forma de cidade. Cheia do Ruído mais horroroso que você já ouviu na vida. Os homens começaram a negar seu próprio passado, antes do prefeito aparecer com seus grandes planos. E então a gente esperou o dia em que você se tornou grande o suficiente pra se cuidar sozinho, o mais inocente possível — ele passa uma das mãos na cabeça. — Mas o prefeito também estava esperando.

— Por mim? — eu pergunto, mesmo sabendo que é verdade.

— Ele estava esperando que o último garoto de Prentissburgo se tornasse um homem — Ben diz. — Quando os garotos se tornavam homens, ficavam sabendo de toda a verdade. Ou pelo menos uma versão da verdade.

E eles mesmos se tornavam cúmplices.

Me lembro do Ruído dele lá na fazenda, sobre o meu aniversário, sobre como um garoto se torna um homem.

Sobre o que a cumplicidade realmente significa e como ela pode ser passada de uma geração à outra.

Como ela estava esperando pra ser passada pra mim.

E sobre os homens que…

Tento tirar isso da minha cabeça.

— Isto não faz nenhum sentido — eu digo.

— Você era o último — Ben diz. — Se ele conseguisse transformar todos os garotos de Prentissburgo em homens por seus próprios meios, então ele seria como Deus, não seria? Ele teria criado todos nós e teria total controle.

— Se um de nós cair — eu digo.

— Todos nós cairemos — Ben finaliza. — Por isso ele quer você. Você é um símbolo. Você é o último garoto inocente de Prentissburgo. Se ele conseguir fazer você cair, seu exército estará completo e do jeito que ele quer.

— E se isso não acontecer? — eu pergunto, mas imaginando se já não caí.

— Se isso não acontecer — Ben diz —, ele vai te matar.

— Então o prefeito Prentiss é tão maluco quanto Aaron Viola diz.

— Não tanto — Ben diz. — Aaron é louco, mas o prefeito sabe como usar a loucura pra atingir seus objetivos.

— Que são quais? — Viola pergunta.

— Este mundo — Ben responde, calmamente. — Ele quer este mundo inteiro.

Eu abro a minha boca pra perguntar mais coisas que não quero saber, mas então, como se não existisse nenhuma outra coisa que pudesse acontecer, a gente escutou.

Pocotum pocotuM pocotum. Vindo da estrada, implacável, como uma piada que nunca será engraçada.

— Só pode ser brincadeira — Viola diz.

Ben já está de pé, escutando.

— Parece que é só um cavalo.

Todos nós olhamos pra estrada, que brilha um pouco sob a luz da lua.

— Binóculo — Viola diz, agora já do meu lado. Eu pego o binóculo sem dizer uma palavra, clico no botão de visão noturna e dou uma olhada, procurando o som que soa pelo ar da noite.

Pocotum pocotum pocotum.

Vou buscando pela estrada mais e mais longe até que…

Lá está.

Lá está ele.

Quem mais poderia ser?

O Sr. Prentiss Jr., vivo e sadio e desamarrado e de novo sobre seu cavalo.

— Droga — escuto Viola, que lê meu Ruído quando eu passo o binóculo pra ela.

— Davy Prentiss? — Ben diz, também lendo meu Ruído.

— Em carne e osso — eu digo, colocando as garrafas de água de novo dentro da sacola de Viola. — Temos que ir.

Viola passa o binóculo pra Ben. Ele dá uma olhada, depois afasta o binóculo dos olhos e depois dá mais uma olhada rápida.

— Era só o que faltava — ele diz.

— Temos que ir — Viola diz. — Como sempre.

Ben olha pra gente, ainda segurando o binóculo. Ele olha pra mim e pra Viola e eu já sei o que está se formando no Ruído dele.

— Ben… — eu começo.

— Não — ele diz. — É aqui que a gente se despede.

—Ben…

— Eu posso me defender desse maldito Davy Prentiss.

— Ele tem uma arma — eu digo. — Você não.

Ben se aproxima de mim.

— Todd — ele diz.

— Não, Ben — eu digo, aumentando meu tom de voz. — Não vou ouvir nada.

Ele olha dentro dos meus olhos e eu percebo que ele nem precisa mais se ajoelhar pra ficar do meu tamanho.

— Todd — ele repete. — Eu vou pagar pelos erros que cometi te mantendo em segurança.

— Você não pode me deixar, Ben — eu digo, minha voz ficando embargada (cala a boca).

Ele balança a cabeça.

— Eu não posso ir pra Paraisópolis com você. Você sabe que eu não posso. Eu sou o inimigo.

— A gente pode explicar o que aconteceu.

Mas ele continua balançando a cabeça.

— O cavalo está se aproximando — Viola diz.

Pocotum pocotum pocotum.

— A única coisa que faz de mim um homem — Ben diz, com a voz firme como uma pedra — é ver você mesmo se transformar em um homem com segurança.

— Eu ainda não sou um homem, Ben — eu digo, quase perdendo a fala (cala a boca). — Eu nem sei quantos dias faltam.

Então ele sorri e é um sorriso que me diz que tudo acabou.

— Dezesseis. Faltam dezesseis dias para o seu aniversário — ele levanta o meu queixo. — Mas você já está agindo como homem há um bom tempo.

Não deixe ninguém te dizer o contrário.

—Ben…

— Podem ir — ele diz e chega mais perto de mim e entrega o binóculo pra Viola e me abraça. — Sou o pai mais orgulhoso deste mundo — ele sussurra no meu ouvido.

— Não — eu digo, com um nó na garganta. — Não é justo.

— Não, não é — ele se afasta. — Mas há esperança no fim da estrada.

Lembre-se disso.

— Não vá — eu digo.

— Tenho que ir. O perigo está vindo.

— E está cada vez mais perto — Viola diz, olhando através do binóculo.

Pocotum pocotum POCOTUM.

— Eu vou dar um jeito de interromper Davy Prentiss pra que vocês ganhem tempo — Ben olha pra Viola. — Cuide bem de Todd. Você me dá a sua palavra?

— Você tem a minha palavra — Viola diz.

— Ben, por favor — eu sussurro. — Por favor.

Ele agarra meus ombros pela última vez.

— Lembre-se: — ele diz — Esperança.

E ele não diz mais nada e começa a correr descendo a colina do cimitério em direção à estrada. Quando ele chega lá embaixo, olha pra trás e vê que a gente ainda está olhando pra ele.

— O que vocês estão esperando? — ele grita. — Corram!

37

QUAL É O PROPÓSITO?

NÃO QUERO dizer o que sinto quando a gente começa a correr pelo outro lado da colina, pra longe de Ben, desta vez pra sempre, porque como pode existir alguma vida depois disso?

A vida se resume a correr e talvez quando a gente parar de correr, saberá que a vida finalmente terminou.

— Vamos, Todd — Viola diz, olhando pra trás. — Por favor, se apresse.

Eu não digo nada.

Eu corro.

A gente chega no fim da colina e voltamos pro rio. De novo. Com a estrada do outro lado. De novo.

Sempre a mesma coisa.

O rio está mais barulhento do que antes, correndo mais rápido, mas quem se importa? Que diferença faz?

A vida não é justa.

Não é.

Nunca.

É inútil e idiota e só tem sofrimento e dor e pessoas que querem te machucar.

Você não pode amar nada nem ninguém porque tudo será tirado de você ou arruinado e você ficará sozinho e terá que lutar constantemente, terá que correr constantemente só pra se manter vivo.

Não tem nada bom nesta vida. Não tem nada bom em lugar nenhum.

Qual é o maldito propósito disso tudo?

— O propósito é — Viola diz, parando perto de um arbusto pra me dar um tapa bem forte no ombro — que ele se importava tanto que talvez tenha se sacrificado por você e se você simplesmente DESISTIR — ela grita esta parte — então estará dizendo que o sacrifício dele não serviu para nada!

— Ai — eu digo, esfregando meu ombro. — Mas por que ele teve que se sacrificar? Por que eu tenho que perder ele de novo?

Ela chega mais perto de mim.

— Você acha que é a única pessoa que perdeu alguém? — ela pergunta, em um sussurro perigoso. — Esqueceu que meus pais também estão mortos?

Eu esqueci.

Esqueci mesmo.

Não digo nada.

— Agora tudo o que eu tenho é você — ela diz, com a voz ainda raivosa.

— E tudo o que você tem sou eu. E eu também estou com raiva por Ben ter ido embora, e estou com raiva porque meus pais morreram e estou com raiva por termos pensando em vir para este planeta, mas é assim que as coisas são e é uma pena que só sobramos eu e você, mas não podemos fazer nada.

Eu continuo calado.

Mas lá está ela e eu olho pra ela, olho pra ela de verdade, talvez pela primeira vez desde que eu a vi se encolhendo perto de uma pilha de gravetos lá no pântano quando eu pensei que ela era um spackle.

Isso foi há uma eternidade.

Ela ainda está um pouco limpa por causa dos dias em Carbonel Downs (isso foi ontem, parece que passou tanto tempo), mas seu rosto está sujo e ela está mais magra do que antes e tem umas manchas pretas abaixo dos olhos e seu cabelo está bagunçado e embaraçado e suas mãos estão cobertas com uma fuligem preta e sua camiseta tem uma mancha verde de capim na frente por causa daquela vez que ela caiu e ela tem um corte no lábio de quando um galho bateu no seu rosto quando a gente estava correndo com Ben (e não sobrou nenhum curativo pra colocar) e ela está olhando pra mim.

E está me dizendo que ela é tudo o que eu tenho.

E que eu sou tudo o que ela tem.

E eu tento sentir um pouco essa sensação.

As cores no meu Ruído ficam diferentes.

Sua voz suaviza, mas só um pouco.

— Ben se foi e Manchee se foi e minha mãe e meu pai se foram — ela diz. — E eu odeio tudo isso. Eu odeio isso. Mas a gente já está quase no fim da estrada. A. gente está quase lá. E, se você não desistir, eu não vou desistir.

— Você acredita que tem esperança no final? — eu pergunto.

— Não — ela diz, com a maior simplicidade, olhando pro horizonte. — Não, eu não acredito, mas mesmo assim vou seguir em frente — ela olha pra mim. — Você vem comigo?

Eu nem preciso responder.

A gente continua correndo.

Porém…

— A gente deveria ir pela estrada — eu digo, me apoiando em outro galho.

— Mas e o exército? E os cavalos?

— Eles sabem que a gente tá aqui. A gente sabe que eles estão aqui.

Parece que todos nós decidimos seguir o mesmo caminho pra chegar a Paraisópolis.

— E a gente ouviria eles se aproximando — ela concorda. — E pela estrada é mais rápido.

— Pela estrada é mais rápido.

— Então vamos pegar a maldita estrada em direção a Paraisópolis — ela diz.

Eu dou um sorrisinho.

— Você disse maldita. Você realmente disse a palavra maldita.

E assim a gente segue pela maldita estrada, tão rápido quanto o nosso cansaço permite. A estrada é poeirenta, contorcida e às vezes lamacenta por causa do rio, como a quilômetros e quilômetros atrás, e é o mesmo Novo Mundo cheio de folhas e árvores ao nosso redor.

Se você tivesse acabado de aterrissar aqui e não soubesse nada de nada, até poderia pensar que este realmente é um paraíso.

Um amplo vale se abre ao nosso redor, plano na parte de baixo onde está o rio, mas com colinas distantes surgindo em cada lado. As colinas estão iluminadas apenas pela luz das luas, nenhum sinal de colônias distantes ou de luzes acesas.

Também não há nenhum sinal de Paraisópolis mais adiante, mas a gente está no ponto mais plano do vale e não consegue ver muita coisa depois das curvas da estrada, nem na nossa frente nem atrás. A floresta ainda cobre as duas margens do rio e até se poderia pensar que todo o Novo Mundo foi fechado e todo mundo foi embora, deixando só a estrada atrás de si.

A gente continua avançando.

E avançando.

A gente só para pra pegar mais água quando os primeiros clarões amanhecer começam a aparecer no vale na nossa frente.

Enquanto a gente bebe a água, só escuta o barulho do meu Ruído e do rio.

Nenhum som de ferraduras de cavalos. Nenhum outro Ruído..

Você sabe que isto quer dizer que ele conseguiu — Viola diz, sem me olhar. — O que quer que ele tenha feito, ele interrompeu o homem a cavalo.

Eu só concordo com a cabeça.

— E a gente não ouviu tiros em nenhum momento.

Eu balanço a cabeça de novo.

— Sinto muito por gritar com você antes — ela diz. — Eu só queria que você seguisse em frente. Não queria que você parasse.

— Eu sei.

A gente está apoiado em algumas árvores perto da margem do rio.

A estrada está atrás da gente e do outro lado do rio só tem árvores e a outra ponta do vale e depois só o céu lá em cima, ficando mais claro e mais azul e maior e mais vazio até as estrelas começarem a ir embora.

— Quando saímos na nave de reconhecimento — Viola diz, enquanto nós dois olhamos pro outro lado do rio —, fiquei muito chateada por ter que deixar meus amigos para trás. Eram umas poucas crianças das outras famílias de vigilantes, mas mesmo assim, pensei que eu seria a única pessoa da minha idade neste planeta durante sete meses inteiros.

Bebo um pouco de água.

— Eu não tinha amigos em Prentissburgo.

Ela olha pra mim.

— Como assim, não tinha nenhum amigo? Não pode ser.

— Eu tive alguns amigos por um tempo, garotos alguns meses mais velhos do que eu. Mas quando os garotos se tornam homens, eles param de conversar com os garotos — eu encolho os ombros. — Eu era o último garoto. No fim, era só eu

e Manchee.

Ela observa as estrelas que começam a desaparecer.

— Esta é uma regra idiota.

— É mesmo.

A gente não fala mais nada, somos só eu e Viola na margem do rio, descansando enquanto presenciamos outro amanhecer.

Só eu e ela.

A gente se levanta depois de um minuto e se prepara pra seguir viagem.

— A gente poderia chegar a Paraisópolis amanhã — eu digo. — Se a gente continuar caminhando.

— Amanhã — Viola concorda. — Espero que eles tenham comida.

É a vez dela de carregar a sacola e o sol está surgindo no fim do vale onde parece que o rio está entrando bem dentro dele e, quando a luz atinge as colinas do outro lado do rio, alguma coisa chama a minha atenção.

Viola imediatamente percebe a faísca no meu Ruído.

—O que foi?

Eu protejo meus olhos do sol. Um pequeno rastro de poeira surge no topo das colinas ao longe.

E está se movendo.

— O que é aquilo? — eu pergunto.

Viola pega o binóculo.

— Não consigo ver direito. Tem árvores no meio do caminho.

— Será que é algum viajante?

— Talvez seja a outra estrada. A bifurcação que a gente não seguiu.

A gente observa por um ou dois minutos enquanto o rastro de poeira continua subindo, seguindo em direção a Paraisópolis na velocidade lenta de uma nuvem distante. É estranho ver isso sem ouvir nenhum som.

— Eu queria saber onde está o exército — eu digo. —Queria saber a que distância eles estão da gente.

— Talvez Carbonel Downs tenha dado trabalho pra eles — Viola aponta o binóculo pro alto do rio, pro lugar de onde a gente veio, mas é plano e contorcido dimais. Só se veem árvores. Árvores e o céu e a quietude e o rastro de silêncio da poeira seguindo o topo da colina distante.

— É melhor a gente ir — eu digo. — Estou começando a ter um mau pressentimento.

— Então vamos Viola diz, calmamente.

De volta à estrada.

De volta à vida de correr.

A gente não tem nada de comida, portanto o café da manhã se resume a uma fruta amarela que Viola encontrou em algumas árvores e que ela jura que comeu em Carbonel Downs. Essas mesmas frutas também viram o nosso almoço, mas é melhor do que nada.

Penso de novo na faca que está nas minhas costas.

Será que eu conseguiria caçar, se a gente tivesse tempo?

Mas a gente não tem tempo.

O meio-dia passa e adentra a tarde. O mundo ainda está abandonado e assustador. Somos só eu e Viola correndo pelo vale, nenhuma colônia à vista, nenhuma caravana ou carroça, nenhum outro som mais alto do que o som do rio que corre ao nosso lado e fica mais volumoso a cada quilômetro, até um ponto em que é difícil ouvir meu próprio Ruído e, se a gente quiser conversar, tem que gritar.

Mas a gente está faminto dimais pra conversar. E cansado dimais pra conversar. E correndo dimais pra conversar.

E a gente segue nosso caminho.

E eu percebo que estou observando Viola.

O rastro de poeira no topo da colina ao longe nos segue enquanto a gente corre, se adiantando lentamente enquanto o dia vai passando e finalmente desaparecendo a distância e eu vejo que ela está observando tudo enquanto a gente corre. Observo enquanto ela corre ao meu lado, se encolhendo por causa das dores nas pernas. Observo quando ela esfrega as pernas quando a gente para pra descansar e observo quando ela bebe água das garrafas.

Agora que eu comecei a observá-la, não consigo tirar os olhos dela.

Ela percebe.

—O que foi?

— Nada — eu digo e desvio o olhar porque não sei mesmo.

O rio e a estrada estão ficando mais estreitos à medida que o vale vai ficando mais inclinado e estreito. Ainda dá pra ver uma partezinha do caminho por onde a gente veio. Ainda nenhum exército, ainda nenhum homem a cavalo. A quietude é quase mais assustadora do que se houvesse Ruído em todos os lugares.

O anoitecer chega, o sol se põe no vale atrás da gente, desaparecendo onde quer que o exército esteja e no que quer que tenha sobrado do Novo Mundo lá atrás, no que quer que tenha acontecido com os homens que lutaram contra o exército e com os homens que se uniram ao exército.

No que quer que tenha acontecido com as mulheres.

Viola corre na minha frente.

Eu a observo.

Logo depois que a noite cai, a gente encontra outra colônia, outra colônia com

docas no rio, outra colônia abandonada. Tem só cinco casas no total ao longo de uma pequena faixa da estrada. Uma das casas parece um pequeno depósito.

— Espere — Viola diz, parando.

— Janta? — eu digo, recuperando o fôlego.

Ela concorda.

A gente precisa dar pelo menos seis chutes pra conseguir abrir a porta do depósito e, apesar de claramente não haver ninguém aqui, olho em volta esperando ser repreendido. Lá dentro tem muitas latas, mas a gente consegue encontrar um pedaço de pão seco, algumas frutas amassadas e algumas tiras de carne seca.

— Esta comida não está aqui há mais de um dia ou dois — Viola diz, com a boca cheia. — Eles devem ter fugido para Paraisópolis ontem ou anteontem.

— Os rumores de um exército são uma coisa poderosa — eu digo, sem mastigar direito meu pedaço de carne seca antes de engolir e tossir um pouco.

A gente enche a barriga até não aguentar mais e enfia o resto da comida na sacola de Viola, que agora está nos meus ombros. O livro ainda está lá.

Ainda está envolvido no saco plástico, ainda com o corte da faca em todas as folhas.

Enfio a mão dentro do saco plástico, passando meus dedos sobre a capa.

É suave e ainda tem um leve cheiro de couro.

O livro. O livro da minha mãe fez todo esse trajeto com a gente.

Sobreviveu às suas próprias lesões. Como a gente.

Olho pra Viola.

Ela percebe de novo.

— O que foi? — ela pergunta.

— Nada — eu coloco o livro de volta na sacola junto com a comida. — Vamos.

De volta à estrada, de volta ao rio, de volta em direção a Paraisópolis.

— Esta deve ser nossa última noite, sabia? — Viola diz. — Se o doutor Snow tinha razão, a gente estará em Paraisópolis amanhã.

— Sim, e o mundo mudará — eu digo.

— De novo.

—De novo — eu concordo.

A gente dá mais alguns passos.

— Você está começando a sentir a esperança? — Viola pergunta, curiosa.

— Não — eu digo, confundindo meu próprio Ruído. — E você?

Suas sobrancelhas se levantam, mas ela balança a cabeça.

— Não, não.

— Mas vamos mesmo assim.

— É isso mesmo, paraíso ou perdição.

— Provavelmente será os dois — eu digo.

O sol se põe, as luas surgem de novo, menos crescentes do que na noite passada. O céu ainda está claro, as estrelas ainda estão brilhando, o mundo ainda está quieto. Só se ouve o barulho do rio, que vai ficando cada vez mais alto.

A meia-noite chega.

Quinze dias.

Quinze dias para…

Para quê?

A gente continua caminhando na noite, as estrelas lentamente passando sobre a gente, nossas palavras sossegando um pouco quando a gente sente fome e o cansaço toma conta de novo. Pouco antes de amanhecer a gente encontra duas carroças viradas na estrada, grãos de trigo espalhados pra todo lado e algumas cestas vazias viradas de cabeça pra baixo.

— Eles nem se deram ao trabalho de recuperar tudo — Viola diz.

— Deixaram metade no chão.

— Um lugar tão bom como qualquer outro pra tomar um café da manhã — eu desviro uma das cestas e me sento sobre ela num lugar onde a estrada permite uma visão panorâmica do rio.

Viola pega outra cesta e senta perto de mim. A gente vê reflexos de luzes no céu, quando o sol se prepara pra nascer, a estrada apontando bem pra ele, o rio também, correndo em direção ao amanhecer. Abro a sacola e retiro a comida que a gente pegou no depósito, passando um pouco pra Viola e comendo um pouco também, enquanto a gente bebe a água das garrafas.

A sacola está aberta no meu colo, com algumas roupas e o binóculo.

E lá está o livro de novo.

Sinto o silêncio de Viola perto de mim, me puxando. Sinto o vazio no meu peito e no meu estômago e na minha cabeça e me lembro da dor que eu costumava sentir quando Viola se aproximava muito, como parecia um pesar, como parecia uma perda, como se eu estivesse caindo, caindo, caindo dentro do nada, como isso me apertava e me fazia querer chorar, me fazer querer chorar de verdade.

Mas agora…

Agora não tanto.

Eu olho pra ela.

Ela deve saber o que está no meu Ruído. Eu sou a única pessoa por aqui e ela está ficando cada vez melhor em ler meu Ruído, mesmo com o rio fazendo tanto barulho.

Mas ela fica lá sentada, comendo calmamente, esperando que eu fale.

Esperando que eu peça.

Porque isto é o que eu estou pensando: quando o sol nascer, já será o dia em que a gente vai chegar em Paraisópolis, o dia em que chegaremos no lugar com mais pessoas reunidas do que eu jamais vi em toda a minha vida, um lugar com tanto Ruído que você nunca pode estar sozinho, a menos que eles tenham encontrado uma cura, neste caso eu serei o único Ruidoso, o que na verdade seria pior.

Se a gente chegar em Paraisópolis, a gente será parte de urna cidade.

Não será apenas Todd e Viola, sentados na beira de um rio enquanto o sol nasce, tomando nisso café da manhã, as duas únicas pessoas na face do planeta.

Será todo mundo, todo mundo junto.

Esta pode ser a nossa última chance.

Sem olhar pra Viola, eu pergunto: — Sabe aquela coisa com as vozes que você faz?

— Sim — ela diz, calmamente.

Eu retiro o livro.

— Você acha que consegue fazer uma voz de Prentissburgo?



38

OUVI UMA DONZELA GRITAR

— Meu querido Todd — Viola diz, imitando o sotaque de Ben da melhor forma que ela pode, e fica bom até dimais. —Meu querido filho.

A voz da minha mãe. Minha mãe falando.

Cruzo meus braços e olho pro trigo espalhado pelo chão.

‘Começo este diário no dia do seu nascimento, no dia em que acolhi você em meus braços pela primeira vez e não mais na minha barriga. Você chuta tanto do lado de fora quanto chutava do lado de dentro! E você é a coisa mais maravilhosa que já aconteceu neste universo. Você é de longe a coisa mais bonita no Novo Mundo e definitivamente em Nova Elizabeth, sem sombra de dúvida’

Sinto meu rosto ficar vermelho, mas o sol ainda não está alto o suficiente pra que alguém perceba.

‘Queria que o seu pai estivesse aqui pra te ver Todd, mas o Novo Mundo e o Senhor lá em cima acharam apropriado levá-lo por uma doença há cinco meses e nós dois vamos ter que esperar pra vê-lo no outro mundo.

Você se parece com ele. Bem, na verdade os bebês não se parecem muito com nada além de bebês, mas estou te dizendo que você se parece com ele. Você será alto, Todd, porque seu pai era alto. Você será forte, porque seu pai era forte. E você será bonito, muito bonito mesmo. As garotas do Novo Mundo vão se apaixonar por você.’

Viola vira uma página e eu não olho pra ela. Sinto que ela também não está olhando pra mim e eu não gostaria de ver um sorriso no rosto dela justo agora.

Porque uma coisa estranha está acontecendo: suas palavras não são suas palavras e elas estão saindo da sua boca e parecem uma mentira, mas conformando uma nova verdade, criando um mundo diferente, onde a minha mãe está falando diretamente comigo. Viola está falando com uma voz que não é a dela e o mundo, pelo menos por alguns minutos, o mundo é todo meu, o mundo está sendo construído só pra mim.

‘Deixa eu te contar sobre o lugar no qual você nasceu, filho. Ele se chama Novo Mundo e é um planeta inteiro feito só de esperança…’

Viola para por um segundo, depois continua.

‘A gente aterrissou aqui há quase dez anos, buscando uma nova forma de vida, uma forma de vida limpa e simples e honesta e boa, diferente do Velho Mundo em todos os aspectos, onde as pessoas pudessem viver em segurança e em paz com Deus como nosso guia e com amor pelo próximo.

Ocorreram conflitos. Não vou começar a te contar esta história com uma mentira, Todd. A verdade é que não tem sido fácil aqui pra ninguém…

Minha nossa, olhe pra mim, escrevendo ‘pra’ ao falar com o meu filho.

Esta vai ser a vida de colonizador pra você, eu imagino, sem muito tempo pra coisas refinadas. É fácil baixar ao nível de pessoas que não se importam em desperdiçar suas boas maneiras. Mas um ‘pra’ não é tão ruim assim, não é mesmo? Muito bem, então está decidido. Minha primeira escolha ruim como mãe: diga ‘pra’ o tanto que você quiser, Todd. Prometo que não vou te corrigir.’

Viola morde o lábio, mas eu não digo nada e ela continua.

‘Estamos tendo dificuldades e doenças no Novo Mundo e em Nova Elizabeth. Existe uma coisa chamada Ruído aqui neste planeta com a qual os homens vêm lutando desde que aterrissamos, mas o mais estranho é que você será um dos garotos na colônia que não terá vivido de outra forma, então será difícil te explicar como a vida era antes disso e por que é tão difícil agora, mas estamos lidando com isso da melhor forma possível.

Um homem chamado David Prentiss, que tem um filho um pouquinho mais velho do que você, Todd, e que é um dos nossos melhores administradores — acho que ele era um vigilante na nave, se a minha memória não falha…’

Viola faz uma pausa ao ler essa parte, mas desta vez sou que espero ela dizer alguma coisa. Mas ela não diz nada.

‘Ele convenceu Jessica Elizabeth, nossa prefeita, a encontrar esta pequena colônia na parte mais distante de um enorme pântano pra que o Ruído do resto do Novo Mundo nunca pudesse nos alcançar, a menos que a gente permitisse. Ainda é bastante Ruidoso aqui em Nova Elizabeth, mas pelo menos são pessoas que a gente conhece, pelo menos são pessoas em quem confiamos. Na maioria.

Meu papel aqui é cultivar vários campos de trigo no norte da colônia.

Desde que seu pai faleceu, nossos amigos mais próximos Ben e Cillian têm me ajudado, já que vivem na fazenda ao lado. Não vejo a hora de você conhecê-los. Não, espere, você já os conheceu! Eles já te seguraram no colo e disseram olá, portanto veja só, um dia no mundo e você já fez dois amigos.

É um bom começo, filho.

Na verdade, tenho certeza de que você se sairá muito bem, porque você nasceu duas semanas antes do previsto. Claramente você decidiu que já estava cansado e queria ver o que este mundo tinha pra te oferecer. Não posso te culpar. O céu é tão grande e azul e as árvores tão verdes e este é um mundo onde os animais falam com você, falam mesmo, e você pode até responder, e tem tantas maravilhas, tanta coisa só esperando por você, Todd, que eu quase não me aguento de ansiedade por essas coisas não estarem acontecendo com você agora mesmo, porque você vai ter que esperar pra ver tudo o que é possível, todas as coisas que você pode fazer.’

Viola respira fundo e diz: — Tem uma quebra na página aqui e um pequeno espaço e depois diz Mais tarde, como se ela tivesse sido interrompida — ela olha pra mim. — Você está bem?

— Sim, sim — eu balanço a cabeça bem rápido, com os braços ainda cruzados. — Continue.

O dia está ficando mais claro, o sol está se elevando no céu. Eu desvio o olhar de

Viola um pouco.

Ela continua lendo.

‘Mais tarde.

Desculpe, filho, tive que parar por um minuto porque recebi a visita dõ nosso pastor, Aaron.’

Outra pausa e Viola passa a língua nos lábios.

‘Temos sorte de tê-lo aqui, mas devo admitir que ultimamente ele tem dito coisas com as quais eu não concordo muito sobre os nativos do Novo Mundo. A propósito, os nativos se chamam spackle, e foi uma GRANDE

surpresa, porque eles foram tão tímidos n começo que nem os administradores originais lá no Velho Mundo nem nossas primeiras naves de reconhecimento perceberam que eles estavam aqui!

São criaturas muito doces. Diferentes e talvez primitivas e sem nenhuma linguagem falada ou escrita que conseguimos descobrir, mas eu não concordo com a opinião de algumas pessoas que pensam que os spackles são animais e não seres inteligentes. E Aaron tem feito sermões ultimamente sobre como Deus desenhou uma linha divisória entre a gente e eles e…

Bem, este não é um assunto adequado pra discutir no seu primeiro dia, não é mesmo? Aaron acredita em suas crenças com muita devoção, e tem sido um pilar de fé pra todos nós nestes longos anos e, se alguém algum dia encontrar este diário, quero deixar registrado que foi um privilégio que ele tenha vindo para te abençoar no seu primeiro dia de vida.

Mas também vou dizer no seu primeiro dia que a sede de poder é uma coisa que você deveria aprender a controlar antes de ficar mais velho, pois é o que diferencia homens de garotos, mas não da forma que a maioria dos homens pensa.

E isso é tudo o que eu vou dizer sobre isso. Fique atento.

Filho, há tantas maravilhas no mundo. Não deixe ninguém te convencer do contrário. Sim, a vida tem sido difícil aqui no Novo Mundo e eu admito pra você

porque, se vou começar uma vida nova, tem que ser um começo honesto e eu te digo que quase me entreguei ao desespero. As coisas na colônia estão mais complicadas do que eu posso explicar agora, e tem coisas que você vai aprender por si mesmo mais cedo ou mais tarde, eu querendo ou não. Tivemos dificuldades com a comida e com as doenças e já foi difícil mesmo antes de eu perder o seu pai e eu quase desisti.

Mas eu não desisti. Não desisti por sua causa, meu garoto lindo, meu filho maravilhoso que talvez consiga melhorar este mundo, que eu prometo criar só com amor e esperança e que eu juro que verá este mundo melhorar.

Eu juro.

Porque quando eu te segurei pela primeira vez esta manhã e te alimentei com meu próprio leite, senti tanto amor por você que quase doía, quase como se eu não conseguisse suportar nem mais um minuto.

Mas só quase.

E eu cantei pra você uma música que a minha mãe cantava pra mim e que minha avó cantava pra ela e é assim: E neste momento, surpreendentemente, Viola canta.

Canta de verdade.

Minha pele arrepia, meu peito aperta. Ela deve ter ouvido a melodia no meu Ruído e, claro, deve ter ouvido Ben cantando, porque aqui vem, saindo da sua boca como o ressoar de um sino.

A voz de Viola transformando o mundo na voz da minha mãe, cantando a música.

‘Uma manhã bem cedo quando o sol acabava de nascer, Ouvi uma donzela gritar no vale lá embaixo.

Oh não me engane, oh nunca me abandone, Como você poderia fazer isso com uma pobre donzela?’

Não consigo olhar pra ela.

Não consigo olhar pra ela.

Coloco minhas mãos na minha cabeça.

‘É uma música triste, Todd, mas também é uma promessa. Eu nunca vou te enganar e nunca vou ter abandonar e te prometo isso pra que um dia você possa prometer a mesma coisa a outras pessoas e você saberá que é verdade.

Ei, Todd! Você está chorando. Está chorando no seu berço, acordando do seu primeiro sono no seu primeiro dia, acordando e pedindo que o mundo venha até você.

Por hoje vou ter que deixar isto de lado.

Você está me chamando, filho, e eu vou te atender.’

Viola para e só existe o rio e o meu Ruído.

— Tem mais — ela diz depois de um tempo, folheando as páginas, quando eu não levanto a minha cabeça. — Tem muito mais. Você quer que eu continue lendo? — ela olha pro livro. — Quer que eu leia o fim?

O fim.

Ler a última coisa que a minha mãe escreveu nos últimos dias antes de…

— Não — eu digo rapidamente.

Você está me chamando, filho, e eu vou te atender. No meu Ruído pra sempre.

— Não — eu repito. — Por hoje está bom assim.

Eu olho de soslaio pra Viola e vejo que seu rosto está tão triste quanto meu Ruído. Seus olhos estão molhados e seu queixo treme um pouco, sob a luz do sol. Ela sente que eu estou observando, sente meu Ruído observando e vira a cabeça pra olhar o rio.

E lá, naquela manhã, naquele novo amanhecer, eu percebo uma coisa.

Percebo uma coisa importante.

Tão importante que quando o sol surge por completo no céu, eu tenho que me levantar.

Eu sei o que ela está pensando.

Eu sei o que ela está pensando.

Mesmo ela estando de costas, eu sei o que ela está pensando e sentindo e eu sei o que está acontecendo dentro dela.

A forma como ela virou seu corpo, o jeito da sua cabeça e das suas mãos e o livro no seu colo, a forma como ela está enrijecendo um pouco as costas enquanto escuta tudo isso no meu Ruído.

Eu posso ler.

Eu posso ler Viola.

Porque ela está pensando em como seus pais também vieram pra cá com esperança, como a minha mãe. Ela está imaginando se a esperança no fim da nossa estrada é tão falsa quanto a que estava no fim da estrada da minha mãe. E ela está pegando as palavras da minha mãe e colocando na boca da sua mãe e do seu pai e ouvindo eles dizerem que eles a amam e que sentem falta dela e que desejam tudo de bom pra ela. E ela está pegando a música da minha mãe e está entrelaçando a música em todo o resto até se tornar uma coisa triste que é só dela.

E isso machuca, mas é uma dor suportável, mas mesmo assim machuca, mas é boa, mas dói.

Ela sofre.

Eu sei de tudo isso.

Eu sei que é verdade.

Porque eu consigo ler Viola.

Eu consigo ler seu Ruído, mesmo ela não tendo nenhum Ruído.

Eu sei quem ela é.

Eu conheço Viola Eade.

Levanto minhas mãos.

— Viola — eu sussurro, minha voz tremendo.

— Eu sei — ela diz, cruzando os braços, ainda de costas pra mim.

E eu olho pra ela lá sentada, e ela olha pro rio e nós dois esperamos o dia clarear, e nós dois sabemos.

Nós dois nos conhecemos.

39

A CACHOEIRA

O SOL COMEÇA A ESCALAR o céu, e o rio está barulhento e agora a gente pode ver ele correndo rápido em direção ao fim do vale, em corredeiras.

Viola é quem rompe o silêncio que caiu sobre a gente.

— Você sabe o que isto deve ser, não sabe? — ela pergunta, retirando o binóculo da sacola e olhando o rio lá embaixo. O sol está subindo no fim do vale. Ela protege as lentes com a mão.

— O que é? — eu pergunto.

Ela aperta alguns botões e olha de novo.

— O que você está vendo? — eu pergunto de novo.

Ela me passa o binóculo.

Eu vejo o rio lá embaixo, seguindo as corredeiras, cheio de espuma, direto para…

Direto para o fim…

A alguns quilômetros de distância, o rio termina no vazio.

— Outra cachoeira — eu digo.

— Parece muito maior do que aquela que a gente viu com Wilf — ela diz.

— A estrada deve continuar depois dela — eu digo. — Não deve ser um problema pra gente.

— Não é disso que eu estou falando.

— Então do que você tá falando?

— Estou dizendo — ela diz, franzindo as sobrancelhas por causa da minha idiotice — que uma cachoeira desse tamanho deve ter uma cidade lá no fim. Estou dizendo que se você tivesse que escolher um lugar em um planeta para montar uma primeira colônia, um vale na base de uma cachoeira com terra fértil para o cultivo e água fresca e limpa seria o lugar perfeito.

Meu Ruído sobe um pouco, só um pouco.

Por que quem imaginaria?

— Paraisópolis — eu digo.

— Aposto com você que a gente encontrou Paraisópolis — ela diz.

— Aposto que quando a gente chegar naquela cachoeira vai poder ver Paraisópolis lá embaixo.

— Se a gente correr, a gente chega lá pro café da manhã — eu digo. Ela olha dentro dos meus olhos pela primeira vez desde o livro da minha mãe.

— Se corrermos? — ela diz e depois sorri.

Um sorriso verdadeiro.

E eu também sei o que aquilo quer dizer.

A gente pega nossos poucos pertences e prossegue.

Mais rápido do que antes.

Meus pés estão cansados e doloridos. Os pés dela também devem estar.

Tenho bolhas e dores e meu coração dói por causa de tudo o que eu sinto falta e de tudo o que se foi. E o coração dela também dói.

Mas a gente correu.

A gente corre pra valer.

Porque talvez (cala a boca).

Só talvez (não pense nisso).

Talvez realmente haja esperança no fim da estrada.

O rio vai ficando ora largo e ora estreito à medida que a gente corre e as paredes do vale se aproximam cada vez mais, a parede do nosso lado ficando tão perto que a estrada começa a se inclinar. Respingos das corredeiras começam a flutuar no ar. Nossas roupas ficam molhadas, nosso rosto e nossas mãos também. O rugido parece um trovão se espalhando pelo mundo, como se estivesse lavando e levando embora o Ruído.

E eu penso Por favor, que Paraisópolis esteja no fim da cachoeira.

Por favor

Porque eu vejo Viola olhar pra mim enquanto a gente corre com um brilho no rosto e ela continua me pedindo pra ir mais rápido e continua sorrindo e eu penso que a esperança pode ser esta coisa que te puxa pra frente, esta coisa que te faz seguir avançando, mas também é perigosa, dolorosa e arriscada, e está desafiando o mundo e quando é que o mundo alguma vez deixou a gente ganhar um desafio?

Por favor, que Paraisópolis esteja lá embaixo.

Por favor, por favor, por favor.

A gente leva pouco mais de uma hora pra chegar na cachoeira, mesmo correndo praticamente o tempo todo, mas a estrada finalmente começa a subir um pouco, avançando sobre o rio quando a água começa a se precipitar em corredeiras rochosas. Agora já não existe nenhuma árvore entre a gente e o rio, só uma colina que vai subindo cada vez mais íngreme do nosso lado direito enquanto o vale se fecha e depois nada, só o rio e a cachoeira mais adiante.

— A gente está quase lá — Viola diz na minha frente, correndo, os cabelos balançando na nuca, o sol iluminando tudo.

E então…

E então, na beira do penhasco, a estrada chega a um extremo e faz um ângulo repentino pra baixo e pra direita.

E é onde a gente para.

A cachoeira é imensa, tem pelo menos meio quilômetro de extensão.

A água ruge sobre o penhasco numa espuma branca violenta, enviando jorros a centenas de metros na queda abrupta pra todos os lados, deixando a gente ensopado e formando um arco-íris quando o sol ilumina a água.

— Todd — Viola diz, tão baixinho que eu mal consigo ouvir. Mas eu nem preciso.

Eu sei o que ela quer dizer.

Assim que a cachoeira começa a cair, o vale se abre de novo, tão amplo quanto o próprio céu, seguindo o rio que começa de novo na base da cachoeira. A cachoeira explode com uma água branca antes de se acalmar e virar um rio de novo.

E flui até Paraisópolis.

Paraisópolis.

Só pode ser.

Espalhada lá embaixo como uma mesa cheia de comida.

— Lá está — Viola diz.

E eu sinto seus dedos se entrelaçarem nos meus.

A cachoeira à nossa esquerda, jatos de água e arco-íris no céu, o sol se elevando sobre nossa cabeça, o vale lá embaixo.

E Paraisópolis, tranquila, esperando.

Está a três, talvez quatro quilômetros de distância.

Mas está lá.

Está lá de verdade.

Eu olho em volta, pro lugar onde a estrada fez uma curva acentuada, se inclinando pra baixo e cortando a parede do vale à nossa direita, mas depois ziguezagueando de forma íngreme num padrão retorcido, parecendo um zíper que passa pela lateral da colina até encontrar o rio de novo.

E segue em direção a Paraisópolis.

— Eu quero ver — Viola diz, soltando a minha mão e pegando o binóculo. Ela dá uma olhada, depois tenta limpar a água das lentes e olha de novo. — É lindo — ela diz e se cala e olha de novo e seca a água da lente outra vez.

Depois de um minuto, e sem dizer mais nada, ela me passa o binóculo e eu vejo Paraisópolis pela primeira vez.

O jato de água é tão forte que mesmo secando não dá pra ver os detalhes, como pessoas ou qualquer coisa, mas tem todo tipo de construção diferente, principalmente em volta do que parece ser uma grande igreja no centro. Tem outras construções grandes também, e estradas passando entre as árvores saindo do centro da cidade e seguindo em direção a outros conjuntos de construções.

Deve ter pelo menos cinquenta prédios no total.

Talvez cem.

É a maior coisa que eu já vi na minha vida inteira.

— Devo admitir que é menor do que eu esperava — Viola grita.

Mas eu não presto atenção.

Com o binóculo, sigo a estrada do rio e vejo o que parece um bloqueio na estrada com uma cerca reforçada em cada lado.

— Eles estão se preparando — eu digo. — Estão se preparando pra lutar.

Viola olha pra mim, preocupada.

— Você acha que é grande o suficiente? Você acha que a gente está seguro?

— Depende de se os rumores do exército são verdadeiros ou não. Olho atrás da gente, por instinto, como se o exército estivesse esperando a gente se mover. Olho pra colina do vale ao nosso lado. A gente poderia ter uma boa vista dali.

— Vamos descobrir — eu digo.

A gente desce a estrada correndo, buscando um bom lugar pra escalar e, quando encontra um, a gente começa a subir. Minhas pernas parecem leves quando eu escalo, meu Ruído está mais claro do que esteve em dias. Estou triste por Ben, estou triste por Cillian, estou triste por Manchee, estou triste por tudo o que aconteceu comigo e com Viola.

Mas Ben estava certo.

Tem esperança no fim da maior cachoeira.

E talvez a dor não seja tão grande no fim das contas.

A gente sobe passando entre as árvores. A colina se inclina sobre o rio e a gente tem que segurar em galhos e rochas pra conseguir subir alto o suficiente pra ver a estrada lá embaixo, até que o vale se estreita debaixo da gente.

Ainda estou com o binóculo, olho o rio e a estrada lá embaixo e o topo das árvores. Continuo tentando secar a água que respinga nas lentes.

Dou uma olhada.

— Você consegue ver eles? — Viola pergunta.

Eu vejo o rio ficando menor lá longe, longe, bem longe.

— Não — eu digo.

Continuo olhando.

Dou mais uma olhada.

E…

Lá.

Na curva mais profunda da estrada, na parte mais profunda do vale, na sombra mais distante em contrasto com o sol nascente, lá estão eles.

Uma massa que só pode ser o exército, marchando adiante, tão longe que só sei que são eles porque parece uma água escura fluindo num leito de rio seco. É difícil ver detalhes a esta distância, mas posso ver homens, mas não vejo cavalos.

Só uma massa, uma massa que se espalha pela estrada.

—É grande? — Viola pergunta. — Eles conseguiram juntar muitas pessoas?

— Na verdade não sei — eu digo. — Trezentas? Quatrocentas? Não sei.

A gente está longe dimais pra…

Eu paro.

— A gente está longe dimais pra saber com certeza — dou outro sorriso. — Quilômetros e quilômetros.

— A gente ganhou deles — Viola diz, também sorrindo. — A gente correu e eles perseguiram a gente e a gente ganhou deles.

— Vamos chegar em Paraisópolis e vamos avisar a pessoa que estiver no comando — eu digo, falando mais rápido, meu Ruído se elevando de empolgação. — Mas eles têm linhas de batalha e a entrada é bastante re estreita e o exército está a pelo menos um dia de distância, talvez até chegue hoje à noite, e eu juro que não pode ser mil homens.

Eu juro.

(Mas)

Viola está sorrindo o sorriso mais cansado e feliz que eu já vi. Ela pega na minha mão de novo.

— A gente ganhou deles.

Mas então os riscos da esperança surgem de novo e meu Ruído fica um pouco cinza.

— Bem, a gente ainda não está lá e não sabe se Paraisópolis pode…

Mas ela está balançando a cabeça.

— Nem vem. A gente ganhou deles. Me escute bem e fique feliz, Todd Hewitt. A gente passou todo esse tempo tentando correr mais do que um exército e adivinha? A gente conseguiu.

Ela olha pra mim, sorrindo, esperando alguma coisa de mim.

Meu Ruído está zunindo e alegre e quente e cansado e aliviado e um ainda pouco preocupado, mas estou pensando que talvez ela esteja certa, talvez a gente tenha conseguido mesmo e talvez eu devesse colocar meus braços em volta dela se não parecesse estranho e eu descubro no meio de tudo isso que na verdade eu concordo com ela.

— A gente conseguiu — eu digo.

E então ela coloca os braços em volta do meu corpo e aperta bem forte, como se a gente fosse cair, e nós dois ficamos lá, no topo molhado de uma colina, respirando.

Ela tem menos cheiro de flores do que antes, mas eu não me importo.

E eu olho pra frente e a cachoeira está abaixo da gente, caindo, e Paraisópolis brilha através da luz do sol e o sol está brilhando em toda a extensão do rio acima da cachoeira, iluminado como uma cobra feita de metal.

E eu deixo o meu Ruído borbulhar com pequenas faíscas de felicidade e meu olhar volta pelo rio e…

Não.

Todos os músculos do meu corpo se contraem.

— O que foi? — Viola pergunta, dando um pulo pra trás.

Ela vira a cabeça pra onde eú estou olhando.

— O que foi? — ela pergunta de novo.

E então ela vê.

— Não — ela diz. — Não, não pode ser.

Um barco está descendo o rio.

Perto o bastante pra ser visto com o binóculo.

Perto o bastante pra ver o rifle e a túnica.

Perto o bastante pra ver as cicatrizes e a raiva justiceira.

Remando furiosamente na nossa direção, vindo como se fosse o juízo final.

Aaron.



40

O SACRIFÍCIO

— ELE NOS VIU? — Viola pergunta, com a voz tensa.

Eu aponto o binóculo. Aaron parece irritado, imenso e assustador. Aperto alguns botões pra afastar um pouco a imagem. Ele não está olhando pra gente, só está remando como uma máquina pra chegar na margem ao lado da estrada.

Seu rosto está rasgado e horrível, com sangue coagulado, o buraco na bochecha, o novo buraco no lugar do nariz e, pra completar, um olhar feroz e devorador, um olhar sem misericórdia, um olhar de quem não desiste, de quem nunca, nunca desistirá.

A guerra transforma os homens em monstros, Ben me disse uma vez.

E tem um monstro vindo na nossa direção.

— Acho que ele não pode ver a gente — eu digo. — Ainda não.

— Será que a gente consegue ultrapassá-lo?

— Ele tem uma arma e dá pra ver nitidamente a estrada em todo o caminho até Paraisópolis.

— Então a gente não pode ir pela estrada. Vamos passar entre as árvores.

— Não sobra muita coisa entre a gente e a estrada na descida. Teremos que ser rápidos.

— Eu consigo ser rápida — ela diz.

E a gente começa a descer a colina, escorregando em folhas e plantas molhadas, usando as rochas como suporte sempre que possível. A copa das árvores não é muito fechada e ainda dá pra ver o rio lá embaixo, dá pra ver Aaron remando.

O que quer dizer que ele conseguiria ver a gente se olhasse no lugar certo.

— Rápido! — Viola diz.

E a gente desce…

E a gente desce…

E a gente escorrega para a estrada…

E a gente pisa na lama no acostamento da estrada…

E quando a gente chega na estrada não consegue mais ver ele…

Mas só por um segundo…

Porque lá está ele de novo…

A corrente está fazendo ele navegar mais rápido…

Descendo o rio…

Com total visualização…

Olhando pra gente.

O rugido da cachoeira é tão alto que parece que vai te devorar, mas mesmo assim eu escuto.

Eu escutaria esse grito ainda que ele viesse do outro lado do planeta.

—TODD HEWITT!

E ele está pegando o rifle.

— Corra! — eu grito.

Viola começa a correr e eu vou logo atrás dela, em direção ao extremo da estrada que começa a fazer o ziguezague.

São quinze passos, talvez vinte até a gente conseguir desaparecer no penhasco…

A gente corre como se tivesse passado as últimas duas semanas descansando…

Tum tum tum fazem nossos pés na estrada…

Olho por trás do meu ombro…

Vejo Aaron pegando o rifle com uma das mãos…

Tentando equilibrar o rifle e ao mesmo tempo manter o barco estável…

O barco balança nas corredeiras, indo pra frente e pra trás…

— Ele não vai conseguir — eu grito pra Viola. — Ele não vai conseguir remar e atirar ao mesmo…

BANG!

Um estouro de lama voa na estrada perto dos pés de Viola na minha frente…

Eu grito e Viola grita e nós dois instintivamente nos encolhemos…

Correndo mais e mais rápido…

Tum tum tum…

Correr correr correr correr correr, meu Ruído explode como um foguete…

Sem olhar pra trás…

Cinco passos…

Correr correr…

Três…

BANG!

E Viola cai…

— NÃO! — eu grito…

E ela está caindo na lateral da estrada, tropeçando até o outro lado e rolando…

— NÃO! — eu grito de novo e dou um salto atrás dela…

Tropeçando pela ladeira…

Indo atrás dela…

Não…

Isso não…

Não agora…

Não quando a gente…

Por favor, não…

E ela se choca com alguns pequenos arbustos na lateral da estrada e continua caindo no meio deles…

E finalmente para, com o rosto no chão. -

396

E eu corro em direção a ela e mal consigo ficar em pé e me ajoelho no meio dos galhos e viro ela de frente pra mim e procuro o sangue e o tiro e digo Não, não, não, não…

E a raiva e o desespero e a falsa promessa de esperança quase me cegam e não, não, não…

E ela abre os olhos.

Ela abre os olhos e me agarra.

— Não fui atingida, não fui atingida.

— Não foi? — eu digo, balançando seu corpo. — Tem certeza?

— Eu só caí — ela diz. — Juro que senti a bala passar bem na frente dos meus olhos e caí. Não fui atingida.

E minha respiração está pesada e pesada e pesada.

— Graças a Deus — eu digo. — Graças a Deus.

E o mundo gira e o meu Ruído gira. -

E ela já está se levantando e eu também e nós dois olhamos pra estrada lá embaixo.

A cachoeira cai sobre o penhasco à nossa esquerda e a estrada cheia de curvas passa atrás da gente e na nossa frente quando começa a se desdobrar e descer até o fim da cachoeira.

É um caminho aberto até lá embaixo.

Sem árvores, só alguns pequenos arbustos.

— Ele vai acertar a gente — Viola diz, olhando pro topo da estrada, pro lugar de onde a gente não consegue ver Aaron, que sem dúvida já deve estar chegando na margem do rio, passando pela água estrondosa, talvez até caminhando sobre ela.

— TODD HEWITT! — a gente ouve de novo, abafado pelo rugido da água, mas tão alto quanto o universo inteiro.

— A gente não tem onde se esconder — Viola diz, olhando em volta. — Só quando a gente chegar lá embaixo.

Eu também olho em volta. As encostas da colina são inclinadas dimais, a estrada é aberta dimais, praticamente sem vegetação, só com alguns pequenos arbustos.

Nenhum lugar pra gente se esconder.

— TODD HEWITT!

— A gente podia subir até aquelas árvores no topo da colina — Viola aponta.

Mas é tão íngreme que eu já sinto a esperança desvanecer em sua voz.

E eu dou um giro, ainda observando…

E então eu vejo.

Uma pequena trilha apagada, bastante estreita, quase oculta, saindo da primeira curva da estrada em direção à cachoeira e desaparecendo depois de alguns metros, e eu sigo por ela pra ver onde termina.

Termina exatamente na encosta do penhasco.

Em um lugar quase abaixo da cachoeira.

Um ressalto rochoso que está quase escondido.

Um ressalto coberto pela própria cachoeira.

Dou alguns passos, saindo de trás do arbusto e voltando pra estrada. A pequena trilha desaparece.

O ressalto também.

— O que foi? — Viola pergunta.

Eu volto pro arbusto de novo.

— Lá — eu digo, apontando. — Você consegue ver?

Ela tenta encontrar o lugar pro qual eu estou apontando. A cachoeira está fazendo uma pequena sombra no ressalto, escurecendo o lugar onde a trilha termina.

Dá pra ver daqui, mas não dá pra ver da estrada — eu olho pra ela. — Vamos nos esconder aí.

— Ele vai te ouvir e virá atrás da gente — ela diz.

— Não com todo este barulho da água caindo, não se eu não gritar no meu Ruído.

Sua testa enruga e ela olha pra estrada lá embaixo que leva a Paraisópolis e depois olha pro lugar de onde Aaron sairá a qualquer momento.

— A gente está tão perto — ela diz.

Eu agarro o braço dela e começo a puxar.

— Vamos. Só até ele passar. Só até escurecer. Com sorte ele vai pensar que a gente voltou para as árvores lá em cima.

— Se ele encontrar a gente, a gente vai ficar encurralado.

— E se a gente correr pra cidade, ele vai atirar — eu olho dentro dos olhos dela. — É uma chance. Isso nos dá uma chance.

— Todd…

— Venha comigo — eu digo, olhando pra ela com toda a minha força, exalando o máximo de esperança que consigo reunir. Oh nunca me abandone. — Eu prometo que a gente vai estar em Paraisópolis hoje à noite — eu aperto o braço dela. Oh mio me engane. — Eu prometo.

Ela olha pra mim, escutando tudo atentamente, e depois balança a cabeça com confiança e a gente começa a correr pela pequena trilha até onde ela termina e a gente salta sobre o arbusto onde ela deveria continuar e…

— TODD HEWITT!

Ele já está quase na cachoeira…

E a gente se apóia numa contenção rochosa íngreme perto da queda d’água, a inclinação da colina se elevando acima da gente…

A cachoeira bem na nossa frente…

E eu alcanço a borda e, de repente, tenho que me apoiar em Viola porque a queda vai direto lá pra baixo…

Ela agarra a minha camiseta e me segura…

E a água está caindo com toda a força bem na nossa frente até as rochas lá

embaixo…

E o ressalto embaixo dela está bem ali…

A gente só precisa saltar sobre o vazio pra chegar lá…

— Eu não vi esta parte — eu digo e Viola agarra a minha cintura pra impedir que a gente caia.

— TODD HEWITT!

Ele está perto, está tão perto…

— É agora ou nunca, Todd — ela diz no meu ouvido…

E ela me solta…

E eu dou um salto…

E eu estou no ar…

E a queda da cachoeira está jorrando sobre a minha cabeça…

E eu aterrisso…

E eu me viro…

E ela está saltando depois de mim…

E eu agarro ela e nós dois caímos pra trás sobre o ressalto…

E a gente fica lá deitado, respirando…

E escutando…

E tudo o que a gente escuta por um segundo é o rugido da água sobre a gente…

E então, bem baixinho, lá longe…

— TODD HEWITT!

E de repente parece que ele está a quilômetros de distância.

E Viola está em cima de mim e eu respiro com dificuldade no rosto dela e ela respira com dificuldade no meu rosto.

E a gente está olhando um pro outro.

E o barulho é tão alto que a gente nem escuta o meu Ruído.

Depois de um segundo, ela apóia as mãos na minha cintura e se afasta, olhando pra cima e arregalando os olhos.

— Minha nossa — ela diz.

Eu olho pra cima também.

Minha nossa.

O ressalto é mais do que uma pequena saliência. Ele se aprofunda bem dentro do penhasco sob a cachoeira. A gente está no começo de um túnel com uma parede feita de rocha e outra feita de pura água que cai, rugindo enquanto despenca, branca e tão rápida que parece quase sólida.

— Vamos — eu digo e começo a caminhar pelo ressalto, escorregando e deslizando. É rochoso e molhado e viscoso e a gente se aproxima o máximo possível da lateral rochosa pra não ficar muito perto da estrondosa queda d'água.

O barulho aqui é simplesmente tremendo. Consome tudo, como uma coisa real que você poderia tocar e sentir o gosto.

É tão alto que o Ruído se apaga.

É tão alto que nunca senti tanta quietude na minha vida.

Nós dois nos arrastamos pelo ressalto, debaixo da cachoeira, passando por protuberâncias rochosas e pequenas poças onde um musgo verde cresce.

Raízes pertencentes a quem sabe que tipo de planta caem das rochas lá em cima.

— Você acha que estas coisas são degraus? — Viola grita, com a voz abafada pelo rugido.

— TODD HEWITT!! — a gente escuta, mas parece que está a milhões de quilômetros de distância.

— Ele nos encontrou? — Viola pergunta.

— Não sei, acho que não — eu respondo.

A face do penhasco é irregular e o ressalto faz uma curva em volta dela.

Nós dois estamos ensopados e a água está fria e não é fácil agarrar as raízes pra não perder o equilíbrio.

De repente o ressalto começa a descer e se expandir, e os degraus talhados ficam mais óbvios. É praticamente uma escada que desce o penhasco.

Alguém esteve aqui antes.

A gente desce, a água trovejando a alguns centímetros de distância.

A gente chega no fim dos degraus.

— Uau — Viola diz atrás de mim e eu sei que ela está olhando pra cima.

O túnel se abre abruptamente e o ressalto se expande, se transformando numa caverna esculpida pela água, o teto rochoso se estendendo acima da nossa cabeça, a cachoeira golpeando uma parede que se curva pra fora como uma vela de barco móvel e viva, e depois circundando a parede e a plataforma rochosa debaixo dos nossos pés.

Mas o ‘uau’ não for por causa disso.

— É uma igreja — eu digo.

É uma igreja. Alguém talhou a rocha e fez quatro fileiras de bancos de igreja simples com um corredor no meio, todos de frente pra uma rocha mais alta, um púlpito, um púlpito com uma superfície plana pra ser utilizado em sermões. Uma parede de água branca resplandecente cai atrás dele e o sol da manhã ilumina a água como um lençol de estrelas, preenchendo o ambiente com reflexos brilhantes em cada superfície molhada, indo até um círculo talhado na pedra com dois círculos menores orbitando o maior: o Novo Mundo e suas luas, o novo lar

de esperança do colonizador e a promessa de Deus pintada com uma tinta branca à prova d'água e praticamente brilhando na parede rochosa, voltada pra baixo e iluminando a igreja.

A igreja sob uma cachoeira.

— Que lugar lindo — Viola diz.

— Está abandonado — eu digo, porque depois do choque inicial eu vejo que alguns dos bancos foram retirados dos seus lugares e não foram substituídos, e tem coisas escritas por toda a parede, algumas palavras talhadas com ferramentas, outras escritas com a mesma tinta à prova d'água usada no entalhe do Novo Mundo. A maioria das palavras não faz muito sentido: PM. + M.A. e Willz & Chillz Pra Sempre e Abandone Toda a Esperança *etc. etc.*

— Crianças — Viola diz. — Elas entraram aqui e tomaram conta do lugar.

— É mesmo? Crianças fazem isso?

— Lá na nossa nave havia um duto de ventilação inutilizado onde a gente sempre entrava — ela diz, olhando em volta. — A gente escrevia coisas piores do que essas.

Nós dois passeamos, olhando em volta, boquiabertos. O lugar no teto onde a água deixa o penhasco deve estar a dez metros acima da gente e o ressalto deve ter pelo menos cinco metros de largura.

— Devia ser uma caverna natural — eu digo. — Eles devem ter encontrado este lugar e pensado que era algum tipo de milagre.

Viola cruza os braços.

— E depois devem ter descoberto que não era muito prático pra ser usado como igreja.

— Molhado dimais. Frio dimais — eu digo.

— Aposto que foi quando eles aterrissaram aqui pela primeira vez — ela diz, olhando pra parede onde está escrito Novo Mundo em tinta branca. — Aposto que foi no primeiro ano. Tudo era novo e cheio de esperança — ela dá uma

volta, analisando o lugar. — Antes da realidade se assentar.

Eu também olho em volta. Posso ver exatamente o que eles estavam pensando. A forma como o sol atinge a cachoeira, deixando tudo branco e brilhante, e é tudo tão barulhento e tão silencioso ao mesmo tempo que, mesmo sem o púlpito e os bancos, você sentiria com se tivesse entrado numa igreja, como se ela fosse sagrada, ainda que nenhum homem a tivesse visto antes.

E então eu percebo que depois dos bancos não tem mais nada, só um abismo de cinco metros de altura até as rochas lá embaixo.

É aqui que a gente vai ter que esperar.

É aqui que a gente vai ter que ter esperança.

Na igreja debaixo d'água.

— Todd Hewitt! — a gente ouve o som quase inaudível no túnel.

Viola treme visivelmente.

— O que a gente vai fazer agora?

— A gente espera a noite cair — eu digo. — Depois a gente sai de fininho e tomara que ele não nos veja.

Eu me sento em um dos bancos de pedra. Viola senta ao meu lado, colocando a sacola no chão.

— E se ele encontrar a trilha? — ela pergunta.

— Vamos torcer pra que ele não encontre.

— Mas e se ele encontrar?

Eu pego a faca nas minhas costas.

A faca.

Nós dois olhamos pra ela, refletindo a água branca, gotas já caindo e se fundindo em sua lâmina, fazendo ela brilhar como uma pequena tocha.

A faca.

A gente não diz nada, só observa enquanto ela resplandece no meio da igreja.

— Todd Hewitt!

Viola olha pra entrada, coloca as mãos no rosto e trava os dentes.

— Afinal, o que ele quer? — ela grita, repentinamente. — Se o exército quer você, o que ele quer comigo? Por que ele estava atirando em mim? Eu não entendo.

— Pessoas malucas não precisam de explicação pra nada — eu digo.

Mas meu Ruído está recordando o sacrifício que ele fez com ela lá no pântano.

O sinal, ele chamou Viola de ‘sinal’.

Um presente de Deus.

Não sei se Viola consegue ouvir isso ou se ela mesma se lembra, porque ela diz:
— Eu acho que não sou o sacrifício.

— O quê?

Ela olha pra mim, perplexa.

— Acho que não sou eu. Ele me manteve desacordada quase todo o tempo em que estive com ele e, quando eu acordava, via coisas confusas em seu Ruído, coisas que não faziam sentido.

— Ele é louco — eu digo. — Mais louco do que todo mundo.

Ela não diz mais nada, só olha pra cachoeira.

E segura a minha mão.

— TODD HEWITT!

Sinto sua mão tremer quando meu coração dá um salto.

— Ele está mais perto — ela diz. — Está chegando cada vez mais perto.

— Ele não vai encontrar a gente.

—Vai sim.

— Se ele encontrar a gente, vamos dar um jeito nele.

Nós dois olhamos pra faca.

— TODD HEWITT!

— Ele encontrou a entrada — ela diz, agarrando meu braço e se aproximando de mim.

— Ainda não.

— A gente estava quase lá ela diz, com um nó na garganta. — Quase lá.

— A gente vai chegar lá.

— TODD HEWITT!

E definitivamente está ficando mais alto.

Ele encontrou o túnel.

Eu agarro a faca e olho pra Viola, e ela olha pro túnel com tanto medo que meu peito começa a doer.

Agarro a faca com mais força.

Se ele encostar um dedo nela…

E meu Ruído viaja ao começo da nossa jornada, antes de Viola dizer qualquer palavra, depois quando ela me disse seu nome, quando ela conversou com Hildy e Tam, quando imitou o sotaque de Wilf, quando Aaron agarrou ela e a levou embora, quando acordei na casa do doutor Snow e ela estava comigo, quando ela fez uma promessa a Ben, quando imitou a voz da minha mãe e fez o mundo inteiro mudar, só por alguns instantes.

Penso em todas as coisas que a gente passou junto.

Em como ela chorou quando a gente deixou Manchee pra trás.

Quando ela disse que eu era tudo o que ela tinha.

Quando eu descobri que podia ler ela, com silêncio ou sem silêncio.

Quando pensei que Aaron tinha atirado nela na estrada.

Em como me senti naqueles segundos horríveis.

Em como seria perder ela.

A dor e a injustiça.

O ódio.

E como eu desejei que fosse eu.

Olho pra faca na minha mão.

E percebo que ela está certa.

Percebo o que sempre foi verdade, por mais insano que pareça.

Ela não é o sacrifício.

Não é.

Se um de nós cair, todos nós cairemos.

— Eu sei o que ele quer — eu digo, me levantando.

— O quê? — Viola pergunta.

— TODD HEWITT!

Agora ele definitivamente está vindo pelo túnel.

A gente não tem pra onde correr.

Ele está vindo.

Ela também se levanta e eu fico parado entre ela e o túnel.

— Se esconda atrás dos bancos — eu digo. — Se esconda.

— Todd…

Eu me afasto, segurando seu braço até não conseguir mais.

— Para onde você está indo?! — ela pergunta, preocupada.

Eu olho pro lugar de onde a gente veio, pro túnel de água.

Ele chegará a qualquer momento.

—TODD HEWITT!

— Ele vai ver você! — ela diz.

Eu seguro a faca na frente do meu corpo.

A faca que causou tantos problemas.

A faca que contém tanto poder.

— Todd! — Viola diz. — O que você está fazendo?

Eu olho pra ela.

— Ele não vai te machucar — eu digo. — Não quando souber que eu sei o que ele quer.

— O que ele quer?

Eu procuro por ela entre os bancos, o planeta branco e as luas brilhando sobre ela, a água jogando uma luz brilhante sobre seu corpo, procuro seu rosto e a linguagem do seu corpo enquanto ela fica lá parada, me observando, e descubro que eu ainda sei quem ela é, que ela ainda é Viola Eade, que seu silêncio não significa vazio, que nunca significou vazio.

Olho bem dentro dos seus olhos.

— Vou cumprimentar ele como um homem — eu digo.

E mesmo havendo barulho dimais pra ela ouvir o meu Ruído, mesmo ela não podendo ler meus pensamentos, ela olha pra mim.

E eu sei que ela entende.

Ela endireita seu corpo.

— Não vou me esconder. Se você não vai se esconder, eu também não vou.

E é tudo o que eu preciso.

Eu balanço a cabeça.

— Pronta? — eu pergunto.

Ela olha pra mim.

Ela balança a cabeça, decidida.

Eu olho pro túnel.

Respiro fundo.

E, com todo o ar dos meus pulmões e todo o Ruído na minha cabeça, eu me preparo…

E eu grito, o mais alto possível…

—AARON!!!!!!

E eu abro os olhos e espero ele vir.



41

SE UM DE NÓS CAIR

VEJO PRIMEIROS seus pés, deslizando pelos degraus, mas sem pressa, descendo tranquilamente, agora que ele sabe que a gente está aqui.

Seguro a faca com minha mão direita, estendendo e preparando a mão esquerda. Estou parado no corredor dos pequenos bancos, bem no centro da igreja. Viola está um pouco atrás de mim, em uma das fileiras.

Estou pronto.

Percebo que estou pronto.

Tudo o que aconteceu até agora me trouxe aqui, me trouxe a este lugar, com esta faca na minha mão e com algo valioso pra salvar.

Alguém.

E se eu tenho que escolher entre ela e ele, não há escolha, e o exército já não importa.

E eu estou pronto.

Mais do que nunca.

Porque eu sei o que ele quer.

— Vamos — eu digo, bem baixinho.

As pernas de Aaron aparecem, depois seus braços, um carregando o rifle, o outro se apoiando na parede pra manter o equilíbrio.

E por fim seu rosto.

Seu rosto horrível.

Metade rasgada, o buraco na bochecha mostrando seus dentes, o buraco no lugar do seu nariz aberto e vazio, fazendo com ele nem pareça humano.

Ele está sorrindo.

E é quando eu sinto todo o medo.

— Todd Hewitt — ele diz, quase como uma saudação.

Eu levanto minha voz diante do barulho da água, torcendo pra não gaguejar.

— Pode soltar o rifle, Aaron.

— Eu posso, é? — ele diz, arregalando os olhos, vendo Viola atrás de mim. Eu não olho pra trás, mas sei que ela está encarando Aaron, sei que ela está mostrando a ele toda a sua coragem.

E isto me fortalece.

— Eu sei o que você quer — eu digo. — Já descobri.

— É mesmo, jovem Todd? — Aaron diz e eu vejo que ele não consegue se controlar, ele olha bem dentro do meu Ruído, o pouco que consegue ouvir com todo o rugido da cachoeira.

— Ela não é o sacrifício — eu digo.

Ele não diz nada, só dá alguns passos pra entrar na igreja, observando a cruz e os bancos e o púlpito.

— E eu também não sou o sacrifício — eu digo.

Seu sorriso maligno se abre mais. Um novo rasgo se abre na extremidade do seu rosto desfigurado, jorrando sangue.

— A esperteza é companheira do diabo — ele diz, e eu acho que é seu jeito de dizer que eu estou certo.

Fico firme onde estou e viro a cabeça pra acompanhá-lo enquanto caminha em direção ao púlpito da igreja perto do precipício.

— É você — eu digo. — O sacrifício é você.

E eu abro meu Ruído o mais alto possível pra que ele e Viola vejam que eu estou falando a verdade.

Porque o que Ben me mostrou quando eu fui embora da nossa fazenda, a forma como um garoto de Prentissburgo se torna um homem, o motivo pelo qual os garotos que se tornaram homens não falam com os garotos que ainda são garotos, o motivo pelo qual os garotos que se tornaram homens são cúmplices nos crimes de Prentissburgo é…

E…

E eu me obrigo a dizer…

É matando outro homem.

Sozinhos.

Todos aqueles homens que desapareceram, que tentaram desaparecer.

Na verdade eles não desapareceram.

O Sr. Royal, meu antigo professor que tomava whisky e se matou com um tiro, na verdade não se matou com um tiro. Ele levou um tiro de Seb Mundy quando Seb completou treze anos e teve que puxar o gatilho sozinho enquanto os outros homens de Prentissburgo assistiam. O Sr. Gault, cuja lã a gente passou a administrar quando ele desapareceu dois invernos atrás, na verdade não desapareceu, só tentou desaparecer, pois ele foi encontrado pelo prefeito Prentiss fugindo pelo pântano e o prefeito Prentiss cumpriu seu acordo com a lei do Novo Mundo e o executou, não com suas próprias mãos, pois esperou o décimo terceiro aniversário do Sr. Prentiss Jr. e obrigou seu filho a torturar o Sr. Gault até a morte sem a ajuda de mais ninguém.

E assim com todos os outros. Homens que eu conheci e foram mortos por garotos que eu conheci e que se tornaram homens. Se os homens do prefeito tivessem capturado e escondido um fugitivo para o aniversário de treze anos de um garoto, ótimo. Se não, eles simplesmente escolhiam alguém de Prentissburgo de quem não gostavam muito e diziam que ele tinha desaparecido.

A vida de um homem era entregue a um garoto que deveria acabar com ela sozinho.

Um homem morre, um homem nasce.

Todos são cúmplices. Todos são culpados.

Menos eu.

— Meu Deus — escuto Viola dizer.

— Mas comigo seria diferente, não é? — eu digo.

— Você era o último, Todd Hewitt — Aaron diz. — O último soldado no perfeito exército de Deus.

— Acho que Deus não tem nada a ver com seu exército — eu digo.

— Solte o rifle. Eu sei o que tenho que fazer.

— Mas será que você é um mensageiro, Todd? — ele pergunta, balançando a cabeça, abrindo ainda mais seu sorriso impossível. — Ou você é um impostor?

— Me leia — eu digo. — Me leia se você não acredita que eu sou capaz de fazer isso.

Ele está no púlpito agora, olhando pra mim no centro do corredor, colocando seu Ruído acima do som da cachoeira, empurrando ele na minha direção, agarrando o que ele consegue, e eu escuto o sacrifício e O trabalho perfeito de Deus e o martírio do santo.

— Talvez, jovem Todd — ele diz.

E ele coloca o rifle no púlpito.

Eu engulo em seco e seguro a faca com mais força.

Mas ele olha pra Viola e ri.

— Não — ele diz. — Garotinhas sempre tentam levar vantagem, não é mesmo?

E, quase casualmente, ele joga o rifle na cachoeira.

O rifle cai tão rápido que a gente nem vê ele desaparecer.

Mas se foi.

E agora somos só eu e Aaron.

E a faca.

Ele abre os braços e eu percebo que ele está fazendo sua pose de sermão, a pose que ele faz em seu púlpito em Prentissburgo. Ele se inclina sobre a pedra do púlpito e junta as palmas das mãos e levanta o olhar pro teto de água branca brilhante acima da gente.

Seus lábios se movem silenciosamente.

Ele está orando.

— Você é maluco — eu digo.

Ele olha pra mim.

— Eu sou abençoado.

— Você quer que eu te mate.

— Errado, Todd Hewitt — ele diz, dando um passo no corredor na minha direção. — O ódio é o segredo. O ódio é o motor. O ódio é o fogo que purifica o soldado. O soldado tem que odiar. Ele dá mais um passo.

— Eu não quero que você me mate — ele diz. — Eu quero que você me assassine.

Eu dou um passo pra trás.

O sorriso brilha.

— Talvez você esteja prometendo mais do que pode cumprir.

— Por quê? eu digo, recuando um pouco mais. Viola também recua, ficando debaixo do entalhe do Novo Mundo. — Por que a gente está fazendo isso? Que sentido tem tudo isso?

Deus me mostrou o caminho — ele diz.

— Eu estou neste mundo há quase treze anos — eu digo — e a única coisa que eu ouvi na minha vida foi a conversa dos homens.

— Deus trabalha por intermédio dos homens — Aaron diz.

— O diabo também — Viola diz.

— Ah, ela fala — Aaron diz. — Palavras de tentação para tranquilizar…

— Cala a boca — eu digo. — Não se atreva a falar com ela.

Agora já passei pelas fileiras de bancos. Dou um passo pra minha direita, Aaron me seguindo até que a gente começa a se mover lentamente num círculo, ele ainda com as mãos levantadas e minha faca ainda levantada, Viola atrás de mim, o jato de água cobrindo tudo. O ambiente lentamente começa a girar ao nosso redor, o chão ainda escorregadio, a parede de água brilhando, branca por causa do sol.

E o rugido, o rugido constante.

— Você era o teste final — Aaron diz. — O último garoto. O que nos completa. Com você no exército, não existe elo fraco. Seríamos verdadeiramente abençoados. Se um de nós cair, todos nós cairemos, Todd.

E todos nós temos que cair — ele fecha os punhos e levanta o olhar de novo.

— Para que possamos renascer! Para que possamos pegar este mundo amaldiçoado e transformá-lo em…

— Eu não teria feito isso — eu digo e ele faz cara feia por causa da minha

interrupção. — Eu não teria matado ninguém.

— É mesmo, Todd Hewitt? — Aaron diz. — E é por isso que você é tão, tão especial, não é mesmo? O garoto que não consegue matar.

Eu olho pra Viola, que continua do meu lado. A gente ainda está girando no pequeno círculo.

E Viola e eu estamos nos aproximando da saída do túnel.

— Mas Deus exige um sacrifício — Aaron diz. — Deus exige um mártir.

E quem melhor para o garoto especial matar do que o próprio porta-voz de Deus?

— Eu acho que Deus não tem nada a dizer pra você — eu digo. — Mas acredito que ele queira você morto.

Os olhos de Aaron parecem tão loucos e vazios que eu sinto um arrepio.

— Eu serei um Santo — ele diz, com um pequeno fogo queimando em sua voz. — É o meu destino.

Ele chegou ao fim do corredor e está nos seguindo, passando pela fileira de bancos.

Viola e eu continuamos recuando.

Quase chegando ao túnel.

— Mas como motivar o garoto? — Aaron continua, seus olhos parecendo buracos. — Como fazer o garoto deixar a infância pra trás e virar um homem?

E seu Ruído se abre pra mim, mais alto do que um trovão.

Meus olhos se abrem.

Meu estômago desce até os meus pés.

Meus ombros caem quando eu sinto uma fraqueza passar por todo o meu corpo.

Eu posso ver. É uma fantasia, uma mentira, mas as mentiras dos homens são tão vívidas quanto suas verdades e eu consigo ver cada detalhe.

Ele ia matar Ben.

Era assim que ele ia me forçar a matá-lo. Era assim que eles iam fazer.

Pra deixar seu exército perfeito e me transformar num assassino, eles iam matar Ben.

E me obrigariam a assistir.

Pra me fazer sentir ódio suficiente pra matar Aaron.

Meu Ruído começa a retumbar alto o suficiente pra ser escutado.

— Seu maldito filho da…

— Mas então Deus enviou um sinal — Aaron diz, olhando pra Viola, com os olhos ainda mais arregalados, o sangue jorrando do rasgo, e o buraco onde ficava seu nariz se estirando e ficando rígido. — A garota. Um presente dos céus.

— Não olhe pra ela! — eu grito. — Não se atreva a olhar pra ela!

Aaron olha pra mim, ainda sorrindo.

— Sim, Todd. Este é o seu caminho, este é o caminho que você seguirá.

O garoto com o coração mole, o garoto que não conseguia matar. Por quem ele mataria? Quem ele protegeria?

Outro passo pra trás, outro passo pra mais perto do túnel.

— E quando o silêncio maligno e amaldiçoado dela poluiu o nosso pântano, pensei que Deus tinha enviado um sacrifício, um último exemplo do mal que se esconde e que eu poderia destruir e purificar — ele balança a cabeça. — Mas depois seu verdadeiro propósito foi revelado — ele olha pra ela e depois pra mim. — Todd Hewitt protegeria os indefesos.

— Ela não é indefesa — eu digo.

— E então você fugiu — os olhos de Aaron estão arregalados, como se ele estivesse fingindo estar assombrado. — Você fugiu em vez de cumprir seu destino — ele levanta o olhar de novo. — Tornando a vitória sobre você ainda mais doce.

— Você ainda não ganhou — eu digo.

— Será que não? — ele sorri de novo. — Venha, Todd. Venha pra cima de mim com ódio no seu coração.

— Eu vou mesmo — eu digo. — Eu vou fazer isso.

Mas dou outro passo pra trás.

— Você já esteve perto antes, jovem Todd. No pântano, a faca levantada, eu matando a garota, mas não. Você hesitou. Me machucou, mas não me matou. E depois eu a roubei de você e você procurou por ela por toda parte, como eu já sabia que faria, sofrendo com o ferimento que eu te causei, mas outra vez não foi suficiente. Você sacrificou seu querido cachorro pra evitar que ela se machucasse, você me deixou romper os ossos do seu cachorro em vez de realizar seu próprio destino.

— Cala a boca! — eu digo.

Ele levanta as mãos pra mim.

— Estou aqui, Todd. Cumpra seu destino. Torne-se um homem — ele abaixa a cabeça e olha pra mim. — Caia.

Eu aperto o lábio.

Eu ajeito meu corpo.

— Eu já sou um homem — eu digo.

E o meu Ruído diz isso também.

Ele fica me encarando, como se pudesse ver através do meu corpo.

E então ele suspira.

Como se estivesse decepcionado.

— Você ainda não é um homem — ele diz, mudando a expressão do rosto. — Provavelmente nunca será.

Eu não recuo.

— É uma pena — ele diz.

E ele dá um salto na minha direção…

— Todd! — Viola grita…

— Corra! — eu grito…

Mas eu não recuo…

Estou avançando…

E a luta começa.

Avanço pra cima dele, e ele se joga sobre mim e eu seguro a faca, mas no último segundo eu dou um pulo pro lado, deixando ele se chocar contra a parede…

Ele gira, com o rosto confuso, e balança um braço pra me atingir, e eu desvio e estendo a mão com a faca, cortando seu braço, mas ele não para…

E ele tenta me agarrar com seu outro braço e consegue agarrar meu pescoço…

Me jogando pra trás…

— Todd! — Viola grita de novo…

Eu tropeço no último banco e caio…

Mas olho pra cima…

Aaron está se virando pra Viola…

Ela está perto da escada…

—Corra! — eu grito…

Mas ela está com uma pedra grande nas mãos e joga a pedra em Aaron com uma careta e um grunhido raivoso e ele tenta se esquivar e se proteger da pedra com uma das mãos, mas a pedra atinge sua testa, fazendo com que ele saia cambaleando, se afastando-se mim e de Viola, em direção ao ressalto, em direção à frente da igreja…

— Venha! — Viola grita pra mim…

Eu começo a correr…

Mas Aaron percebe…

O sangue escorre no seu rosto…

Sua boca se abre em um grito…

Ele dá um salto pra frente como uma aranha, agarrando o braço direito de Viola…

Ela dá um soco feroz no seu rosto com a mão esquerda, fazendo jorrar mais sangue…

Mas ele não solta…

Eu começo a gritar enquanto saio voando em direção a eles…

Com a faca preparada…

Mas uma vez mais eu desvio a faca no último minuto…

E só dou uma trombada nele…

Nós dois caímos perto da escada, fazendo Viola cair pra trás. Eu caio em cima de Aaron, seus braços golpeiam a minha cabeça e ele avança com seu rosto horrível e dá uma mordida numa área exposta do meu pescoço…

Eu grito e recuo, dando um soco nele quando tento me desvencilhar…

Volto pra igreja, com a -mão no meu pescoço…

Ele vem atrás de mim, seu punho voando…

Atingindo meu olho…

Minha cabeça se inclina pra trás…

Eu tropeço nas fileiras de bancos e volto ao centro da igreja…

Outro soco…

Levanto a faca pra bloquear…

Mas a lâmina fica de lado…

E ele me dá outro soco…

Eu tento me livrar dele sobre a pedra molhada…

Passo pelo corredor em direção ao púlpito…

E uma terceira vez seu punho atinge meu rosto…

E sinto dois dentes se soltarem de suas raízes…

E eu quase caio…

E então eu caio…

Minha cabeça e minhas costas se chocam contra a pedra do púlpito…

E eu solto a faca.

E a faca sai rolando em direção ao abismo.

Mais inútil do que nunca.

— Seu Ruído te revela! — Aaron grita. — Seu Ruído te revela! — ele vem caminhando na minha direção e para bem na minha frente. — No momento em que eu pisei neste lugar sagrado, eu sabia que seria assim! — ele fica me olhando, com os punhos fechados e cheios do meu sangue, e seu rosto cheio do seu próprio sangue. — Você nunca será um homem, Todd Hewitt! Nunca!

Pelo canto do olho vejo Viola freneticamente procurando mais pedras…

— Eu já sou um homem — eu digo, mas eu caí, eu soltei a faca, minha voz está falhando e a minha mão está tentando conter o sangramento no meu pescoço.

— Você roubou o meu sacrifício! — seus olhos parecem diamantes em chamas, seu Ruído ardendo em um vermelho tão feroz que está praticamente fazendo a água que cai sobre ele evaporar. — Eu vou te matar — ele inclina a cabeça pra mim. — E você vai morrer sabendo que eu matei a garota lentamente.

Eu travo meus dentes.

Começo a me levantar.

— Então venha logo — eu rosno.

Aaron dá um grito e dá um passo na minha direção…

Estende as mãos pra tentar me agarrar…

Meu rosto se levanta pra encontrá-lo…

E Viola GOLPEIA Aaron na cabeça com uma pedra que ela mal consegue levantar…

Ele sai cambaleando…

Se inclinando sobre os bancos e se apoiando…

E sai cambaleando de novo…

Mas não cai.

O maldito não cai.

Ele se abala, mas continua de pé, entre Viola e eu, ajeitando seu corpo, de costas pra Viola, parecendo uma torre que se ergue sobre ela. Um rio de sangue jorra da sua cabeça, mas ele é tão grande como um pesadelo…

Ele realmente é um monstro.

— Você não é humano — eu digo.

— Eu já te disse, jovem Todd — ele diz, com uma voz baixa e monstruosa, seu Ruído soltando faíscas pra mim com uma fúria tão pura que quase me derruba. — Eu sou um santo.

Ele solta o braço na direção de Viola sem sequer olhar pra ela, atingindo seu olho em cheio, derrubando ela enquanto ela grita e cai e cai e cai, tropeçando num banco, batendo a cabeça com força nas pedras…

E ela não se levanta.

— Viola! — eu grito.

E eu dou um salto, passando por ele…

Ele me deixa ir…

Eu chego onde ela está…

Suas pernas sobre o banco de pedra…

Sua cabeça no chão de pedra…

Um pequeno fio de sangue escorre da sua cabeça…

— Viola! — eu grito, tentando levantá-la…

E sua cabeça cai pra trás…

— VIOLA! — eu grito…

E escuto um rugido baixo atrás de mim…

Gargalhadas.

Ele está rindo.

— Você tinha que trair a garota — ele diz. — Já estava previsto.

— CALAA BOCA!

— E você sabe por quê?

— Eu vou MATAR VOCÊ!

Ele diminui a voz num sussurro…

Mas um sussurro que eu posso sentir tremendo em todo o meu corpo…

— Você já caiu.

E o meu Ruído fica vermelho de raiva.

Mais vermelho do que nunca.

Vermelho-assassino.

— Sim, Todd — Aaron assobia. — É isso mesmo.

Eu coloco Viola gentilmente no chão e me levanto e fico de frente pra ele.

E o meu ódio é tão grande que preenche a caverna.

— Vamos, garoto — ele diz. — Purifique-se.

E eu olho pra faca.

Descansando numa poça d'água…

Perto do ressalto no púlpito atrás de Aaron…

Onde eu a deixei…

E eu escuto ela me chamar…

Me pegue, ela diz…

Me pegue e me use, ela diz…

Aaron abre os braços.

— Me mate. Torne-se um homem.

Nunca me deixe ir embora, diz a faca…

— Sinto muito — eu sussurro, apesar de não saber pra quem ou pra quê…

Sinto muito…

E eu dou um salto…

Aaron não se move, seus braços estão abertos como se quisessem me abraçar…

Eu esbarro nele com meu ombro…

Ele não resiste…

Meu Ruído grita, vermelho…

Caímos sobre o ressalto depois do púlpito…

Estou em cima dele…

Ele continua não resistindo…

Eu dou um soco na cara dele…

Outro…

E outro…

E outro…

Destruindo ainda mais seu rosto…

Transformando seu rosto em pedaços ensaguentados…

O ódio jorra de dentro de mim pelos meus punhos…

E eu continuo atacando ele…

Continuo golpeando…

Até quebrar ossos…

Até rachar cartilagens…

Até esmagar um olho com meus dedos…

Até não conseguir mais sentir minhas mãos…

E eu continuo batendo nele…

E o sangue dele respinga em mim…

E o vermelho do sangue dele se junta ao vermelho do meu Ruído…

E depois eu me inclino pra trás, ainda em cima dele, coberto pelo sangue dele…

E ele está rindo, ele ainda está rindo…

E ele está gargarejando ‘Sim’ pelos dentes quebrados, ‘Sim’…

E o vermelho se ergue em mim…

E eu não consigo conter…

E o ódio…

E eu olho pra faca…

A apenas um metro de distância…

No ressalto…

Perto do púlpito…

Me chamando…

Chamando…

E dessa vez eu sei…

Dessa vez eu sei…

Eu sei que vou usar ela.

E eu pulo pra pegar a faca…

Minha mão esticada…

Meu Ruído tão vermelho que eu mal consigo enxergar…

Sim, diz a faca…

Sim.

Me pegue.

Tome o poder nas suas mãos…

Mas outra mão chega primeiro…

Viola.

E enquanto eu caio pra frente, sinto um choque dentro de mim…

Um choque no meu Ruído…

Um choque ao vê-la…

Ao ver que ela está viva…

Um choque que se ergue mais alto do que o vermelho…

E eu digo ‘Viola’…

Só ‘Viola’

E ela pega a faca.

Estou cambaleando em direção ao abismo e estou tentando me segurar e vejo quando ela levanta a faca e dá um passo pra frente e ‘eu estou caindo no ressalto e meus dedos estão escorregando na pedra molhada e eu vejo Aaron se sentando e ele só tem um olho agora e está encarando Viola enquanto ela levanta a faca e caminha em direção a ele e eu não posso impedir. e Aaron está tentando se levantar e Viola está se aproximando dele, e eu estou caindo no ressalto e parando quase na beira do abismo e estou observando e o que sobrou do Ruído de Aaron está irradiando raiva e medo e está dizendo Não…

Está dizendo Você não…

E Viola está levantando o braço…

Levantando a faca…

E abaixando…

E abaixando…

E abaixando…

E mergulhando a faca na lateral do pescoço de Aaron…

Tão forte que a ponta da faca sai do outro lado…

E escuto o som da faca rompendo o osso, um som que eu me lembro…

Aaron cai…

E Viola solta a faca…

E recua.

Seu rosto está branco.

Posso ouvir sua respiração acima do rugido.

Me levanto…

E nós dois observamos.

Aaron tenta se levantar.

Ele está tentando se levantar, com uma das mãos tentando alcançar a faca, mas a faca não sai do seu pescoço. Seu único olho está arregalado, a língua pendurada pra fora da sua boca.

Ele se ajoelha.

E depois se levanta.

Viola dá um grito e recua.

Recua até ficar do meu lado.

A gente pode ouvir Aaron tentando engolir.

Tentando respirar.

Ele dá um passo pra frente, mas tropeça no púlpito.

Ele olha pra gente.

Sua língua está inchada e retorcida.

Ele está tentando dizer alguma coisa.

Está tentando dizer alguma coisa pra mim.

Está tentando dizer uma palavra.

Mas não consegue.

Não consegue.

Seu Ruído se resume a cores selvagens e imagens e coisas que eu nunca poderei dizer.

Ele me olha.

E seu Ruído para.

Para completamente.

Por fim.

E a gravidade leva seu corpo e ele desmorona.

Pra fora do púlpito.

No abismo.

E desaparece sob a parede de água.

Levando a faca com ele.



42

A ULTIMA ESTRADA PARA PARAISÓPOLIS

vIOLA SENTA do meu lado com tanta força e rapidez que é como se ela tivesse caído no chão.

Sua respiração está pesada e ela fica olhando pro espaço onde Aaron estava. A luz do sol passa pela cachoeira, desenhando ondas de luz sobre seu rosto, mas esta é a única coisa nele que se move.

— Viola? — eu digo, me agachando ao seu lado.

— Ele se foi — ela diz. — Ele se foi.

E ela suspira.

Meu Ruído se agita como uma nave espacial em queda livre, cheio de cores vermelhas e brancas e coisas tão diferentes que é como se a minha cabeça tivesse sendo arrancada.

Eu teria matado ele.

Eu teria matado Aaron por ela.

Mas…

— Eu teria matado ele — eu digo. — Eu estava pronto. Ela olha pra mim, com os olhos arregalados.

—Todd?

— Eu mesmo teria matado ele — minha voz sobe um pouco. — Eu estava pronto pra matar ele!

E então seu queixo começa a tremer, não como se ela fosse chorar, é uma tremedeira de verdade, e depois seus ombros também começam a tremer, e seus olhos ficam mais arregalados e ela treme mais e nada sai do meu Ruído e tudo ainda está lá, mas outra coisa entra nele e é pra ela e eu agarro Viola e abraço ela e nós dois balançamos pra frente e pra trás por alguns instantes pra que ela possa se balançar pelo tempo que quiser. Ela fica calada por um bom tempo, só gemendo de vez em quando, e eu me lembro como me senti logo depois de ter matado o spackle, como eu podia sentir o som da faca entrando no osso dele e correndo por todo o meu braço, como eu não parava de ver seu sangue, como eu via ele morrer uma e outra vez, sem parar.

Como eu ainda vejo.

(Eu teria matado Aaron) (Eu estava pronto) (Mas a faca se foi) — Matar alguém não é nem um pouco como se conta nas histórias eu digo. — É bem diferente.

(Mas eu teria matado ele) Ela ainda está tremendo e a gente ainda está ao lado de uma cachoeira imensa e o sol está mais alto no céu e tem menos luz na igreja e a gente está molhado e ensanguentado e ensanguentado e molhado.

E com frio e tremendo.

— Vamos — eu digo, me levantando. — A primeira coisa que a gente precisa fazer é se secar, tá bom?

Eu ajudo Viola a se levantar. Pego a sacola, que ainda está no chão entre dois bancos, volto até Viola e estendo a minha mão.

— O sol ainda está forte — eu digo. — Deve estar quente lá fora. Ela olha pra minha mão por um minuto antes de finalmente segurá-la.

A gente passa em volta do púlpito e não consegue evitar olhar pro lugar onde Aaron estava, seu sangue já lavado pelos jatos de água.

(Eu teria matado ele) (Mas a faca) Posso sentir minha mão tremendo com a dela e não sei qual das duas treme mais.

A gente começa a subir os degraus e só quando a gente está na metade do caminho ela rompe o silêncio.

Me sinto enjoada.

— Eu sei.

E a gente para e ela se inclina perto da cachoeira e vomita.

Muito.

Acho que isso é o que acontece quando você mata alguém na vida real.

Ela se inclina pra frente e cospe. Os cabelos dela estão molhados emaranhados.

Mas ela não levanta o olhar.

— Eu não podia deixar você fazer aquilo — ela diz. — Não podia deixar Aaron vencer.

— Eu teria matado ele — eu digo.

— Eu sei — ela diz, com o rosto entre os cabelos, sob a cachoeira.

— Por isso eu o matei.

Eu suspiro.

— Você deveria ter deixado eu matar ele.

— Não — ela levanta o olhar. Eu não poderia ter deixado você fazer isso.

Ela limpa a boca e tosse de novo.

— Mas não é só isso.

— O que é então?

Ela olha dentro dos meus olhos. Os olhos dela estão arregalados e vermelhos.

E parecem mais envelhecidos do que antes.

— Eu queria, Todd — ela diz, franzindo as sobrancelhas. — Eu queria fazer isso. Eu queria matá-lo — ela coloca as mãos no rosto. — Meu Deus — ela

respira. — Meu Deus, meu Deus, meu Deus.

— Pare com isso — eu digo, pegando seus braços e fazendo ela tirar as mãos do rosto. — Pare com isso. Ele era maligno. Ele era maligno e louco…

— Eu sei! — ela grita. — Mas eu não paro de pensar nele. Não paro de pensar na faca entrando…

— Sim, tudo bem, você queria — eu interrompo antes que ela piore. — E daí? Eu também queria. Ele fez você querer. Ele fez você escolher entre ele ou a gente. Por isso ele era maligno. Não é o que você fez ou o que eu fiz, mas o que ele fez, entende?

Ela olha pra mim.

— Ele só fez o que prometeu — ela diz, com a voz um pouco mais calma. — Ele me fez cair.

Ela choraminga de novo e coloca as mãos sobre a boca, com os olhos lacrimejando.

— Não — eu digo, decidido. — Aí é que está, eu discordo.

Eu olho pra água e pro túnel e não sei o que pensar, mas ela está aqui e posso ver e ela está titubeando no abismo e está olhando pra mim e está me pedindo pra salvá-la.

Salvá-la como ela me salvou.

— O que eu penso é o seguinte — eu digo e a minha voz está mais forte e os pensamentos estão vindo, pensamentos que escorrem no meu Ruído como sussurros da verdade. — Eu acho que talvez todo mundo caia — eu digo. — Acho que talvez todos nós vamos ter que cair. E acho que a questão não é essa.

Eu puxo seus braços gentilmente pra ter certeza de que ela está me ouvindo.

— Acho que a questão é conseguir se levantar de novo.

E a água está correndo e a gente está tremendo de frio e ela olha pra mim e eu espero.

E vejo que ela se afasta do abismo.

Vejo que ela caminha na minha direção.

— Todd — ela diz, e não é uma pergunta.

E só o meu nome.

É quem eu sou.

— Vamos — eu digo. — Paraisópolis nos espera.

Pego a mão dela de novo e a gente continua subindo os degraus e voltando para a parte mais plana do ressalto, seguindo as curvas e saindo do centro, tentando conseguir algum equilíbrio nas pedras escorregadias. Pular de volta na contenção rochosa é mais difícil desta vez porque a gente está molhado e fraco dimais, mas eu corro e subo e agarro Viola quando ela vem cambaleando atrás de mim. E a gente chega na luz do sol.

Agente respira fundo por alguns minutos, tentando secar nossas roupas um pouco antes de subir a pequena contenção rochosa, nos arrastando pelos arbustos até a trilha e voltando pra estrada.

A gente olha pra trilha que segue em ziguezague descendo a colina.

Ainda está lá. Paraisópolis ainda está lá.

A última parte do caminho — eu digo.

Viola esfrega os braços pra se secar mais rápido. Depois se aproxima de mim, analisando meu rosto.

— Você recebeu muita pancada no rosto, sabia?

Eu levanto os dedos, concordando. Meu olho está começando a inchar um pouco e eu percebo um buraco na lateral da minha boca, no lugar onde perdi alguns dentes.

— Obrigado eu digo. — Não estava doendo até você dizer isso.

— Desculpe — ela sorri e coloca a mão atrás da cabeça e se contrai ao tocar o

ferimento.

— Como está? — eu pergunto.

— Dolorido, mas vou sobreviver.

— Você é indestrutível.

Ela sorri de novo.

E então a gente ouve um som estranho no ar e Viola solta um suspiro, um som engasgado.

A gente olha um pro outro por um segundo, sob a luz do sol, surpresos, mas sem saber direito por quê.

E então eu sigo seu olhar.

Tem sangue na sua camiseta.

Sangue dela mesma.

Sangue novo.

Saindo de um pequeno orifício perto do seu umbigo.

—Todd?—ela diz.

E cai pra frente.

Eu seguro seu corpo, cambaleando um pouco por causa do peso.

E olho atrás dela.

Lá no topo da colina, onde começa a estrada.

O Sr. Prentiss Jr.

A cavalo.

Com a mão estendida.

Segurando uma pistola.

— Todd? — Viola diz, encostando no meu peito. — Acho que alguém atirou em mim, Todd.

Não tenho palavras.

Nenhuma palavra na minha cabeça ou no meu Ruído.

O Sr. Prentiss Jr. dá um chute no cavalo e vem galopando pela estrada na nossa direção.

A pistola ainda apontada.

A gente não tem pra onde correr.

E eu estou sem a minha faca.

O mundo se desenrola tão claro e lento quanto a pior dor, Viola começando a pesar, encostada em mim, o Sr. Prentiss Jr. galopando pela estrada e o meu Ruído se elevando ao saber que é o nosso fim, que desta vez a gente não tem saída, pois quando o mundo quer você, ele continua vindo atrás de você até te pegar.

E quem sou eu pra mudar isso? Quem sou eu pra mudar uma coisa que o mundo quer tanto? Quem sou eu pra parar o fim do mundo se ele continua vindo?

— Acho que ela quer muito você, Todd — o Sr. Prentiss Jr. zomba.

Eu travo os dentes.

Meu Ruído se eleva, vermelho e roxo.

Eu sou Todd Hewitt.

Este é quem eu sou.

Eu olho bem dentro dos olhos dele, enviando meu Ruído diretamente pra ele, e cuspo, irritado: — Pode me chamar de Sr. Hewitt.

O Sr. Prentiss Jr. hesita, puxando as rédeas do cavalo involuntariamente e fazendo o bicho recuar por um segundo.

— Vamos logo — ele diz, com a voz menos confiante.

E ele sabe que a gente pode escutar.

— Mãos ao alto — ele diz. — Vou levar você para o meu pai.

E eu faço a coisa mais incrível.

A coisa mais incrível que eu já fiz na minha vida.

Eu ignoro ele.

Deixo Viola ajoelhada na estrada de terra.

— Isso queima, Todd — ela diz, bem baixinho.

Eu solto a sacola e tiro minha camisa, enrolando e pressionando ela contra o orifício da bala.

— Aperte bem firme, está me ouvindo? — eu digo, meu ódio se elevando como lava de vulcão. — Isto só vai levar um minuto.

Eu olho pra Davy Prentiss.

— Levante-se — ele diz, o cavalo ainda pulando irritado por causa do calor que sai de mim. — Não vou dizer outra vez, Todd.

Eu fico de pé.

Dou um passo pra frente.

— Eu mandei você levantar as mãos — Davy diz, com o cavalo relinchando e bufando de raiva e batendo as patas no chão.

Eu marcho em direção a ele.

Mais rápido.

E começo a correr.

— Vou atirar! — Davy grita, balançando a arma, tentando controlar seu cavalo,

que está enviando a mensagem Atacar! Atacar! no seu Ruído.

— Não vai não! — eu grito, correndo até a cabeça do cavalo e enviando um estrondo de Ruído bem em cima dele.

COBRA!

O cavalo levanta as patas dianteiras.

— Que maldição, Todd! — Davy grita, girando e tentando controlar o cavalo com a mão que não está segurando a pistola.

Eu dou um pulo, dou um tapa no cavalo e pulo pra trás. O cavalo relincha e levanta as patas dianteiras de novo.

— Você é um homem morto! — Davy grita, fazendo um círculo enquanto o cavalo pula e recua.

— Você está quase certo — eu digo.

E estou vendo a minha oportunidade…

O cavalo relincha bem alto e balança a cabeça pra frente e pra trás…

Eu espero…

Davy puxa as rédeas…

Eu me esquivo…

E espero…

— Cavalo maldito! — Davy grita.

Ele tenta puxar as rédeas de novo…

O cavalo dá mais um giro…

Eu espero…

O cavalo traz Davy pra perto de mim, fazendo ele se inclinar na sela…

E lá está a minha oportunidade…

Meu punho está esperando…

BUM!

Acerto seu rosto como um martelo caindo…

Juro que sinto seu nariz quebrar sob o meu punho…

Ele grita de dor e cai da sela…

Deixando a pistola cair no chão…

Eu dou um salto pra trás…

O pé de Davy fica preso no estribo…

O cavalo dá mais um giro…

Eu dou um tapa no seu traseiro com toda a minha força…

E o cavalo não aguenta mais.

Sai correndo de volta pra colina, de volta pra estrada, o pé de Davy ainda preso, fazendo ele balançar e se chocar com força nas pedras e na poeira enquanto é arrastado, subindo a ladeira com toda a rapidez…

A pistola está no chão…

Eu vou buscá-la…

— Todd? — eu escuto.

E a gente não tem tempo.

A gente não tem mais tempo.

Quase sem pensar, eu deixo a pistola de lado e corro pra Viola, que ainda está nos arbustos.

— Acho que estou morrendo, Todd.

— Você não vai morrer — eu digo, colocando um braço debaixo dos seus ombros e outro debaixo dos seus joelhos.

— Estou com frio.

— Você não vai morrer! Não hoje!

E eu fico de pé, com ela nos meus braços. A gente está no topo da estrada em ziguezague que leva pra Paraisópolis.

E não vai dar tempo.

Eu começo a descer pelos arbustos.

—Vamos! — eu grito, enquanto meu Ruído se esquece de si mesmo e tudo o que existe no universo são minhas pernas se movendo.

Vamos lá!

Eu corro.

Pelos arbustos…

E atravessando a estrada…

E passando por mais arbustos…

Atravessando a estrada de novo…

Descendo e descendo…

Chutando montinhos de terra e saltando sobre os arbustos…

Tropeçando em raízes…

Vamos lá.

— Aguente firme, Viola. Vai ficar tudo bem, está me ouvindo?

Viola geme cada vez que a gente aterrissa bruscamente…

Mas isso significa que ela ainda está respirando.

E a gente continua descendo…

E descendo…

Vamos lá.

Por favor.

Escorrego numa planta…

Mas não caio…

Estrada e arbustos…

Minhas pernas doem por causa do caminho íngreme…

Arbustos e estrada…

E a gente desce…

Por favor…

—Todd?

— Aguente firme!

Chego ao fim da colina e começo a correr.

Ela está tão leve nos meus braços.

Tão leve.

Corro até o lugar onde a estrada reencontra o rio, a estrada que leva a Paraisópolis, árvores surgindo de novo ao nosso redor, o rio correndo.

— Aguente firme! — eu repito, correndo pela estrada, tão rápido quanto meus pés aguentam.

Vamos lá.

Por favor

Virando curvas e esquinas…

Debaixo de árvores e na margem do rio…

Lá na frente eu vejo a muralha que a gente tinha visto com o binóculo quando estava no topo da colina.

— SOCORRO! — eu grito quando a gente lá. — ALGUÉM NOS

AJUDE!

Eu corro.

Vamos lá.

— Acho que não vou conseguir — Viola diz, com dificuldade pra — Você VAI conseguir! — eu grito. — Não se ATREVA a desistir!

Eu corro.

A muralha está se aproximando…

Mas não tem ninguém.

Não tem ninguém lá.

Eu corro pela abertura na estrada, atravessando pro outro lado.

Paro pra dar uma olhada em volta.

Não tem ninguém.

—Todd?

— A gente está quase lá.

— Estou perdendo a consciência, Todd…

E sua cabeça cai pra trás.

— Não, você NÃO pode fazer isso! — eu grito na cara dela. — ACORDE, Viola Eade! Mantenha seus benditos olhos abertos.

E ela tenta. Eu vejo que ela tenta.

E seus olhos estão abertos, só um pouco, mas estão abertos.

E eu corro de novo o mais rápido possível.

E grito ‘SOCORRO!’ enquanto corro.

SOCORRO!

Por favor

— SOCORRO!

E sua respiração está começando a falhar.

— ALGUÉM NOS AJUDE!

Por favor, não.

E não estou vendo NINGUÉM.

As casas pelas quais a gente passa estão fechadas e vazias. A estrada de terra se transforma numa estrada pavimentada, mas ainda assim não vejo ninguém.

—SOCORRO!

Meus pés batem com força no chão…

A estrada leva à grande igreja mais adiante, uma clareira no meio das árvores, a torre iluminando uma praça em frente a ela.

E também não vejo ninguém lá.

Não.

— SOCORRO!

Corro em direção à praça, atravessando, olhando em volta, escutando…

Não.

Não.

Está vazia.

Viola está respirando pesado nos meus braços.

E Paraisópolis está vazia.

Chego ao meio da praça.

Não vejo nem escuto uma alma viva.

Dou mais uma volta.

SOCORRO! — eu grito.

Mas não tem ninguém.

Paraisópolis está completamente vazia.

Não tem nenhuma esperança aqui.

Viola desliza um pouco dos meus braços e eu tenho que me ajoelhar pra pegar ela. Minha camiseta caiu de cima do ferimento e eu coloco a mão no lugar onde ela levou o tiro pra estancar o sangue.

Não sobrou nada. A sacola, o binóculo, o livro da minha mãe, percebo que a gente deixou tudo na colina.

Somos só eu e Viola, nós dois somos tudo o que a gente tem no mundo.

E ela está sangrando tanto…

— Todd? — ela diz, com a voz baixa e fraca.

— Por favor — eu digo, meus olhos lacrimejando, minha voz falhando.

— Por favor .

Por favor, por favor, por favor, por favor, por favor.

—Já que você pediu tão gentilmente — uma voz surge, sem sequer precisar gritar.

Eu olho pra cima.

Um único cavalo está vindo pela lateral da igreja.

Com um único cavaleiro.

— Não — eu sussurro.

Não.

Não.

— Sim, Todd — diz o prefeito Prentiss. — É isso mesmo.

Ele cavalga lentamente, atravessando a praça na minha direção. Parece mais sereno e tranquilo do que nunca, nenhum suor nas roupas, está até usando luvas e botas limpas.

Não é possível.

Isto não é possível de jeito nenhum.

— Como você pode estar aqui? — eu digo, levantando a voz. — Como…

— Até um tolo sabe que existem dois caminhos que conduzem a Paraisópolis — ele diz, com a voz calma e suave, quase sorrindo.

A poeira que a gente viu. A poeira que a gente viu se movendo em direção a Paraisópolis ontem.

— Mas como? — eu digo, tão surpreso que mal consigo falar. — O

exército está a pelo menos um dia de viagem…

—Às vezes o rumor de um exército é tão eficaz quanto o próprio exército, meu rapaz — ele diz. — Os termos da rendição foram bastante favoráveis. Um deles era liberar as estradas para que eu mesmo pudesse receber você aqui — ele olha pra cima, em direção à cachoeira. — Claro que eu estava esperando que meu filho trouxesse você.

Eu olho em volta na praça e agora posso ver rostos espreitando pelas janelas e pelas portas.

Vejo mais quatro homens a cavalo dando a volta pela igreja. Olho pro prefeito Prentiss de novo.

— Ah, é presidente Prentiss agora — ele diz. — É bom você se lembrar disso.

E então eu percebo.

Não consigo ouvir seu Ruído.

Não consigo ouvir o Ruído de ninguém.

— Não — ele diz. — Imagino que você não consegue, mas esta é uma história interessante e não o que você deve estar pensando…

Viola escorrega dos meus braços, soltando um grito de dor.

— Por favor! — eu digo. — Salve ela! Eu faço o que você quiser! Eu me juntarei ao exército! Eu…

— As coisas boas vêm para aqueles que esperam — o prefeito diz, roupas, finalmente parecendo um pouco irritado.

Ele desce do cavalo com facilidade e começa a tirar as luvas, um dedo de cada vez.

—E eu sei que a gente perdeu.

Está tudo perdido.

Está tudo acabado.

— Como o mais novo presidente nomeado deste justo planeta — o prefeito diz, levantando a mão como se estivesse me mostrando o mundo pela primeira vez —, deixe-me ser o primeiro a te dar as boas-vindas a esta nova capital.

— Todd? — Viola sussurra, com os olhos fechados. Eu abraço ela bem forte.

— Sinto muito — eu sussurro pra ela. — Sinto tanto…

Caímos em uma armadilha.

A gente corre em direção ao fim do mundo.

— Sejam bem-vindos — diz o prefeito — a Nova Prentissburgo.

FIM